

DANIELA EMILENA SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO SOBRE NAMORO, CASAMENTO E SEXUALIDADE NOS
ROMANCES CONFESSIONAIS PROTESTANTES BATISTAS: uma análise a
partir das obras de Lúcia Barros e Gary Chapman (2000-2020)**

ASSIS
2023

DANIELA EMILENA SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO SOBRE NAMORO, CASAMENTO E SEXUALIDADE NOS
ROMANCES CONFESSIONAIS PROTESTANTES BATISTAS: uma análise a
partir das obras de Lúcia Barros e Gary Chapman (2000-2020)**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Cultura Social)

Orientador: Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha

ASSIS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

O48r	Oliveira, Daniela Emilena Santiago Dias de A representação sobre namoro, casamento e sexualidade nos romances confessionais protestantes batistas : uma análise a partir das obras de Lycia Barros e Gary Chapman (2000-2020) / Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira. — Assis, 2023 197 f. : il. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha 1. Namoro. 2. Casamento. 3. Sexualidade. 4. Barros, Lycia, 1976-. 5. Chapman, Gary D., 1938-. I. Título. CDD 261.8
------	--

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE DANIELA EMILENA SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 26 dias do mês de julho do ano de 2023, às 14:00 horas, no(a) Sala de Defesas da Pós-graduação e Sala Virtual: meet.google.com/gai-bgyu-say, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de DANIELA EMILENA SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA, intitulada **A REPRESENTAÇÃO SOBRE NAMORO, CASAMENTO E SEXUALIDADE NOS ROMANCES CONFESSIONAIS PROTESTANTES BATISTAS: uma análise a partir das obras de Lúcia Barros e Gary Chapman (2000-2020)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. IVAN ESPERANÇA ROCHA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. ESDRAS CORDEIRO CHAVANTE (Participação Virtual) do(a) Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Prof. Dr. MAURÍCIO DE AQUINO (Participação Virtual) do(a) Centro de Ciências Humanas e da Educação / UENP/Jacarezinho - PR, Prof. Dr. RICARDO GIÃO BORTOLOTTI (Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. RONALDO CARDOSO ALVES (Participação Virtual) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL - Assis/SP. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADO _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. IVAN ESPERANÇA ROCHA

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus filhos Gabriel e Maria Lucia, pessoas vitais e importantes para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Vocês são a razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Unesp de Assis- Franca pela paciência com a produção que tentei desenvolver. E agradeço ao orientador, Ivan Esperança Rocha, também pela paciência em todo esse longo processo. Ainda agradeço à Universidade Paulista – UNIP e ao Instituto de Ciências Humanas e a Prefeitura Municipal de Quatá, locais em que trabalho e que sempre me apoiaram em relação à pesquisa. Aos amigos da UNIP, Campus Assis: Cristiane Tavares, Patricia Flauzino, Fernanda Guilhermon e aos amigos da Prefeitura: Ana Claudia Carone, Mersy Pelegrini, Gustavo Pilizari e Luciane Pécchio. Para a minha amiga da DRADS Marília: Silvia Garossino, somente tenho a agradecer!

Agradeço à minha família, compreendida como meu filho Gabriel, minha filha Maria Lucia, meu esposo Caio e minha irmã Elisabeth de Paula, bem como suas filhas. E minha família por escolha: Marcilena Ribeiro, Rosilene Matos, Cristiane Santos, Paulo Sales, Eduardo Felipe, Jerson Vieira (Nicolas Cage) e Alessandra Barbosa da Silva. Para minha outra família: Adriana Bertolino, Gabriela Issa, Carol Esquerdo, Karine Genova, Andreia Pantano, Taciana Lemes, pessoas mais que especiais com quem divido as angústias e as lutas, e que sempre me apoiaram. Eu amo vocês meninas.

E também aos meus amigos: Luiz Karat, Matheus Barcelos, Charles de Sá, Esther Castellano, Edinaldo Lima, Wesley Salles, pessoas especiais que a História me trouxe. Ao meu amigo Germano Esteves, para usar um termo que ele cita sempre e que nos define: “continuidades e rupturas”, a quem agradeço por todo o percurso, idas e vindas e por toda nossa experiência juntos. E a minha amiga e coordenadora especial Andreia Garcia pelo estímulo à pesquisa e por todo o apoio via *podcast*.

E, por fim, aos meus amigos de academia: Amiriam Santos, Ricardo Vieira, Fransçoa Pereira (não precisava ter pegado tão pesado) e Alex Santos que me ajudaram a externar o stress e direcionar para a escrita depois.

RESUMO

Há situações que estão presentes no cotidiano dos seres humanos e que demarcam a vida contemporânea e dentre elas temos os relacionamentos afetivos e que podem ser apresentados na sociedade por meio dos namoros, dos casamentos e das suas mais variadas expressões. Nessa pesquisa buscamos apreender e conhecer como os relacionamentos em questão têm sido representados nos romances de Gary Chapman e Lycia Barros e que são importantes expoentes da Igreja Batista. Ao passo que Chapman está associado à Igreja Batista dos Estados Unidos, Lycia teve sua vinculação à Igreja Batista do Rio de Janeiro. Ambos, no entanto, têm tido grande circulação de seus romances no Brasil indicando adesão de um público leitor de tais obras em nosso país. A elaboração do presente trabalho aconteceu por meio da leitura dos romances, sistematização e apresentação das histórias narradas nos referidos dispositivos e indicação dos conceitos produzidos em cada uma das obras em relação aos relacionamentos. Os romances, apesar de escritos em contextos e momentos diferentes, destacam a necessidade de os cristãos buscarem um namoro entre pessoas da mesma fé, e, com muitas recomendações específicas como o namoro sem beijo e sem sexo, além da necessidade de o namoro ser orientado ao casamento, recomendações essas conferidas na narrativa dos romances. Em relação ao casamento, também há indicação para que aconteça entre os crentes, que seja orientado a uma sexualidade em que o casal possa ter experiências positivas e que em sua maioria, apresente como resultado a construção de uma família com filhos. Observamos assim que há uma busca por estruturar normas de condutas em relação ao leitor, e, que tais normas são orientadas por parâmetros bíblicos e cristãos. A narrativa é realizada de forma a apresentar ao leitor exemplos positivos nos quais os personagens que seguem os parâmetros em pauta conseguem ter relacionamentos felizes, tanto o namoro, quanto o casamento, demonstrando que, uma vida feliz depende dessa vinculação. Por outro lado, a não observação dos parâmetros cristãos, assim como representam alguns personagens, resulta em prejuízo e sofrimento às pessoas. Por conseguinte, o romance estrutura um conceito, por meio da apresentação de uma história, uma descrição carregada em normas e idealização de comportamentos e que, a nosso ver, devem ser seguidos pelo leitor em busca de sua felicidade.

Palavras-chave: Namoro. Casamento. Sexualidade. Cristianismo.

ABSTRACT

There are situations that are present in the daily lives of individuals and that mark contemporary life and, among them, we have the affective relationships that can be presented in society through dating, marriage, and their most varied expressions. In this research we seek to understand how these relationships have been represented in the novels by Gary Chapman and Lycia Barros, who are important exponents of the Baptist Church. Whereas Chapman is associated with the Baptist Church of the United States, Lycia had her affiliation with the Baptist Church of Rio de Janeiro. Both, however, have had great circulation of their novels in Brazil, indicating the adhesion of a reading public of such works in our country. The elaboration of the present work happened through the reading of the novels, systematization and presentation of the stories narrated in the mentioned devices, and indication of the concepts produced in each one of the works regarding relationships. The novels, despite being written in different contexts and times, emphasize the need for Christians to seek a courtship between people of the same faith, and with many specific recommendations such as dating without kissing and without sex, beyond necessity for the courtship to be oriented to marriage; recommendations given in the narrative of the novels. Regarding marriage, there is also an indication that it should happen among believers, that it should be oriented to a sexuality in which the couple can have positive experiences, and that, for the most part, it should result in the building of a family with children. We thus observe that there is an attempt to structure behavioral norms in relation to the reader, and that these norms are guided by Biblical and Christian parameters. The narrative is done in a way to present the reader with positive examples in which the characters that follow the parameters in question manage to have happy relationships, both dating and marriage, demonstrating that a happy life depends on this link. On the other hand, the non-observance of Christian parameters, as represented by some characters, results in harm and suffering to people. Therefore, the novel structures a concept, through the presentation of a story, a description loaded with norms and idealization of behaviors and that, in our view, should be followed by the reader in the pursuit of his happiness.

Keywords: Courtship. Marriage. Sexuality. Christianity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Sistematização de dados das fontes de Gary Chapman e Catherine Palmer	80
Tabela 2	Sistematização de dados das fontes de Gary Chapman e Catherine Palmer	134

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ROMANCE E SUA UTILIZAÇÃO COMO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA	22
2.1 O surgimento e o desenvolvimento do romance e os romances confessionais: algumas aproximações	22
2.2 A utilização dos romances como fonte de pesquisa e de produção de conhecimento em História	33
3 RELACIONAMENTOS: AMOR E SEXUALIDADE NO BRASIL E A REPRESENTAÇÃO DE TAIS FENÔMENOS JUNTO CRISTÃOS E AOS GRUPOS PROTESTANTES	48
3.1 Amor, sexualidade e relacionamentos no Brasil: história e contemporaneidade	49
3.2 Amor, sexualidade e relacionamentos segundo a perspectiva evangélica..	61
4 NAMORO, CASAMENTO E SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES NO ROMANCE CONFSSIONAL.....	75
4.1 Lúcia Barros: o namoro casto e voltado para o casamento	75
4.2 Gary Chapman e Catherine Palmer: o casamento e a busca pela felicidade conjugal.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
REFERÊNCIAS.....	194

1 INTRODUÇÃO

Ela sorriu de volta para ele e sentiu o coração se expandir. Como podia amá-lo ainda mais? Tudo que queria estava concentrado naquele rosto. Encontrara nele muito mais do que um dia sonhava. Não importava mais quais os planos de Leonardo que o trouxeram para a sua vida, os planos de Deus eram outros, e eram perfeitos. Leonardo fora tudo para ela. O seu único arrependimento na vida.
Seu único erro.
Seu único acerto. (BARROS, 2015, p. 326-327)

O trecho acima foi extraído da obra de Lúcia Barros e representa a reflexão final de Ivy, uma das protagonistas da obra. Nela, Ivy vive um conturbado relacionamento com Leonardo que acaba resultando em um casamento complicado, cercado por abandono psicológico e violência sexual. Porém, como o texto final indica, o casal consegue “superar” todos os acontecimentos e caminhar rumo à felicidade, inferindo-se que Deus foi o grande responsável pelo final feliz nessa história de amor.

Histórias como essa são interessantes porque, em tese, é típico do ser humano o comportamento gregário. Dito de outra forma, em nossa sociedade é comum a busca por um relacionamento. Del Priore (2019, p. 231) diz que essa construção do relacionamento está associada à própria representação que a sociedade estrutura em torno do que é compreendido como amor, principal motivador para estruturar relacionamentos, desde o namoro ao casamento. Por conseguinte, o amor e os relacionamentos são buscas constantes do ser humano, mas também são resultado de um processo cultural e social.

Afinal de contas, quem nunca viveu um arroubo na adolescência, um relacionamento diferenciado na juventude ou mesmo um envolvimento na maturidade? Sentimentos distintos, com expressões diferenciadas: o namoro do adolescente possui suas particularidades e é extremamente condicionado pelo desenvolvimento biológico. Mas também é algo extremamente cultural. Já o relacionamento do jovem ou do adulto traz outras configurações e que também são estruturadas a depender da sociedade e da realidade em que se desenham.

Apesar das variações que os relacionamentos assumem, é ponto pacífico que os seres humanos buscam, assim como Ivy, um final feliz para a sua história de amor. Em determinadas sociedades vemos que o final feliz é o casamento, com

filhos e, em outras apenas o casamento, ou então uma união sem formalização. A forma com que as pessoas se unem também muda ao longo dos anos. Mas o certo é que os casais não querem o sofrimento. A perda da pessoa que se ama para a morte ou a perda pelo fim do relacionamento é um processo de sofrimento psíquico grande e traz resultados que podem ser expressos nos mais variados comportamentos e atitudes.

Músicas, livros, filmes, séries são usados como espaços diversificados de reconstrução de histórias felizes e tristes. Todos tivemos ou teremos essas experiências. A identificação com as expressões narradas e com os eventos advém, essencialmente, do fato de que essas histórias falam com o leitor, o telespectador ou o ouvinte. E os estados de espírito dos indivíduos advêm da leitura que fazemos dessas expressões. Por isso quando a narrativa apresenta um sofrimento nos emocionamos, porque, em algum momento, já vivenciamos essa sensação.

Agora, o que vemos nas fontes que usaremos como referência para essa tese é que a busca do final feliz, que é tão retratado nas obras artísticas em geral, incorpora um novo condicionante: Deus. No trecho, em epígrafe, vemos que Ivy claramente se reporta a Deus para indicar que os “seus planos” foram “perfeitos” em relação ao casal, que foi transmutado de o pior erro, a pior escolha para o melhor “acerto”. A alternativa para um bom relacionamento e o alcance do final feliz seria incorporar Deus aos relacionamentos.

Essa perspectiva não é, a nosso ver, hegemônica em nossa sociedade, mas tem se mostrado comum junto ao grupo cristão. As obras que estudamos aqui e que constituem nosso recorte se dirigem especialmente a esse público. No entanto, elas provêm de autores que se apresentam como vinculados ao grupo protestante e que é, como sabemos um estrato diversificado e extremamente multifacetado do Cristianismo.

Santos (2018, p. 393-394) relata que não há um único padrão de organização quando nos referimos às religiões que englobam o grupo protestante. Para ele, a “diversidade do protestantismo em seu processo histórico” é o que resultou em sua ampla expressividade, exigindo que nos refiramos ao termo no plural, “protestantismos”. O autor diz que algumas especificidades estão presentes na chamada doutrina protestante e dentre elas cita a defesa da reforma protestante, a adoção de práticas comportamentais que liguem a pessoa ao protestantismo e a

pregação como um meio de atrair os fiéis. A partir disso, cada denominação consolida condutas e ideal doutrinário próprios.

A adesão a tais condutas também advém do que Montes (2016, p. 17) denomina como a consolidação de um “mercado de bens da salvação”, ou seja, dispositivos que passam a ser oferecidos ao público em geral visando sua vinculação às Igrejas. Esse movimento, iniciado no Brasil em meados dos anos 90, passa a oferecer aos crentes outros dispositivos de se conectar com a sua fé, como os cultos transmitidos pela televisão, os shows gospel e outros recursos. Dentre esses podemos indicar os romances, dispositivos que são construídos sob o embasamento cristão e que narram fenômenos cotidianos, mas que buscam também garantir a adesão do público leitor aos valores cristãos difundidos nas mais variadas denominações religiosas. Essa literatura possui caráter educativo, fortalecendo o viés missionário e proselitista que perpassa essas denominações. Porém, inova em sua abordagem à medida que não recorre a livros de orientação ou cartilhas de ação, mas confere um conteúdo por meio da apresentação de uma narrativa que incluem fenômenos que são comuns às pessoas em geral, doutrinando-as de forma subliminar.

Santos (2018, p. 399) diz que há a necessidade da construção e do fortalecimento de uma “identidade protestante”, uma vez que a estruturação desse perfil levaria os crentes à adoção de “práticas e confessionalidade” expressas por meio de “linguagens e sistemas simbólicos” e que resultariam em um modo peculiar e próprio de vida daquele que se identifica como protestante. É isso que confere legitimidade às ações que as pessoas desempenham em seu dia-a-dia, orientando-as nas escolhas das mais variadas áreas, incluindo a que se vincula aos relacionamentos afetivos e sexuais. Automaticamente, quando se firma uma determinada identidade, a “protestante” se contrapõe a outras formas de vida e de interpretação da realidade.

Os romances confessionais, a nosso ver, buscam consolidar essa identidade, porém, são destinados a um público específico. O livro fala ao leitor, no silêncio da leitura, tanto em seu formato impresso quanto digital, permitindo que o processo missionário, proselitista e de configuração da identidade protestante aconteça para além do momento em que é realizado o culto, o show gospel ou a célula. Santos (2018, p. 251) chama esse fenômeno de “desinstitucionalização religiosa”, pelo qual

designa a apropriação dos conceitos religiosos que acontece para além dos espaços dos templos.

O termo confessional está associado nesse caso a se vincular a uma profissão de fé cristã e muitas vezes, evangélica. Por conseguinte, o termo confessional não se opõe ao termo evangélico, mas tem sido usado como sinônimo do engajamento dos evangélicos na disseminação da fé. Guadalupe (2020) destaca que o confessionalismo está associado ainda à militância que é comum no campo evangélico e que é realizada por meio de vários dispositivos. A autora indica a utilização, inclusive, de partidos políticos como um caminho para validar socialmente os valores tidos como referências para os evangélicos.

Apesar de a autora orientar a sua análise para as discussões na seara política, é possível apreender sentidos e significados que podem ser atribuídos ao termo “confessional”. Além de caracterizá-lo como algo que representa a militância na defesa dos postulados cristãos, compreende que o confessional indica o pertencimento a determinadas denominações e valores. São posturas, comportamentos, expressões que devem caracterizar a pertença do crente a uma igreja (GUADALUPE, 2020, p. 61). Guadalupe aponta, então, que o confessional não representa apenas uma influência religiosa, mas sim um determinante de algo, pois o fator religioso define escolhas, posturas, decisões para além da simples profissão de fé (ibidem, p. 76).

Ainda com base em suas reflexões sobre política, a autora salienta que confessional se vincula ao fato de que, em situações de voto, as escolhas são orientadas pela religião. Por isso muitas pessoas vinculadas à denominação evangélica acabam votando em representantes que sequer conhecem e que não fazem parte de sua denominação, mas que estão vinculados ao campo evangélico. A autora nos diz que essa postura tem se mostrado mais comum nos meios evangélico e apesar de estar presente entre católicos, é menos incidente. De tal maneira, a escolha se dá pela defesa de uma agenda moral grupal que, para a autora, corresponde ainda a um ataque aos valores defendidos por minorias, sobretudo a emancipação feminina e os casamentos homoafetivos, por exemplo (ibidem, p. 82).

Do que podemos apreender, os romances podem ser entendidos como confessionais porque trazem em seu bojo os ideais cristãos e, como sempre, se reportam a pastores, cultos e são extremamente representativos do ideal evangélico.

São, portanto, confissões modernas da fé protestante. E são, a nosso ver, a exemplo do que Guadalupe (2020, p. 82) indica, dispositivos que visam determinar comportamentos assentados justamente nesse substrato religioso. E os eleitores escolhem esses romances por possuírem esse tipo de viés. Não há como afirmar que apenas evangélicos leiam essas obras, mas sim, pessoas que se identificam com a mensagem ali veiculada, que vai além do campo evangélico.

Reis (2014, p. 17) indica que o processo de apropriação da religião vem sofrendo transformações ao longo dos séculos e que, na Idade Moderna, passa por um processo de secularização. O termo em questão remete a transformações da função societária da religião uma vez que ela não consegue mais viabilizar a mediação de conceitos para os indivíduos de forma tão incisiva quanto nos séculos anteriores. A secularização religiosa, conforme o autor, faz com que aumente o número de crentes que não estão associados unicamente a uma religião. Esses crentes, segundo o autor, podem ser considerados indivíduos “[...] sem religião”, mas que não são ateus.

Esse público acaba aderindo ao Cristianismo, mas agora a religião assume uma forma difusa, combinando, por exemplo, parâmetros cristãos e interpretações diferenciadas que se encontram na leitura de horóscopos. Esse Cristianismo pode ser viabilizado por meio do acesso ao campo religioso, mesmo que o fiel não seja assíduo às atividades de uma igreja. Nesse formato, a conversão total, a adesão irrestrita a uma religião específica acaba sendo colocada em um segundo plano pelo fiel que faz uma adesão apenas aos postulados religiosos com os quais se identifica. Em grande medida isso acontece devido à proliferação e ampliação de igrejas e grupos informais, ligados a várias vertentes religiosas dentro do Cristianismo.

Essa consolidação do Cristianismo de maneira difusa, flutuante e que usa de elementos que se encontram fora do espaço das igrejas pode ser, a nosso ver, um influenciador para que uma literatura de viés confessional encontre assento tanto junto a grupos evangélicos como, possivelmente, a grupos católicos. Bartz (2011, p. 13) destaca que no Brasil essa matriz sincrética se consolidou no Cristianismo brasileiro, na modernidade. O autor ainda diz que essa fluidez religiosa advém da ampliação, a partir da globalização de mercados, dos bens simbólicos de salvação, que passam a ser compartilhados entre os crentes de diversas denominações.

Essa ampliação das trocas conduziria as igrejas a adotar duas posições distintas. Se, por um lado, há denominações que buscam orientar o fiel ao

exclusivismo, há outras que são mais tolerantes, visando agregar mais pessoas e facilitar o chamado “trânsito religioso” entre cristãos (ibidem, p. 14). Há, como sabemos, proximidades, vínculos que acabam sendo comuns entre as religiões de matriz cristã, e, os valores difundidos são extremamente próximos, divergindo-se apenas no rito e no tipo de conduta religiosa. E uma das formas que são usadas para chegar ao fiel acaba sendo o romance.

Dentre tais denominações que acabam recorrendo à ampliação das formas de doutrinação dos fiéis por meio do impresso citamos o grupo Batista, que tem se mostrado representativo entre as religiões protestantes. Além de ser uma religião já consolidada no país, desde 1910, vemos que há um número representativo de fiéis vinculados ao grupo Batista. Dados da Convenção Batista Brasileira, órgão importante que disciplina o exercício das Igrejas Batistas no Brasil, indicam a existência de 8.753 igrejas no Brasil e 1.706.003 fiéis. Dados obtidos junto à referida denominação, em 2016, indicavam a existência de 1.673.522 membros¹. A representatividade do grupo Batista, segundo Silva; Queiroz (2021, p. 497), está associada também ao fato de ter sido essa Igreja uma das que conseguiu, em 2016, compor e consolidar a chamada Bancada Evangélica junto com a Universal e a Assembleia no Brasil, defendendo temas que visavam se contrapor ao casamento homoafetivo, ao aborto e adotando pautas que buscavam defender os valores associados à preservação de um formato tradicional de família.

O grupo Batista é compreendido por Silva e Queiroz (ibidem, p. 491) como pertencente ao protestantismo de missão e que pressupõe a adesão à pregação do evangelho como uma forma de conversão, além de se voltar para a promoção de mudanças na cultura das sociedades em que está inserido. Os autores dizem também que tal denominação tem sua ação orientada por práticas proselitistas visando à conversão de outras pessoas. Sua inserção na sociedade e a adesão da população à Igreja Batista estão associados à sua prática missionária e proselitista (ibidem, p. 490), mas também à representação dessa denominação construída na sociedade brasileira, incluindo a sua vinculação à Bancada Evangélica.

Nossas primeiras aproximações ao tema da religião e religiosidade provieram de nossa experiência prática como Assistente Social no município de Quatá, em meados dos anos 2005. Nessa circunstância, observamos um grande número de

¹ Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=19>. Acesso em 20 de dez. de 2022.

crianças vítimas de violência doméstica e que permaneciam em acompanhamento pelo Assistente Social da educação. As violências, sobretudo físicas, que eram praticadas pelos responsáveis dessas crianças justificavam sua ação com argumentos bíblicos, resultando na naturalização da violência como uma prática educacional de base cristã. Foi nesse contexto laboral do pesquisador que foi iniciado meu Mestrado em Psicologia na Unesp, campus Assis-SP, que teve por título: “A Construção de Sentidos sobre a Violência Doméstica por Crianças Vítimas”, defendido no ano de 2008.

No entanto, o trabalho acima não esgotou o desejo de pesquisa em relação à religião e, em 2016, realizamos outra pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis, onde estudamos uma revista feminina destinada às mulheres vinculadas à Igreja Presbiteriana Independente e que resultou no trabalho intitulado: “A Revista Alvorada (1970-2017): representações do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente”, defendido em 2018.

Nesse mestrado em História é que surgiu o interesse em aprofundar a discussão e a pesquisa a respeito da religiosidade manifesta em diversos tipos de comportamentos e posturas. Nessa pesquisa, chamou a atenção o fato de existir no Brasil romances que eram destinados ao público cristão. Esses romances aparecem como dispositivos de construção e de educação dos valores ligados ao Cristianismo por meio de sua aplicação a situações e eventos cotidianos e concretos pelos quais passam todos os seres humanos como o namoro, a sexualidade e as uniões que podem acontecer por meio dos casamentos. Isso despertou o nosso interesse por se apresentar como um tipo diferenciado de dispositivo usado para a transmissão da fé e para a orientação de condutas.

O interesse inicial nos levou a realizar pesquisas sobre os temas de maior venda e circulação de romances protestantes no Brasil. As pesquisas iniciais foram influenciadas pelo entendimento da representatividade desse tipo de produção junto à realidade brasileira e por isso o ponto de partida para o estudo fora o mapeamento dos livros mais vendidos no Brasil, com viés confessional. A pesquisa em questão inicialmente desenvolvida por meio do acesso à internet de forma aleatória nos levou a identificar a existência da Associação de Editores Cristãos. A Associação foi criada em 1988 com o objetivo de unir as editoras cristãs existentes no Brasil. A Associação pressupõe que editores e autores se cadastrem a ela e contribuam

financeiramente, portanto, as informações da referida associação estão afetas aos associados, mas não há dados sobre a circulação desses impressos².

A Associação organizou ainda o prêmio Aretê que confere troféus para os melhores escritores cristãos partindo da análise de pareceristas e, nesse contexto, observamos que a editora Mundo Cristão era uma das que vinha recebendo esses prêmios em muitas categorias, ao longo dos anos³. Consultando o site da Editora Mundo Cristão observamos que um dos livros mais vendidos é o de Gary Chapman, “As Quatro Estações do Casamento”, figurando até mesmo como o quarto livro mais vendido para a orientação de casais⁴. Nesse contexto, observamos que a editora ainda veiculava o livro: “Quando os filhos nascem” do mesmo autor como o sexto mais vendido.

Porém, esses livros serviam como referência para a orientação de casais. O estudo e pesquisa sobre a obra de Chapman nos levou ao livro “As Cinco Linguagens do Amor” em que observamos também um forte viés de orientação para os casamentos. Ambos, no entanto, são apresentados como sucesso de vendas tal como descreveremos na caracterização de cada romance no decurso do trabalho. Dentre estas obras, elegemos os romances escritos por Gary Chapman e Catherine Palmer, e, também publicados pela editora Mundo Cristão. Chapman é um escritor renomado, porém, seus livros estavam orientados à oferta de conselhos aos casais. Segundo levantamento que realizamos sobre a produção de Chapman⁵, observamos que o romance é um gênero narrativo pouco considerado pelo autor. Considerando os itens bibliográficos que foram escritos por ele, 40 obras no total, somente 05 são romances, dos quais 1 é de sua autoria e 4 em coautoria com Catherine Palmer.

Partindo ainda da Associação de Editores Cristãos⁶, vemos que outra editora também se destacou no mercado editorial cristão: a editora Novo Século, hoje Grupo Novo Século. Nela são comercializadas as obras de Lycia Barros, outro fenômeno de venda de literatura cristã, em especial de romances cristãos destinados ao público adulto e juvenil. A autora é uma escritora nacional que tem toda a sua produção orientada ao romance. Diferente de Chapman, Lycia não escreve manuais de orientação para casais ou para qualquer outro segmento, mas somente romances

² Disponível em: <<https://www.editorescristaos.org.br/>>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

³ Disponível em: <<https://www.editorescristaos.org.br/>>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

⁴ Disponível em: <<https://www.mundocristao.com.br/>>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

⁵ Disponível em: <https://livros.gospelmais.com.br/evangelicos/autores/gary-chapman>>. Acesso em 25 de mar. de 2022.

⁶ Disponível em: <<https://www.editorescristaos.org.br/>>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

e por isso consideramos que a autora apresenta o substrato de interesse inicial de nossa pesquisa. Afinal, nosso interesse primário era em relação a romances cristãos de grande circulação no Brasil. Passamos então à leitura das sinopses das obras para melhor definir quais poderiam servir de objeto para nossa pesquisa, com destaque para romances consolidados e que possuem um público leitor no Brasil.

Em relação a Chapman, as obras que elegemos para o escopo desta pesquisa são: “Incertezas de Outono, Brisa de Verão, Do Inverno à Primavera e Acontece a Cada Primavera”. Porém, esses livros foram escritos em coautoria com Catherine Palmer e editados pela Mundo Cristão. São romances especialmente orientados à narrativa de vivências de relacionamentos já firmados há certo tempo por meio do casamento. No entanto, para compreender tais obras também foi necessária a leitura do livro mais vendido por Chapman, “As Cinco Linguagens do Amor”, uma vez que essa obra, assim como “As Estações do Casamento” foram importantes condutores para a quadrilogia escrita em coautoria com Palmer e que constituiu grande parte do nosso objeto de pesquisa.

Gary Chapman⁷ é vinculado à Igreja Batista da Carolina do Norte. Essa Igreja é ligada aos Batistas Reformados que constituem um grupo vinculado ao pensamento calvinista e, por analogia, estão associados às Confissões de Fé Batista de 1689 (Azevedo, 2013, p. 73-76). Há uma vinculação à Teologia do Pacto e uma adesão à religião que se dá por meio do batismo por infusão realizado quando a pessoa se encontra na vida adulta.

Os Batistas Calvinistas ou Reformadores, como também são chamados, possuem uma disposição hierárquica, porém as igrejas buscam evitar a rigidez de obediência aos superiores sendo que a congregação é apresentada como referência para suas práticas. A isso Azevedo (2013, p. 78) denomina “congregacionalismo” pois o entendimento possuído é que a congregação dos membros que pertencem à igreja deve ser suprema. A autora diz que é no domingo, compreendido como dia do senhor, que o fiel deve se ater às atividades religiosas, evitando qualquer trabalho. Não dispomos de elementos para afirmar que a Igreja a que Chapman está vinculado segue, rigidamente, os pressupostos apresentados, uma vez que não há referências teóricas que nos indiquem tal aspecto. No entanto, a vinculação desse autor a tal Igreja como pastor ajuda a compreender muito de sua vinculação e de

⁷ Disponível em: <<https://www.mundocristao.com.br/autores/gary-chapman/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

sua obra. Chapman não pode ser compreendido como o maior representante da Igreja Batista Reformada dos Estados Unidos, mas é um nome forte na denominação e um dos poucos com grande reconhecimento internacional devido, em grande parte, ao livro *Cinco Linguagens do Amor*.

Já as obras de Lycia Barros estão mais orientadas para apresentar o namoro, sendo o casamento o desfecho final de grande parte das narrativas. Da autora elegemos as obras: “Uma Herança de Amor – O plano perfeito, Uma Herança de Amor – Armadilhas do Destino e Uma Herança de Amor – Quando o fim pode ser o começo”. Da mesma autora também pretendemos analisar os livros “Inteiros”, “Nem Tão Tarde Assim” (vol. 01 e 02) e “Rute”. A trilogia “Uma Herança de Amor” apresentou-se como uma fonte pelo fato de ter se mostrado como uma das mais comercializadas da autora, ao passo que “Inteiros”, “Nem Tão Tarde Assim (vol. 01 e 02)” e “Rute” somam mais de 200.000 mil exemplares vendidos no Brasil. Rute, até o mês de março de 2022, tinha vendido 280.000 mil exemplares, ou seja, é uma marca substancialmente expressiva de número de vendas⁸.

Lycia é vinculada à Igreja Batista do Brasil, e frequentou durante muitos anos a Igreja Batista em Nova Aurora, Rio de Janeiro, segundo informações encaminhadas pela assessoria da autora, via e-mail. No entanto, atualmente a autora reside com o marido e os filhos em Portugal e se apresenta como uma romancista cristã. Em suas redes oficiais não há indicação sobre a qual denominação a autora estaria vinculada⁹. Possivelmente, ela não declara vinculação religiosa por ter percebido que poderia agregar mais leitores. Ela parece, a nosso ver, participar do processo de desinstitucionalização da religião evangélica, dirigindo-se a vários cristãos por meio de sua obra, por isso não podemos tomá-la como representante do grupo batista. Diferente de Chapman que é pastor da Igreja Batista, Lycia não possui um cargo hierárquico dentro dessa denominação, mas é uma figura importante que movimenta com suas obras o campo evangélico.

As redes sociais da autora ainda indicam¹⁰ que ela utiliza seus romances com a finalidade de evangelização. Nesse sentido, vemos o missionarismo, tão característico do grupo Batista também presente em suas obras. Mas, os dados que dispomos sobre a Igreja que Lycia frequentou no Rio de Janeiro não nos permitem

⁸ Disponível em: <<https://www.lyciabarros.pt/portfolio/>>. Acesso em 01 de jan. de 2022.

⁹ Disponível em: <<https://www.lyciabarros.pt/sobre-nos/>>. Acesso em 01 de jan. de 2022.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.lyciabarros.pt/sobre-nos/>>. Acesso em 01 de jan. de 2022.

identificar a qual ramificação da Igreja Batista estaria vinculada. A nosso ver, tanto Lycia, quanto Chapman retratam uma realidade presente na contemporaneidade quando as igrejas evangélicas recorrem a outros dispositivos para chegar ao fiel, como os livros que são representativos, uma vez que a tiragem dos livros para venda tem sido elevada. Nesse sentido, mesmo que Lycia não fosse pessoa com poder de fala dentro da denominação acaba sendo um ícone para os cristãos e a quantidade de livros vendidos também é representativa da adesão de um público leitor, podendo ser um público cristão. Já Chapman é pastor e pode ser influente junto à Igreja Batista brasileira.

A leitura de parte das resenhas das obras e de um percentual dos romances nos permitiu observar que os livros possuíam algumas categorias chave em relação ao casamento e ao namoro. E, como parte desse processo, presente nos relacionamentos, temos a necessidade de pensar e refletir sobre a sexualidade. Definimos tais categorias também sob a influência dos estudos que realizamos no mestrado em História, citado acima, em que nos dedicamos, especialmente, a compreender como a mulher era representada na *Revista Alvorada* da Igreja Presbiteriana Independente. Nesse estudo observamos que a revista trazia um forte conteúdo moralizante em relação à figura da mulher, compreendida como alguém que nasceu para o casamento, para a procriação e para cuidar e educar os filhos. Nosso estudo nos mostrou ainda que temas como casamento, namoro e sexualidade eram representados constantemente na revista, podendo indicar que tais “temas” despertam o interesse dessas denominações. A leitura inicial dos romances corrobora esse desejo das denominações em propor exemplos de conduta e controle do comportamento dos leitores.

Quanto a esse quesito, ou seja, a questão dos leitores, não conseguimos definir a religião do público leitor. No entanto, podemos inferir que os valores ali construídos em relação ao casamento, ao namoro e à sexualidade também são incorporados por outras religiões que conferem a tais fenômenos da vida cotidiana das pessoas uma orientação respaldada por uma determinada interpretação dos valores cristãos.

Para a compreensão de tais valores, realizamos a leitura de parte dos romances, como indicamos acima, e realizamos a recomposição dos textos. Eco (1989, p. 258) destaca que quando realizamos a análise de um texto precisamos tratar de sua forma e conteúdo, pois, segundo ele, é assim que conseguimos

apreender os sentidos e significados de uma obra. A forma é o romance. O romance é, como sabemos, uma narrativa que nos apresenta uma história que vai sendo escrita ao longo de um tempo. Essa forma é o padrão usado nas obras que analisaremos nesse texto. Para a apreensão do conteúdo, no entanto, é preciso descrever o teor das histórias inseridas no interior do texto. Esse conteúdo é que nos dá o “[...] modo de ver o mundo e de julgá-lo, traduzido em modo de formar, pois é nesse nível que deverá ser conduzido o discurso sobre as relações entre a arte e o mundo” (ibidem, p. 258).

Os romances foram publicados entre os anos de 2009 e 2020. Por analogia ao pensamento de Hobsbawm (1998, p. 88), consideramos que essa pesquisa se caracteriza como representativa do estudo situado no âmbito do tempo presente. Conforme o autor, tais estudos se caracterizam por voltar o olhar para a história recente compreendendo os objetos de pesquisa contemporâneos como experiências individuais que são percebidas em um momento histórico. As experiências individuais podem retratar vivências que são comuns a uma determinada coletividade e não são lidas sem estabelecer uma relação com o passado e com os aspectos que a influenciam, dentre elas, o desenvolvimento econômico e social presente na sociedade.

A pesquisa com objetos situados no tempo presente é apresentada como um estudo em que o pesquisador é contemporâneo ao seu objeto. Segundo Chartier (2021, p. 31), essa falta de distância entre pesquisador e fonte consultada permite a apreensão da consciência, da subjetividade dos homens sobre o fenômeno estudado. Ela nos dá a saber sobre como o indivíduo, em uma determinada sociedade, com a apropriação e incorporação de conceitos expressos em suas relações sociais. O autor chega até a estabelecer uma clara distinção entre história e ficção, porém, compreende a elaboração da ficção como uma construção subjetiva que apresenta formas de ler o mundo em uma sociedade.

Para o autor, o romance pode ser usado como uma fonte de pesquisa do tempo presente, pois, segundo ele:

O romance devia, assim, dar a conhecer “costumes, opiniões, tanto gerais como particulares a esta ou àquela classe de homens, os efeitos privados dos acontecimentos públicos que se chamam mais propriamente de históricos, e das leis e da vontade dos poderosos, qualquer que seja a maneira como se tenham manifestado; em resumo, tudo o que havia de mais característico, em todas as condições da vida e nas relações entre

umas com as outras numa sociedade dada, num tempo dado”(CHARTIER, 2021, p. 38).

O romance é interpretado como uma expressão das condições de vida, da forma de viver e ler o mundo retratado pelo autor. Isso porque o romancista “[...] transforma a intriga particular, localizada, da ficção em uma verdade geral” (ibidem, p. 38), sendo que tal verdade geral pode ser expressão de um grupo específico. No caso dos romances confessionais que analisamos, observamos que eles são representativos de uma dada subjetividade, de um grupo social e que foram transformados em uma narrativa para a melhor compreensão do leitor. São obras que trazem a verdade de um grupo ao qual os autores estão vinculados, associados – no caso um religioso, e são obras produzidas contemporaneamente e ao lê-las nos deparamos com a subjetividade que está presente na realidade atual. Essas representações não são aceitas por toda a sociedade, mas são aceitas por determinados segmentos dela. A escolha por autores situados no tempo presente partiu do desejo de apreensão dessa realidade, dessa subjetividade que não está tão distante do pesquisador.

Para a leitura e análise dos dados que identificamos em nossa pesquisa recorreremos ao pensamento de Chartier como referência para a leitura do conteúdo apresentado nos romances, e, optamos por decompor o texto e empreender a análise do discurso presente na obra. No âmbito da religião ainda recorreremos a pensadores como Certeau e Bellotti.

Por conseguinte, delimitamos a apresentação ao conteúdo das obras estudadas, incluindo trechos de diálogos entre as personagens a fim de melhor representar nossas considerações sobre as obras. Também definimos por apresentar informações presentes nas obras analisadas que nos permitam caracterizar o universo de circulação dos impressos, incluindo dados sobre os autores dos romances. Tais aspectos constituem a parte final do trabalho, compondo o terceiro capítulo da tese. O primeiro capítulo foi elaborado para que pudéssemos caracterizar o romance e sua utilização como fonte de pesquisa histórica. No segundo capítulo realizamos a reflexão sobre a consolidação dos relacionamentos no Brasil e sua analogia com a figura idealizada do amor considerando a interpretação conferida por representantes do grupo protestante em relação a tal tema.

2 O ROMANCE E SUA UTILIZAÇÃO COMO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA

Compreender o romance como fonte de pesquisa em história requer sua caracterização enquanto tal, demandando assim, nos termos de Chartier (1990) a apresentação de informações sobre a fonte pesquisada. Com esse intento, delimitamos o escopo da pesquisa neste capítulo inicial, com foco em tal caracterização, para apresentarmos subsídios para a compreensão do desenvolvimento dos romances confessionais e, na sequência, aprofundarmos a reflexão sobre o romance enquanto fonte de pesquisa histórica.

2.1 O surgimento e o desenvolvimento do romance e os romances confessionais: algumas aproximações

A discussão sobre o surgimento dos romances na literatura é algo que tem dividido opiniões de vários estudiosos. Azevedo (2013, p. 104) afirma que o termo “romance” foi cunhado na época medieval inicialmente para designar uma língua românica, dialeto proveniente do latim. Com o tempo, o vocábulo adquiriu um significado literário, passando a designar composições redigidas em língua vulgar. Essas composições, apresentam narrativas no formato de poesias que eram recitadas e lidas em espaços públicos e que abordavam aspectos da vida cotidiana, além de elaborações assentadas na fantasia.

A autora indica que, no período de expansão do Cristianismo, tivemos o surgimento das primeiras narrativas ligadas às descrições dos relatos bíblicos. Esses relatos, reproduzidos oralmente, buscavam contar histórias com certa moralidade. Segundo a autora, é com *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, que surge o primeiro romance de que se tem notícia, caracterizado por descrições fantasiosas em uma narrativa. Indica ainda que *Robinson Crusoé* de Daniel Defoe, já no século XVIII, seria outra obra importante para a definição da forma romanesca, chegando até a ser apontada por alguns estudiosos como o primeiro romance, e não *Dom Quixote*. Para Azevedo (ibidem, p. 105), no entanto, ambos são marcos importantes porque denotam a apresentação do gênero que ainda não era de conhecimento do público leitor da época.

Sodré (1999, p. 9-11) indica que, no Brasil colonial, os livros inicialmente eram percebidos como itens que poderiam ser nocivos para o ser humano, uma vez que

eram compreendidos como elementos que estimulariam o mal comportamento das pessoas. Os livros só poderiam ser lidos e inseridos na realidade brasileira se conseguissem uma autorização dos setores responsáveis pela censura, ainda que ocorresse a entrada de livros de forma clandestina. Vemos, assim, que no Brasil o gosto pelo romance surgiu em meados do século XIX, por meio da leitura das obras literárias que vinham da Europa, sobretudo as francesas (CAVALCANTE, 2005, p. 67-68).

Segundo Azevedo (2013, p. 112), esses primeiros romances eram importados pelo Brasil, e Bosi (1994, p. 13) observa que esses romances também vinham adaptados em formato de folhetins e eram divulgados nos jornais de maior circulação. Inicialmente, eram os membros das classes média e alta e os profissionais liberais que consumiam esse tipo de literatura. Os leitores desses impressos, portanto:

[...] eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: eram, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não percebia muito bem a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano. (BOSI, 1994, p. 105)

O primeiro romance brasileiro foi publicado em 1843 por Teixeira e Souza, sendo intitulado *O filho do pescador*. No ano de 1844, Joaquim Manuel de Macedo publicou *A Moreninha*, sendo também considerado um marco na literatura nacional e também uma obra extremamente representativa do romance brasileiro. Macedo é retratado por Bosi (1994, p. 105) como representante da polaridade entre realismo¹¹ e idealismo.

Nesse contexto, o Brasil já vivenciava a vinda da Corte Portuguesa, o que resultou na criação da Imprensa Régia, além da Biblioteca Nacional. Tais processos resultaram na consolidação e expansão das tipografias e em uma sensível ampliação da divulgação dos livros no país, incluindo os romances. Segundo Morel (2012, p. 14), o primeiro romance publicado pela Imprensa Régia foi o texto *Paula e*

¹¹ O realismo é descrito por Bosi (1994, p. 181) como uma corrente literária que busca representar as características reais de um povo ou de um contexto por meio da construção dos seus personagens. A corrente realista é estruturada em torno de narrativas que buscam encontrar a verdade dos fatos e fenômenos retratados e busca consolidar sua discussão em torno de fatos que tenham relação com a realidade, relativizando ou diminuindo o peso da fantasia nas narrativas. José de Alencar também é apresentado como representativo dessa corrente pelo autor.

Virgínia, que foi adaptado ao formato de folhetim e teve sua publicação em meados de 1811.

Sodré (1999, p. 15-16) entende que a Corte Portuguesa, no Brasil, celebra os ideais burgueses. Nesse sentido, para o autor, o investimento, ainda que pequeno, na literatura e na imprensa buscava preparar o homem para uma nova sociedade capitalista em ascensão no Brasil. O homem letrado, moderno e preparado se fazia necessário para a nova realidade social e econômica do país. Surge a chamada Geração da Academia composta por pensadores como Machado de Assis.

A alienação e a baixa produção literária influenciaram o campo editorial da época. Muitos romancistas escreviam contos e poesias para jornais para que pudessem se tornar populares. Nos jornais, havia também contribuições de autores estrangeiros. Ao final do período imperial, passaram a existir livrarias populares ao lado de livrarias mais conhecidas. Essas últimas, que veiculavam livros de valor maior, eram frequentadas por muitos autores nacionais.

De acordo com Cavalcante (2005, p. 69) o romance foi o gênero de maior expansão no Brasil do século XIX, processo esse descrito também por Azevedo (2013, p. 113) como “democratização” da literatura. A autora, ao usar tal termo, busca designar a ampliação do acesso à leitura que teria sido característica do período. A intriga, o mito heroico e o romance sentimental caíram no gosto do público brasileiro. À época, segundo Bosi (1994, p. 193), já não tínhamos no país apenas a circulação de livros provindos da Europa, mas também a divulgação de materiais produzidos no país.

Bosi ainda destaca que nos romances do período teríamos a apresentação de narrativas caracterizadas por uma valorização da terra natal por meio da apresentação das belezas naturais do país, além de também destacar a participação indígena nas intrigas ocupando o papel de herói. Essa produção representa, segundo o autor, um sentimento de identidade nacional que paira no Brasil e que é também uma espécie de reação contrária à influência europeia até então hegemônica no país. José de Alencar é apontado por Azevedo (2013, p. 113) como um dos principais representantes dessa forma de escrita do romance no Brasil. Bosi (1994, p. 194) descreve que no período teríamos a profusão de livros “campesinos”, que se caracterizam por uma narrativa e descrição simples dos fenômenos sociais. E, teremos também os romances urbanos, compreendidos como descrições que têm

como cenário ou pano de fundo uma descrição ou uma crítica aos hábitos e condutas presentes em uma determinada esfera social.

Além dos romances, amplia-se a circulação de jornais, diários, revistas, folhetins, livros de bolso que narravam histórias variadas, incluindo os romances adaptados e que retratariam, conforme Cavalcante (2005, p. 63) e Azevedo (2013, p. 113), um momento de expansão da própria imprensa nacional. Azevedo (2013) compreende que esse período, em meados do século XIX, além de resultar do desenvolvimento das formas de impressão que permitiam essa circulação de documentos, também é fortemente influenciado por uma dada subjetividade das classes alta e média orientada para o hábito de ler. Para a autora, tais classes sociais se configuraram como as principais camadas leitoras do país. Nesse rol de leitores, destacavam-se as mulheres, apresentadas como possíveis insatisfeitas com suas vidas e que projetavam essa indignação para a leitura. O romance funciona como um dispositivo, um meio de comunicação e reflexão dessa classe com o texto lido. O momento potencializa a possibilidade de circulação dos impressos e estabelece relação com a subjetividade burguesa do momento.

Um dispositivo de grande importância para essa divulgação dos romances foram os chamados romances de folhetim. Os folhetins eram adaptações dos romances que eram divulgados em jornais de grande circulação, aliás, uma adaptação que já era comum nos romances franceses que eram trazidos ao Brasil. Essa intervenção, ampliada substancialmente em meados do século XIX, consistia em adaptar os romances para serem publicados nos rodapés dos jornais. Essa modalidade de divulgação resultou na popularização dos romances nacionais. Também eram publicadas nos jornais prosas, novelas curtas. Muitos romancistas nacionais usaram desse meio para divulgação de suas obras, de forma ajustada para que seus escritos pudessem ser conhecidos e cair no gosto popular. “Publicar nos jornais era uma forma de influenciar a sociedade e a nascente ‘opinião pública’ quanto à solução de seus problemas” (BOSI, 1994, p. 291).

Morel (2012, p. 34-35) descreve o folhetim como sendo o “folhetim de pé de página” termo pelo qual designa a adaptação dos romances divulgados nos jornais de grande circulação e que eram comumente inseridos no rodapé dos jornais, assim como descrito por Bosi (1994, p. 290). No entanto, para Morel (2012, p. 36), esse tipo de impresso só se consolida porque temos o declínio da chamada imprensa

política. O autor ainda nos indica que essa literatura seria, no seu entendimento, um objeto de leitura voltado ao público feminino.

O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, foi um dos primeiros sucessos, veiculado pelo Jornal do Commercio. Em breve, em lugar de autores estrangeiros, dos dramas rocambolescos de Dumas ou Eugene Sue, o espaço passou a ser ocupado por escritores brasileiros. Saem como folhetim *Memórias de um sargento de milícias* (1852-1853), de Manuel Antônio de Almeida, no *Correio Mercantil*; *O guarani* (1857), de José de Alencar, no *Diário do Rio de Janeiro*; *A mão e a luva* (1874), em *O Globo*, e *Iaiá Garcia* (1878) em *O Cruzeiro*, ambos de Machado de Assis. (MOREL, 2012, p. 34)

Além disso, os autores passaram a adaptar seus romances para crônicas e contos, visando a sua divulgação nos jornais. Machado de Assis teria sido um dos autores que recorreu a tal abordagem para que os seus romances se tornassem conhecidos e caíssem no gosto dos leitores brasileiros. Morel (ibidem, p. 26) nos indica ainda que os romances de folhetim apresentam nos jornais trechos curtos dos romances. Essa apresentação acontece semanalmente. Para saber o que irá acontecer na narrativa, o leitor precisa acompanhar o jornal. O autor nomeia isso como “seriação” (ibidem, p. 34) que corresponde a uma motivação para que o leitor continuasse a comprar o jornal para acompanhar os acontecimentos narrados no romance. O autor ainda afirma que os romances mais populares chegaram a ser divulgados como atração de primeira página dos jornais.

Morel (ibidem, p. 34) indica que algumas revistas também chegaram a publicar os romances de folhetim e cita como exemplo a *Revista Feminina*, que publicou romances de folhetim por um longo período. Corrêa (2012, p. 207) afirma que houve diminuição das publicações dos romances de folhetim nas revistas em meados dos anos 1950, uma vez que eles foram substituídos pelas adaptações de novelas para tais periódicos.

Após a Independência do país, a literatura passa a construir narrativas que abordam homens do seu tempo. Poemas, romances, peças, discursos, sermões são escritos de forma a tentar apresentar personagens mais reais, concretos, e acabam fugindo das descrições mais fantasiosas dos protagonistas. Os autores ficam condicionados pelas mudanças econômicas e políticas pelas quais passa o país e que provocam, conforme Bosi (1994, p. 180), um processo de reflexão dos autores nacionais sobre a relevância de retratar pessoas reais em suas obras. Nesse sentido, os romances também evocam em suas intrigas os enlances e percalços das

relações amorosas do homem comum, que são construídos obviamente em torno de situações ficcionais, porém, esse homem agora demonstra ser representado mais próximo ao brasileiro.

No período de 1900 a 1945 observamos que a literatura fortalece a contraposição do intelectual brasileiro com a cultura europeia. No aspecto do romance, conforme Bosi, teremos um “[...] romance ameno, picante, feito com alma do cronista social para distrair e embalar o leitor” (ibidem, p. 119). Emergem, nesse período, os romances que enfatizam o regionalismo, também nomeados pelo autor como sertanejos. Neles, o objetivo é retratar as vicissitudes do homem rural. Temos uma glorificação do pitoresco, com estudos que oferecem um perfil etnográfico e também folclórico nas descrições.

Eleutério destaca que em meados dos anos 1930 os romances incorporam uma linguagem jornalística e também passam a incluir técnicas usadas nos meios de comunicação. Surge o que o autor nomeia como “romance-invenção” (2012, p. 45) devido ao fato de incorporar elementos visuais às narrativas e também novas técnicas. O autor cita como exemplo dessa dinâmica de escrita do romance a produção de autores como João do Rio e Oswald de Andrade.

Azevedo (2013, p. 115) nos indica que, na transição do século XIX para o século XX, os romances passam a apresentar uma escrita mais requintada, proveniente da influência do ideal modernista que impera na sociedade e também das novas relações de compra e venda dos produtos que passam a ser consolidadas na sociedade. Assim, nesse período, os romancistas começam a apresentar maior preocupação com a inserção dos romances para venda no mercado, algo que influencia a sua produção e que está ligado com o aprimoramento e o refinamento da escrita. A Modernidade por outro lado, também é influente nesse aprimoramento, posto que prega, como sabemos, um novo ideal de sociedade em que todos os processos humanos buscam colaborar com a especialização e modernização da sociedade brasileira, apresentando como meta uma sociedade mais desenvolvida economicamente.

Nos anos 1970 os romances seguem uma disposição orientada pela objetividade, pela indicação em suas narrativas de questões nacionais de forma crítica. Nos anos 1980 os romances são invadidos por análises e estudos subjetivos e pela ênfase na presença do narrador que passa a ser o grande interlocutor e expositor da intriga. Neles os romances são mais fortemente influenciados pela

relação mercadológica, uma vez que temos a configuração da cultura como produto de forma mais acentuada. Os anos 1980 se caracterizam ainda como o período em que temos o declínio das grandes narrativas e sua substituição pelas descrições mais simplificadas. Nesses anos, surgem no Brasil os chamados romances históricos, que seriam narrativas em que são incorporados ao romance ficcional fatos históricos concretos. Esses romances são compreendidos como possibilidades de “[...] reinterpretar o fato histórico utilizando recursos de ficção e não apenas da história” (AZEVEDO, 2013, p. 117).

Nesse momento, os romances ainda são elementos importantes de disseminação de uma cultura na contemporaneidade, incluindo nesse rol os romances confessionais. Esses romances constituem narrativas que são escritas usando como referência o ideal religioso, destacando-se entre eles, os romances assentados no Cristianismo. Segundo Oliveira Filho (2018, p. 118), esses romances protestantes descrevem eventos aleatórios, ficcionais, mas com o embasamento religioso.

Souza (2017, p. 320) relata que o protestantismo nasce no contexto em que temos também o surgimento da imprensa no mundo. Para a autora, isso explicaria a grande utilização do impresso como difusão da fé cristã. Essa tradição foi consolidada a partir do Calvinismo, que é uma corrente que pressupõe, dentre vários aspectos, o fortalecimento da intelectualidade e da expressão acadêmica dos fiéis.

Por sua vez, Oliveira Filho (2018, p. 13-14) destaca em sua análise que, no ano de 1902, tivemos a publicação de *Candida*, nos Estados Unidos, por Mary Hoge Wardlaw. Mary possuía grande proeminência dentro da religião presbiteriana, e seu romance foi escrito de maneira a contar uma história na qual há grande ênfase no papel missionário do protestantismo. Isso fez com que esse impresso fosse aceito e lido não apenas pelos presbiterianos, mas também pelos fiéis de outras denominações religiosas. O meio editorial protestante do início do século XX era compreendido como uma forma de desenvolver as missões de evangelização, e os romances eram aceitos pelos protestantes somente se adotassem a fórmula de *Candida*, ou seja, estivessem também voltados à evangelização.

Além dos romances, teremos também a profusão de artigos, cartas publicadas em periódicos, sobretudo nos jornais confessionais. Essa produção, além dos romances, é constituída por textos surgidos no momento em questão e escritos sobretudo por mulheres. Oliveira Filho (ibidem, p. 42) indica também que essa

produção era direcionada inicialmente para as mulheres. O entendimento da época era que as mulheres precisavam ser letradas. Caberia a elas preparar as crianças para a leitura, sobretudo da *Bíblia* e dos demais textos de natureza cristã. Além disso, uma das possibilidades de intervenção profissional das mulheres estava associada ao magistério. Por conseguinte, as mulheres deveriam ler.

De certa maneira, os líderes protestantes de fins do século XIX e início do século XX viam as mulheres como público receptor prioritário deste tipo de literatura. Por sua própria essência de valorização dos textos sagrados, havia, da parte de vários grupos protestantes como presbiterianos, batistas, congregacionais, episcopais e metodistas, uma forte tendência ao letramento dos fiéis. Um bom cristão somente poderia estar plenamente focado em suas atribuições religiosas caso se dedicasse à leitura da Bíblia e de textos considerados edificantes. (OLIVEIRA FILHO, 2018, p. 42)

As obras iniciais desse período traziam nas narrativas um elevado teor de submissão feminina. Os personagens e o enredo construído orientavam as mulheres de maneira subliminar a serem submissas ao homem e a serem preparadas para que pudessem exercer os cuidados do marido, da casa, dos filhos, além de serem representadas como as grandes responsáveis pela educação dos filhos na fé cristã, como salientamos acima. Além dos romances, teremos no período em questão um número elevado de publicações, ficções destinadas ao público infantojuvenil. Tais impressos tinham como finalidade “[...] ser agente de Deus, assegurando o avanço moral e intelectual do mundo, bem como dando suporte aos líderes religiosos nessa missão (OLIVEIRA FILHO, *ibidem*, p. 43).

Os impressos produzidos no período fortalecem assim o ideal protestante de que as pessoas precisam ser letradas. Isso porque o protestantismo, conforme Oliveira Filho (*ibidem*, p. 23), requer a leitura da Bíblia, a apropriação da palavra escrita como uma forma de conexão do fiel com Deus visando à salvação. Esse “letramento” não está associado à formação universitária, mas à capacidade de ler.

O aporte a leituras também encontra assento na perspectiva protestante de que a salvação é algo individual. A crença em questão foi disseminada como resultado do processo de reforma protestante em que a salvação passa a ser entendida como algo que deve ser construído entre o fiel e Deus, sem a mediação de nenhuma igreja. Assim, o romance evoca uma atitude solitária, um esforço que é individual, havendo uma analogia entre o princípio da busca pela salvação individual e a leitura solitária do romance. Oliveira Filho (*ibidem*, p. 23-24) compreende que

esse seria um dos pilares que ofereceu sustentação para os romances como meio de evangelização.

Há ainda o entendimento de que o romance é um meio de expressão das identidades burguesas em seu surgimento. Os romances confessionais, conforme Oliveira Filho (2018, p. 47) também possuem essa característica em suas primeiras expressões. Além de destacar a importância do ideal missionário para as igrejas protestantes também fortalecem o perfil burguês por meio da representação de personagens burgueses. O ideal da prosperidade, do desenvolvimento por meio do trabalho passa a compor as narrativas de tal natureza. O autor nomeia esse processo como sendo uma “confirmação identitária” que corresponde a uma “[...] conversão ou afirmação interior do protestantismo e suas implicações sociais que se correlacionam também com várias características burguesas” (ibidem, 2018, p. 47).

Desde a segunda metade do século XIX até início do século XX, temos a difusão nos Estados Unidos dos livros protestantes. Há uma fusão desses impressos com a literatura convencional. Por exemplo, o livro *A Cabana do Pai Tomás*, de 1852, de Harriet Beecher Stowe, publicado no período, vendeu mais de 10.000 exemplares em sua primeira semana de lançamento. A obra em questão misturava à narrativa ficcional os postulados cristãos e foi lida por um grande número de leitores, independentemente da religião professada. Já na Inglaterra, observamos a ampliação da circulação de novelas domésticas escritas por missionárias.

Oliveira Filho (ibidem, p. 49) lembra que alguns pastores no período se posicionaram contrários aos romances, uma vez que eles eram interpretados como obras que tenderiam a influenciar os leitores de forma negativa. Nesse momento, os romances ainda tinham as mulheres como o seu principal público leitor, mas também chegavam ao público masculino tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra. A superação da perspectiva negativa do romance só veio, conforme o autor, no início do século XX. No período, tornou-se consenso das principais denominações confessionais que os romances deveriam ser usados como meio suplementar de formação dos fiéis, porém o livro mais importante a ser lido por qualquer protestante sempre seria a *Bíblia*. Para isso os romances precisariam ser adequados ao público leitor. “A ideia central era unir instrução e divertimento ao mesmo tempo em que se cria poder santificar os romances (OLIVEIRA FILHO, ibidem, p. 54)”.

A aceitação dos pastores também resultou na incorporação das obras por parte das casas de publicação em geral. Isso é extremamente relevante, haja vista

que sem as casas de publicação seria impossível que os romances continuassem a chegar até as mãos dos leitores. As mulheres continuam a ser o principal público escritor e consumidor dos romances protestantes, mas nesse período os homens também começam a escrever. Além dos romances, outros tipos de produção emergem no período, tais como:

[...] cartas privadas; *Reports* sobre as atividades da missão enviados aos comitês missionários (muitos dos quais eram publicados em periódicos); jornais de cunho missionário (que circulavam tanto nas nações de atuação, como nos países de origem dos missionários); panfletos propagandísticos; estudos sobre aspectos socioculturais dos povos tidos por alvo; ficções. (OLIVEIRA FILHO, 2018, p. 56)

Também aumenta no período a literatura de viagem, na qual missionários e missionárias passam a apresentar em sua narrativa descrições detalhadas sobre os povos visitados em suas atividades de evangelização. Essas descrições visam a detalhar e apresentar o outro, aquele com o qual os missionários iriam se relacionar e conhecer em suas atividades de evangelização. A metodista Annie Maria Barnes, nascida na Carolina do Sul, destacou-se nesse momento como uma romancista que defendia a necessidade do ativismo daquele que desejasse ser um missionário. Annie, assim como outros autores da época, também escreveu romances destinados ao público infantojuvenil visando à orientação desses segmentos na fé cristã. As indicações de Annie não foram aceitas apenas pelos fiéis vinculados à fé metodista, mas por várias outras denominações afins.

Quando temos o fortalecimento das missões protestantes em meados dos anos 1800 observamos a vinda de muitos grupos protestantes para o Brasil visando à divulgação de sua fé no país. Souza (2017, p. 321) observa que tais grupos se valeram, dentre outros elementos, da grande divulgação de jornais, livros, opúsculos para a difusão da fé. Também foram constituídos no Brasil livrarias e depósitos de livros, sobretudo dos presbiterianos e dos batistas, para partilhar tais impressos com a comunidade de fiéis. Os livros didáticos também passaram a ser divulgados no Brasil pelos grupos protestantes que aqui estavam instalados.

No século XX, as igrejas protestantes no Brasil buscam ampliar os produtos ofertados para o fortalecimento cultural dos fiéis, e, portanto, os livros, incluindo os romances, passam a figurar com maior incidência na produção teórica disponibilizada sobretudo pela Igreja Presbiteriana e pela Igreja Batista. Os

presbiterianos passam a investir na divulgação de ensaios, contos e romances. Os presbiterianos e os batistas também incluem traduções de romances provenientes da Europa. Esses romances acabam sendo narrativas de histórias da vida de homens nobres cuja ética era apresentada como referência aos fiéis leitores (SOUZA, 2017, p. 321).

Com relação ao grupo batista, Yamabuchi (2009, p. 53) indica que a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul, dos Estados Unidos, autorizou a missão para o Brasil no ano de 1848. Em 1859, veio ao país o pastor Thomas Jefferson Bowen e tivemos, no ano de 1871, a constituição da primeira Igreja Batista do país, em Santa Bárbara, São Paulo. No ano de 1881, parte do grupo de Santa Bárbara se direcionou para a Bahia, onde consolidou outro polo de grande destaque da fé batista. Em ambos os casos, o grupo batista também fazia uso dos impressos, incluindo romances, como meio de profusão da fé protestante. Consideramos importante essa tratativa, visto que no presente texto apresentaremos romances que foram escritos por pessoas vinculadas ao grupo batista, de forma que vemos que o romance é uma intervenção literária que possui uma inserção na cultura brasileira. Essa realidade também foi observada nos séculos XIX e XX.

Atualmente, tendo em vista as mutações processadas na forma de ler, sobretudo pelo advento da tecnologia, o romance também foi alterado, apresentando formatos digitais que podem colaborar para sua publicização entre um número maior de leitores. Nos tempos atuais, o romance ainda apresenta um fôlego, um tempo de existência e, como tal, tem sido usado como meio de difusão de histórias variadas, incluindo a construção de conceitos como no caso dos romances confessionais.

O que buscamos destacar aqui é em que medida os romances confessionais podem ser usados como fonte de pesquisa para a produção do conhecimento em história, tema que discutiremos no tópico subsequente.

2.2 A utilização dos romances como fonte de pesquisa e de produção de conhecimento em História

Dado que este é um trabalho historiográfico, é necessária uma análise das fontes eleitas. Darnton (1990, p. 38) indica que a relação da história com a literatura começou no século XIX. Algumas pesquisas buscaram mapear a história dos livros, porém destaca que essa produção não era à época um saber construído somente

pela história, mas com o aporte de várias outras áreas. Nesse período, ainda não se reconhecia a importância do aporte historiográfico para os estudos da literatura, mas, conforme o autor, era produzido um tipo de saber sobre o desenvolvimento histórico do livro, que não era especificamente usado como fonte. Para o autor, nesse período, a relação entre história e literatura ainda era considerada secundária, compreendida como uma disciplina da história, como algo de menor interesse.

Ferreira (2013, p. 63) salienta que as possibilidades de pesquisa em história usando as expressões literárias tornam-se efetivas a partir de mudanças na reflexão e produção de conhecimento histórico no século XX, momento em que, como sabemos, a reflexão crítica da história foi expressa por meio dos *Annales*. Marc Block e Lucien Febvre são apresentados como seus principais representantes, tendo como pressuposto a necessidade de uma revisão endógena sobre a história. Esse processo de repensar a produção do conhecimento historiográfico resultou no entendimento de que a história deveria estar aberta a outros fundamentos teóricos, partilhando de outras formas de interpretação, tornando-se assim, interdisciplinar.

A reconfiguração e revisão do saber historiográfico estimuladas a partir dos *Annales* possibilitou, ainda, que os historiadores também pudessem colocar em suspensão o seu entendimento a respeito das fontes sobre as quais se debruçavam visando à produção de saber. Ferreira (ibidem, p. 63-64) ainda aponta que os *Annales* foram expressos através da chamada história das Mentalidades, uma forma de entender que à história caberia estudar e conhecer as expressões e visões de mundo de grupos específicos.

Os historiadores ingleses marxistas foram importantes defensores dos estudos de tal natureza. Darnton (1990, p. 65), por sua vez, destaca que a literatura foi configurada como fonte de estudo a partir da influência desses grupos vinculados à assim chamada história social-econômica (DARNTON, 1995, p. 65), tendo em vista que tais grupos visavam à construção de conhecimento de grupos específicos, sobretudo daqueles considerados como os mais vulnerabilizados de uma dada sociedade. Fato é que essa inflexão também colaborou para que a pesquisa em história passasse a dar relevância para outras fontes além das já usadas, dentre elas, a literatura.

Darnton (1990, p. 57) nos diz ainda que esses estudos se tornaram proeminentes na França em meados de 1960 e passaram também a focar a interpretação da leitura de pessoas e grupos comuns em períodos específicos e

dentro de sociedades particulares. Com o tempo, segundo o autor, o tema passou a ser abordado também em colóquios e demais eventos que foram realizados nos Estados Unidos, na Alemanha e na Grã-Bretanha. Tais eventos e a produção do período teceram propostas de estudos que identificavam como um livro surge, de que maneira ele se difunde e mais: em que medida esse impresso pode ser considerado como representativo de uma mentalidade de um grupo ou de indivíduos específicos em uma temporalidade.

Esses passos iniciais teriam conduzido a história a firmar uma nova relação com a literatura, e, nesse sentido, muitos pensadores passaram então a compreendê-la como possível fonte de pesquisa tendo em vista que o livro passa a ser interpretado como expressão cultural de uma dada sociedade. Hayden White é um dos pensadores que buscou consolidar esse diálogo entre história e literatura e, em um artigo publicado em meados dos anos 1990, tece comentários variados tentando demonstrar e comprovar o porquê dessa relação constituir-se como algo tão importante para ambas áreas, tanto para a história quanto para a literatura.

White (1994, p. 32) destaca que a história é um saber construído por meio da narrativa, da descrição. O discurso histórico busca refletir e pensar sobre um passado e sobre aspectos da cultura e da sociabilidade contemporânea, porém, para que o historiador apresente os fatos históricos, ele precisa essencialmente da narrativa. A própria atividade de escrita histórica é retratada como um ofício em que temos a apresentação de uma elaboração de um discurso e sua tradução por meio de uma forma escrita.

A história também é contada ou escrita pelo autor, conforme White (1994, p. 36). À medida que a história se nega a compreender a importância da narrativa para o conhecimento historiográfico, também ignora a relevância da linguagem que é contributo essencial para o ensino em história. A linguagem e a narrativa são apresentadas pelo autor como essenciais à história. Tal asserção, a nosso ver, busca fortalecer o entendimento de que história e a literatura não seriam saberes tão distintos, antes, estariam próximos e poderiam se apoiar na produção e difusão do conhecimento, dada a proximidade de metodologias.

Aliás, no que concerne à questão metodológica, White (ibidem, p. 37) indica ainda que a literatura já possuía uma teoria que permitia a realização de uma análise do discurso, da linguagem, e tal substrato pode ser analisado pela história. A literatura indica modelos possíveis de análise do pensamento interpretativo aos

quais a história poderia recorrer. Quanto às análises literárias, o autor reforça ainda que tais estudos assentados na investigação de estruturas de linguagem ou então de correntes da literatura não seriam de interesse de uma pesquisa partindo do viés do historiador. É necessário, de acordo com o autor, conhecer as correntes literárias, mas elas não podem ser aprofundadas como objeto de pesquisa do historiador.

Nas suas observações, White (ibidem, p. 30) apresenta possíveis fatores que poderiam desarticular abordagens que seriam contrárias à junção entre história e literatura nos termos evocados acima. Uma delas seria a de que história não é uma ficção. O autor rebate esse argumento destacando que a linguagem histórica, além de assentada na narrativa como indicamos acima, é essencialmente ficcional. Para ele “[...] todas as histórias são ficções” (ibidem, p. 30), motivo pelo qual o discurso histórico pode ser considerado, em uma última análise, um discurso ficcional.

Partindo de tal colocação, White indica que a história busca a verdade, mas a forma com que apresenta a sua verdade é sempre carregada de ficção. O autor ainda destaca que a natureza ficcional não deve ser relegada à história posto que em sua interpretação caracteriza o saber histórico (ibidem, p. 26). Nesse sentido, antecipa possíveis objeções frente à vinculação da história à verdade. Afinal, se o saber histórico visa à identificação da verdade, como poderia ela ser ficcional? A respeito de tal questão, o autor argumenta que a própria verdade é bastante relativa, e o fato de narrarmos uma “verdade” não nos impede de fazê-la de forma ficcional. Para ele, à medida que contamos uma história, já estamos inseridos na narrativa ficcional. Igualmente interessante é a observação em que destaca que as histórias ficcionais podem ser checadas. No caso, o autor não indica uma análise orientada para a comprovação dos dados obtidos nas descrições ficcionais, mas salienta que essas narrativas podem ser comparadas a outras vivências, outras situações.

Hyden White equipara assim a narrativa histórica ao discurso que ele designa como “tropológico” (ibidem, p. 29) e que faria menção à utilização de metáforas, ficções para que possa ser dito algo sobre a realidade. A tropologia é um tipo de linguagem figurativa, construída com padrões genéricos e discursivos, mas que vinculam uma ordem de palavras a uma ordem de pensamentos. Esse discurso tropológico não é estruturado ou construído no vazio, mas tem como referência conceitos produzidos em uma dada sociedade. Conceitos tropológicos representam, assim, uma dada realidade presente em uma sociedade. Tais eventos narrados de forma tropológica retratam partes de um todo mais complexo e devem ser

compreendidos de tal forma, afinal, nem tudo o que é ficcional, metafórico, está dissociado da realidade.

O autor ainda aponta que muitos pensadores contrários à utilização da literatura pela história como meio de produção de conhecimento indicariam que as obras literárias poderiam conduzir a história ao chamado determinismo linguístico. O determinismo linguístico corresponderia a um limite na apresentação dos objetos de estudo que seriam interpretados como meras construções da linguagem. Tal argumento é também refutado pelo autor ao destacar que a literatura pode fornecer à história métodos de análise do discurso, partindo do que está escrito. A escrita viabilizaria a apreensão das representações socialmente construídas e nela retratadas.

Há uma necessidade destacada por White (1994, p. 36): a de que tais estudos não neguem, mas compreendam a realidade extra-textual, que seriam os fatores influentes nas sociedades para que exista um dado tipo de narrativa expresso por meio das elaborações literárias. A noção do caráter figurativo não deve ser abandonada, porém, deve ser entendida como algo que não destrói o fato “real”. Antes, é algo que expressa a cultura, construída socialmente pelo gênero humano. “A narrativa é um universo cultural porque a linguagem é um universo humano” (ibidem, p. 40).

As discussões do autor visam também a entender a literatura como algo que expressa a cultura do gênero humano, sendo que, por essa constituição e também pelo fato de também representar a realidade, constitui um objeto de estudo da história.

Hyden White apresenta uma discussão sólida sobre a literatura, englobando ali as suas várias manifestações, incluindo o romance. Reconhece o romance como uma expressão literária tropológica, uma vez que é assentado na narrativa ficcional. Para tanto, o romance, como expressão literária e também ficcional, recorre a vivências, sentidos que as pessoas experienciam em seu cotidiano, em sua realidade do dia a dia. Obviamente sabemos, assim como Hyden, que há romances que apresentam em sua composição uma parcela significativa da ficção narrando situações irreais, mas mesmo assim esses romances trazem em sua descrição aspectos relacionados à realidade (1994, p. 38).

A nosso ver, o que Hyden White desejava era fortalecer a noção da literatura como fonte de pesquisa histórica. Sua argumentação é estruturada na apresentação

das fontes literárias como objeto de pesquisa historiográfica porque são dispositivos de representação humana. São dispositivos de expressão cultural usados por sociedades humanas em diferentes tempos históricos e podem nos dar a saber sobre o passado do gênero humano ou sobre expressões do tempo presente. Para tanto, a perspectiva de White também é fortalecida por Antônio Celso Ferreira (2013, p. 81), para quem os textos literários são “[...] possibilidades de entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo”. Ricoeur (1994, p. 101) e Chartier (1990, p. 92) também compreendem a literatura, incluindo a ficcional, como representativa da cultura de uma sociedade.

Ferreira (2013, p. 79-83) ainda alinha seu discurso ao de White (1994, p. 40-41) ao destacar que as fontes literárias são documentos que expressam a realidade, a verdade, mesmo que sejam documentos assentados na ficção. Para tanto, Ferreira destaca que, da mesma maneira como ocorre com a literatura, devem-se compreender todas as expressões escritas em uma dada sociedade, posto que, para ele, essas formulações são representações do mundo. Esse processo é por ele nomeado, assim como por Ricoeur (1994, p. 108), como mímese e engloba as ficções produzidas. Para ambos os autores, a ficção é um ato que expressa as sociedades.

[...] toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopia ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem. (FERREIRA, 2013, p. 67)

Ferreira (2013, p. 67-68) ainda diz que entender a literatura e também as ficções como elementos representativos de uma sociedade e dos gêneros humanos requer também perceber que elas representam um papel social na vida dos leitores e da sociedade como um todo. Essa influência junto ao ser humano aconteceria, conforme o autor, não somente no aspecto da determinação das relações sociais, mas também como importantes condicionantes da subjetividade humana.

A delimitação de obras a serem estudadas como fonte de pesquisa histórica requer, no entanto, adotar como critério de seleção a escolha de textos que sejam considerados clássicos. Os clássicos seriam aquelas obras que exercem influência

no inconsciente coletivo ou individual. As obras clássicas são aquelas que se impõem sobre o tempo.

Porém, além dessa possibilidade de delimitação de fontes, podemos ainda optar por textos que estejam associados a instituições que os legitimam socialmente. Essas instituições legitimadoras podem ser externas, como organizações de grande porte, e também informais, que são redes que vão se constituindo entre os pares e que fazem com que uma obra tenha uma grande adesão social. Isso requer uma escolha, algo extremamente importante para a pesquisa historiográfica: “Na pesquisa em história cabe identificar a inserção dos livros socialmente, e como influenciam o coletivo e se permanecem ou não” (FERREIRA, 2013, p. 71).

Para Ferreira, ao delimitarmos a inserção de uma obra em uma sociedade, é sempre necessário considerarmos também que o que torna um livro ou um impresso aceito em uma sociedade são as condições sociais e históricas que consolidam um corpo muito peculiar e específico de leitores. Na interpretação da inserção social de uma obra há que se considerar que tais impressos estão “[...] relacionados às condições sociais e históricas que delimitam os leitores” (ibidem, p. 72).

As obras que estimulam a sensibilidade, a imaginação de uma sociedade, bem sucedidas ou não no mercado editorial, à medida que possam representar um contexto social ou cultural, real ou idealizado, possuem importância e relevância para a pesquisa histórica. Assim, admitindo que há gêneros híbridos de narrativa, Ferreira (ibidem, p. 77-79) destaca como fonte privilegiada para a produção de pesquisa histórica os textos escritos em prosa, apresentando como descrições de tal natureza contos, novelas e também os romances.

Quanto aos romances, o autor nos indica que os mesmos não possuem uma estrutura rígida previamente definida. Porém, caracterizam-se como meios de falar aos indivíduos. Em tese, os romances surgiram em um contexto de afloramento e consolidação da sociedade burguesa e tratavam de problemas específicos e que precisavam ser abordados de forma reservada pelo ser humano. No contexto pós-moderno, o romance ainda acaba por fortalecer essa caracterização de falar a indivíduos específicos.

Tal caracterização do romance não exclui, portanto, seu aspecto social na atualidade. Esse tipo de impresso cumpre um papel social à medida que também é representativo da produção, circulação e consumo de cultura. Os textos escritos em prosa, como o romance, são apresentados por Ferreira (ibidem, p. 75-77) como

excelentes dispositivos para a produção de conhecimento historiográfico, pois o romance narra uma história, e essa narrativa pode levar à cultura de um segmento específico em um dado momento. Similar definição fora apontada por White (1990, p. 41), porém para esse autor o romance expressa a realidade de uma sociedade. Na verdade, são sentenças correspondentes, porém escritas de maneira distinta.

Ferreira (2013, p. 77) ainda destaca que o romance estabelece um diálogo com outras formas de representação cultural. Assim, o romance pode evocar situações em que temos retratadas outras artes como o cinema, a pintura, a fotografia e pode apresentar várias linguagens, incluindo até mesmo a linguagem religiosa. Outrossim, o romance é também apresentado como uma forma de literalidade. A literalidade é expressa por meio das diversas formas de linguagem em um impresso. Assim, a linguagem usada em um romance pode ser múltipla, combinando vários tipos de diálogo. Além disso, a literalidade se caracteriza por apresentar várias vozes em interlocução. E, como sabemos, o romance também traz esses vários discursos, apresentados sobre os vários dialogismos nele retratados.

A apreensão desse discurso é possível por meio de estudos ou análises internas das obras. O estudo de um impresso literário permite que possamos compreender quais são as representações sociais nele criadas e consolidadas. A análise interna das obras, por meio da indicação da forma usada pelo impresso e do conteúdo disponível, e, a externa, em que lemos os condicionantes à escrita, viabilizam o estudo de cultura. Quando conseguimos mapear tais representações, estamos nos apropriando de expressões da cultura de uma dada sociedade (FERREIRA, 2013, p.77).

Após tais indicações, Ferreira prossegue sua análise apresentando um contributo importante para a produção de conhecimento ao nos indicar pressupostos para a orientação da pesquisa historiográfica usando a literatura como fonte. O autor nos apresenta e ressalta possibilidades metodológicas como indicativos que podem ser adotados na realização das pesquisas. Para esse autor (ibidem, p. 77), as pesquisas em questão devem viabilizar a “[...] construção e tratamento de dados, produção de hipóteses, crítica e da adequação entre o discurso do conhecimento e seu objeto”. Para isso, a caracterização do objeto com atenção e cuidado é extremamente importante, assim como a comparação do objeto de pesquisa com outros registros que permitam sua adequada caracterização.

Possíveis mudanças no formato de produção literária ou de apresentação do objeto de estudo também devem ser incorporadas na caracterização do objeto. Elementos como as possibilidades de mutação do impresso frente ao atual desenvolvimento tecnológico também são citados por Ferreira como fatores importantes a serem considerados na caracterização dos objetos. A nós cabe “[...] compreender e explicar como tais permutas ocorrem em determinados contextos sociais e culturais” (2013, p. 79).

Starobinski (1976, p. 132), partindo da aceitação da literatura como objeto de pesquisa histórica, já em meados dos anos 70, apresenta uma discussão metodológica no sentido de fortalecer pontos importantes quando realizamos esse tipo de estudo. Para ele, parece clara a possibilidade de a história recorrer à literatura como meio de pesquisa, de forma que o autor já parte para a explicação ou apresentação de elementos a serem considerados para a realização da pesquisa, diferente de White (1990, p. 28), que concentra grande parte da sua discussão na justificativa de tal fonte de pesquisa.

As proposições de Starobinski (*ibidem*, p. 134) são orientadas a uma delimitação clara e precisa de nosso objeto de pesquisa, nossa realidade a apreender. O objeto de pesquisa deve ser expresso e representado em todas as suas particularidades. Os objetos de pesquisa possuem uma “existência completa” (*ibidem*, p. 134) na qual todos os elementos que colaboraram para sua publicação e circulação passíveis de identificação devem ser apresentados em sua caracterização.

Darnton (1990, p. 110-111) compreende que é extremamente necessária e válida a descrição do ciclo de vida do livro apresentando informações sobre o autor, sobre o editor, sobre o impresso, sobre sua distribuição, venda e sempre que possível sobre o leitor. Ele indica que o autor se dirige para leitores específicos e particulares. Essa escrita não é aleatória e busca construir um conceito junto ao leitor. Para ele, um impresso: “[...] transmite mensagens, transforma-as durante o percurso conforme passam do pensamento para o texto, para a letra impressa e de novo para o pensamento” (*ibidem*, p. 111).

Os textos têm a potência, segundo o autor, de moldar a recepção dos leitores em relação a determinados conceitos e situações. Aliás, veremos que Ferreira (2013, p. 63) nos indica que os impressos possuem intencionalidade. Darnton (1990, p. 75-76) já recorre ao termo “coerção” pelo fato de compreender que o texto

impresso consegue coagir a pessoa a adotar determinados atos. Para o autor, entender a história da literatura também é o mesmo que entender esses dispositivos de coerção que integram textos literários. “A história da leitura terá que levar em conta a coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto” (ibidem, p. 76).

Darnton (ibidem, p. 147) sugere que devemos partir da teoria de reação do leitor e chega a recomendar o mapeamento do público leitor. Isso porque, à medida que há um grupo de leitores, temos um fenômeno social. O autor indica que, quando estudamos literatura, temos que nos voltar aos livros lidos por pessoas simples, presentes em um contexto social. Para ele é importante identificar “quem”, “o quê”, “onde”, “quando”, “como” e “porquês” estão envolvidos no ato de ler.

Tais especificidades sobre a análise de uma obra são também discutidas por Starobinski (1976, p. 135), que chega até a incorporar na caracterização do objeto possíveis fatores subjetivos que influenciam na produção de um texto. Outrossim, o autor aponta que a boa pesquisa é aquela que apresenta até possíveis condicionantes “subjetivos” da elaboração das obras (ibidem, p. 134). Nessa definição, devemos deixar claro quais serão as nossas contribuições, quais os instrumentos que utilizaremos em nossa pesquisa e também quais serão as finalidades da pesquisa desenvolvida.

Derivando dessa compreensão, a delimitação do objeto deve acontecer com o posicionamento do pesquisador para fora da obra, ou seja, para Starobinski (1976, p. 132), não devemos interferir com juízos de valor no objeto pesquisado. No entanto, integram a delimitação do objeto a apresentação, recomposição da narrativa e sua apresentação ao que o autor nomeia pelo termo “restituição”. A restituição corresponde a recontar a narrativa como ela é representada na obra sem interferir nessa descrição.

Apresentar um objeto requer ainda o entendimento que o impresso possui uma intencionalidade, uma objetividade, na medida em que as expressões literárias não são neutras. Possuem uma estrutura material, mas também uma mensagem a ser transmitida para o leitor. A indicação do autor é para que os pesquisadores sempre coloquem o objeto em suspensão, interrogando-o e buscando nele as respostas motivadoras da realização da pesquisa. Após a apresentação da descrição, é também basal que sejam realizadas críticas estruturadas em fundamentos teóricos ao que é expresso por meio da obra. Ferreira (2013, p. 72),

por sua vez, destaca a necessidade de as análises serem estruturadas tanto em fundamentos teóricos provenientes da Teoria Literária quanto em substratos produzidos no âmbito da pesquisa historiográfica. Apesar das orientações, Starobinski (1976, p. 135) destaca que cada pesquisador tem a sua perspectiva de condução e pode adaptar a sua descrição às particularidades vivenciadas no processo de pesquisa.

A nosso ver, as indicações de Starobinski (1978, p. 140) são válidas e aplicáveis, seguindo as delimitações que vêm sendo apresentadas por autores que discutem as pesquisas em ciências sociais na contemporaneidade. Dentre as fontes consultadas, vemos que os demais autores, como Ferreira (2013), White (1990) e Darnton (1990, p. 148), visaram sustentar a importância da utilização das fontes literárias como dispositivos de pesquisa, ao passo que Starobinski (1976, p. 135-141) enfatizou a questão metodológica centrando-se, sobretudo, na discussão a respeito do objeto de pesquisa.

Ainda no aspecto metodológico, ou seja, de como realizar a pesquisa, Ferreira (2013, p. 80-83) apresenta-nos uma série de passos a serem seguidos quando se trabalha com uma fonte literária. A definição com clareza do objeto de pesquisa também é apresentada pelo autor como algo de grande relevância. Além disso, o autor aponta que é fundamental descrever por que as fontes usadas podem conferir respostas às formulações da pesquisa. Indica como referências de questões:

[...] quem eram os escritores selecionados para a pesquisa, como se relacionavam entre os letrados e com outros segmentos sociais da sua época? Que papéis a literatura e as artes então desempenhavam? Em que realidade social, econômica, política e cultural eles viviam, como e porque [sic] se lançaram à criação ficcional? Dentre as disponíveis em seu tempo, a que formas de narrativa recorreram e por que? Que significados atribuíram à literatura e que significados históricos podem ser lidos em suas obras? Que representações do mundo social eles criaram? Que desejos, angústias, utopias ou frustrações expressam e o que isso tinha a ver com a vida coletiva da época? Que funções seus livros desempenharam na sociedade, como circularam, foram lidos ou apropriados? (FERREIRA, 2013, p. 80)

Tais questionamentos são apresentados pelo autor como referências para a sistematização de uma pesquisa com base em fontes literárias. Ferreira também não busca oferecer um manual para a realização dessas pesquisas. Para tanto, o autor, a nosso ver, deseja oferecer uma contribuição para que essas pesquisas de fato possam produzir conhecimento.

Além das questões acima indicadas, o autor explica que é necessário deixar claro o porquê do desejo em conhecer esse objeto, incluindo nesse rol também as questões pessoais que motivaram a realização da pesquisa. É preciso ainda apresentar, quando possível, a recepção crítica das obras além da bibliografia consultada que permite a interpretação do objeto de estudo.

Ferreira (ibidem, p. 80) ainda diz que é necessário que apresentar o foco narrativo da abordagem, aspectos afeitos à linguagem metafórica presentes nas obras, informações sobre a composição dos personagens, dados sobre o tempo e o espaço na narrativa e os efeitos de verossimilhança presentes nas fontes estudadas. Tudo isso seria necessário para melhor qualificar a pesquisa envolvendo literatura.

Já Darnton (1990, p. 147), também partindo das indicações para o desenvolvimento prático da pesquisa, descreve que há dois tipos de análises: o macro e o micro. A macroanálise é o tipo de pesquisa em que temos conclusões gerais sobre os estudos realizados, ao passo que os estudos de natureza microanalítica seriam aqueles assentados em aspectos específicos, de grupos particulares. O autor indica que as análises assentadas em grupos específicos, as microanálises, permitiriam a identificação de aspectos da cultura desses segmentos.

Kramer (1992, p. 132) acrescenta importantes contribuições no que diz respeito à forma com que a produção de conhecimento historiográfico se relaciona com as fontes. Vemos que o autor fortalece a utilização da literatura como fonte de pesquisa historiográfica e destaca que esse tipo de fonte se tem tornado mais usual em pesquisas vinculadas à cultura. Nesse sentido, o autor diz que é importante para a história reconhecer no impresso e em outras expressões artísticas formas de representação da realidade de uma dada cultura.

Para o autor, a pesquisa histórica precisaria se abrir ainda mais a outras formas alternativas de compreender o mundo, sendo a literatura uma delas. Aliás, Kramer (1992, p. 134) entende que a literatura possibilitaria ao historiador aproximar-se de códigos e concepções históricas produzidas pelo gênero humano. O autor indica que o fato de grande parte da literatura se constituir de situações que são imaginadas não desqualificaria os livros como fonte de pesquisa histórica, uma vez que a imaginação literária também é uma expressão cultural, assim como defendem White (1990) e Ferreira (2013). A proposta de Kramer (1992, p. 139) seria a produção de conhecimento histórico com base na realização de uma crítica

literária de textos, que deve ser alicerçada em conhecer, obviamente, problemas e eventos históricos vinculados às obras literárias usadas como objeto de pesquisa.

A ausência de pesquisas históricas com fonte literária poderia conduzir “[...] a história à margem de uma cultura criativa, crítica e intelectual” (KRAMER, *ibidem*, p. 159). Assim, o autor indica que a literatura moderna pode conferir à pesquisa histórica, por meio da linguagem e do significado nela presentes, um rol amplo de informações sobre a realidade social, política e mesmo pessoal de uma dada sociedade. Experimentar outras formas de expressão e de representação demanda que a pesquisa histórica esteja aberta a novos saberes, os quais não devem ser relativizados, mas compreendidos como expressão de uma realidade específica.

No âmbito da pesquisa histórica com produção religiosa, Berkenbrock (2018, p. 258) indica que os objetos que usamos para estruturar nossos estudos precisam apresentar as representações atribuídas pelas pessoas aos fenômenos da sua vida considerando a influência da religião. Emoções, sentimentos ou convicções religiosas precisam estar presentes nas fontes consultadas ou “[...] a percepção do significado atribuído pelas pessoas às suas ações, vivências e interações nos acontecimentos religiosos” (*ibidem*, 2018, p. 265).

Para o autor o aporte à fonte deve acontecer por meio da apresentação de todas as informações nela contidas. É necessário “[...] descrever seus aspectos da forma mais aproximada possível” (*ibidem*, p. 267) e compreendê-los como reflexos de uma experiência religiosa. Para o autor, grande parte desses documentos trazem expressões léxicas da religião, termo pelo qual faz menção a vocabulários que comportam significações religiosas.

O autor usa o conceito de lexicidade (*ibidem*, p. 258), buscando então designar a potência que a palavra tem na transmissão de um conceito e de, conseqüentemente, retratar um conteúdo religioso, uma vez que “[...] há um número múltiplo de palavras usadas para expressar sentimento de um mesmo sentimento religioso” (*ibidem*, p. 269). A lexicidade contempla a expressão por meio da palavra, assim como o sentido por ela expresso. É, conforme o autor cita, expressão e conteúdo de um termo.

Barros e Barsalini têm a compreensão de que todas as fontes que permitam a apreensão do que ele chama de sagrado, ou numinoso, constituem objeto de pesquisa em religião. Para os autores, ao observar uma fonte de pesquisa, conseguimos compreender aspectos de uma religião partindo da análise realizada

de pequenas partes que a integram. “Assim, qualquer manifestação religiosa, seja qual for a sua natureza, é relevante para o pesquisador das religiões” (BARROS; BARSALINI, 2018, p. 294).

Por conseguinte, as fontes usadas para a pesquisa devem demonstrar como o sagrado se expressa. As fontes revelam o sagrado e indicam ainda o lugar que a religião tem ocupado em determinadas sociedades. O estudioso de religião deve decodificar essa representação, interpretando-a e compreendendo que os dispositivos usados pelo discurso religioso são meios de produção de sentido (ibidem, p. 302-304).

Já Certeau (2021) destaca que, além das fontes para a pesquisa, orientando sua análise especificamente para a pesquisa histórica, precisamos ainda considerar os interesses do estudo e também a necessidade de regras que nos permitam analisar o objeto de pesquisa. Além disso, a pesquisa em religião, para o autor, precisa perceber quais conceitos religiosos podem ser determinantes em uma dada época histórica. Ainda segundo o mesmo autor, o Cristianismo deve ser compreendido como uma religião que sofreu e sofre mudanças para se adaptar à sociedade.

A pesquisa em história deveria, conforme o autor, permitir a compreensão “[...] de que modo o Cristianismo se desloca à medida que se constitui uma modernidade” (CERTEAU, 2021, p. 27). Por conseguinte, os estudos não definem o que é religioso, mas sim descrevem ou deveriam descrever os deslocamentos ou clivagens processadas pelo Cristianismo, o que corresponde a não apenas manter determinados conceitos, mas também incorporar outros, novos e adaptados à realidade contemporânea ou uma “Vitalidade de permanências sob o disfarce da mudança ou mudanças sob a aparência do invariante” (ibidem, p. 43).

Em linhas gerais, vemos que os autores aqui citados compreendem a importância da utilização das fontes literárias como dispositivos de pesquisa historiográfica. Há o entendimento de que a produção literária é uma expressão humana e cultural e, portanto, de interesse para a pesquisa em história. Os romances confessionais, a nosso ver, também constituem fonte importante de pesquisa visto que, por um lado, apresentam, como qualquer impresso, representações da cultura de uma dada sociedade. Tornam-se também relevantes porque nos dão a saber de uma cultura peculiar e específica, que é presente em nossa sociedade e que, em nosso caso, refere-se ao grupo evangélico.

Partindo de tal constatação, no capítulo subsequente, passamos a abordar os conceitos relacionados ao desenvolvimento dos relacionamentos no Brasil, incluindo a forma com que o amor foi sendo compreendido e lido pela sociedade. Também nesse capítulo, como anunciamos, apresentaremos a leitura do campo evangélico sobre relacionamentos e sobre o amor que une casais. Isso nos dá a saber como é também entendida a sexualidade por representantes desse grupo.

3 RELACIONAMENTOS: AMOR E SEXUALIDADE NO BRASIL E A REPRESENTAÇÃO DE TAIS FENÔMENOS JUNTO CRISTÃOS E AOS GRUPOS PROTESTANTES

A constituição de relacionamentos afetivos entre as pessoas é algo que tem sido secularmente associado à natureza do gênero humano. Se apaixonar, namorar e tudo que advém desse processo é vivenciado pelos seres humanos e tem observado configurações e disposições diferenciadas a depender da cultura e do tempo histórico vivido. Dos casamentos arranjados aos relacionamentos estabelecidos em plataformas *on line*, como tem sido comum nos últimos tempos, as variações dos envolvimento afetivos configuram, a nosso ver, um cenário, um pano de fundo por onde o romance evangélico se movimenta.

Del Priore (2023, p. 179) indica que essa história do amor e da sexualidade é construída através de “mudanças e permanências”, fazendo menção a compreensões que vão sendo conferidas sobre o amor e sobre a sexualidade ao longo dos tempos no Brasil. Nesse sentido, veremos que há momentos em que o amor não é citado como referência para as relações e há outros em que o casamento é associado ao amor. Há momentos em que a sexualidade é recriminada e há outros em que é liberada. Isso parte do entendimento de que à medida que a cultura muda, muda a forma com que o ser humano entende o amor, a sexualidade e as relações provenientes desses vínculos.

Compreender tais fenômenos requer assim que possamos percorrer um pouco a própria história dos relacionamentos no Brasil e que vem, em grande medida, associada ao entendimento sobre o amor, esse sentimento inicialmente motivador para que os relacionamentos se concretizem, mas, que também vem muito relacionada à história da sexualidade, dos casamentos uma vez que esses eventos acabam se relacionando. E, considerando ainda o nosso objeto de estudo é preciso ponderar que há necessidade de discutirmos ainda sobre como tais conceitos têm sido compreendidos e lidos no campo confessional, no campo evangélico, algo que, trabalharemos no segundo subitem desse tópico.

3.1 Amor, sexualidade e relacionamentos no Brasil: história e contemporaneidade

Del Priore (2019, p. 26) diz que a forma com que compreendemos o amor, nos mais diversos períodos e momentos, é expressa na maneira com que as pessoas representam ou retratam esse sentimento. Demonstrações públicas de afeto e carinho ou relatos de vivências observadas no âmbito privado, forma com que as relações sexuais são narradas e outros elementos auxiliam no entendimento de como esse sentimento era expresso e de como as pessoas viviam a sua sexualidade além de destacar ainda como os relacionamentos eram firmados.

A discussão da autora parte do período colonial no contexto em que temos a vinda dos colonizadores ao país. Os exploradores que aqui chegaram se deparam com uma realidade diferenciada da sua, e a autora indica que homens europeus se admiraram da nudez presente junto a homens e mulheres que aqui habitavam. Para alguns a nudez é tida como uma expressão da inocência desses povos e, para outros, a nudez é considerada como responsável pelos pecados que os homens cometiam. A nudez era ainda percebida como responsável pela poligamia, algo que também deveria ser evitado (DEL PRIORE, 2023, p. 77-78).

A mulher era compreendida como uma “serpente” (ibidem, p. 29) responsável por estimular o sexo nos homens, e, sobretudo as que andavam sem muitas roupas, eram as mais influenciadoras. Quanto ao sexo, era recriminado pela Igreja, mas acontecia normalmente. As cerimônias religiosas eram espaços usados para que os casais pudessem se relacionar. Para os casados a Igreja recomendava até mesmo um rol de posições a serem usadas para que o sexo praticado não fosse motivo de pecado por parte do casal. Uma mulher jamais deveria negar sexo ao esposo. O prazer, por sua vez, deveria ser recusado uma vez que o objetivo final deveria ser sempre a procriação (ibidem, p. 48-49).

Para tanto, esse contato fez com que os homens nutrissem grande interesse pelas mulheres que aqui residiam. O desprendimento de nossos povos em relação à vestimenta, apesar de haver sempre a indicação para que as mulheres pudessem cobrir o corpo, resultou em vários relacionamentos, alguns de conotação sexual, junto aos europeus que vinham ao Brasil. Tais relacionamentos são descritos pela autora como expressões de amor que se apresentavam na realidade colonial, porém, isso diz pouco sobre o amor romântico, de namorados, mas nos apresenta

os formatos assumidos pelos relacionamentos à época. E demonstra ainda que a própria nudez que tanto interessou ao colonizador nada mais era que algo extremamente cultural para o período, assim como o era a ausência da privacidade e que demarcava as relações coloniais.

Assim, Del Priore (ibidem, p. 15) descreve que nesse momento não havia privacidade no país e todas essas relações eram expressas coletivamente. Nesse sentido, os encontros furtivos em campos abertos, em seleiros e em vários outros espaços de vivência comum faziam parte do cotidiano colonial (DEL PRIORE, 2019, p. 29; idem, 2023, p. 15). A autora ainda diz que mesmo nas residências dos burgueses, que possuíam até estrutura física considerável no sentido do espaço, não havia a preservação da intimidade e todas as formas de afeto, assim como expressões de sexualidade não eram resguardadas a um determinado espaço privado. E indica ainda que nas residências mais pobres era mais difícil ainda que o casal tivesse privacidade. Em ambos os casos, isso não era algo buscado naquela época.

Os padres jesuítas, no entanto, buscaram refrear a nudez e também as expressões da sexualidade aqui representadas, tendo em vista o argumento de afastar os homens do pecado e dos castigos divinos. Nesse viés, o casamento aparece e se consolida como uma alternativa religiosa para afastar os homens do pecado, visando ainda, à procriação e perpetuação da espécie. Para os ricos o casamento acontece por meio dos combinados financeiros, de ajustes comuns ao período. Para os pobres, por outro lado, os casamentos vão acontecendo segundo o vínculo e as possibilidades, porém, ainda não há, nesse momento o entendimento de que os relacionamentos, incluindo os casamentos, deveriam acontecer por amor.

Del Priore (2023, p. 73) ainda destaca que durante o período imperial já há alteração nos costumes e isso interfere na sexualidade. Uma das indicações da autora é de que as mulheres passam a usar roupas mais compridas, cobrindo agora grande parte do corpo, sobretudo as burguesas. Além disso, temos a expansão do saber médico e esses profissionais passam a oferecer referências do que seria uma sexualidade e do que seria uma perversão (ibidem, p. 78). No momento a Igreja Católica também buscava oferecer referências para a sexualidade, e, nesse sentido, o sexo deveria acontecer após o casamento e com a finalidade de procriação sendo severamente condenado por ela a existência de cortesãs, a ninfomania e a homoafetividade (ibidem, p. 90-92).

A virgindade segue sendo extremamente valorizada e as normas destinadas à boa conduta, sobretudo de mulheres, seguem sendo fortalecidas socialmente. Os casamentos ainda acontecem, em grande medida, por convenções e entre as classes sociais. Aliás, a autora diz que o sentimento “amor” passou a ser valorizado como elemento para a manutenção das relações somente em meados do século XX no Brasil, inclusive para a manutenção dos casamentos. “O casamento de conveniência passa a ser vergonhoso e o amor ... bem o amor não é mais uma ideia romântica, mas o centro de uma relação” (idem, 2019, p. 231).

Tal noção foi alterada como resultado de um rol amplo de processos que contempla a realização de reformas urbanísticas, a existência de uma consciência sanitária, mudanças políticas e econômicas e que influenciaram na construção de uma nova mentalidade da população em relação a vários aspectos, incluindo os relacionamentos, o amor e também a sexualidade. Del Priore (2019, p. 233) ainda diz que houve no Brasil a divulgação de vários filmes, livretos, letras de música, teatros de revista, apresentações teatrais e uma série de expressões culturais diversificadas que também exerceu influência na subjetividade coletiva.

Para além de tais fenômenos, a autora destaca que é o momento, no Brasil, da consolidação da chamada “sociedade do espetáculo” (ibidem, p. 106), termo pelo qual busca designar uma maior exposição da vida privada no espaço público. Nesse ínterim, o corpo, sobretudo o corpo feminino, que vinha sendo coberto e preservado da exposição, passa a ser mais revelado. Dá lugar então a um rol de novas vestimentas para as mulheres que passam a expor algumas partes de seu corpo. A autora diz que a mulher casada usava sempre um vestido preto e evitava a exposição do colo e dos pés. A partir de então, novos modelos passam a ser usados expondo parte do colo e também os pés. O que não significa, no entanto, que corpos nus eram aceitos socialmente uma vez que havia até mesmo uma tentativa de se “[...] evitar a difusão do nu” (ibidem, p. 128), mas sim que os costumes mudaram.

No entanto, os casamentos ainda demonstravam uma organização patriarcal e eram marcados por relações heterossexuais nas quais a mulher ainda era dependente financeiramente do homem e como sendo a maior responsável pela organização e pela disposição de tudo o que se referia ao lar: cuidado da casa, do marido e dos filhos. A mulher deveria permanecer no espaço privado, espaço das residências, sendo que ao homem caberia a vida pública contemplando a

possibilidade de trabalho fora do espaço doméstico e sendo a eles também conferido o direito à vida política (ibidem, p. 241).

Ainda no que diz respeito ao casamento, em meados do século XX, vemos que para a classe burguesa era um prestígio poder ter essa experiência. Algo que não era considerado como extremamente necessário e relevante para as classes mais pobres e que se uniam de forma mais voluntária e sem tanta circunstância. Além disso, para a autora esses grupos mais vulneráveis e, dentre eles, negros, mulatos e brancos pobres, possuíam uma perspectiva diferenciada sobre o casamento, sendo o mesmo compreendido como resultado de afinidade a ser firmado entre as pessoas.

Mas, em ambos os casos, o amor conjugal acabava sendo orientado para a procriação. E o amor deve ser a referência para uma vida futura feliz cabendo ao ser humano evitar as paixões. Para alcançar essa vida feliz ao lado do bem amado caberia ao homem o cortejo e a mulher jamais deveria tomar a iniciativa. Aliás, a mulher não poderia ainda expor-se a contatos físicos com o homem e, mesmo no caso de um noivado, o casal não era deixado sozinho. Havia que se evitar qualquer possibilidade de um contato mais íntimo como um beijo mais quente e, sobretudo, a relação sexual. Era ainda esperado que a mulher não tivesse nenhum conhecimento sobre questões relacionadas ao sexo (DEL PRIORE, 2019, p. 252-254).

As mulheres mais modernas, incluído as vinculadas ao movimento anarquista eram vistas com certo preconceito. As celibatárias e que não estavam vinculadas à Igreja Católica ou alguma caridade do gênero eram vistas e julgadas como aquelas que não se encaixavam no padrão social idealizado para a época. A autora ainda nos indica que as relações homoafetivas eram também seriamente discriminadas. Mesmo com o declínio do poder da Igreja Católica no sentido da delimitação de normas e condutas sociais observamos que no período em questão ainda havia grande preconceito em relação ao amor entre pessoas do mesmo gênero (ibidem, p. 231).

No que diz respeito ao namoro, a autora diz que as paqueras começam a se tornar um passo inicial para o começo dos relacionamentos, fugindo assim do padrão em que somente os pais opinavam na escolha dos filhos. O *footing* incorporava a troca de olhares e a paquera entre os jovens em um local público e com o tempo foi sendo ampliado para outros espaços como os bailes. Isso não conferia aos jovens a possibilidade de beijos públicos ou carinhos explícitos. A

necessidade de postura em relação à expressão dos sentimentos era extremamente valorizada pela sociedade no início do século XX, incluindo a virgindade feminina e funcionando como uma espécie de passaporte para o casamento e a vida feliz.

A democratização das relações afetivas acontece somente a partir de meados dos anos 30 e 40, como nos indica Del Priore (2019, p. 282). Por esse termo a autora busca descrever as possibilidades de beijos públicos e troca de carícias, que tinham sido vedadas até o momento. A vigilância das famílias junto aos casais enamorados também declina um pouco. Para tanto o casamento ainda permanece como sendo a meta do amor, do romance e para as mulheres a maternidade e o fato de ser a rainha do lar ainda parece ser algo a ser alcançado. De forma que, grande parte das mulheres ainda permanece resignada ao espaço doméstico, ao passo que o homem segue a vida pública e sem muitos compromissos ou afazeres que o prendam ao universo familiar. Sua função é prover o sustento da prole.

O sexo entre o casal ainda segue sendo compreendido como algo necessário, mas não há, nos anos em questão, grande discussão sobre as questões sexuais. A autora chega a dizer que a depender do círculo social frequentado e da classe social de determinadas famílias, o “[...] sexo era um segredo” (ibidem, p. 128). A autora nos diz que grande parte dessa perspectiva advém do fato de Getúlio Vargas ter conferido à Igreja Católica um novo status da disseminação da ordem e dos bons costumes visando moralizar a sociedade, usando assim valores confessionais para orientar a vida das pessoas (ibidem, p. 125)

Pedro (2016), no entanto, nos aponta que as mulheres pobres já exerciam atividades remuneradas no Brasil há muitos e muitos anos, ou seja, não era em todas as famílias que havia mulheres que podiam permanecer cuidando da casa e dos filhos, uma vez que a maioria delas precisava trabalhar para compor a renda familiar. Por conseguinte, não podemos inferir que todas as mulheres desse período e de outros subsequentes não exerciam atividade remunerada para auxiliar a renda familiar. Contudo, Del Priore nos indica o que se tinha à época, como ideal, de forma que a meta que foi sendo introjetada junto a muitas mulheres foi a do casamento para a maternidade e cuidado do esposo e das demais funções análogas. “[...] ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres” (2019, p. 283).

A “moça de família” (ibidem, p. 289) seria aquela que viveria um romance, começando pelo namoro, passando pelo noivado e alcançando o casamento. Para isso as mulheres não poderiam ser “dadas” (ibidem, p. 283), ou seja, não poderiam

ter conhecimento ou vivência sexual e obviamente deveriam ser virgens, de forma que as mulheres “defloradas” (ibidem, p. 291), ou as que já tinham tido uma vivência sexual não eram procuradas para o casamento. A satisfação ou a insatisfação da mulher com essa situação não era considerada.

Nesse sentido, o sexo é apontado como algo necessário e natural ao casamento, afinal, em larga medida, a procriação ainda deveria reger e orientar os relacionamentos. Não era discutido o prazer ou o desejo sexual feminino, mas o sexo aparece apenas como algo circunstancial e que deveria acontecer entre os casais sem estabelecer também qualquer analogia com o sentimento do amor. “A afinidade sexual parece ter sido um fator menos importante no ideal de felicidade conjugal” (DEL PRIORE, 2019, p. 295), sendo o sexo um dever conjugal que deveria satisfazer ao marido.

A autora diz que no período temos a circulação de vários livros e quadrinhos pornográficos que exploram e discutem a sexualidade que era represada em alguns contextos. Os quadrinhos são uma inovação em decorrência da possibilidade do desenvolvimento da fotografia o que auxiliava substancialmente na exposição de imagens mais picantes (ibidem, p. 145).

Mas, também é nesse período que temos a emergência da publicização das separações por meio do então chamado “desquite”. O desquite acontecia entre o casal sempre que o relacionamento não dava certo, porém, via de regra, o entendimento possuído era o de que a mulher não havia se esforçado o suficiente para dar conta do relacionamento. Socialmente, a mulher permanecia estigmatizada pela separação, e, em grande parte dos casos ficava sob sua responsabilidade o cuidado dos filhos. O desquitado ainda era mal visto na sociedade, uma vez que o ideal construído estava estruturado em torno do casamento. Ainda integram como vítimas do mesmo preconceito os casais homoafetivos, ainda muito excluídos da sociedade e julgados como doentes ou como possuidores de desvio de caráter, portanto, ainda vivendo um amor escondido da sociedade (DEL PRIORE, 2019, p. 296-298, DEL PRIORE, 2023, p. 157).

Esse padrão foi mantido e fortalecido como hegemônico até meados dos anos 60. Del Priore (2023, p. 175-176) indica que em tal momento vivenciamos uma

revolução sexual fortemente influenciada pela elevação do movimento feminista¹² junto à realidade brasileira e por outros fenômenos. Dentre eles, temos o desenvolvimento dos meios de comunicação social, as mudanças na música, no teatro e nos meios de comunicação social, além do desenvolvimento da medicina e da correspondente ampliação dos métodos contraceptivos, sobretudo a pílula anticoncepcional, provocando alterações significativas na subjetividade das pessoas.

O desenvolvimento contemplado na área da saúde ainda passou a proteger as pessoas de doenças como a sífilis, e outras doenças sexualmente transmissíveis. Outro detalhe importante apresentado pela autora é a existência da possibilidade de maior exposição do corpo, tanto de homens, quanto de mulheres. Esses processos associados à grande ampliação da televisão no Brasil colaboram para a mudança na mentalidade da população, alterando assim o entendimento sobre o amor, namoro e sobre a sexualidade. Temos assim o início de uma maior liberdade sexual e o amor passa a ser compreendido como o motor para os relacionamentos, inclusive o casamento formal, que, não passa a ter tanta importância para a sociedade. “A moral sexual flexibilizava-se e casais não casados eram cada vez mais aceitos, já podendo circular socialmente” (DEL PRIORE, 2019, p. 301).

Mello; Novaes (1998, p. 562) destacam que as mudanças na sociedade e a mutação da precária privacidade que havia no país advém também da ampliação da produção nacional com a elevação da produção mineral, e das obras de engenharia. Os autores ainda nos dizem que é desse período e sobretudo ao final dos anos 60 que temos o surgimento das “[...] maravilhas eletrodomésticas” e também dos “[...] alimentos industrializados”. Os supermercados de grande porte e dos shoppings. As refeições rápidas, o prato feito e o *fast food*, ainda que de forma bem inicial passam a influenciar a vida cotidiana de indivíduos e, sobretudo, de famílias (ibidem, p. 463-564, 566-567).

Os autores ainda indicam outros processos que são relevantes quando pensamos nas mudanças realizadas junto à sociedade brasileira e que também influenciam os relacionamentos. Dentre eles, os autores citam o desenvolvimento da

¹² Pedro (2016, p. 238) chama a nossa atenção para a influência do movimento feminista no processo de revisão dos conceitos convencionalmente atribuídos para os relacionamentos, incluindo os papéis sociais que eram designados à homens e as mulheres nos mais variados contextos. Mesmo que não fosse aceito pela maioria da população, o feminismo deflagra um processo de revisão de conceitos e que também incorpora e remete à noções atreladas ao casamento, ao amor e a sexualidade.

medicina, a utilização de contraceptivo e também a consolidação de hábitos de higiene e de limpeza. A higiene passa a incorporar a higiene pessoal e também a das residências e consolidando a busca por corpos e indivíduos mais saudáveis (ibidem, p. 568). O vestuário também muda consideravelmente sendo que os corpos vão ficando cada vez mais à mostra com a democratização do uso do biquini e também da calça comprida para mulheres, uma grande inovação no vestuário feminino, mas que incorpora também a alteração de perspectiva do que era idealizado enquanto vestuário feminino no período em questão (ibidem, p. 571).

A partir de tais mudanças amor e prazer podem andar juntos e podem ser expressos por meio do amor conjugal, o que nem sempre demanda um casamento formal. Há, assim, uma separação entre o casamento, a sexualidade e o amor (ibidem, p. 311-312). O amor passa a ser, em grande medida, o elemento que une as pessoas, ao passo que o sexo pode vir a acontecer sem que para isso exista amor. Nesse estado de coisas, “o amor romântico, como critério da escolha, do cônjuge, ia substituindo a determinação imperativa da família. E a sujeição da mulher ao marido não era mais absoluta” (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 576). Apesar disso, em alguns contextos, ainda é esperado que a mulher seja virgem ao passo que ao homem é permitido a vida sexual antes do casamento. Os filhos também não são mais apresentados como uma exigência à vida em família como eram anteriormente, contudo, a família ainda é apresentada como um elemento de suma importância para a manutenção da vida em sociedade.

O namoro nesse momento não é mais supervisionado com a mesma rigidez de antes, mas cabe ao homem tomar a iniciativa. As mulheres deveriam refrear a impulsividade sexual dos homens. A intimidade do casal, no entanto, ainda era pequena e a ser construída após o casamento. O ideal de uma felicidade conjugal, iniciada no namoro e consolidada no casamento passa a influenciar a subjetividade e a mentalidade dos brasileiros (ibidem, p. 612).

No que diz respeito ao sexo, no período observamos que o casal passa a buscar um maior equilíbrio sexual ou seja, ambos manifestam o interesse na relação sexual e não mais o homem apenas. A separação também passa a ser mais comum. Obviamente que grande parte da sociedade brasileira ainda trazia, como traz hoje, em seu bojo, perspectivas e valores tradicionais nos quais os relacionamentos estavam baseados (DEL PRIORE, 2023, p. 181).

Em constante desenvolvimento e mudança, os anos 80 consolidam uma série de mudanças econômicas, políticas e sociais no país. Nesse período temos o surgimento das grandes corporações nacionais, a busca pela democratização política e econômica e também observamos a especialização do saber médico e da medicina, o desenvolvimento da robótica e da internet e a mudança da vida da sociedade como um todo.

Novaes; Mello (1998, p. 643) indicam que a ideia de relacionamentos orientados pelo amor já se encontra bastante consolidada em nossa sociedade e os casamentos, formais ou informais, passam a ser mais orientados pela busca de ideais de igualdade. As famílias, por sua vez, passam a vir como resultado desses relacionamentos, firmados pelo sentimento do amor. “Em relação à família, desaparecem quase que por completo os aspectos sagrados do casamento, que passa a ser resultado sobretudo de um acordo de vontades, de um contrato entre livres e iguais” (ibidem, p. 652). E, nem todas as famílias demandam agora pela criação de filhos, mas, quando os filhos integram a vida familiar, vemos que a educação passa a ser mais liberal e menos repressora (ibidem, p. 643).

Os próprios modelos do que é feminino e do que é masculino passam a ser revistos no período uma vez que os papéis sociais atribuídos segundo o sexo biológico passam a ser colocados em suspensão. Esses novos formatos de se compreender e de entender o outro são refutados pelos extratos mais moralistas, porém, com o tempo, essas mudanças vão sendo representadas na sociedade brasileira. Os casais homoafetivos também começam a ter um pouco mais de visibilidade, sobretudo nos grandes centros urbanos (DEL PRIORE, 2023, p. 181).

O prazer sexual passa a ser discutido e buscado pela mulher e não apenas pelo homem como soia acontecer anteriormente. O sexo deixa de possuir a conotação de algo destinado apenas à procriação e além do amor, a paixão, os relacionamentos fluídos passam a ser compreendidos como vivências do cotidiano das pessoas e não mais como algo a ser represado. Nesse contexto, em algumas sociedades, a virgindade deixa de ser considerada como algo importante e passa a ser mais comum e aceito o fato de homens e mulheres terem tido outros parceiros sexuais antes de firmar um compromisso com um casamento, por exemplo (MELLO; NOVAES, 1998, p. 643).

No contexto dos anos 80, observaremos uma ampliação do número de mulheres que se tornam chefes de família ou de mulheres que não dependem

economicamente do homem para ter as necessidades de suas famílias contempladas. Isso muda também o homem e o que era compreendido como expressão de masculinidade. Os divórcios também aumentam e mudam. Nos anos 80, os divórcios não são compreendidos mais como representativos da ineficiência ou da incapacidade da mulher ou do casal e o preconceito contra divorciados declina consideravelmente (DEL PRIORE, 2023, p. 228).

Conforme nos indica Del Priore (2023, p. 227), vivemos atualmente um novo entendimento sobre o amor, hoje, empreendido como possível entre pessoas de mesmo gênero e de gêneros distintos. Hoje, o amor não está tão associado ao casamento e o casamento também mudou muito. O que temos são os novos arranjos familiares com disposições diferenciadas de organização familiar, com casais homoafetivos sozinhos ou com filhos e que apresentam a família como algo para além do vínculo consanguíneo (ibidem, p. 299). A autora chega até a descrever que vivemos em uma sociedade de “família pós-familiar” (ibidem, p. 227) uma vez que agora o formato de família burguesa ao qual nos referimos acaba entrando em declínio. Nesse caso, é importante frisar ainda que o casamento não tem mais a conotação de um vínculo duradouro, buscando-se que dure enquanto seja bom para ambos os lados.

Além disso, a autora nos indica que atualmente temos tido o fortalecimento do entendimento de que a consolidação de uma família nem sempre é necessária para o ser humano, ao menos a compreensão de que ser sozinho também é uma opção de satisfação. Como tal, a necessidade de ter seu espaço e de preservar a sua individualidade e sua privacidade também passa a ser algo compreendido e aceito socialmente, diferentemente do que vivenciamos em tempos anteriores quando aqueles que não se casavam eram vítimas de preconceito (ibidem, p. 237).

Também é o momento em que temos a possibilidade de maior liberação das experiências sexuais, sendo que Del Priore compreende que é nesse momento que temos a chamada “[...] liberação sexual total” (2023, p. 236), ao passo que as experiências sexuais não precisam mais ser escondidas. Agora, a sexualidade “Tornou-se mais livre, fluída e aberta à emergência dos mais variados estilos de vida. Ela tornou-se algo que se cultiva, que tem a ver com a identidade de cada um. E não mais uma norma coletiva predeterminada” (ibidem, p. 237).

Del Priore (2023, p. 228) diz que essas representações são indicativas de um dado momento cultural e de um determinado segmento. Assim, há grupos que hoje

defendem uma maior liberação sexual, uma possibilidade de experiências e vivências do amor e que incluem até mesmo a ausência de sexo. E haverá ainda outros segmentos e extratos que irão defender justamente o oposto, ou seja, maior preservação sexual, casamentos heterossexuais, namoro voltado ao casamento e assim sucessivamente.

Giddens (1993, p. 21-22) diz que a vivência do amor e da sexualidade são fenômenos específicos e característicos das sociedades na modernidade. Atualmente, homens e mulheres possuem perspectivas diferenciadas sobre sexo e, como característica da modernidade, grande parte das pessoas que optam por um casamento só o fazem após terem tido várias experiências e vivências anteriores. O autor compreende esse fenômeno como algo específico e característico do tempo em que vivemos. Para ele, é na modernidade, e, mais recentemente em tempos contemporâneos que conseguimos viver e não esconder essas experiências. Outrossim: “A maior parte das pessoas, homens e mulheres, chega atualmente ao casamento trazendo com elas uma reserva substancial de experiência e conhecimento sexual” (ibidem, p. 21-22).

Nesse contexto, a mulher proporciona e também recebe a satisfação sexual. As relações sexuais não precisam do casamento para que possam acontecer e nem sempre se dão devido à existência de um sentimento como o amor ou a paixão. O autor ainda aponta que nas sociedades atuais, dada uma maior liberação sexual feminina, as mulheres também passam a apresentar uma maior quantidade de envolvimento extra conjugais, algo que, conforme Giddens (ibidem, p. 22) não era comum em sociedades anteriores. Mas, o autor salienta que tais fenômenos não constituem uma regra universal com a qual convivem todos os homens, antes, indicam que “alguns grupos, por exemplo, colocam-se à margem do tipo de mudanças descritas, ou tentam ativamente resistir a elas” (ibidem, p. 22), tal como indicado também por Del Priore.

O autor ainda diz que provém das sociedades modernas a aceitação de grupos homoafetivos e seus relacionamentos, sendo que esse respeito provoca alterações e impactos na vida sexual em geral. Para ele, a homoafetividade deixa de ser uma perversão e passa a ser um resultado das possibilidades de abertura sexual presente na modernidade. Essas mudanças teriam como cenário inicial as sociedades americanas e europeias, mas também acabaram alcançando, de formas distintas, os países latinos e outros locais do globo (ibidem, p. 23).

Nesse contexto observamos ainda uma dissociação, como destacamos acima, das representações da sexualidade e sua associação ou vinculação com o amor. No contexto dos séculos XIX e XX, o sexo e o amor eram fenômenos que estavam dependentes e relacionados. No contexto da modernidade a sexualidade passa a ser livre e individual e não mais coletiva, subjugada a normas sociais. “[...] a sexualidade tornou-se maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras, e uma “propriedade” potencial do indivíduo” (ibidem, p. 37) e como expressão independente do amor. Isso porque a sexualidade e mesmo o amor representam a vida social de um determinado tempo e momento histórico e cultural.

Por oportuno, o discurso que justifica ou mesmo que recrimina as expressões da sexualidade estão atrelados ao controle, ao poder e ao conhecimento. São eles também que definem e delimitam o que é amor e o que é aceito ou sancionado no âmbito dos relacionamentos. Giddens (1993, p. 39) diz que o poder do discurso sobre a sexualidade é um fenômeno da reflexividade institucional e que está em constante movimento. A saber, faz menção ao discurso construído e difundido por elementos estruturais básicos presentes na atividade social. E é reflexivo, afinal, fatos do cotidiano podem ser transformados por esse discurso.

Por conseguinte, a reflexividade das práticas sexuais, da intimidade são expressas em hábitos cotidianos fundando uma dada identidade sexual. E representam um saber, um conhecimento que advém, essencialmente, de um espaço institucional, representando um local e valores específicos. O discurso difundido e apropriado é que delimita o declínio da perversão uma vez que práticas antes julgadas como pecado ou como incorretas passam a ser lidas e interpretadas como naturais. Porém, isso depende do campo ou espaço em que o discurso é emitido.

E também advém do espaço cultural o entendimento do que é o amor. No século XVIII o amor era compreendido como o sentimento romântico, o amor sublime perpassado pelo sofrimento e pela angústia até que a união fosse consumada. Esse amor era o que orientaria, ao menos no plano ideal, grande parte dos casamentos e relacionamentos, conforme nos indica Giddens (ibidem, p. 52). No século XIX, o amor foi compreendido e restrito à vida em família, tornando o lar e a relação entre pais e filhos, sobretudo entre mãe e filhos a maior expressão do amor. O amor entre casais só tinha sentido quando resultava em uma família (ibidem., p. 53-54). No contexto do século XX, o amor não é mais compreendido como

associado à vida em família e passa a ser tido como elemento essencial para que as relações aconteçam fortalecendo assim a noção de intimidade. É a possibilidade de intimidade que colabora para a construção do amor. À medida que a modernidade avança, digamos assim, o amor vai se apartando cada vez mais da sexualidade. No entanto, isso provém, em grande medida da interpretação que os grupos sociais conferem ao amor, ao namoro, ao casamento e a sexualidade, como poderemos ver no item subsequente.

3.2 Amor, sexualidade e relacionamentos segundo a perspectiva evangélica

Conhecer e compreender a perspectiva do grupo evangélico sobre amor, sexualidade e até mesmo sobre os relacionamentos, nos quais o namoro, o casamento, o divórcio e outras expressões de tal natureza é uma tarefa de difícil elaboração, haja vista a escassez de produções na área. Em grande medida, os textos produzidos reiteram informações partindo do universo do Cristianismo, porém, poucos deles abordam com maior especificidade a produção de tais conceitos junto ao campo evangélico. E, nesse interim, observamos a inexistência de textos que discutam e abordem tal perspectiva a partir do grupo Batista. Inicialmente nosso interesse seria o de conhecer e compreender, com base em outros autores, como amor, sexualidade e os relacionamentos em geral têm sido compreendidos por essa denominação tendo em vista que os dois autores que estudamos nesse trabalho, no capítulo 3, estão vinculados a essa denominação.

Em decorrência da dificuldade de identificar produções teóricas dentro da seara posta acima, nos limitamos a apresentar as indicações que nos foram possíveis a partir do denominador comum que é o Cristianismo e partindo dele, do que foi plausível mapear e identificar em relação ao campo evangélico, como um todo. Consideramos que tais indicações se mostram válidas ao passo que permitem uma aproximação ao nosso tema de estudo e pesquisa. No entanto, sabemos que no estudo da religião, mesmo nas denominações que partem de uma raiz comum, que é o Cristianismo, há uma diversidade de práticas culturais que são apresentadas pelos fiéis. Como nos indica Bellotti (2014, p. 118) há uma heterogeneidade de práticas culturais que são adotadas, mesmo havendo um denominador comum. Para tanto, consideramos que as contribuições são valiosas e se aproximam do que temos visto como representativa da interpretação de dadas denominações em

relação ao sexo, ao amor, ao casamento e também com relação ao namoro, ao divórcio.

Cabe aqui a ressalva que uma das principais fontes para a escrita do presente tópico foi o trabalho de Karina Kosicki Bellotti. Karina é professora de História Moderna na Universidade Federal do Paraná e seu trabalho conta com um rol amplo de produções que buscam construir estudos sobre a religião evangélica, analisando as expressões contemporâneas por meio das quais algumas denominações têm falado aos fiéis. Por meio da leitura de várias produções da autora, incluindo livro, capítulos de livro e artigos foi possível a estruturação do presente item. Contudo, temos ciência que a análise de outros autores enriqueceria esta discussão.

Bem, considerar como os cristãos e os evangélicos compreendem as questões de sexualidade, de namoro, de casamento e outros eventos que marcam encontros e desencontros do ser humano pressupõe, antes de mais nada, entender como as denominações têm falado sobre isso aos fiéis. Nesse sentido, é preciso pontuar que a partir do século XX as igrejas, incluindo a católica, passam a usar de outros dispositivos para atrair fiéis e propagar a fé. Temos o aporte de rádios, livros, eventos, como shows, e que passam a ser usados como dispositivos de construção e de estruturação de valores que são defendidos e difundidos pelas igrejas (BELLOTTI, 2008, p. 56). Atualmente, vemos também que a internet tem sido largamente utilizada por meio dos aplicativos *Instagram*, *Facebook* e também através dos inúmeros sites e blogs que difundem aspectos ligados à fé cristã e evangélica (BELLOTTI, 2014, p. 118).

O fato é que as igrejas cristãs, sobretudo as evangélicas buscaram outras alternativas para se comunicarem com seu público, para além das convencionais como o culto e a missa. De acordo com Bellotti (2008, p. 56) o rádio passou a ser usado com finalidade de evangelização nos Estados Unidos em meados dos anos 20-30 do século XX. A autora indica que o rádio passa a ser usado como um meio de profusão da fé por meio do qual eram transmitidos programas de avivamento e de entretenimento, porém, com forte conotação proselitista, mas também visando garantir a manutenção da adesão daqueles que já estavam vinculados à fé.

A autora nos indica que em meados dos anos 40 e 50 os programas de rádio foram fortemente influenciados por uma corrente fundamentalista que exerceu grande influência nas igrejas estadunidenses e, outros grupos confessionais

passaram a criticar tais engajamentos. Essas mensagens, via rádio, passam também a oferecer orientações para a família, em especial para as mulheres e para os jovens, para que pudessem perseverar na fé. Foi um tempo em que o Estado também defendia um discurso moralizador e destacava o papel da família como referência para a vida em sociedade destacando a importância de uma moralização dos costumes sociais.

Ainda que, como nos indica Bellotti (2008, p. 71), o rádio não tenha sido tão usado pelos crentes brasileiros como sua principal fonte de profusão da fé, observamos que esse tipo de conduta demarca a mudança das igrejas nas formas usadas para chegar até o público cativo ou mesmo para se marcar, se mostrar presente junto aos fiéis a ela já vinculados. No Brasil vemos que há no mesmo período a vinda de muitos livros já produzidos nos Estados Unidos e que são difundidos entre as denominações mais variadas. Os livros que chegam nos anos 50 em nosso país são especialmente orientados para disciplinar a conduta da mulher e para estimulá-la na manutenção e no cuidado das famílias. Nesse contexto, há grande ênfase no entendimento de que cabe à mulher a educação dos filhos na fé e o desempenho de todas as funções que se mostrarem necessárias para a manutenção das famílias na fé, evitando-se assim os valores que pudessem resultar em desagregação familiar e em prejuízos para a sociedade como um todo.

Nesse sentido, a produção literária que chega ao Brasil não difere dos valores que eram transmitidos nos rádios e nos impressos produzidos nos Estados Unidos no mesmo período. Coadunando com isso vemos que a sociedade brasileira, assim como a americana está baseada e estruturada em valores extremamente moralistas resultando em uma adesão aos postulados confessionais reinantes. Bellotti (2008, p. 72) ainda diz que, no contexto dos anos 70 e 80, quando já temos a grande expressão do Movimento Feminista, além de mudanças de grande ênfase no aspecto econômico e político, as recomendações, inclusive nos programas de rádio evangélicos e nos impressos, estão orientadas para a manutenção do entendimento de que a mulher é a grande responsável pela manutenção das famílias. Aliás, nesse momento o discurso passa a fortalecer o perfil de mulher que consegue desempenhar atividades de uma vida pública como o trabalho remunerado e a manutenção das famílias, compreendendo ser essa uma função feminina. Há assim o estímulo a um perfil de mulher que busca e consegue “[...] equilibrar a responsabilidade familiar com a vida pública” (ibidem, p. 71).

De maneira que, é comum a Igreja falar à mulher, por meio de vários dispositivos, que cabe a ela a proteção da família. Entendido que por família as igrejas cristãs compreendem as composições de natureza monogâmica e heterossexual, nos dando a saber que os relacionamentos (namoros e casamentos) devem acontecer entre pessoas de gêneros distinto. A monogamia também é algo extremamente importante para os crentes, e casamento deve gerar filhos.

Além do discurso destinado para mulheres, no Brasil vemos que há uma orientação e um grande investimento junto aos jovens, afinal, serão eles que irão organizar e constituir novas famílias no futuro. Jovens que passam a ser ameaçados pelos ideais propagados com maior ênfase após meados dos anos 70 e que difundem maior liberdade sexual, além de outros fenômenos afins. Junto a esse público, o discurso vem no sentido de preservar o jovem do relacionamento sexual antes do casamento.

Bellotti (2019, p. 04) diz que as igrejas cristãs durante muito tempo colocaram o sexo como algo sujo e impuro. No contexto da Idade Média, a Igreja Católica passa a apresentar o casamento como um sacramento, santificando-o como um elemento que ajudaria na vontade divina devido à procriação e à propagação da espécie. Por conseguinte, o modelo de relação sexual defendido pressupõe o casamento como condição prévia para o sexo. E, como o casamento, a relação sexual deve acontecer por meio de casais heterossexuais e com objetivo de constituir uma família. “O modelo de relacionamento sexual defendido pelas igrejas cristãs sempre foi, para usar termos atuais, heterossexual e monogâmico, para a constituição de uma família” (ibidem, p. 04).

Derivando desse entendimento vemos que na transição do século XIX para o século XX as igrejas cristãs passam a apresentar o sexo entre casados como algo natural. A finalidade não deixa de ser a procriação, mas, com o apoio da medicina busca oferecer parâmetros para o sexo heterossexual. Por conseguinte, tudo quanto for considerado fora do padrão heterossexual passa a ser coibido, tendo as igrejas o apoio da medicina na delimitação de condutas normais e anormais no que diz respeito ao sexo do casal. Em tal discurso, a mulher é apresentada como passional em relação ao sexo ao passo que ao homem é conferido o papel de impulsivo, sendo que tais papéis em relação à questão sexual são atribuídos de acordo com o sexo de nascimento (ibidem, p. 04).

Nos anos 60 e 70 as igrejas cristãs passam a produzir e difundir uma série de “[...] manuais de orientação ao namoro e de educação sexual” (ibidem, p. 04) e segundo os quais, em grande medida, a sexualidade é saudável, deve ser praticada pelo casal para além da necessidade de procriação, porém, só deve acontecer dentro do casamento e jamais antes dele. No âmbito do casamento, o sexo sempre deve acontecer a dois, e, o prazer deve ser explorado pelo casal conjuntamente. A masturbação e a pornografia são compreendidas pelo Cristianismo como deficiências na prática sexual do casal e podem resultar em sérios prejuízos ao casamento. Nesse momento, os manuais e demais dispositivos de orientação sexual se colocam “[...] contra a masturbação solitária ou mútua, o consumo de pornografia” (ibidem, p. 04-05) por parte do casal. Há, no entanto, uma analogia ao homem quando há menção à pornografia.

Para o namoro é sempre dito que o mesmo deve acontecer somente e com a finalidade do casamento. Um namoro sem que exista a intenção do casamento é considerado errado e motivo de sofrimento, e em que não pode haver, sob nenhuma hipótese, sexo ou mesmo carícias que induzam o casal ao sexo. Não se critica apenas a possibilidade de relação sexual, do ato em si, mas de tudo que antecede o mesmo como uma fornicção, considerada contrária aos princípios bíblicos. “[...] o namoro não pode ser leviano e promiscuo, com carícias que excitam a ponto de levar à relação sexual precoce” (BELLOTTI, 2019, p. 05).

Tal perspectiva foi mantida até meados dos anos 70, momento em que foi reiterada pelas igrejas em questão. Bellotti (ibidem, p. 06) diz que no período várias orientações e atividades foram realizadas pelas igrejas visando regular a educação, a educação sexual e o lazer do jovem, sempre focando na possibilidade de uma vida futura segundo os princípios cristãos. A autora cita como exemplo a realidade vivenciada nos Estados Unidos, momento em que o Estado passou a desenvolver uma forte campanha contra o uso de drogas e contra a prática do sexo entre os jovens. As igrejas, aproveitando a perspectiva passam a desenvolver espaços de discussão análogos também se colocando contra o sexo fora do casamento. Tais posturas apresentaram grande influência junto à realidade brasileira, sendo acompanhadas por uma série de ações de fortalecimento da abstinência sexual entre jovens solteiros por parte das igrejas, mesmo após um intenso período de revolução sexual.

Ainda com base na vivência norte-americana, vemos que nos anos 90 é publicado um livro orientado ao público jovem denominado “O mito do sexo seguro”, de autoria dos pastores Ankerberg e Weldon em que os jovens solteiros e adultos solteiros são orientados em relação aos prejuízos possíveis decorrentes da prática de ato sexual fora de uma relação de casamento. Os autores acentuam o perigo da AIDS em um momento que pouca ou nenhuma informação se possuía sobre a patologia e apresentam que a única opção para se preservar da doença é não praticando o sexo, fortalecendo o discurso sobre a importância da abstinência sexual. O tom é cristão, mas a estrutura da escrita, ao que parece, busca estimular o medo da doença junto aos jovens e evitar assim relações sexuais (ibidem, p. 06).

Essa discussão deu gancho para que em 1993 fosse realizada uma grande ação voltada ao fortalecimento da castidade nos Estados Unidos. Nesse contexto, a Igreja Batista do Sul, dos Estados Unidos, lançou uma campanha com o nome “O verdadeiro Amor Espera” ou “*True Love Waits*” por meio da qual a igreja buscava ampliar a adesão de jovens em relação à castidade. Para chegar até esse público, diz Bellotti (2019, p. 06), foram promovidos grandes eventos como shows gospel e encontros de grande proporção arrastando muitos jovens para a igreja e aderindo a tais postulados. A virgindade passa a ser apresentada e destacada como algo vital para uma vida feliz. Sobre o amor é dito apenas que quando o jovem souber esperá-lo ele será feliz em tal quesito e por outro lado são apresentados vários exemplos que demonstram os prejuízos que uma vida sexual antes do casamento poderá trazer.

Assim, para esse público, a virgindade passa a ser compreendida como uma ponte com Deus e com o verdadeiro amor. Não seguir esses parâmetros e postulados pode resultar em vários prejuízos ao jovem, que podem sofrer com as escolhas realizadas. Agora, a virgindade passa a ser apresentada ao jovem como uma opção positiva e não mais como algo a que ele deve aderir por medo do pecado ou do castigo divino. A consequência de atos levianos antes do casamento pode acometer o jovem, porém, há uma alternância no discurso que passa a valorizar a virgindade e que é esperada por ambos os gêneros (homem e mulher). “A castidade, ao ser transformada em pureza, perde a conotação negativa e repressora, e torna-se motivo de orgulho para muitos jovens” (ibidem, p. 06) ou seja, é algo que ele faz por “adesão”.

Mas, há um discurso feito para aquele jovem ou adulto solteiro que já vivenciou uma ou mais experiência sexual. Para ele ou ela é oferecida a possibilidade de restauração da virgindade, ou a virgindade espiritual. Caso a pessoa decida mudar e ter uma vida de celibato isso passa a ser permitido pela fé, bastando o arrependimento e o compromisso de não incorrer mais no mesmo “erro”. “A restauração sexual faz parte da restauração completa do jovem que decide se converter ou reafirmar seu compromisso com Cristo após um período de desvio” (idem, p. 06).

E, tais experiências e conceitos, por sua vez, exercem uma enorme influência no Cristianismo brasileiro, em especial junto às denominações evangélicas. Um desses aspectos é a mudança de maneira de falar ao jovem incorporando novas abordagens como eventos de shows com banda famosas do universo gospel e outras atividades afins. Bellotti (2014, p. 106) diz que o mercado consumidor jovem já vinha se consolidando desde os anos 80 no Brasil. É esse jovem, evangélico e depois os católicos, que passam a consumir produtos religiosos. Esse consumo já tinha sido iniciado nos anos 70 devido ao desenvolvimento da indústria fonográfica e à grande circulação de música gospel. Esse mercado se ampliou nos anos seguintes, evoluindo nos anos 2000 para uma produção intensa de CDs de bandas como a Oficina G3, uma adaptação de músicas de tal natureza ao pop rock.

A Igreja Católica demora um pouco, se comparada ao universo evangélico, para incorporar os shows e as músicas diferenciadas em sua dinâmica. Contudo o movimento de Renovação Carismática Católica recorre a esses elementos em suas abordagens tornando as intervenções mais dinâmicas e mais orientadas e direcionadas ao público jovem e adulto. Assim, a Igreja Católica acaba investindo em padres cantores, em programas de televisão como a Canção Nova e em rádios.

Dentre esses eventos diferenciados que são criados no período em questão, vemos que há uma balada especialmente organizada para os jovens evangélicos, A Cristoteca que começou a ser organizada em São Paulo nos anos 2000. A atividade conta com música variada, com DJs, mas há proibição de utilização de bebida alcoólica e de qualquer tipo de droga ou congênere (BELLOTTI, 2014, p. 110). A Cristoteca foi um evento organizado pela Igreja Católica e ainda está em atividade

acontecendo às sextas-feiras em São Paulo e o mesmo poderia acontecer em outros locais a depender das possibilidades das paróquias locais¹³.

Assim, há uma diversificação de como chegar a esse público, mas também de como abordar determinados temas e assuntos. As ações no Brasil sofrem grande influência das atividades desenvolvidas nos Estados Unidos. Outro exemplo foram as campanhas em prol da virgindade, a exemplo da proposta desenvolvida no ano de 2011 pelos pastores Nelson Pinto Ferreira Neto e sua esposa Angela Cristina, ambos vinculados à Assembleia de Deus, difundindo no Brasil uma campanha bastante similar à dos Estados Unidos, porém, aqui sob o slogan: “Eu Escolhi Esperar”, convidando os jovens e adultos solteiros a optarem por uma vida focada na castidade e na pureza sexual, e, reproduzindo aqui grande parte dos parâmetros americanos (BELLOTTI, 2019, p. 02), ou seja, castidade para quem não é casado e caso não seja mais casto, a proposta de restabelecer a virgindade pela fé.

Importante frisar que aqui no Brasil, a exemplo dos Estados Unidos, a castidade passa a ser exigida como algo necessário ao homem e à mulher e não apenas para a mulher visando ao casamento. A perspectiva do homem que mantinha vários relacionamentos, incluindo sexuais, passa a ser condenada e coibida pelo movimento que passa a exigir também do homem uma postura diferenciada. Os relacionamentos, namoro e futuramente o casamento são totalmente orientados para casais heterossexuais.

Outro elemento extremamente importante e presente no movimento brasileiro está associado ao discurso de que nem sempre é preciso estar acompanhado, casado ou namorando para ser feliz. Há uma grande ênfase na importância do amor próprio, e de aprender a ser feliz sozinho. O amor próprio aparece e ganha grande assento nas discussões do Eu Escolhi Esperar que, não atrai mais apenas jovens e adultos vinculados à Assembleia de Deus, onde nasceu, mas sim engloba várias pessoas de outras denominações. Bellotti (2013, p. 257) diz que inicialmente esses movimentos são estruturados e orientados de forma global, visando alcançar o maior número de cristãos, independente da denominação a que estão vinculados. Com o tempo, algumas atividades passam a defender as igrejas que as representam empreendendo um rol de “[...] esforços de inserção social e cultural em amplo, competitivo e plural campo religioso”.

¹³ Disponível em <https://misericordia.com.br/cristoteca-a-balada-santa/>. Acesso em 22 de jun. de 2023.

A autora indica ainda que as denominações ampliam, sobretudo a partir do ano 2000, a utilização de meios com os quais falam aos jovens, recorrendo a músicas que vão do metal, rock, funk, pagode, hip hop e rap. Elas também recorrem à utilização de programas de rádios, fortalecendo a tradição musical já presente nas denominações em questão. E cita exemplos como a Igreja Bola de Neve que foi criada no ano de 2007 em São Paulo por um fiel que não se identificava com as igrejas que frequentava. É dito que o amor pelo rock e em especial pelo metal e uso de roupas associadas a tal universo, além do apreço por tatuagens, fazia com que alguns jovens não se sentissem acolhidos. A Igreja Bola de Neve foi então criada visando, especialmente, à inclusão desses segmentos (BELLOTTI, 2013, p. 256).

Porém, a Igreja Bola de Neve diversifica os eventos que são usados para falar e atrair o público mais jovem. Para isso, além dos cultos convencionais, agrega às suas atividades de evangelização ações em pistas de skate, competições de surfe e festas variadas. A autora cita ainda como exemplo a Marcha para Jesus que é organizada pela Renascer em Cristo e o uso máximo da televisão por grande parte das denominações, dentre elas a Renovação Carismática da Igreja Católica e a Igreja Universal do Reino de Deus. Essa mutabilidade faz com que as igrejas cheguem ao público adulto, mas que falem muito mais diretamente ao jovem e adulto jovem, que, poderiam andar desgarrados e distantes em meio a tantas inovações presentes na sociedade ocidental contemporânea.

Apesar de haver, por parte das denominações cristãs em questão e de outras aqui não citadas, uma mudança em como chegar ao seu público, ainda observamos que há um fortalecimento de condutas tradicionais, sobretudo em relação ao que é esperado do jovem. É com o jovem que se fala agora, principalmente visando fortalecer os ideais e valores associados à vida futura em família. Por conseguinte, “[...] condutas morais e sexuais tradicionais, como relacionamento monogâmico, sexo após o casamento, nada de drogas, nem álcool, nem fornicação” (BELLOTTI, 2013, p. 258) são constantemente fortalecidas através das mais variadas atividades empreendidas junto a esse público.

Além de tais dispositivos, vemos, recentemente, a ampliação considerável de aporte à internet como meio de evangelização e novamente a fala acaba sendo mais orientada para o público jovem e adulto jovem. São criados e constituídos sites institucionais que visam à orientação dos atendidos, além de *chats* para o bate papo, páginas em redes sociais. Atualmente ainda são mantidas páginas como o

Facebook e agora, recentemente, o Instagram. Os blogs também são ampliados consideravelmente e as trocas e partilhas de vivências e de experiências comuns entre pessoas que pertencem e frequentam a uma determinada denominação ou fé. “[...] a internet torna-se uma ferramenta de instrução religiosa, na qual o crente pode encontrar textos sagrados, reflexões teológicas e estudos bíblicos, aconselhamento e sociabilidade” (ibidem, p. 260).

Obviamente que essas ações visam controlar o lazer desse público e são ações, como nos indica Bellotti (2014, p. 122) previamente planejadas. Mesmo que no contexto em pauta, assim como em outras atividades não aconteça uma orientação específica, subliminarmente há uma construção de conceitos e saberes. A autora diz ainda que as atividades que descrevemos acima, realizadas por pessoas comuns, leigas ou por pessoas que possuem poder de representar as igrejas como padres e pastores, possuem uma finalidade a ser alcançada. Afinal, uma balada como a Cristoteca possui como objetivo aproximar jovens de uma mesma fé.

Vemos que os indivíduos se apropriam de conceitos de forma diferenciada e que essa apropriação acontece a depender da realidade cultural de cada ser humano. As práticas religiosas, por conseguinte, são estruturadas pelas pessoas à medida que as mesmas tenham sentido, tenham significado. As ações, no entanto, teriam, conforme Bellotti (ibidem, p. 119), a finalidade de regular a vida cotidiana dos fiéis. À medida que a realidade muda, as igrejas mudam a sua forma de chegar ao público em geral, conferindo respostas às demandas que lhes são apresentadas.

Tais respostas podem ser então conferidas por pessoas como padres, pastores, obreiros, responsáveis institucionalmente pelas denominações. Via de regra, são pessoas que falam em nome das igrejas. Contudo, Bellotti (2014, p. 103) chama a atenção para a existência de pessoas que não estão encaixadas na hierarquia das igrejas, mas que são pessoas que já possuem sua imagem associada a determinadas denominações. A exemplo, podemos citar a própria Lycia Barros e sobre a qual nos debruçaremos na sequência, uma vez que, apesar de não aparecer como possuidora de um cargo dentro da Igreja Batista, é um nome forte na defesa dos evangélicos em geral.

A apropriação desses conceitos, no entanto, depende das formas com que as pessoas recebem as informações e, como vimos, as igrejas têm mudado visando assim falar com os fiéis de forma mais incisiva, sobretudo os jovens. E mais, é

preciso pensar ainda que mesmo pessoas que não estão vinculadas a uma denominação específica, mas que se identificam com o Cristianismo ou com as ideias propagadas, também se vinculam aos postulados difundidos pelas igrejas. Por isso, é lícito supor que não apenas os católicos frequentam a Cristoteca, e, que não apenas evangélicos aderiram ao Eu Escolhi Esperar, mas sim todos aqueles que coadunam com essas perspectivas. E mais, a adesão aos princípios difundidos advém de práticas que são adotadas pelos sujeitos, compreendendo:

“[...] as ações dos sujeitos, sejam afiliados ou não a tradições religiosas na preservação e/ou na transformação das identidades e pertencas religiosas no seu cotidiano, no qual imaginários religiosos são refeitos e imbricados com outras instâncias sócio-culturais (BELLOTTI, 2014, p. 103).

Ou, como indica Bellotti (2005, p. 161), é preciso considerar que há adesão aos valores religiosos junto à sociedade brasileira contemporânea. Mas, após tais indicações, o que podemos inferir, com base na obra da autora é que temos uma diversificação dos produtos e meios usados pelas igrejas para se aproximarem dos fiéis. Não há uma substituição de intervenções mais tradicionais sendo que missas, cultos, escola dominical e outros dispositivos convencionais são mantidos, contudo, há a incorporação de novas e alternadas abordagens.

Mas, o que podemos inferir em relação aos aspectos do relacionamento? Bem a análise das obras da autora nos apresenta denominações evangélicas e a católica buscando fortalecer o vínculo entre pessoas da mesma fé. Assim sendo, baladas, campeonatos, shows são espaços de vivência para os quais afluem, em grande medida, pessoas que comungam da mesma perspectiva. A conversão é sempre possível e admitida, mas vemos que há uma tendência, sobretudo entre os evangélicos, de estimular um namoro entre pessoas da mesma denominação, visando fugir do jugo desigual (ibidem, 2005, p. 189).

Como tal, o namoro entre crentes favoreceria a observação de alguns parâmetros mínimos e dentre eles vemos a demanda pela continência sexual. Há o entendimento de que o namoro sem sexo e em algumas denominações até sem beijo na boca seja algo extremamente necessário. Diversamente do que quem está externo às igrejas pode supor, a virgindade ainda é valorizada por aqueles que as frequentam, portanto, caso o beijo seja algo que pode induzir à relação sexual, é melhor não fazer. Há, no entanto, o entendimento de que não é possível negar a

sexualidade das pessoas, antes, é preciso saber que é algo normal e natural, mas que deve acontecer somente no casamento.

Há ainda, conforme Bellotti (2005, p. 191) o entendimento de que o namoro deve ser orientado para o casamento, mas que ele só pode ser iniciado a partir de uma amizade sólida. Por oportuno, há o entendimento de que a amizade antecede qualquer necessidade de contato físico. E mais que um contato de tal natureza, é preciso e necessária uma entrega que é emocional, sentimental. Uma amizade verdadeira seria o primeiro passo para encontrar o amor de sua vida. Assim, o sexo não seria o caminho correto.

Há ainda alguns autores que até dão dicas para evitar que a relação sexual aconteça no namoro e dentre elas a do controle emocional e outras como “não tirar a roupa, fugir de carícias eróticas, beijo de língua, não, pois é um ato de penetração” (ibidem, p. 193). Também é expressamente proibida a masturbação e qualquer tipo de consumo de pornografia, vedação que se estende a casados e a jovens solteiros. De forma que “qualquer coisa que incite o desejo de pecar é proibida” (ibidem, p. 193). Seguindo esses passos, não há como errar. Será possível encontrar o amor da sua vida e viver uma vida plena, casado. “Encontrado o seu grande amor, o crente namora sua melhor amiga – também crente -, e a pede em casamento” (ibidem, p. 196).

Para tanto o casamento não parece ser mais compreendido como algo que é a alternativa de vida para todas as pessoas. A vontade de Deus é evocada para os casos em que não há o namoro e nem o casamento e nem os filhos. Ao que parece, a tradição confessional atual não demonstra ter preconceito com aqueles que têm uma vida só. Mas, mesmo esses precisam observar a virgindade e a castidade. “[...] sexo somente é permitido no contexto do casamento. Fora disso, os solteiros devem se abster de sexo, caso contrário estarão incorrendo em fornicção (sexo premarital)” (ibidem, p. 183). Aqueles que namoram, no entanto, caso possam incorrer em erro, são orientados pelo casamento.

Uma vez casados, o sexo é uma obrigação matrimonial, porém, é uma construção uma vez que as relações sexuais só acontecem quando o casal estrutura uma dada intimidade. O sexo é “[...] algo divinamente instituído dentro do casamento” (BELLOTTI, 2005, p. 196). Nessa relação, homem e mulher aparecem atualmente como iguais, ou seja, o prazer sexual é destinado para ambos e não somente para o homem. Para que o casal consiga ter uma vida plena nesse quesito

é fundamental que ambos se comuniquem, conversem e expressem seus interesses e desejos. Somente a comunicação viabiliza que o casal consiga atingir a maturidade sexual, e, ter uma vida plena e feliz nesse quesito, evitando assim o divórcio.

Há algumas indicações de autores que se colocam contrários contra o sexo oral, contra a masturbação e sobretudo, como dissemos acima, contra a pornografia. Há ainda dadas denominações que se manifestam contrárias à utilização de meios contraceptivos farmacológicos e defendem a utilização de contracepção natural.

A preservação dos casamentos, no entanto, não depende apenas do casal, mas requer instrumentos a serem disponibilizados pelas igrejas, como, por exemplo, a participação dos cônjuges em encontro de casais, em “reuniões e estudos bíblicos” (ibidem, p. 161). Tais dispositivos são elementos basais para o fortalecimento do casal na fé que comunga.

As famílias resultantes dessas uniões sempre são as de natureza heterossexual e nuclear, compostas, via de regra por pai, mãe e filhos. A maioria dos casos não apresenta qualquer discussão sobre famílias que fujam desse formato, contudo, em vários espaços e momentos a homoafetividade é criticada e vista como algo que foge aos parâmetros bíblicos (ibidem, p. 207). Aliás, há muitas críticas à falta de masculinidade apresentada por alguns homens, dos quais se espera e se idealiza um rol de posturas dentro de uma família, perpassando pela educação e construção de valores morais junto aos filhos (ibidem, p. 177). A família deve ainda possuir uma sólida estrutura, com papéis sociais bem consolidados e representados pelos cônjuges e pelos filhos.

O casamento é uma instituição divina em que duas pessoas abandonam o lar paterno para se unir e constituir uma nova família. Ao marido, cabe respeitar e amar a mulher assim como Cristo amou sua igreja (o conjunto de fiéis). À mulher cabe ser submissa ao marido, amando-o e respeitando-o até que a morte os separe. Aos filhos cabe respeitar seus pais, e aos pais, respeitar os filhos, criando-os sob limites (BELLOTTI, 2005, p. 167)

E o casamento é para vida toda. O divórcio, de acordo com a autora, somente é permitido em caso de adultério, no entanto, há ainda o entendimento de que o divórcio é o resultado do casal que não conseguiu manter o relacionamento. Casar com uma pessoa já divorciada também pode trazer resultados negativos, de forma que, quando o casamento passa a dar sinais de fraqueza é preciso procurar ajuda,

orar juntos e tentar reestabelecer os laços firmados entre o casal. A vida espiritual comum é apresentada como um elemento fundamental para a superação das dificuldades do casamento e para a manutenção do mesmo (ibidem, p. 203-205). Afinal, a família, mesmo sem filhos, deve ser mantida, sendo essa a principal preocupação das denominações em questão, e, por isso, se colocam contrárias a tudo aquilo que consideram que irá promover uma desagregação das famílias. Para isso, o investimento nos jovens, na construção de valores familiares tem se mostrado vital para que possam garantir a propagação dos valores em pauta e também das famílias em questão.

Além dos meios que aqui apresentamos, como cultos, shows, campeonatos e baladas, observamos também a intensa propagação de impressos também destinados a jovens e adultos jovens, como os livros, por exemplo. Bellotti (2005, p. 161) diz ainda que essa leitura também é destinada a um público específico, o público leitor, que se identifica com o contingente evangélico, mas também com outras pessoas afeitas a tais ideais. Na sequência, usando o recorte adotado para esse estudo, apresentaremos a descrição contida nos romances evangélicos, de grande circulação no país, e que serviram de fonte a nossa pesquisa e que nos trarão outros construtos presentes no campo evangélico em relação ao namoro, ao casamento, à sexualidade e a outros elementos que demarcam a vida cotidiana das pessoas.

4 NAMORO, CASAMENTO E SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES NO ROMANCE CONFESSIONAL

A utilização dos romances como fonte de pesquisa requer, tal como indicado pelos autores estudados no primeiro capítulo, uma metodologia que oriente a pesquisa de forma a viabilizar a produção do conhecimento científico. Nesse sentido, há necessidade de caracterização das fontes como sugerem Kramer (2013, p. 134), Starobinski (1976, p. 140) e Darnton (1990, p. 161).

Nessa caracterização da fonte de pesquisa e na delimitação do objeto de estudo é preciso destacar todas as informações que possam ter sido influentes para a elaboração das obras. Nesse sentido, dados descritos por White (1990, p. 29) como “extra-textuais” e que permitem identificar possíveis influenciadores na elaboração dos romances, além das mutações pelas quais a obra passou e da análise crítica dos manuscritos, fatores esses que indicariam porque uma obra é elaborada, qual o seu propósito, quais instituições externas legitimam a recepção social do impresso e se as fontes têm sido bem sucedidas ou não no mercado editorial (FERREIRA, 2013, p. 63).

Na sequência apresentaremos todas as informações sobre a questão da circulação dos impressos que foram identificadas por meio de consultas às diversas bases de dados, como apontaremos em cada item correspondente.

4.1 Lycia Barros: o namoro casto e voltado para o casamento

Lycia Barros¹⁴ é graduada em Letras pela UFRJ e em sua biografia consta ainda que a autora atualmente mora na cidade de Braga em Portugal na companhia do marido e dos filhos. A autora dispõe de um site com domínio português onde apresenta a sua biografia, oferece livros para venda no formato impresso e digital e também comercializa cursos e mentorias. Além disso, no site da autora temos a indicação de livros onde ela recomenda outros autores, todos de matriz confessional chegando até a indicar o próprio Chapman que estudaremos na sequência. Lycia é vinculada à Igreja Batista.

¹⁴ Disponível em: <http://lyciabarros.com.br>. Acessado em 07 de julho de 2021.

O site da autora informa que seus livros foram traduzidos e vendidos em vários países dentre os quais Portugal, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, Timor Leste, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial, Estados Unidos, Espanha, Reino Unido, França e Alemanha. A primeira obra da autora foi publicada em 2013, intitulada: “A Bandeja, qual pecado te seduz?”. Por esse livro a autora recebeu no ano de 2013 o prêmio literário Codex de Ouro. O Codex de Ouro é um prêmio literário conferido anualmente no Brasil pelo grupo denominado Ponto do Autor. A autora também foi indicada pela mesma obra ao prêmio Aretê, uma premiação anual conferida aos autores cristãos brasileiros. O prêmio é organizado pela Associação de Editores Cristãos (ASEC) em junção com a Sociedade Bíblica do Brasil¹⁵ e no ano em questão Lycia chegou até os finalistas.

No entanto, em 2020, Lycia conseguiu o Prêmio de Ficção Cristã como Melhor Autora e Melhor Romance Histórico. O site institucional da autora¹⁶ indica que o livro vencedor foi “Rute: a estrangeira”, narrativa pautada na personagem bíblica de Rute. O site informa que o livro apresentou no ano de 2020 uma tiragem de 280.000 exemplares, um grande recorde de vendas. No site, indicado abaixo, há imagens das atrizes Stefany Brito, Nathalia Dill e Débora Seco com os livros da autora à mão, o que é, no mínimo, uma grande possibilidade de marketing e que demonstra certa inserção social da autora.

Ainda de acordo com dados disponíveis no site da autora, a mesma possui livros publicados por um grande número de editoras, dentre as quais: Novo Século, Valentina, Ases da Literatura, Autêntica, Seleções e Arqueiro. Destacamos que a editora Novo Século¹⁷ não é vinculada a uma denominação religiosa específica. A Novo Século integra o grupo Novo Século, composto por cinco editoras, das quais a Ágape publica apenas livros evangélicos. Dessa maneira, somos condicionados a inferir que a inexistência de uma vinculação específica a uma dada denominação religiosa advém do fato de tornar o impresso consumido por leitores das mais variadas denominações religiosas.

Nosso estudo estará concentrado em algumas obras da autora com grande tiragem de vendas. Tal indicação foi idealizada como um dos critérios para a seleção

¹⁵ A Associação foi criada no ano de 1991 (Disponível em <https://www.editorescristaos.org.br/>. Acessado em 07 de julho de 2021)

¹⁶ Disponível em: <http://lyciabarros.com.br>. Acessado em 07 de julho de 2021.

¹⁷ Disponível em <http://www.gruponovoseculo.com.br>. Acessado em 07 de julho de 2021.

de livros, dada a grande quantidade de produções de Lycia visando à definição de um recorte para a realização da pesquisa. Dentre eles citamos a trilogia *Uma Herança de Amor*, composta pelos livros: *Uma Herança de Amor – Quando o fim pode ser o começo*, *Uma Herança de Amor – Armadilhas do Destino* e *Uma Herança de Amor – O Plano Perfeito*, todos editados em 2013, 2014 e 2015, respectivamente, pela Editora Novo Século. Estes livros apresentam a história de três protagonistas femininas: Amanda, Alexia e Ivy, que estão ligadas por um vínculo familiar. Em cada uma das obras teremos uma protagonista ligada a uma história de romance.

Além desses romances, nos reportaremos ainda aos dois volumes do livro *Nem Tão Tarde Assim* publicados, em 2017, pela Editora Ases da Literatura. Tais livros figuram com uma vendagem de 200.000 exemplares. E, por fim, da referida autora ainda nos reportaremos ao romance *Rute: a estrangeira*, publicado pela Ases da Literatura no ano de 2020. Esse romance, por sua vez, tem em sua capa a indicação de venda de 280.000 cópias.

Essa trilogia integra um rol importante de romances da autora, porém, destina-se ao público adulto e juvenil. Apesar de não termos dados específicos sobre a tiragem desses livros até o presente momento, vemos que os exemplares que adquirimos estão na terceira edição. Esse foi outro aspecto que usamos como referência para a seleção de obras da autora, uma vez que inicialmente consideramos selecionar livros com adesão do público leitor o que fica evidenciado pelo número de edições publicadas.

Outro dado relevante e que indica a circulação das obras e sua possível adesão pelo público leitor está relacionada à comercialização dos livros. Além dos romances serem comercializados pela Novo Século, também são vendidos pelo site da autora e também por sites como os da Saraiva, Submarino, Magazine Luiza, Mercado Livre, Americanas, pela Livraria Bok2 e pelo Amazon, indicando que se trata de um livro que não é comercializado somente nos espaços evangélicos. Cada livro tem sido vendido em média por R\$30,00, exceto *Rute: a estrangeira* que está sendo vendido no formato impresso por R\$59,90. As resenhas dos livros também estão disponíveis na plataforma Goodreads¹⁸; no site da autora têm sido vendidos no formato impresso e digital.

¹⁸ Disponível em <https://www.goodreads.com/series/132868-uma-heran-a-de-amor>. Acesso em 07 de julho de 2021.

Não encontramos a divulgação dos livros para venda em livrarias ligadas à religião católica como a Loyola ou a Canção Nova, por exemplo. Isso não quer dizer, no entanto, que não existam leitores das obras dessas denominações, como veremos na sequência.

Para delimitar um pouco mais a área de circulação desses romances firmamos vários contatos via e-mail com a autora e com a editora, mas não conseguimos essas informações nem pela editora, nem pela autora. Segundo o retorno dado pelas pessoas contatadas, esses dados são privados e não podem ser comercializados ou divulgados ainda mais em uma pesquisa de doutorado. Nesse sentido, compreendemos que a caracterização do objeto de pesquisa acabe ficando com relativa pendência se consideramos a ausência de tal informação.

Com relação à circulação, um dado que pode nos auxiliar na sua compreensão é o oferecido pela Amazon. O site possui um ranking no qual divulga a posição de venda de todos os livros. Uma Herança de Amor – Quando o fim pode ser o começo é apresentado como o número 523, 287 no ranking de venda de livros em geral e número 12,855 na categoria de livros de literatura e ficção¹⁹. Já o romance Uma Herança de Amor – Armadilhas do Destino é apresentado no ranking de vendas em geral na posição 183,424 e é também apresentado na posição de número 23,626 na categoria “romance”²⁰ demonstrando que o segundo volume, no Amazon, tem sido mais vendido que o primeiro se o compararmos com a categoria geral da venda de livros. E, por fim, o livro Uma História de Amor – O Plano Perfeito aparece na posição de número 168,714 do ranking de vendas de livros do referido site. Já no aspecto relacionado à venda de “romances”, essa obra aparece na posição de número 22,694²¹.

Nem Tão Tarde Assim, por sua vez, aparece em uma posição um pouco mais longe do que os demais, estando vinculado pelo site Amazon ao número 856 em

¹⁹ Disponível em https://www.amazon.com.br/Heranca-Amor-Quando-Pode-Comeco/dp/856510558X/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Uma+Heran%C3%A7a+de+Amor+%E2%80%93+Quando+o+fim+pode+ser+o+come%C3%A7o&qid=1628181196&s=books&sr=1-1
Acesso em 07 de julho de 2021.

²⁰ Disponível em https://www.amazon.com.br/Uma-Heran%C3%A7a-Amor-Armadilhas-Destino/dp/8542800370/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Uma+Heran%C3%A7a+de+Amor+%E2%80%93+Armadilhas+do+Destino&qid=1628183337&s=books&sr=1-1. Acesso em 30 de maio de 2023.

²¹ Disponível em https://www.amazon.com.br/Uma-Heran%C3%A7a-Amor-Plano-Perfeito/dp/8542800389/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Uma+Heran%C3%A7a+de+Amor+%E2%80%93+O+Plano+Perfeito&qid=1628181636&s=books&sr=1-1. Acesso em 30 de maio de 2023.

ficção religiosa, mas aparece com a numeração 195,239 em livros gerais²². *Rute: a estrangeira*, por sua vez se destaca como um grande sucesso de vendas ao menos segundo o site Amazon. O site indica que o livro está na posição de número 3,5558 de venda via Loja Kindle²³. O Kindle é um formato em que o livro é vendido pelo site Amazon em formato digital. Ainda segundo o site em questão o livro está na 13º. posição de vendas quando associado a Romance Religioso e Espiritualidade, e ocupa o lugar 22º. quando vinculado ao indicador ficção religiosa e espiritual²⁴.

Do que podemos inferir, tais dados constituem uma amostra das vendas e circulação dos livros da autora, visto que o site Amazon é extremamente representativo na venda de tais produtos. No caso, trata-se de uma amostra do ranking de vendas de um dos vários sites em que o produto é comercializado, porém, dada a sua própria natureza não é um dado que pode ser universalizado, ou seja, não pode ser usado como representativo de todas as vendas desses romances.

Outro aspecto que também indica uma lacuna na compreensão plena do nosso objeto de pesquisa refere-se à identificação dos leitores, algo apresentado como extremamente relevante para a caracterização das fontes segundo Darnton (1990, p. 161). Dada a quantidade de editoras e sites que tem vendido o livro, fica quase impossível obtermos maiores informações sobre os leitores. Também tentamos delimitar esse público junto à editora de origem do livro e junto à autora, mas, como já dissemos, obtivemos resposta de que essa informação não poderia ser partilhada.

Na sequência, para que possamos de fato compreender o conteúdo dos romances, passamos à apresentação da narrativa ficcional neles contida, a chamada restituição proposta por Starobinski (1976) ou a própria descrição ficcional

²² Disponível em https://www.amazon.com.br/Nem-tarde-assim-Lycia-Barros/dp/8591714385/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=30M1IUW88CML0&keywords=Nem+t%C3%A3o+tarde+assim&qid=1685306573&sprefix=nem+t%C3%A3o+tarde+assim%2Caps%2C214&sr=8-1. Acesso em 25 de maio de 2023.

²³ Disponível em https://www.amazon.com.br/Rute-estrangeira-Cole%C3%A7%C3%A3o-Elas-Livro-ebook/dp/B087XXVD49/ref=sr_1_3?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=2OPGYU028EQ29&keywords=Rute&qid=1685307108&sprefix=rut%2Caps%2C375&sr=8-3. Acesso em 25 de maio de 2023.

²⁴ Disponível em https://www.amazon.com.br/Rute-estrangeira-Cole%C3%A7%C3%A3o-Elas-Livro-ebook/dp/B087XXVD49/ref=sr_1_3?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=2OPGYU028EQ29&keywords=Rute&qid=1685307108&sprefix=rut%2Caps%2C375&sr=8-3. Acesso em 25 de maio de 2023.

da narrativa recomendada por Ferreira (2013, p. 81), para que possamos entender o enredo em questão. Vamos adotar a linearidade das histórias usadas por Lycia, visto ser esse o único meio de entendimento dos romances. Abaixo, a tabela que elaboramos permite compreender um pouco mais sobre os impressos que usamos como referência para o nosso estudo.

Título da Obra	Protagonistas	Cidade	Ano	Editora
Uma Herança de Amor – Quando o fim pode ser o começo	Adam e Amanda	São Paulo	2013	Novo Século
Uma Herança de Amor – Armadilhas do Destino	Rafael e Alicia	São Paulo	2014	Novo Século
Uma Herança de Amor – O Plano Perfeito	Ivy e Leonardo	São Paulo	2015	Novo Século
Nem Tão Tarde Assim	Nathasha e Zaz	Rio de Janeiro	2017	Ases da Literatura
Nem Tão Tarde Assim	Nathasha e Zaz	Rio de Janeiro	2017	Ases da Literatura
Rute: a estrangeira	Rute e Boaz	Rio de Janeiro	2020	Ases da Literatura

Tabela 1 – Sistematização de dados das fontes usadas de Lycia Barros.

Fonte: A AUTORA, 2023.

Todas as histórias estão centradas na família de Janine e Paulo. Janine é casada com Paulo, com quem tem uma filha, Ivy. Paulo possui filhos gêmeos do primeiro relacionamento, Adam e Rafael. Amanda, por sua vez, é filha do primeiro relacionamento de Janine com Marcelo.

Iniciamos então com *Uma Herança de Amor – Quando o fim pode ser o começo*.

Uma Herança de Amor – Quando o fim pode ser o começo

A história do primeiro livro parte da situação de Amanda. Ela fora criada pela avó no Rio de Janeiro após a morte do pai. O livro conta que Marcelo, pai da

menina, disputou a guarda de Amanda com Janine, que era alcoólatra, e saiu vitorioso. No primeiro dia de Amanda com o pai e a nova namorada, Debora, Janine tenta reaver a filha e a sequestra. No confronto entre Janine e Marcelo, este atira na ex-esposa e acaba preso, cometendo suicídio na cadeia. Amanda então é cuidada pela avó, uma vez que a mãe amplia seu uso de álcool e se afasta da filha. Mãe e filha perdem o contato e a narrativa inicialmente nos apresenta que Janine nunca tivera qualquer interesse pela filha.

Com o falecimento da avó aparece uma herança e por conta disso Amanda é condicionada por um testamento a permanecer ao menos um mês sob o mesmo teto que a mãe, pois essa era a única forma de acessar a enorme herança dela. Amanda, já era graduada em Letras, porém não estava trabalhando e precisava do dinheiro. Por conta disso a jovem decide procurar a mãe e permanecer em sua companhia para acessar o recurso que lhe caberia.

A narrativa é iniciada com tais informações descrevendo o trajeto de Amanda até a casa de sua mãe, percorrido com seu carro. No trajeto o carro apresenta um problema mecânico e Amanda o estaciona no trajeto aguardando socorro.

Enquanto espera um pouco na pista, a narrativa diz que Amanda pensou que “Na verdade, naquele momento, era uma pena que não usasse mais seus antigos decotes. Eram mais ágeis e providenciais que qualquer seguro” (BARROS, 2013, p. 19), colocando luz para uma possível mudança de comportamento da jovem.

O texto inicial apresenta uma Amanda que gostava de sair, de ir a festas no Rio de Janeiro, mas que tinha mudado substancialmente o seu comportamento após frequentar a igreja. Com relação à questão das festas, são apresentadas como espaços de uso de álcool e drogas e por isso deveriam ser evitadas. Locais com a presença de álcool também são apresentados como ruins para a mulher. Apesar de não fazer referência a nenhuma denominação religiosa, o texto indica que a jovem se reportava aos conselhos de um pastor, dando a entender que a personagem estava vinculada a uma denominação protestante.

Como Amanda não consegue ajuda na estrada decide caminhar e vai até uma oficina onde conhece o mecânico, Adam. Lycia indica que o interesse de Amanda por Adam teria surgido naquele momento, sendo tal interesse representado nas descrições abaixo:

Notou também – claro que por acaso – que suas mãos não possuíam nenhuma aliança, e ficou surpresa por gostar tanto da informação [...] Ele é meio bronco, pensou ela em silêncio, com um misto de desdém e interesse. Qualquer outro homem naquela situação já teria lhe dado mais atenção. Mesmo assim, não podia se negar, era um pedaço de mal caminho. Um admirável espécime masculino. O mais estranho, porém, é que Amanda sempre ficara com os caras mais cobiçados no Rio, e não entendeu por que reparava tanto naquele reles mecânico. Mas, pensando bem, ela decidiu, virando a cabeça de lado para analisá-lo de costas, dá para entender muito bem. Pois bendito seja o designar daquele jeans (BARROS, 2013, p. 24-25)

Nesses termos, vemos que a autora retrata o interesse de Amanda pelo aspecto físico de Adam. O casal engata uma conversa enquanto o conserto do carro acontece e ao final Amanda até dá uma carona para ele. No contexto, ao questionar sobre o pagamento do serviço Adam responde para Amanda:

- Não precisa pagar nada. Gosto de passar algum tempo com mulheres bonitas, divertidas e inteligentes. Ainda mais quando gostam de cachorros. É um pacote muito sexy, e muito raro aparecer pela cidade. Mas, pelo visto, hoje foi meu dia de sorte. (ibidem, p. 28)

E com tal diálogo a autora destaca que Adam também possuía interesse por Amanda. Termos como: “era um pedaço de mau caminho. Um admirável espécime masculino” (ibidem, p. 28-29) e ainda “sexy” ou então trechos como: “Aquilo não estava certo: ficar olhando atentamente para sua boca” (ibidem, p. 103)²⁵ incorporados ao diálogo dos personagens representa que ambos possuíam, um pelo outro, uma atração física e que não parece ser recriminada como algo errado pela autora.

A descrição continua com a ida de Amanda ao restaurante local para se alimentar e lá conhece Rafael, que era irmão gêmeo de Adam. No entanto, Amanda não sabia dessa situação e acredita ter encontrado Adam novamente. Rafael, ciente da situação não conta a verdade para Amanda que segue acreditando piamente que está falando com Adam. Também há uma atração entre eles nesse encontro e Rafael é bem claro em demonstrar seu interesse por Amanda. Os dois até combinam uma saída à noite, mas ela não comparece.

²⁵ Há nesse primeiro livro outras sentenças que evocam para os atributos físicos do casal, dentre os quais: “Comparando os dois agora com calma, ela percebeu que Adam era um pouco mais forte. E como deveria ser ele sem blusa? Imagina ela, distraída” (ibidem, p. 68)“ [...] olhar penetrante, sua covinha sensual e seu sorriso perigoso [...] (ibidem, p. 183); “[...] não podiam passar uma hora sequer sem se ver. Assim, que março virou abril, porém os dias continuavam cheios para Adam, mais a cada minuto estava mais apaixonado por Amanda. Havia momentos roubados, almoços juntos e recheados de beijos na oficina, olhares intensos e cheios de promessas durante o jantar [...] Pareciam estar em constante estado de carência” (ibidem, p. 240); “[...] não fica charmosa quando descabelada, fica muito sexy. Está me fazendo esquecer o jantar” (ibidem, p. 251).

A narrativa dá andamento na descrição e coloca Amanda já visitando a mãe. Na visita Amanda decide ficar com a mãe devido à herança, mas demonstra certa surpresa ao descobrir que Janine é casada, tem outra filha, Ivy, com o atual marido Paulo e não tem nenhum vício em álcool. Janine tem uma floricultura e o esposo é dono de um restaurante. E é nesse momento que ela descobre que Paulo é pai de Adam e Rafael, gêmeos e que havia se interessado por ambos quando ingressou na cidade. Adam é apresentado como o gêmeo bom, responsável, que mora em uma casa no terreno dos pais e que é mais separado da família, enquanto Rafael é descrito como o que sai bastante, se relaciona com várias mulheres, bebe e trabalha com o pai. Rafael também mora na casa da família. Rafael, Adam e Amanda têm 30 anos de idade, Paulo e Janine em média 55 anos e Ivy nessa descrição é apresentada com apenas 09 anos.

Desde que Amanda chega à cidade Rafael tenta, em várias circunstâncias um relacionamento afetivo. Ele a convida para sair várias vezes, mas ela é apresentada como uma mulher forte e que não se abre muito para suas cantadas. O irmão, Adam, também parece ter despertado interesse em Amanda. Há vários diálogos que mostram essa aproximação de ambos com Amanda, mas a predileção dela já está orientada para Adam. Nesse convívio, a imagem de Adam como homem centrado é fortalecida pela autora ao passo que Rafael segue sendo apresentado como aquele que é mais irresponsável, que vive uma vida sem assumir compromisso com ninguém. É destacado até mesmo que Adam também era pintor de quadros.

É importante destacar que no meio da narrativa Rafael demonstra comportamentos estranhos, começa a se afastar da família e apresenta nervosismo. Na ocasião a família acaba descobrindo que Rafael é viciado em jogo, algo que é recriminado na fala de todos os personagens. Rafael gostava de beber, sair, tinha vida sexual ativa e isso parece ser pouco recriminado. Agora a questão de jogar a dinheiro é apresentada como algo muito sério e grave. Por fim é Amanda que usa de um dinheiro seu para pagar a dívida de Rafael contraída no jogo. O envolvimento do rapaz no jogo aconteceu porque ele desejava acumular um valor elevado de recursos para deixar a cidade. No entanto, o jogo é severamente discriminado pela religião a que os demais membros eram vinculados (BARROS, 2013, p. 258-260).

Adam é apresentado visivelmente atraído pela inteligência de Amanda e por seus atributos físicos, assim descritos pela autora na perspectiva de Adam:

As faces dela pareciam vermelhas, Adam percebeu, e ela ficada linda. Muito parecido com aquele dia no carro. Amanda tinha um rosto apropriado para ser eternizado numa tela, meditou ele. Notou também, satisfeito, que ela não conseguia ficar olhando diretamente para ele. Parecia se esforçar para desviar os olhos e estar com a respiração levemente ofegante [...] Por isso, deu uma boa sacada no seu short, de um jeito que o obrigou a respirar profundamente e tentar desviar os olhos, apesar de não conseguir. Não era tão curto, mas dava para ver o formato do material. E ela tinha coxas lindas, concluiu ele, sentindo rápidos lampejos de calor seguidos de fisgadas geladas [...] (ibidem, p. 69)

A descrição indica que havia um interesse mútuo. O texto prossegue com a apresentação de encontros entre os dois na residência da família. Amanda agora passa a conviver com a irmã, Ivy, e com a mãe e aparentemente vai melhorando a convivência com esta última. Também é nessa fase que Paulo, pai de Ivy e casado com a mãe de Amanda também passa a ser apresentado como um homem bom e trabalhador e que fora abandonado pela ex-esposa com dois filhos pequenos gêmeos até que conheceu Janine na igreja, vindo a se casar.

Apesar da referida relação entre Adam e Amanda, esta sai duas vezes com Rafael. Uma vez vai a um parque de diversão com ele e Ivy e em outra vez vai para um bar. Essa é uma passagem importante, pois ambos combinam sair para um passeio diferente, mas é nessa circunstância que Amanda e Adam se aproximam ainda mais. A situação é descrita como um momento em que Amanda aparece bem arrumada, perfumada e maquiada.

Na situação, Adam segue o casal sem ser percebido. Amanda e Rafael seguem conversando até que Rafael se envolve em uma briga. No momento exato dessa briga Adam aparece e tira Amanda do bar, levando-a de volta para a casa. No trajeto logo Adam já diz que o bar onde ela estava com seu irmão era inadequado para mulher. A autora coloca na boca de Adam: “[...] É você que não devia estar por aqui. Onde já se viu, uma mulher de família passando a noite num bar como este?” (BARROS, 2013, p. 156). A partir disso, eles têm uma discussão acalorada e Adam reforça: “[...] Pelo amor de Deus, Amanda, você é mulher. Não deveria frequentar um lugar como esse (ibidem, p. 157). Amanda responde:

- Não deveria frequentar um lugar como esse...- ecoou ela, rindo como deboche. Apesar de concordar internamente com ele. O bar tinha mesmo uma reputação duvidosa. – Não sei se você reparou, mas o lugar está lotado de mulheres (ibidem, p. 157).

Ou seja, há lugares onde uma mulher não deve ir. Há lugares ilícitos à mulher, tanto na perspectiva do homem quanto na interpretação da mulher. A discussão fica tensa porque Adam simplesmente pega Amanda e a tira do local. Amanda fica furiosa com a atitude, mas ao chegar em casa os dois acabam se aproximando e por fim dão o primeiro beijo.

Adam tomava sua boca de uma forma egoísta, quase possessiva. E Amanda não pôde fazer nada a não ser se entregar. Se pudesse se afastar dele, ela o teria feito, sem olhar para trás. Mas soube desde que o vira no bar que dali em diante seria impossível. Suas bocas começaram a se digladiar numa frenética batalha de absorção. Como se quisessem se absorver cada molécula. Adam invadiu seus sentidos, deixando-a fraca como nunca se sentira na vida. Mesmo assim, Amanda não se sentia subjugada por ele. (ibidem, p. 159-160).

O casal decide então continuar com o relacionamento e tentar manter o namoro. A narrativa segue então apontando uma série de situações que envolve os dois; por exemplo, Amanda vai até a oficina todos os dias levar o almoço de Adam. Amanda demonstra ciúmes de Adam se relacionar com uma amiga e o relacionamento vai apresentando uma série de situações cotidianas e comuns aos começos de namoro: algumas briguinhas, aproximações, recuos. Não há nada de diferenciado no relacionamento, aliás, a autora fala com o leitor, a nosso ver, justamente porque representa e retrata esse cotidiano que é comum a muitas pessoas.

Na narrativa menciona-se que ambos decidem esperar o casamento antes de manter relação sexual, porém, Barros (2013, p. 197) não coloca foco nessa opção. Provavelmente não há ênfase nessa opção pelo fato de ambos frequentarem a igreja, ou seja, seria uma opção natural. A narrativa apenas apresenta uma situação em que os dois estariam sozinhos, se beijando e que acharam melhor se afastar para que não mantivessem relação sexual. A descrição nos apresenta o seguinte relato: “[...] a envolveu num abraço apertado espalhando seu calor pelo seu corpo. Os lábios dele também roçaram em sua orelha lhe causando um arrepio. Foi como ser engolida pelo sol, Amanda comparou” (ibidem, p. 197), porém, a relação sexual não acontece.

Nesse contexto, única menção clara ao momento que antecederia a relação sexual do casal, é quando Adam diz à Amanda que duvida que ela não desejasse dormir com ele (ibidem, p. 256), porém, para a protagonista o sexo é algo sério, que,

só deve acontecer após o casamento. Os trechos abaixo são ilustrativos dessa realidade:

“[...] mas não encaro o sexo de forma leviana [...] Pelo menos não mais. Portanto, quem quiser tocar em mim de agora em diante, terá que ser o dono deste lindo corpinho, juridicamente falando”.
 Não Adam, eu não iria ceder. Não estou disposta a romper meus princípios só para te agradar.
 Dizer a si mesma sem cessar que, se cedesse naquela hora, talvez Adam não a levasse mais a sério. Afinal ele era um cara correto, cheio de princípios. Ambos sabiam que diante de Deus estariam errados (ibidem, p. 256.288)

O casamento é apresentado como uma alternativa também aceita por Adam. Os trechos assim indicam: “Todavia, dessa vez, Adam queria fazer tudo certo” (ibidem, p. 289-290) e que ele “[...] não via a hora de casar”. Na verdade, toda a construção do personagem é orientada para que Adam seja apresentado como um jovem que desejaria a responsabilidade, o casamento.

Tudo caminhava bem até que um dia Amanda descobre entre as telas pintadas por Adam, escondidas em um quarto da casa dele, várias e várias imagens de uma mulher. Era a ex-namorada de Adam que morreu em um acidente e que estava grávida. Adam chegou, sob orientação do pastor a pedir perdão aos pais de Melissa. Para a ex-falecida escreveu uma carta de desculpa. A narrativa indica que o relacionamento não era aceito pelos pais de Melissa porque Adam não era considerado um jovem promissor ao casamento devido, essencialmente, a sua condição financeira da época. A ideia transmitida, no entanto, é que o acidente que vitimou Melissa e o bebê é resultado da contraposição do casal aos desejos dos familiares. O acidente, aliás, aconteceu em um momento que o casal fugia para viver juntos, sem o casamento. A morte de Melissa e do bebê parece ser o resultado dessa desobediência ao desejo dos pais e ao fato de ter contrariado Deus quando decidem por uma vida conjugal sem o casamento (BARROS, 2013, p. 169-179. 215).

Quando Amanda descobriu as pinturas da ex-namorada o relacionamento com Adam veio ao fim. Isso porque a jovem não aceitava esse vínculo pós morte do namorado. Adam tenta dissuadir Amanda do fim do relacionamento, porém, não consegue e ela acaba voltando para o Rio de Janeiro.

Nessa fase da narrativa, já ao final do livro, Amanda está plenamente reconciliada com sua mãe. É dito que a mãe não a abandonou, mas que todas as

vezes que a procurou era desanimada pela avó. Possivelmente a tentativa de fazer com que convivessem era uma espécie de retratação da avó por ter afastado mãe e filha. Também ao final da descrição a “suposta verdade” da relação de Janine e Marcelo, pai de Amanda é apresentada. Marcelo tinha um caso extra conjugal e isso motivou Janine a acabar com o casamento. Ele teria usado de provas falsas para obter a guarda de Amanda e quando Janine foi até a residência em que Marcelo estava foi como uma tentativa de se despedir provisoriamente de Amanda.

Barros (2013) apresenta essa explicação e justificação de Janine no final, e, associa também a mudança de vida de Janine à religião, pois quando ela se muda para São Lourenço e passa a se relacionar com Paulo começa a frequentar a igreja. A partir de sua frequência e sua vinculação à religião é que as coisas engrenam na sua vida, porém ela não retoma o vínculo com Amanda naquele momento.

Tempos depois Amanda recebe já no Rio de Janeiro um convite para participar de uma entrevista de emprego. No entanto, quem mandou o convite foi Adam. Ao chegar ao local da entrevista Amanda se depara com ele que a pede em casamento. As questões do passado são superadas e a autora encerra a obra narrando o beijo de reconciliação do casal, concluindo o livro.

Temos toda a descrição e o enredo orientado para a protagonista que é Amanda. Aqui temos a apresentação de uma jovem já graduada, na casa dos seus 30 anos. Amanda é apresentada como uma mulher forte, intempestiva e que sempre tem embates com Adam. Adam, por sua vez, é um rapaz calmo, trabalhador, centrado. Ambos frequentam a igreja e a autora descreve sua conversão após a idade adulta. Não há dados de como isso aconteceu, mas apenas se diz que ambos possuem a mesma perspectiva de vida em relação à religião. Vemos que a narrativa é toda orientada para apresentar um casal que tem suas diferenças, mas que as supera porque estão vivendo a mesma fé.

A descrição de Lycia ainda apresenta, na figura do irmão gêmeo de Adam, Rafael, os exemplos de um personagem que não deve ser seguido. Rafael também tinha interesse em Amanda, mas ele gostava de festas, de baladas, de beber e de jogo, algo totalmente recriminado na descrição. Rafael também não escondia que tinha vida sexual ativa e não frequentava a igreja, demonstrando que esse tipo de perfil não deveria interessar Amanda, se, comparado com Adam. E, de fato, isso acaba acontecendo. Não é uma escolha aleatória, mas sim pautada nos valores idealizados como bons em um relacionamento: um homem calmo, trabalhador e que

frequenta a igreja. Um homem sem vícios, sem hábitos negativos como frequentar festas e participar de jogos de azar. Esse seria o protótipo de um homem ideal para o casamento.

Partindo do namoro vemos que o casal convive certo tempo até que rompe o relacionamento. A retomada do relacionamento acontece ao final da obra com o correspondente pedido de casamento, demonstrando que a felicidade no âmbito do relacionamento pode ser alcançada quando o casal age conforme os mandamentos bíblicos. Afinal, a felicidade de Adam e Amanda só foi alcançada porque ambos conseguiram viver segundo as prerrogativas religiosas a que estavam vinculados. É uma espécie de recompensa pelo comportamento adotado. Ao encerrar a história Lycia não dá indicação de que haveria continuação da história em outras obras, porém, na sequência, com *Armadilhas do Destino*, a autora define como protagonista da narrativa Rafael, o irmão gêmeo de Adam e aí orienta a discussão para o relacionamento que ele firma quando se muda para o Rio de Janeiro, conforme apresentaremos no decurso do texto.

Uma Herança de Amor – Armadilhas do Destino

Lycia então dá andamento à discussão desenvolvida contando agora a história de Rafael, o irmão gêmeo de Adam. Rafael deixa São Lourenço para ir morar no Rio de Janeiro com o irmão e a cunhada. Adam agora já está casado com Amanda. O casal vive em um apartamento que fora herança de Amanda com localização em Botafogo. Adam trabalha em sua oficina e Amanda trabalha como *marchand* em um negócio próprio onde comercializa peças variadas de artes, incluindo os quadros que Adam pintava. Rafael vem ao Rio de Janeiro para cursar a faculdade de gastronomia e é dito na obra que agora ele conta com 31 anos de idade. A autora não indica em qual universidade Rafael iria estudar, mas, cita que a graduação em questão possuía um convênio com a *Alain Ducasse Formation*²⁶ (BARROS, 2014, p. 13-25).

A autora retoma, no início da descrição, algumas características do protagonista que já havia apresentado no livro anterior no que concerne a questão dos relacionamentos afetivos. Lycia assim nos diz sobre Rafael:

²⁶ A *Alain Ducasse Formation* é uma escola de culinária francesa de grande renome no cenário internacional.

Adorava a vida de solteiro. [...] costumava passar bons momentos em companhia das mulheres mais interessantes da sua cidade. Aos trinta, era um cara atraente e sabia muito bem disso. Malhar com frequência e alimentar-se corretamente eram algumas das suas prioridades. Com isso, mantinha o corpo moreno e esguio simetricamente delineado. Não que rejeitasse uma caneca de chope ao final de semana.

[...] Não, Rafael não tinha pudores. Traçava o que viesse pela frente. Afinal, nunca precisou forçar nenhuma dela a nada. Era realmente convicto de ser um cara do bem. Ao contrário, as mulheres é que se atiravam para ele enquanto estava inocentemente na academia ou batendo papo em um barzinho com os amigos. E ele era homem. Se a química entre eles fosse boa, o que mais ele poderia fazer? (ibidem, p. 15-16).

E ainda nos discursos do próprio personagem sobre si:

E não estou procurando nenhuma mulher, pelo menos não para me casar. Não sei se você sabe, mas após décadas de estudo ficou comprovado que o casamento é a principal razão dos divórcios. Portanto, estou me prevenindo [...] (ibidem, p. 20).

Ou mesmo quando a autora descreve a observação de Rafael em relação à professora Victoria em sua primeira aula: “Como Rafael desconfiava, havia um vasto par de seios escondidos sob o jaleco, não exatamente naturais, mas que o deixaram com água na boca” (ibidem, p. 26).

Rafael é apresentado no início da narrativa como um rapaz que não tem a menor intenção de assumir um compromisso sério com alguém. Também é o rapaz que tinha vida sexual e se relacionava com várias mulheres. A beleza e simpatia do rapaz seriam possíveis motivadores para que o mesmo tivesse tantos envolvimento. A questão ainda é abordada quando Rafael observa uma das professoras do curso, sendo que o enfoque da autora recai sobre os seios da docente. Ao que parece a narrativa indica que Rafael se comportava de acordo com os atos das mulheres e que todo seu tratamento para com elas adivinha de como tais mulheres se comportavam em relação a ele. Tais características já foram um pouco discutidas no livro anterior quando Rafael desempenhava um papel de antagonista do perfil de Adam.

Para tanto, a autora conduz Rafael a uma mudança de perfil. Quando morava em São Lourenço o personagem tinha algumas ocupações, como, por exemplo: trabalhava eventualmente no bar do pai, competia em motocross, ganhava dinheiro no jogo. E, todas essas “atividades” eram recriminadas pela família. Quando ele decide cursar uma graduação vemos que há uma ocupação realmente séria que ele

assume. Rafael ingressa então na graduação de gastronomia e logo se envolve com uma das professoras do curso, Victoria. O relacionamento de Rafael com Victoria é mantido em segredo pois é destacado que a universidade não concordava que professores apresentassem envolvimento com alunos. O envolvimento do casal parece estar circunscrito ao envolvimento sexual e não apresenta sinais de um relacionamento afetivo.

Quando saíram juntos naquela noite, depois do jantar, não houve muito o que se discutir. Nos meses que se seguiram, Rafael e Victoria acordavam juntos frequentemente no apartamento dela. Não que alguém da faculdade soubesse disso, pois não queriam prejudicar a reputação de Victoria. Rafael não deixou, porém, que ela lhe comprasse nenhuma escova de dente ou algo do tipo. Apesar de Victoria ser uma excelente parceria na cama, companhia fascinante, e exímia conhecedora de vinhos. Rafael não queria compromisso. Morava na casa de Adam e deixava isso bem claro para ela. Também não dedicava a Victoria, aliás, a exclusividade que ela imaginava ter. Mas, na verdade, ela nem procurava saber muito sobre as suas puladas de cerca, porque o que para ser só mais de seus casos, acabou se tornando algo mais profundo para ela (BARROS, 2014, p. 27). Nunca pediram nada um para o outro. Isso era parte do acordo que ele estabelecera entre ambos de não se comportarem como um casal. Seria sexo e amizade na sua forma mais pura. (ibidem, p. 35)

Lycia indica que Rafael consegue se desenvolver muito bem no primeiro ano do curso, mas não dá detalhes sobre os aspectos que envolveriam a situação acadêmica do rapaz.

Na mesma narrativa observamos que Lycia apresenta um pouco da rotina de Alexia. A protagonista é produtora do programa culinário *Shop and Cook*. Na descrição a autora destaca que Alexia tinha um namorado, Caio, com quem não falava há certo tempo. Apesar de Caio e Alexia terem um relacionamento antigo, desde a infância, agora Caio estava afastado porque estava envolvido com seus projetos pessoais, em busca do financiamento para um projeto fílmico próprio. Alexia morava no Leblon, em apartamento cedido por seu pai e é formada em Publicidade (ibidem, p. 29-32). É dito ainda sobre Alexia que o pai é pastor e que morava em Goiânia, onde cuidava de uma congregação. A protagonista é apresentada como alguém que está distante da Igreja, assim como Rafael.

Continuando a descrição Lycia volta a narrativa para Rafael destacando que Victoria, docente do curso de gastronomia, o avisa que haveria uma seleção para um programa de televisão, sem dar muitos detalhes. A seleção de fato acontece e tinha como meta escolher um apresentador para um programa televisivo de culinária *Shop and Cook*. No programa o apresentador faz receitas previamente delimitadas e

apresenta produtos de determinadas marcas que serão comercializadas para o público em geral.

O programa também faz sorteios de produtos para os telespectadores. Rafael destaca que precisa muito do trabalho, pois o dinheiro que conseguira economizar e trouxera de São Lourenço estava acabando. Aqui temos uma lacuna pois no livro anterior foi dito que ele não trabalhava, sendo também apresentado como irresponsável. Dessa maneira, como poderia guardar dinheiro? Ocorre que Rafael é selecionado dentre os outros alunos e passa a compor a equipe. Uma das pessoas que é responsável por selecionar o apresentador do programa é Alexia, produtora da atividade (BARROS, 2014, p. 33-47).

Rafael apresenta grande sucesso no programa de televisão e logo aluga um apartamento para morar sozinho. A narrativa indica que Rafael encontra com a ex-mulher do seu pai no Rio de Janeiro. Nesse momento descobre que essa mulher não era sua mãe e de Adam e vem a saber que os dois seriam resultado de um relacionamento extraconjugal do pai. Os meninos se reconciliam com a mulher e não é dito nada de muito específico sobre a genitora biológica (ibidem, p.229-242).

Quando Rafael começa a gravação dos programas acaba se interessando por Alexia, que, nesse momento já não estava mais namorando. A autora não indica se Rafael chegou a se afastar de Victoria. A narrativa não deixa claro o que aconteceu entre eles e já começa a discutir sobre a inserção dele no programa de televisão. Rafael se envolve com várias mulheres do estúdio de gravação, mas insiste mesmo em Alexia. Alexia refuta as investidas do protagonista sob o argumento de que ele se envolvera com muitas mulheres sem definir nenhum compromisso com elas. Mas Rafael insiste bastante nela, e, Lycia indica uma série de situações em que o romance entre eles vai sendo construído.

A aproximação inicia quando Rafael encontra Alexia em um supermercado e ela acaba sujando sua blusa. Rafael a convida para ir até o apartamento de Adam para usar uma blusa de sua cunhada. Nesse momento Amanda descobre que está grávida de Adam o que é motivo para que toda a família venha de São Lourenço. (BARROS, 2014, p. 76- 89). Alexia vai até o apartamento do casal e é muito bem recebida pela família de Rafael. Esse encontro acaba sendo a deixa para que Rafael convide Alexia para um piquenique, momento em que o casal se beija pela primeira vez (ibidem, p. 113-115).

Depois do piquenique Alexia viaja com Rafael para São Lourenço. O casal participa de jantares, e, em um contexto de um jantar em que o casal está sozinho no apartamento de Alexia ela tem tonturas, vômitos e eles interrompem o encontro. Rafael a acompanha durante toda a noite, mesmo ela dormindo. Ao amanhecer o pai de Alexia aparece de surpresa ao apartamento e se coloca contrário ao fato de Rafael ter dormido em sua casa. No entanto, depois desse dia, Alexia se sente mal mais duas vezes, despertando preocupação do namorado (ibidem, p. 142).

Diferente do primeiro livro em que os protagonistas Adam e Amanda tinham uma adesão a não manter relacionamento sexual antes do casamento, nesse caso vemos que o casal protagonista percebe a relação sexual como algo natural. Alguns trechos indicam isso, dentre os quais:

- Está linda – Rafael se levantou e foi até ela. – Embora eu preferisse que estivesse usando somente o chapéu...- disse ele e tomou um tapa dela no braço. (BARROS, 2014, p. 101)

Nos últimos dias, porém, tinha evitado sistematicamente qualquer ocasião que implicasse estar a sós com ele, pois ambos estavam em um ponto em que o desejo que ardia entre eles se traduzia por uma dor quase física (ibidem, p. 123)

Beijaram-se com ardor, como se tivessem sido involuntariamente separados durante semanas. Como percebeu que Rafael não iria parar, Alexia recuou um pouquinho, e os lábios de ambos se separaram. Sabia que o desejo entre os dois agora era intenso, impiedosamente pungente, e quase primitivo. Mas ela não queria que tivessem pressa nessa naquela noite. (ibidem, p. 126-127)

Queria ficar com ele nem que fosse por um dia. E queria que aquele domingo fosse completamente perfeito. Terminariam agarradinhos na sua cama, que mal tinha isso? Afinal ninguém precisaria saber. Acho que não é a noite ideal para dormirmos juntos (ibidem, p. 111.133)

- [...]eu acho que...se um dia eu fizer amor com você, vai ser uma experiência incrivelmente maravilhosa, pois, pela primeira vez na minha vida, eu quero dar mais do que receber (ibidem, p. 134)

- Pensei que quisesse isso tanto quando eu – disse ele ressentido, antes de ter o rosto acariciado por ela, que estava rindo e disposta a brincar com ele.

- E quero. Mas se não dá, fazer o quê? A espera aumenta o desejo.

Por acaso acha que daremos uma rapidinha no corredor?

Rafael [...] fazer amor com você não é algo que eu pretenda fazer com pressa (ibidem, p. 156-156)

Na viagem que fazem para São Lourenço o pai de Rafael, Paulo, veta o casal de dormir na mesma cama e associa o fato de a relação sexual só poder acontecer após o casamento. “Não vai dormir com Alexia sob o meu teto. Não enquanto não forem casados” (BARROS, 2014, p. 153). Para tanto, a história indica que eles não chegam a manter uma relação sexual, apesar de ambos manifestarem essa

vontade. A relação sexual não acontece e o enredo indica uma série de situações que impedem que isso aconteça e que não estão ligadas à religião (ibidem, p. 226).

Toda a construção demonstra como Rafael mudou, amadureceu, se acalmou depois que conheceu Alexia. Parte disso é associada ao fato de Alexia não ter cedido rapidamente às investidas do rapaz. Outros trechos também indicam tais quesitos, como os que inserimos no decurso:

Com sarcasmo, Adam apertou os olhos para ele.

- Não estou falando disso, seu idiota, estou falando do que você sente por ela. Aliás, talvez seja exatamente por causa dessa dificuldade que você ficou todo caidinho... (BARROS, 2014, p. 118).

- Sempre gostei de todas de uma vez só – ele confessou e tocou na mão dela, encobrindo-a por inteiro -, mas é a primeira vez que estou gostando só de uma. (ibidem, p. 129)

[...] Alexia, sem tirar uma peça de roupa sequer, roubou definitivamente seu coração, sua reputação e seu sono. (ibidem, p. 136).

De forma que, mesmo não sendo intencional, Alexia se destaca por ter imposto a Rafael uma dificuldade com a qual ele ainda não estava acostumado. Dificuldade que está ligada ao fato de o casal não ter tido relação sexual. A questão da sexualidade aparece também em outros trechos, mas associada a algo natural quando acontece em uma relação conjugal já consolidada por meio do casamento. Dentre eles podemos citar:

[...]Adam fechou a geladeira e segurou no cós do short de Amanda, puxando-a para ele. - Vamos namorar um pouquinho e, enquanto isso, você providencia o jantar. (BARROS, 2014, p. 20)

Adam adorava ver Amanda caminhando seminua pela casa, puxá-la para fazer amor no sofá...[...] (ibidem, p. 29)

A descrição retoma então o fato de Alexia estar doente. Ela chega até a faltar ao trabalho e isso fez com que Rafael fosse até sua residência e a encontrasse com Caio, seu ex-namorado. A cena narra que Rafael surpreender Alexia de pijama e Caio arrumado, de banho tomado. Nesse momento Rafael briga com Alexia e se afasta dela. Os trechos abaixo representam tanto o momento em que Rafael chega à residência de Alexia quando os trechos em que ele conversa com o irmão sobre o fato.

- Me acalmar? – sangrando por dentro, Rafael desvencilhou-se das mãos dela. – Quando eu sai daqui ontem, você estava passando mal, sua vaca. Ou pelo menos, foi isso que me disse...- ele apertou os olhos e mirou os

dois, calado por um momento. – Foi por isso que você me mandou embora ontem, não foi? Esse canalha estava vindo para cá. (BARROS, 2014, p. 199)

- Peguei aquela vadia com outro cara na casa dela...- informamos angustiado. A cena ainda estava cravada em sua mente como uma adaga afiada. (ibidem, p. 203).

- Pois está enganado! – revoltado, Rafael jogou o coco no mar. – A única coisa que quero daquela vadia agora é distância. E também quero vê-la sofrer. (ibidem, p. 207).

- Pior que eu a amo, Adam. Eu amo aquela maldita! (ibidem, p. 210)

Termos como “vaca”, “vadia” são inseridos na expressão do personagem como uma forma de julgamento de Alexia. Isso porque a encontrou conversando com o ex-namorado em sua residência, algo equivalente ao julgamento de uma mulher que trai um homem. Como expõe a situação para a família, a cunhada de Rafael procura Alexia para cobrar explicações e nesse contexto verbaliza: “- Como teve coragem de fazer aquilo com Rafael, sua cretina?” (ibidem, p. 216), usando uma vez mais um termo pejorativo e extremamente agressivo para se referir a Alexia.

No contexto Amanda descobre que Alexia não estava doente. Estava grávida do ex-namorado. Alexia diz que Caio não iria assumir a criança e que devido a isso optou por realizar um aborto. Amanda logo se opõe e destaca que “- Um filho é o presente mais lindo que Deus pode nos dar” (ibidem, p. 220). Após descobrir a gravidez, Rafael acaba procurando Alexia e os dois decidem retomar o relacionamento. Quando Rafael faz o pedido de casamento Alexia titubeia e exclama: “Eu sou uma pessoa horrível, Rafael, como você pode me amar? Não sabe o que eu ia fazer?” (ibidem, p. 248), em uma analogia direta ao fato de Alexia não merecer Rafael pelo fato de ter pensado no aborto.

Não há uma indicação nessa obra de que o casal se une pelo fato de frequentarem uma mesma denominação religiosa. Em vários trechos do livro, no entanto, vemos que o casamento é apresentado como algo que deve ser orientado por Deus. Quando o pai de Alexia a encontra com Rafael em seu apartamento ele tece várias críticas e indica que ela deveria se apoiar em Deus para a escolha dos parceiros.

Você tem tentado achar o cara certo pela sua força, mas tente buscar em Deus e verá a diferença. Sei que ainda existe fé dentro de você depois de todos esses anos ouvindo seu velho pai. Acredite em mim, o homem que Deus tem lhe preparado precisará buscar a Ele a fim de encontrá-la, pois foi isso exatamente que eu pedi. Pedi também que seja um homem que dê a vida por você, assim como Cristo fez pela igreja. E não acredito que esse

mané que se cagou todo quando me viu seja essa pessoa (BARROS, 2013, p. 142)

Se não for ele, em um mês Deus vai botar esse moleque para correr (ibidem, p. 143)

Só estou te dizendo para não correr mais atrás dos caras que você acha que ama. Deixe Deus trazer quem você merece (ibidem, p. 143)

Há ainda outros diálogos entre Amanda e Adam que apresentam a relação firmada entre os relacionamentos afetivos e a vontade divina onde podemos ler: “Além do que, uma corda de três nós não se rompe facilmente. E Jesus é o nosso terceiro nó” (BARROS, 2014, p. 167) e Deus quer que você seja feliz novamente. Deve ser por isso que pôs Alexia no seu caminho” (ibidem, p. 209). Alexia, porém, mesmo com o pai sendo pastor, não frequentava nenhuma igreja e nem seguia os ensinamentos. Para tanto, ela procura um círculo de oração que acontecia na casa de uma amiga próxima. Isso dá uma ideia de que ela desejava voltar a frequentar a igreja, mas, essa sentença não aparece totalmente clara (ibidem, p. 172-178).

Como tal, o fato de não ter se comportado como deveria traz resultados ruins para Alexia. A gravidez atesta que Alexia não se manteve casta e agora precisaria administrar o resultado dos erros cometidos. Agora, é como se a correção conferida pelo seu pai estivesse correta ou como se ela merecesse o sofrimento devido a seu comportamento.

Todas as suas esperanças e sonhos haviam se rompido como um tecido fino e estavam voando no vento. E Alexia não sabia como recolhê-los de volta. E o pior era a consciência de que ela mesma era culpada daquilo tudo. Se tivesse dado ouvidos ao seu velho pai, se comportado como uma boa garota, nada disso estaria acontecendo. Ele sempre a ensinara que ela era uma princesa de Deus, e como tal deveria se preservar e selecionar suas companhias (BARROS, 2014, p. 213)

Agora, pensava Alexia, seria uma dessas mulheres amarguradas e sozinhas no mundo, esperando em vão pelo resto da vida por uma aliança no dedo. (ibidem, p. 214)

Termos como “culpada”, e, “mulheres amarguradas”, “sozinhas no mundo” buscam fazer analogia ao possível sofrimento a que estaria exposta como um resultado das escolhas que fez. O namoro deve ser para o casamento, e, não aleatório e sem propósito. Sempre que o namoro não tem Deus como referência haverá aflição.

Por fim, Alexia desiste do aborto e Rafael a pede em casamento. Rafael assume a criança, pois o pai biológico não o fez e a narrativa é concluída com o nascimento de uma menina que recebe o nome de Felicitas. Antes de Alexia, no entanto, Amanda tem também o seu primeiro filho, um menino chamado Otavio.

Também no final da obra a autora relata que o avião de Caio sofreu uma pane no ar e explodiu justamente quando ele ia em busca de seu sonho, fortalecendo, uma vez mais o estereótipo de que os atos que as personagens cometem ou garantem a plena felicidade ou o sofrimento (ibidem, p. 250- 257).

No caso vemos então que o namoro, o relacionamento deve sempre acontecer tendo Deus como referência. O namoro também não deve levar à relação sexual. No entanto, nesse livro Barros (2014) muda a discussão porque apresenta dois personagens que já tinham vida sexual antes de se conhecerem. Porém, a construção da narrativa indica que a partir do momento que esse novo relacionamento começa a sexualidade que existiu antes devia ser suprimida. É certo que tanto Alexia quanto Rafael têm vontade de manter relação sexual. Porém, a forma de construção do texto nos indica que a relação sexual entre o casal não acontece. A mudança no perfil de Rafael é mais enfatizada pois ele é retratado como mulherengo, promíscuo.

Apesar das características de Rafael serem enfatizadas no começo do livro vemos que a sua mudança também é necessária para se aproximar daquilo que seria idealizado por Deus para o estabelecimento de um relacionamento. A mudança é tamanha que Rafael aceita o fato de assumir uma criança que não é seu filho biológico, e, isso ao que parece é mais aceitável do que a realização de um aborto, totalmente discriminado na obra.

A adoção dos comportamentos idealizados como positivos como a abstinência sexual, por exemplo, produz resultados bons para os personagens. A escolha de comportamentos incorretos, como o de Caio que abandonou Alexia grávida pode resultar até mesmo na morte. E ainda, comportamentos como o de Alexia em manter relação sexual sem o casamento também é apresentado como incorreto. Cada ato provoca um resultado. Os atos de Caio e de Alexia os levam a se afastar do Cristianismo

Por outro lado, o recomeço também é possível como demonstra a história de Alexia e Rafael. Esse recomeço no aspecto afetivo se dá por meio do casamento e é coroado com o nascimento da filha. Todos os exemplos conferidos na descrição da obra indicam que: ou se vive segundo os princípios religiosos ou então se assume o resultado das escolhas pessoais. Deus deve, por conseguinte, ser a base para os relacionamentos firmados. E, apesar de não haver no texto menção ao fato de que o casal frequentasse a igreja como há no caso de Adam e Amanda, as referências

contidas no discurso de alguns personagens indicam essa necessidade. O relacionamento só pode dar certo à medida que o casal incorpora Deus ao relacionamento.

A inovação nessa descrição é o fato de Lycia destacar como responsabilidade de Rafael o cuidado pela filha biológica de Alexia. Isso se mostra inovador porque a forma como a descrição acontece dá uma ideia de uma aceitação da criança por parte de Rafael e de toda a família. A questão da paternidade biológica é desconsiderada. E, agora que há uma criança a caminho, é necessário assumir a “responsabilidade” sobre ela. O aborto, por outro lado, é bastante discriminado e a absolvição de Alexia pelo ato de se relacionar sexualmente antes do casamento vem, justamente, do fato de não ter abortado.

Nessa narrativa da representação de um namoro e casamento feliz Lycia então caminha para o terceiro livro onde o olhar será voltado para Ivy, irmã de Adam e Rafael e que já estava inserida nas narrativas desde o primeiro livro e que veremos na sequência.

Uma Herança de Amor – O Plano Perfeito

No último livro da saga, *Uma Herança de Amor*, Lycia então apresenta a história da Ivy, uma personagem que está presente na narrativa desde o começo. Aparece logo no primeiro livro ainda criança. Agora, ela já está com 18 anos e cursa jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto. Ivy divide quarto com Nicole, amiga de infância com quem convivia desde o ensino infantil. A descrição inicial aponta ainda que Adam e Amanda continuam casados, e com três filhos: Otávio e os gêmeos Nicolas e Cauê. Otávio tem 07 anos e os gêmeos 05 anos. Rafael também segue casado com Alexia e além de Felicitas, também com 05 anos, o casal espera o nascimento de outra menina (BARROS, 2016, p. 09- 28).

Na introdução dessa obra Lycia ainda retoma algumas especificidades da dinâmica de Paulo e Janine. Janine continua trabalhando na sua Floricultura e Paulo é o responsável pelo restaurante, do qual é proprietário. Amanda e Adam se mudaram para São Lourenço e residem com os pais, posto que estão reformando a casa que adquiriram. Adam ainda trabalha com oficina e Amanda vende os quadros que o marido produz. Alexia e Rafael ainda moram no Rio de Janeiro e trabalham no programa de televisão. Rafael é um marido exemplar, pai responsável e cuidador,

totalmente diferente da imagem do rapaz construída no primeiro livro. Aparentemente todos vivem uma vida tranquila e estável, com certa estabilidade financeira. Após a apresentação inicial da vida da família, a autora indica que Ivy vem da faculdade para permanecer no período de férias em companhia da família (BARROS, 2016, p. 09-28).

Quando Ivy chega de férias conhece Leonardo, um rapaz de 26 anos que aparece na cidade e que vai até a residência da família para pegar um quadro que comprou na internet. Leonardo é apresentado como um rapaz bonito, com cabelos negros, olhos negros e corpo torneado. Ivy também é descrita como uma moça bonita, com cabelos longos e claros. Quando Leonardo chega à residência da família para retirar o quadro constata que o mesmo ainda não fora emoldurado e, devido a isso, Amanda combina um passeio entre ele e Ivy até que o objeto possa ser entregue. No passeio eles saem para almoçar e depois Ivy convida Leonardo para um passeio de balão. Leonardo aceita e chega a vomitar após o voo.

A partir desse encontro a autora nos apresenta algumas pistas sobre o início do relacionamento entre Ivy e Leonardo, conforme podemos ler:

Ela não estava reconhecendo a si mesma. Nunca estivera tão intimidada e atraída por um homem antes. E esses sentimentos conflitantes a irritavam por causarem nela todo aquele alvoroço: interesse e desdém, desejo e repulsa. [...] Mal podia olhar para Leo sem sentir o estômago tremer, de medo e excitação (BARROS, 2016, p. 42).

Então, por que desejava tão desesperadamente tocá-lo? Era uma loucura! Um impulso imprudente e disparatado. Precisa ser vigiado e contido. (ibidem, p. 42)

Ivy se virou e teve que conter um suspiro. Aparentemente, Leonardo estava mesmo empenhado em bagunçar com os seus hormônios [...]. Seu perfume importado flutuava até Ivy, entorpecendo seus pensamentos. (ibidem, p. 45)

Nunca se sentira tão atraída por alguém, e fora exatamente isso que sempre condenara em si própria (ibidem, p. 49)

Leonardo a puxou de costas para si e envolveu-a subitamente em um abraço apertado. O calor do corpo dele contra as suas costas fez o coração de Ivy disparar. Confusa com o que havia acontecido, seus lábios se abriram brevemente com a aceleração da respiração. (ibidem, p. 53)

[...] considerava-se esperta o suficiente para saber que aparentar desinteresse aguçava o desejo dos homens. Por isso, não pediu o telefone dele nem tentou marcar nada de novo, só tentou parecer satisfeita (ibidem, p. 57)

A descrição parte da perspectiva de Ivy demonstrando interesse em Leonardo e do interesse recíproco do rapaz por ela. Na narrativa há indicação de que Ivy tinha educação cristã e se preocupava com o fato de Leonardo frequentar ou não

frequentar igreja, sendo esse um quesito a ser considerado para o envolvimento com um homem, dada a forma com que foi educada (BARROS, 2016, p. 46). No passeio em questão vemos que Ivy fecha os olhos para orar antes das refeições, algo que envergonha muito Leonardo. É dito também que Leonardo não possui família, uma vez que seus pais estão mortos. Nesse momento ele é apresentado como surfista, residente em Florianópolis, e a narrativa indica que ele seria um esportista renomado e que estava de férias forçadas devido a uma lesão no joelho. Quando eles retornam para a casa de Ivy toda a família está preocupada com a demora dela e ela é criticada pelo irmão Adam por isso (ibidem, p. 46-58).

Ivy fica interessada em Leonardo e ele demonstra também certo interesse nela. O casal se reencontra quando Leonardo aparece, sem motivo aparente, em um churrasco da família de Ivy. Lycia descreve esse momento da seguinte maneira: “Suas mãos tremeram ao se levantar da cadeira de praia e um sorriso brilhante ocupou o seu rosto. Todas as suas preocupações desapareceram (ibidem, p. 64). Na visita, Leonardo é convidado por Ivy para participar de uma festa que haveria em São Lourenço e combinam de ir juntos com uma amiga de Ivy que estava na cidade. Rafael leva os dois para a festa e os deixa lá desacompanhados. Antes de deixar o casal Rafael faz várias orientações à irmã sobre a importância de manter sua virgindade (ibidem, p. 75-76).

Quando Leonardo chega ao local, uma fazenda, é reconhecido pelos participantes da festa como uma pessoa extremamente famosa e aclamada no meio esportivo. Nessa festa Ivy destaca que não usa bebida alcoólica e indica que não teria intenção de namorar sem o foco do casamento e mais, que não havia mantido relação sexual ainda.

Sei que Deus preparou uma pessoa para mim, e não várias. É por isso que estou me guardando. Sei que parece careta, mas, quando eu o encontrar, será para sempre. Sei que vai valer a pena a espera.
Entendendo o que Ivy queria dizer, Leonardo ficou estarecido. Então Ivy ainda era virgem? E estava se guardando para o futuro marido? Leonardo achou estranho, e realmente doce, que ela ainda acreditasse naquele tipo de amor. (BARROS, 2016, p. 83).

E, foi nessa festa que o casal se beija pela primeira vez. O beijo é interpretado por Ivy, na descrição de Lycia, como um caso inconsequente, como um comportamento que não deveria ter adotado. Algo como um ato que só poderia ter

acontecido caso a menina conhecesse Leonardo há certo tempo. O trecho abaixo representa parte de como a autora descreveu esse momento:

Ivy rendeu-se à inevitabilidade diante daqueles olhos verdes e predadores. O fogo se espalhou violentamente por suas veias quando os lábios dele, quentes e duros, se apossaram dos seus. Um calor intenso incendiou o corpo de Ivy. E, automaticamente, ela projetou-se para frente, a fim de ficar mais próxima. Suas mãos se fecharam nos ombros de Leonardo, exigentes, pedindo mais. [...]Ela abriu os olhos um segundo mais tarde que ele e sorriu, sentindo-se nas nuvens. Nunca havia se permitido casos inconsequentes com um homem que mal conhecia. Aliás, nunca se permitira ter casos. Não era esse tipo de mulher. E pensou que um homem capaz de fazê-la se comportar daquela maneira devia ser marcado com uma placa de perigo (BARROS, 2016, p. 87).

Se ficar com alguém que mal conheço é pecado, estava pecando com estilo, pensou. (ibidem, p. 89)

Aí vemos uma clara menção ao beijo como algo que acontece entre pessoas que já possuem certo vínculo, e, isso só apareceu nesse livro, sendo que não temos essa acepção nas histórias narradas de Adam e Amanda ou de Rafael e Alexia.

A descrição de Lycia nos diz que que após esse primeiro beijo Ivy volta para sua casa ao amanhecer e sem que o irmão a fosse buscar. No dia subsequente há uma discussão familiar grande por Ivy ter voltado para casa sem a supervisão de Rafael e como ela reclamou com o pai sobre ser tratada como criança chegou até a ser posta de castigo no quarto pelo irmão. A família se envolve dando conselhos para que Ivy espere um pouco mais para conhecer Leonardo.

O relacionamento continua e o casal saiu para almoçar várias vezes, participou de vários passeios nos locais turísticos de São Lourenço, incluindo visitas ao Parque das Águas. Antes de Leonardo voltar para o Sul decide que irá pedir Ivy em namoro para os pais dela que para tanto programaram um almoço. No almoço Leonardo se desentende com Amanda e a família faz uma série de perguntas sobre ele, o que acaba constrangendo o rapaz. Apresentam clara resistência ao fato de o rapaz ser surfista e destacam que isso não poderia ser considerado uma profissão. A situação se complica a ponto de Leonardo deixar a residência sem almoçar (BARROS, 2016, p. 89 -1088).

No dia seguinte há uma nova discussão de Ivy com a família e ela é trancada no quarto pelo irmão Adam sendo proibida de sair com Leonardo. Isso aconteceu na véspera dele voltar para Florianópolis. Mas Ivy foge e se encontra com o rapaz.

Quando a família descobre, Adam vai até o hotel onde Leonardo estava e o agride fisicamente com um soco no olho.

A crise entre Ivy e a família se amplia, mas ela consegue fugir de madrugada para se despedir do namorado. Lycia apresenta um cenário de grande tristeza por parte do pai de Ivy, Paulo e de sua mãe Janine quando descobrem que a filha saiu sem sua autorização para ver o namorado. A narrativa apresenta essa cena e de outro lado o pedido de casamento de Leonardo para Ivy argumentando que não podia continuar namorando com ela com a família dela se contrapondo a ele. Leonardo faz então um pedido para que Ivy vá embora e se case com ele e ela aceita. Quando ela regressa para casa anuncia que irá casar com Leonardo e pede que os pais aprovelem o relacionamento, algo que é negado por ambos com o argumento que ela ainda não conhecia bem o rapaz. Os pais expulsam a menina de casa e dizem que ela não poderá voltar para casa nunca mais (ibidem, p. 125-130).

Leonardo então leva Ivy embora de São Lourenço e chega até a comprar uma aliança para ela em uma loja de joias do aeroporto. Após receber a aliança Ivy faz uma oração na loja e isso deixa o noivo totalmente envergonhado. “Ivy insistiu em orar com ele ali mesmo antes de trocarem as alianças. Ela tinha essa estranha mania de orar em público, e isso o incomodava, mas ele cedeu.”(ibidem, p. 133-134). Depois do voo o casal desembarca em Florianópolis e Ivy permanece em um hotel até o casamento. Esse foi o acordo do casal, o que incluía o fato de não manter relação sexual antes do casamento. Leonardo não concorda com isso, mas aceita. “Não concordava com aquilo. Achava uma grande bobagem os dois dormirem separados a tão poucos dias do casamento. Porém, precisava respeitar a vontade da noiva, para que Ivy não desistisse” (ibidem, p. 139).

O casamento por fim aconteceu em um cartório, Ivy e Leonardo almoçam juntos na casa dele, porém, sem nenhum amigo ou convidado. Após o almoço do casamento Leonardo sai e deixa a esposa sozinha. Quando retorna, à noite, é que o casal tem sua primeira relação sexual e que é assim descrita por Lycia.

Leonardo respirou fundo, Depois, calmamente, apoiou as duas mãos nos braços da poltrona para se levantar. Sem tirar os olhos dela, aproximou-se devagar, enquanto tirava a própria camisa pela cabeça, bagunçando os cabelos. Sua expressão era indecifrável. E Ivy não tinha a menor ideia se ele aprovava ou não o que estava vendo. Quando chegou perto dela, Leonardo não a tocou. Somente olhou-a de cima a baixo e começou a circular ao seu redor, com passos lentos, delicados no piso.

Ivy estava cada vez mais constrangida com aquela situação, sentindo-se um pedaço de carne analisado (se seria ou não consumido), mas havia algo de excitante naquilo. O desejo que ele estava provocando nela era intenso demais, pungente demais, para que pudesse ser abafado pela timidez. Ela permitiu que Leonardo a analisasse com calma, enquanto ela esquentava por dentro. Ele ainda nem havia a tocado e Ivy já sentia como se fosse explodir. (BARROS, 2016, p. 159)

E narra as aproximações, beijos, abraços entre o casal até que passa a descrever a relação sexual com mais detalhes:

No entanto, Ivy ofegou de susto quando Leonardo arrancou a sua calcinha, arrebatando-a, e, impaciente, empurrou-a com brutalidade para a cama. Depois, lançou-se sobre ela. A urgência dele era inegável. Mas, embora Ivy estivesse com a mesma euforia, gostaria de fazer aquilo tudo com calma. Apreciar cada momento.

Mas Leonardo nem deu tempo para ela hesitar. Arrancou a própria calça rapidamente e, afastando seus joelhos, arremeteu contra ela. Ivy sentiu muita dor e um gemido alto escapou dos seus lábios. Momentaneamente, ele ficou paralisado, e ela pensou notar um breve olhar mortificado em seus olhos...

Mas, em seguida, Leonardo continuou. Implacável, bruto, inegavelmente indiferente à sua dor. Mesmo a mulher mais insensível do mundo perceberia como ele havia mudado. Não olhava para ela. Seu corpo estava ali, mas não podia se dizer o mesmo da sua mente. Não houve muitas carícias entre eles, somente o domínio de Leo. Ivy somente fechou os olhos e mordeu os lábios enquanto ele continuava imaginando que a primeira vez devesse ser assim mesmo. Talvez, ela pensou, tentando se convencer, o desejo que ele estava sentindo por ela fosse tão forte que o impedisse de ser mais carinhoso. (BARROS, 2016, p. 160).

A autora descreve assim a primeira relação sexual de Ivy, em que o marido foi extremamente agressivo, cometendo um abuso sexual. Além de Leonardo não demonstrar sensibilidade, segundo a narrativa, continuou a relação sexual de forma agressiva, sem se importar com a dor que a garota sentiu durante o ato. Ou como descreve Lycia: “Para assimilar o choque, Ivy sentou-se vagarosamente na cama, ainda dolorida. Era como se tivesse sido sacudida por uma tempestade e de repente tudo estivesse girando. O que fora aquilo?” (ibidem, p. 160).

A descrição da autora ainda retrata grande dor e sofrimento por parte da personagem em vários trechos, como podemos ler:

Não acreditava no que havia acontecido. Leonardo a tomara de maneira voraz e grosseira para, em seguida, isolar-se em seu mundinho de novo? Aquilo só podia ser um pesadelo.

Sem que Ivy pudesse impedir, sentiu as lágrimas de decepção virem aos olhos, indescritivelmente magoada. Seus sonhos e esperanças sobre sua lua de mel haviam acabado de virar pó. Não era possível que Leonardo tivesse feito aquilo com ela. Não daquele jeito. (ibidem, p. 160-161).

E na sequência apenas narra o casal dormindo na mesma cama, porém, Leonardo é apresentado como parcialmente arrependido por ter tido esse comportamento sexual em relação à esposa. Ele não chega sequer a falar no assunto com ela; no dia seguinte Ivy decide ir embora para a casa da sua família pois passa a entender que fora “[...] praticamente violentada” (ibidem, p. 165). E, em outros trechos, como nos diálogos dos protagonistas, podemos ler:

- [...] Mal fala comigo, vive fugindo para o mar, fora o tratamento escabroso que recebi ontem à noite na cama...
- Desculpe – disse ele, muito mais arrependido do que lhe era confortável. – Eu devia ter sido mais delicado com você. Se te serve de consolo, também não preguei os olhos depois do que fiz. (BARROS, 2016, p. 171).
- Mas não sou sua prisioneira. O que pensou? Que iria me violentar daquele jeito e que eu deixaria passar batido?
- Fui bruto, confesso. Mas, se bem me lembro, você não foi violentada, já que se ofereceu de bom grado e em nenhum momento pediu para que eu parasse. (ibidem, p. 172).
- Você já havia violentado outra pessoa antes de mim?
- O quê? – O choque sincero no rosto de Leo lhe deu a resposta. – Quer parar de dizer isso. Não fui cavalheiro com você. Já confessei que fui um estúpido. Mas não sou esse tipo de cara... Por incrível que pareça, Ivy sabia disso. Arrependeu-se da pergunta, (ibidem, p. 183).

A violência é equiparada a um excesso cometido por Leonardo, ou a uma brutalidade ou a uma falta de cavalheirismo por parte dele. E essas foram as poucas conversas que o casal teve sobre essa situação narrada. No entanto, o abuso parecer ser considerado lícito e Ivy chega até a se arrepender por ter tocado nesse assunto.

Os dias vão passando e Ivy fica grande parte do tempo sem se alimentar direito, chorando o tempo todo e sem falar com Leonardo. Até que um dia ele a convida para ir jantar em um restaurante italiano e ela, mesmo muito magoada, acaba cedendo e o acompanhando. No jantar Ivy dança com um outro rapaz que é agredido por um soco no olho por Leonardo. Mas, Leonardo também apanha do rapaz e o casal deixa o local brigando. Ao chegar em casa, Leonardo tenta uma aproximação e Ivy o ataca “com chutes, unhas e dentes (ibidem, p. 197). Após a briga eles tentam manter uma relação sexual, porém, Ivy não consegue de tão assustada com o que aconteceu na primeira relação sexual. A relação sexual do

casal só acontece um tempo depois e aí é descrito que o casal tem uma relação consensual e cercada de carinho e afeto (ibidem., p. 190-199. 218-219).

Porém, dias depois o casal tem uma nova crise e Ivy chega até a ir para o terminal de ônibus buscando retornar para São Lourenço. Lá é aconselhada por um pastor a voltar para a sua residência e investir no seu casamento e de fato, ela volta para casa (ibidem, p. 232-240). O casal passa por várias crises e discussões. Leonardo ora trata Ivy bem, ora é distante e agressivo. Impede que ela volte a estudar e não quer que ela exerça qualquer atividade remunerada e também usa de vários elementos para que Ivy não consiga ir à Igreja (ibidem, p. 206.246-247). Aliás, Ivy consegue um trabalho em uma agência de viagens e Leonardo agride fisicamente o patrão de Ivy por ciúmes. Na primeira oportunidade que Ivy tem de trabalhar nessa agência, acaba desistindo (ibidem, p. 216- 217), mas depois ela consegue o emprego novamente.

No entanto, as brigas entre eles tornaram-se constantes, e sempre aconteciam porque Leonardo mudava muito de humor, ora tratando Ivy muito bem e ora falando mal dela. A descrição apresenta Leonardo saindo todos os dias para resolver assuntos relacionados aos vários imóveis que possui ou então para treinar surf. As brigas, que são constantes, são resolvidas apenas com sexo. “E tudo sempre acabava na cama” (ibidem, p. 247). E, quando Leonardo agride fisicamente o patrão de Ivy, ela decide, por fim, que irá voltar para São Lourenço. Nessa crise, a maior do casal, é que Ivy descobre que está grávida. (ibidem, 2016, p. 249 – 252).

No mesmo período que Ivy descobre a gestação Amanda a visita com sua família. Desde então Ivy nunca mais tinha tido notícias de sua família. Quando Amanda chega para visitar sua irmã é que Lycia apresenta a narrativa da história que se desenhava: Leonardo era filho de Olívia, mulher que tinha sido o pivô da separação do pai de Amanda de Janine. Leonardo buscava então se vingar de Janine e para isso se aproximou de Ivy. Sua finalidade era fazer com que ela sofresse para afetar Janine. Quando Ivy descobre isso, decide abandoná-lo e retorna para São Lourenço (ibidem, p. 278- 292).

Ela permanece com sua família, mantendo contato quase que diário com Leonardo. Até que Leonardo sofre um acidente e se converte ao Cristianismo. Após sua conversão ele procura Ivy dias antes do bebê nascer e o casal reata, agora, com o aval da família. A cena final do livro apresenta a família reunida em um churrasco no fundo da casa de Janine, em São Lourenço, onde estão reunidos todos os filhos

e netos. O trecho final da descrição sistematiza a percepção da autora sobre esse momento:

Talvez, refletiu, olhando para Ivy emaranhada nos braços de Leo, para chegarmos a ser pessoas que Deus projetou para nós, precisássemos de uma boa dose de alegria e desgraça. Acolhimento e abandono. Fundo do poço e chegada ao topo. Precisamos aprender a valorizar cada momento, como apóstolo Paulo nos ensinou. (BARROS, 2016, p. 330)

Assim, vemos que esse último livro apresenta uma narrativa distinta da dos demais, à medida que descreve, em toda a história, como transcorreu o namoro e também um pedaço do casamento. Vimos que nas descrições anteriores o casamento aparece apenas como o encerramento do livro, algo como o final feliz. Casamento no primeiro livro (BARROS, 2014) e casamento e nascimento de filhos no segundo livro (BARROS, 2015).

Contudo, o que vemos aqui é um relacionamento que começa com um namoro que é refutado pela família. Família que não gosta do namorado pelo fato de não o conhecer bem. A ênfase na narrativa recai no fato de que nem a família e nem Ivy conheciam o rapaz e destaca ainda que seria necessário tempo para ambos se conhecerem. Quanto a isso, o tempo também é associado à manifestação da vontade divina, ou seja, esperar para ver se Deus mostra que aquela pessoa está mesmo preparada para a vida.

Nesse último livro emerge, com grande força, a necessidade de manutenção de uma vida casta, ou seja, é necessária a virgindade antes do casamento. Vemos que Ivy, mesmo morando longe da família, defende a relação sexual apenas após o casamento. Além disso, Ivy mantém costumes como fazer oração antes de cada refeição ou mesmo antes de trocar as alianças com Leonardo. Ou seja, os valores cristãos construídos e solidificados ainda são mantidos mesmo longe da família.

E então, o namoro por curto tempo e sem o aval da família resultou em um casamento com grande sofrimento, em que Ivy ora era ignorada, ora era amada pelo esposo. Além disso, vemos que a primeira relação sexual do casal acontece cercada de brutalidade, podendo ser considerada até como um abuso sexual. O abuso retorna à discussão do casal, mas parece ter sido perdoado quando, em uma próxima relação sexual, Leonardo não comete mais o mesmo ato. E tal violação também acaba sendo perdoada por Ivy, sendo que há trechos da narrativa em que parece que ela merecia isso por ter insistido em um relacionamento totalmente desaprovado pela sua família. Mas, tempos depois Ivy tem a sua recompensa,

digamos assim, quando o esposo se converte ao Cristianismo e é perdoado por ela e por toda a família.

A mudança de Leonardo que, inicialmente se aproximou de Ivy para se vingar da mãe dela, sua conversão ao Cristianismo e a espera de Ivy por sua mudança dão a ideia que após o casamento todo o esforço precisa ser feito para que o mesmo seja mantido e, nesse sentido, mesmo um abuso sexual deve ser perdoado. O divórcio perpassa a narrativa de Lycia nessa trilogia. O primeiro casal apresentado é Janine e Marcelo e que acaba se separando devido ao fato dele ter tido um relacionamento extraconjugal. Nesse caso o divórcio é aceito e tolerado pois houve traição. No entanto, em relação a outros casais apresentados nos livros anteriores não houve situações de tanta gravidade como no último livro. Mas, a ideia indicada é que aqueles casais que agem seguindo as normas cristãs ou que pessoas que assim o fazem conseguem ter uma vida conjugal feliz como uma espécie de recompensa pelo comportamento escolhido.

Para tanto, como veremos, a narrativa muda substancialmente no próximo romance de Lycia. Enquanto a trilogia que analisamos acima demonstra estar mais orientada para o público juvenil, os livros que destacaremos na sequência apresentam um relacionamento voltado ao público adulto e juvenil. A próxima obra de discussão é *Nem Tão Tarde Assim*.

Nem Tão Tarde Assim

Nem Tão Tarde Assim possui 190 páginas e o segundo volume tem 178 páginas. A obra introduz uma discussão diferenciada ao abordar um romance sob um viés específico, apresentando ao leitor uma narrativa orientada para o relacionamento firmado entre Natasha e Zac, os protagonistas do romance e que estão ligados a religiões diferentes. Zac é judeu e Natasha cristã, aliás, filha de pastor.

A história é iniciada com a descrição da vida trágica da protagonista. Natasha era casada e perdeu o esposo Thiago e seu filho em um acidente de carro. É descrito que ela tem 23 anos e que havia se casado jovem. Os primeiros seis capítulos dos vinte e cinco que integram o livro são orientados a apresentar o sofrimento de Natasha após a morte de ambos. Residindo na casa dos pais, a

personagem narra o sofrimento e seu desentendimento com Deus e a doutrina cristã destacando a ausência de preparo para lidar com essas situações.

A introdução da história ainda nos apresenta o fato de que Natasha era missionária e que viajava com certa constância para outros países visando à conversão de povos. Contudo, seguindo o padrão usual dos livros anteriores, a família não aparece vinculada a nenhuma denominação religiosa específica. É dito apenas que são cristãos. A inovação dessa obra, em relação às demais, é o destaque conferido ao caráter missionário de Natasha. Isso não nos permite a identificação de qual denominação viria essa conduta uma vez que a postura proselitista é comum a várias denominações (BARROS, 2017a, p. 9-45).

No entanto, o período de luto começa a ser diluído e Natasha decide vender a casa em que morava para fazer uma viagem para Jerusalém, local que sonhara conhecer quando criança. Os pais de Natasha a estimulam a participar dessa viagem devido ao fato de a filha estar em sofrimento profundo e vivendo à base de medicamentos. Não é dada muita ênfase à família no início da obra e os pais são retratados como pessoas acolhedoras e que buscam oferecer conforto à filha durante o período de sofrimento vivenciado. Há grande ênfase no irmão de Natasha, Dante, e que por sinal é gêmeo e que já está casado com Angelina. Toda a família é apresentada como cristã. É dito ainda que a família reside na região de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

No contexto da viagem, Natasha é colocada no voo ao lado de um judeu. Isso é descrito pela autora como um momento de grande ansiedade de sua parte, sem deixar claro se essa situação advém do fato de estar ao lado de um judeu ou se por acaso seu interesse se devia ao fato de ser um homem. O judeu que estava sentado ao seu lado no voo também ia para Tel Aviv. Natasha é apresentada como uma moça branca, de cabelos escuros e Zac também é branco, de cabelos negros e barba bem feita. Em algumas circunstâncias é dito que Zac usa quipá, contudo, o personagem é apresentado como uma pessoa que usa calça jeans e roupas mais modernas e não roupas tradicionais.

No contexto do desembarque de Natasha em Tel Aviv ela vivencia uma situação em que um trabalhador do aeroporto a trata com rispidez e isso é assistido pelo judeu que a acompanhou na viagem, porém, ele se mantém à distância. Natasha se hospeda em um hotel e passa a explorar o local realizando várias visitas a locais turísticos, porém, logo no início de sua viagem vai a um restaurante onde

encontra novamente com o judeu que a havia acompanhado durante o voo. Nesse momento eles têm o primeiro diálogo e ela vem a saber que se tratava de Zac. Inicialmente Zac se convida para almoçar com ela, e, depois a convida para um jantar no restaurante do prédio em que mora. Para ele essa seria uma forma de compensar o tratamento que Natasha recebeu quando desembarcou no país (BARROS, 2017a, p. 51-59).

No diálogo do casal após o almoço Natasha revela que é cristã (ibidem, p. 63). contudo, mesmo com tal colocação Zac insiste no convite para o jantar que acaba sendo aceito por Natasha. No jantar Natasha relata que era viúva e é informada por Zac que o mesmo também é viúvo. Nesse dia ela vem a saber que Zac tem 33 anos e não tem filhos. Nesse contexto Natasha diz ao anfitrião que nunca tinha tido relações sexuais com outra pessoa além de seu marido falecido, sendo a frase bastante taxativa: “ – Eu nunca me deitei com outro homem que não fosse o meu marido - revelo logo, para não criar expectativas” (ibidem, p. 76)., isso logo após Zac destacar que estaria interessado em Natasha.

Contudo, o casal tem a sua primeira relação sexual nessa noite, no apartamento de Zac. Não há muitos detalhes sobre a noite em questão, mas apenas um relato de Natasha: “Em seguida, me pega no colo e me leva pelo corredor, sem que eu resista. E, então, vivo a noite mais apaixonante da minha vida” (BARROS, 2017a, p. 78). No entanto, a narrativa é carregada de um sentimento que Natasha tem no dia seguinte sobre a relação sexual. Mesmo tendo sido casada, a descrição indica que ela errou em se relacionar com Zac sexualmente. A culpa é tamanha que ela deixa o quarto em que estavam antes que o companheiro acorde e se direciona ao quarto de hotel em que estava hospedada. A narrativa coloca:

Estou tão apavorada com a minha atitude na noite anterior que saio correndo do prédio às seis da manhã, como uma adolescente que precisa voltar a tempo para a casa dos pais. Não posso acreditar no que fiz. Jamais, em toda a minha vida, pensei que dormiria com um homem que mal conheço. Não vou negar que o momento foi maravilhoso, mas isso vai contra tudo o que me dediquei por toda a minha vida. Aprendi a amar a Palavra de Deus e me corrompi na primeira adversidade. Estou com tanta vergonha de mim que, assim que chego ao hotel em que estou hospedada, decido tomar um banho (ibidem, p. 79)

No entanto, o relacionamento continua. Nos trechos que seguem ela passa a morar com Zac e a relação sexual acontece naturalmente não sendo narrado nenhum sentimento de culpa como o que apresentamos acima. Diz a protagonista:

"Passamos dias inteiros no quarto, nos amando sem parar. [...] Tivemos demorados banhos juntos, trocamos massagens, vimos filmes e voltamos a fazer amor" (ibidem, p. 83). Natasha não conta à família o que está vivendo. É dito que Zac é um empresário do ramo de diamantes, que tem uma família grande, mas não há indicações sobre tais parentes. Há menção apenas a Ariela, irmã de Zac, e que aparece em situações pontuais, como o casamento, por exemplo, mas onde é destacado que ela não gosta de Natasha. Também não há relatos de situações em que Zac praticaria a sua fé, exceto pela participação do casal em um casamento judeu. (ibidem, p. 99- 104).

Importante destacar que Barros (2017a) nessa obra relata que Zac e Natasha residem em um apartamento luxuoso e fazem uso do restaurante do hotel. Sobre a questão financeira há uma ideia de que Natasha tinha uma situação financeira favorável no Brasil. Há indicação de que quando jovem ela tenha participado de uma viagem como presente de aniversário com o irmão gêmeo para Bariloche (ibidem, p. 132) e que tinha participado de um intercâmbio em Londres, também com a presença do irmão (ibidem, p. 49). Zac por ser empresário vai a algumas reuniões e atividades laborais, porém, são poucas as atividades que são narradas dando a ideia de que o casal permanece por um longo período juntos. Na descrição não há uma noção de tempo muito concreta, ou seja, não é dito quantos meses Natasha permanece em Tel Aviv.

O casal decide então esquiar em uma estação localizada no Monte Hermon e no passeio fazem as refeições regadas a vinho nos restaurantes locais (ibidem, p. 127-132). Nesse trecho é interessante que há menção à relação sexual do casal, e ao fato de Zac ter insinuado que talvez outro casal de amigos desejasse observá-los. O diálogo é assim apresentado:

- Acha que eles ficaram imaginando a nossa vida sexual?
- Eu não riria disso – Cutuco-o com o dedo. – Eles podem ficar empolgados e querer assistir. (BARROS, 2017a, p. 127).

O que é um aspecto também diferente das narrativas da autora uma vez que fala sobre sexo de uma maneira aberta, mas porque também introduz, mesmo que em tom de piada, a questão do voyerismo, algo que não aparece nas demais obras da autora.

Dias depois Natasha descobre que está grávida e até o momento não reporta nenhuma situação para a família. Os contatos com a família são estabelecidos via Whatsapp, mas com mensagens e ligações pontuais. Essa também é uma inovação na descrição já que nas narrativas anteriores isso pouco acontecia. No contexto em que descobre a gravidez, Natasha acaba se afastando da família e demonstra total medo de como a família iria digerir essa situação: primeiro um judeu e depois a gravidez. Zac propôs o casamento imediatamente quando soube da gravidez, porém, Nathasha revela ter medo de falar com os pais sobre isso (BARROS, 2017A, p. 133).

No entanto, um tempo depois de descobrir a gravidez, o irmão de Natasha, Dante, vai para Tel Aviv para falar com a irmã devido à preocupação dos pais. Dante se coloca contrário ao relacionamento desde o início e tem posturas até grosseiras com Zac que, por sua vez, é extremamente polido e educado. Esse tipo de postura pode ser observado no discurso abaixo:

- Ela precisa ir para casa – Dante é categórico – Precisa conversar com meus pais, se reconciliar com Deus, e não se apoiar totalmente em uma nova vida deixando tudo que construiu para trás. Precisa resolver a bagunça dentro dela e não colocar a vida inteira nas mãos de um cara que acabou de conhecer. Se ela tiver que voltar para cá depois com você, tem que vir do jeito certo, casada e com a benção dos meus pais (BARROS, 2017a, p. 147)

A reconciliação com Deus e com a família não acontece como Dante imaginava e a irmã não volta com ele ao Brasil. Nesse ínterim, Natasha descobre que a esposa de Zac, Sarah, não está morta, mas está em coma em um hospital há mais de 06 anos. Zac sempre se disse viúvo e mesmo com a descoberta de Natasha ainda quer manter a relação. No entanto, Natasha retorna ao Brasil e permanece afastada de Zac, ligando-se a ele apenas devido ao fato de possuírem uma filha, Rebeca. O afastamento permanece por três anos. Natasha segue a vida e se relaciona com Júlio, membro também da igreja que ela frequentava sendo até agendado o casamento entre ambos. Zac segue frequentando a residência da família em Petrópolis devido a convivência com a filha, agora com três anos (ibidem, p. 171-181).

No final do livro Zac anuncia a sua mudança para os Estados Unidos, para trabalho e é nesse momento que Natasha lhe encaminha um e-mail que demonstra uma possibilidade de reconciliação entre o casal. O e-mail é inserido ao final do livro

fazendo uma ligação com a próxima obra em que a história seria continuada. Também é no final desse livro que é dito que a esposa de Zac, que estava em coma, falece (BARROS, 2017^a, p. 183-190). Ao que parece o falecimento da esposa de Saz soa como uma possibilidade de retomada do relacionamento haja vista que anteriormente Zac estaria ainda casado, e não poderia se relacionar com Natasha. Natasha, no entanto, não é questionada por abrir mão de algumas convicções como observamos nas descrições anteriores.

Nem Tão Tarde Assim - Lembranças

Na sequência, o segundo volume parte do ponto final narrado acima. Natasha agora não sabe se termina o relacionamento com Jean, com casamento marcado, e já na compra do vestido de noiva ela se depara com a vontade de retomar seu relacionamento com Zac. Zac também tem o mesmo interesse em retomar o seu relacionamento com Natasha e a procura, convidando-a para um jantar em que o casal fala sobre o passado, mas também sobre o futuro. Natasha recua inicialmente e chega a argumentar que o casamento não daria certo devido à fé cristã que praticava. Também demonstrava preocupação com relação à possibilidade de sua filha, Rebeca, ser educada na fé judia e não na cristã, destacando que possuía preocupação com a salvação da alma de sua filha. Na fala de Natasha, como nos diz Barros:

- Não posso. Não é só Jean. – Desvio o olhar para minhas mãos – Tem também o lance da minha fé. Esse tempo afastados me fez refletir sobre como quero ao meu lado alguém que pense igual a mim, que acredite nas mesmas coisas. [...] Mas, para mim, Jesus é a base da salvação. Tenho medo de que, se ficarmos juntos, Rebeca não pense assim (2017b, p. 92).

Natasha termina o relacionamento com Jean e se reaproxima de Zac. O casal sai para jantar e eles passam a noite junto. Ao ser questionada por sua líder sobre tal circunstância destaca que:

- Sei que o que eu fiz foi errado. Não devia ter dormido com Zac.
Ana me analisa com calma. Sua expressão é tranquila quando me diz:
- É não devia (BARROS, 2017b, p. 95)

E Ana ainda continua: “- Seu maior pecado não foi ter dormido com ele, foi confiar pouco em Deus. Você só cai quando está com Zac porque não acredita que Deus pode transformar a vida dele. Então, acha que deve se conformar como ele está”. (ibidem, p. 95), fortalecendo a noção de que a relação sexual não poderia ser estabelecida entre ambos já que Zac e Natasha não estavam casados. O discurso da líder de Natasha é ainda orientado para que ela ore a Deus pela conversão de Zac com uma clara menção à possibilidade de sua conversão ao Cristianismo.

O casal acaba se entendendo e decide agendar o casamento no Brasil sendo que o mesmo aconteceria no civil e no religioso. Nesse trecho é dito que a irmã de Zac teria realizado uma doação de R\$100.000,00 reais para que Natasha pudesse comprar o vestido de noiva. O casamento aconteceria numa igreja cristã e seria realizado pelo pai da noiva devido ao fato dele ser pastor. No decurso dos preparativos para o casamento Zac é chamado para intervir em uma questão empresarial séria e apesar de prometer voltar em três dias para o casamento acaba sofrendo um acidente. Na verdade, ele é envolvido em um atentado a bomba. A notícia é veiculada nos noticiários destacando que Zac tinha sofrido um atentado e que ele era um magnata da área de diamantes. Natasha imediatamente viaja para Tel Aviv onde reencontra o noivo. Zac permanece em coma e quando acorda não se lembra de Natasha (BARROS, 2017b, p. 107-121).

O casal passa a viver no apartamento de Zac enquanto a filha e os demais parentes de Natasha permanecem no Brasil. Natasha permanece um dia na companhia dele e depois vai para um hotel. No entanto, Zac solicita que ela volte a conviver com ele no seu apartamento e ela aceita. Aos poucos a convivência do casal faz com que se relacionem novamente, mas a relação sexual passa a ser estabelecida somente após um certo tempo de convivência do casal. Esse momento é narrado como se fosse a primeira relação sexual firmada entre ambos após o acidente vivido por Zac, porém isso acontece quando ele ainda não se lembra da noiva, numa viagem do casal para esquiar na Suíça (BARROS, 2017b, p. 159-168).

A autora primeiro narra essa relação que teria acontecido e na sequência apresenta que o casal teria se casado na noite anterior. Fica confuso entender se Zac e Natasha se casaram antes dessa relação sexual ou depois. É dito que a união é feita via chamada de vídeo e o pai de Natasha os casa por meio de tal dispositivo. As memórias de Zac, no entanto, só retornam quando o casal sai para esquiar nessa

viagem, momento em que Natasha sofre um pequeno acidente. Nesse momento todas as memórias de Zac voltam.

Após essa viagem o casal passa a viver em Tel Aviv devido ao trabalho de Zac e não no Brasil. Eles têm outro filho, Gael. A vida de Natasha, no entanto, parece estar associada ao cuidado dos filhos enquanto o marido exerce suas atividades como empresário. Para tanto, o livro é concluído com a indicação de que ela seguiria orando pela conversão do seu marido ao Cristianismo. A descrição indica que Rebeca se identifica como cristã e Gael ainda é pequeno demais para a escolha religiosa, mas a mãe estimula ambos a seguir a doutrina cristã. No entanto, Zac segue judeu. Na perspectiva de Natasha:

Essa é a minha maior frustração, a minha maior dor, mas eu não poso forçá-lo a se converter. A única coisa que posso fazer é orar incessantemente por ele e por meus filhos. E, além do mais, não tenho nenhuma queixa de Zac. Ele é um companheiro excelente: amigo, solícito, bom pai e um amante excepcional. Se precisar, passarei o resto da minha vida orando e jejuando pela sua salvação. Esse é o preço que de dispus a pagar desde o dia em que lhe disse “sim” (BARROS, 2017b, p. 178).

O relato fortalece a noção da necessidade de conversão ao Cristianismo para que Natasha não se desviasse da sua fé. Apesar de a protagonista verbalizar alguns aspectos que demarcam a importância do Cristianismo em sua vida, como a defesa da virgindade ou castidade, ou mesmo a conversão do marido ao Cristianismo, isto não parece ser muito relevado para garantir o relacionamento com Zac e para viver toda a história que viveu.

Essa obra, a nosso ver, fala com outro público, ao passo que se destina a um público juvenil e adulto. E fala em especial a pessoas que já vivenciaram um outro relacionamento. No caso, Natasha é viúva e Zac estava com a esposa em coma. Ou seja, não é uma descrição de um namoro que começou entre jovens, mas entre pessoas maduras e que já tinham tido uma experiência, um relacionamento.

Dessa forma, o romance se destina a outro público. Um público que pode estar vinculado a denominações cristãs, mas que não se encaixa mais no perfil de leitor para o qual foram destinadas as obras que destacamos acima. Chartier (2002, p. 28) indica que a diversificação de obras é algo comum no mercado editorial e que opera como uma forma de disponibilizar livros que atendam aos mais variados públicos.

Há que se destacar ainda que nesses livros há indicações sobre a utilização de Whatsapp pelos personagens e o próprio casamento acontece por meio de plataformas digitais. No entanto, não vemos a descrição de qual plataforma foi usada para a realização do casamento. A obra é situada em tempos contemporâneos em que a tecnologia tem sido cada vez mais utilizada pelo homem para diversas finalidades, incluindo, relacionamentos. Isso também pode ser lido, a nosso ver, como uma maneira de aproximação dos fatos narrados à realidade dos leitores, tendo em vista o momento em que o romance acontece.

Apesar da vinculação a Tel Aviv estar bem enfatizada nos livros não há descrições específicas sobre tal cidade. Há pequenas indicações no início do primeiro volume sobre o território, sobre alguns locais que são visitados por Natasha, mas os costumes dos judeus, sua cultura ou qualquer outra informação que permita ao leitor um mínimo conhecimento sobre esse povo são omitidos. É dito muito da perspectiva de Natasha em relação aos judeus, mas não há também informações de como ela seria compreendida por aquele povo, como se o julgamento coubesse apenas ao cristão.

Já o próximo livro, uma releitura da história de Rute se mostra como uma adaptação contemporânea de uma história clássica da Bíblia cristã.

Rute: a estrangeira

Rute recupera então a história do Antigo Testamento em que a protagonista é a própria Rute. Para isso, Barros (2020) elaborou um romance com 525 páginas sendo que o mesmo é apresentado como o primeiro de uma série de livros dedicada à narração de histórias de vida de mulheres fortes e representativas e que são apresentadas na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. A história não é tão longa, mas foi impressa de uma forma em que a fonte utilizada resultou em uma quantidade de páginas considerável.

A promessa é de que o livro irá apresentar uma sólida pesquisa sobre o costume dos hebreus e de outros povos que são apresentados no Antigo Testamento, porém, isso não acontece. A narrativa acaba sendo uma nova leitura de uma história antiga com alguns ajustes no que diz respeito à inserção de termos mais comuns na contemporaneidade, como indicaremos no decurso da descrição. É apresentado um mapa (ibidem, p. 09) no início do livro com a apresentação do

território moabita e precisa a história como ocorrida em 830 a.C. Não há inserção de fonte de onde o mapa fora extraído e o mesmo aparece apenas como uma apresentação do território em que a história é contada.

Ao final do livro foi inserido um apêndice com o termo: “Receitas” (BARROS, 2020, p. 519) em que a autora faz toda uma argumentação de que a Bíblia não é um livro de receitas, mas que apresenta algumas receitas que são apresentadas na descrição como se fossem especialidades da protagonista, sendo essas: “Pão Ázimo” e “Bolo de Figos com Mel” (ibidem, p. 521.524-525). Não é dito o porquê de tais receitas integrarem a culinária daqueles povos, mas a receita é apresentada ao final da narrativa, como uma espécie de anexo.

O livro foi organizado por meio de vinte e oito capítulos e um epílogo. Antes do início dos capítulos apresenta-se um versículo bíblico que funciona como uma espécie de paráfrase do que será narrado no texto. Todos os versículos são do Antigo Testamento e alguns deles do livro de Rute.

É nesse trecho inicial que Lycia ainda cita o fato de Rute constantemente nadar no Mar Morto, por exemplo. Contudo, nesse início pouco é dito sobre a paisagem do local sem que haja qualquer outra informação que permita ao leitor saber algo mais sobre a região em questão como, por exemplo, sobre a demografia do local (BARROS, 2020, p. 13-24). Pensando um pouco no possível público leitor dessa obra e de outras da autora há que se considerar a ausência de informações como uma lacuna da obra, inicialmente porque a autora destaca no prefácio que a mesma seria resultado de um longa pesquisa, mas não apresenta indícios, descrições que explicitem a suposta pesquisa realizada.

Já em relação à história em si vemos que a narrativa é iniciada a partir da adolescência de Rute. Rute mora em Moabe, onde nasceu e reside em companhia de sua mãe. A abordagem inicial descreve Rute envolvida com os afazeres designados por sua mãe, Saidi, visando aos preparos de uma festa religiosa de um deus moabita, denominado Quemos. Na descrição Rute já verbaliza resistência à festa religiosa uma vez que nela haveria o sacrifício de crianças pequenas à divindade. O fato de a mãe aderir e defender práticas que pressupunham o sacrifício de crianças também é um motivo de desentendimento entre Rute e sua mãe.

Nessa descrição inicial também é apresentado que Rute e sua mãe não possuíam um bom relacionamento e que a mãe de Rute conseguia manter as suas necessidades através do relacionamento com vários homens. Isso potencializaria a

crise entre as duas e se descreve até que a mãe de Rute ao ser estimulada a sacrificar a filha teria respondido: “Nenhum deus decente aceitaria uma menina tão suja” (ibidem, p. 23) sendo que Rute teria escutado tal colocação por parte da sua mãe.

Devido à relação de Saidi com vários homens, Rute era julgada pelas pessoas no local em que morava.

Eu não era muito bem vista pelas outras famílias da cidade por conta da má conduta da minha mãe. Então, as meninas da minha idade mal se aproximavam de mim, embora eu sempre tivesse me esforçado ao máximo para não dar nenhum motivo para provocar burburinho. Chegava a ser recatada demais, evitando espaços lotados, festas, fugindo da presença de homens. Eu baixava a cabeça ao passar pelos idosos e sempre cedia a vez quando estava na fila do poço para pegar água. Mesmo assim, raras foram as vezes em que consegui um sorriso de agradecimento de volta. (ibidem, p. 21).

Na narrativa Lycia descreve que em decorrência da situação que envolve o sacrifício, Rute se afasta alguns metros de Moabe onde espera que a noite de atividades acabe, sobretudo devido à morte de crianças, algo que é bastante enfatizado pela autora. É dito ainda que em Moabe ainda residiam vários povos, além dos moabitas, e, dentre eles os hebreus. Os hebreus são também chamados de judeus pela autora em outros trechos, e era um povo que acreditava que o salvador do mundo ainda não viera, mas que, quando viesse, os redimiria e salvaria. Os moabitas, por outro lado, tinham outros costumes e outras crenças.

Rute não se encaixava em tais costumes e quando se afastou da cidade encontrou e conheceu Noemi, uma hebreia que também se sentia incomodada com a prática em questão. As duas começam a conversar e Noemi convida Rute para ir até a sua casa. Noemi descreve que teria vindo de Belém para Moabe devido à fertilidade dos campos locais, nos quais seria possível a produção de grãos variados já que eram agricultores, porém, destaca que não concordava com as práticas locais e já indica sua vinculação a outro Deus, um Deus único (BARROS, 2020, p. 59-73).

A partir desse encontro, a amizade entre Rute e Noemi cresce substancialmente e passam a fazer várias tarefas juntas. Diz-se que Rute acompanha Noemi para lavar roupas, que Noemi a ensina cozinhar e as duas desenvolvem uma amizade grande por meio da realização dessas atividades. “Minha proximidade com Noemi cresceu com velocidade nos dias seguintes. Comecei a decorar seus horários e tarefas e pedia para a minha mãe para fazê-las

ao mesmo tempo” (ibidem, p. 43). Nesses momentos Noemi e Rute passam a conversar sobre a fé de cada povo e aos poucos Rute vai se identificando cada vez mais com a fé de Noemi e se afastando das crenças moabitas

Em contraponto, na mesma descrição Lycia coloca que a relação entre a mãe de Rute e a protagonista, e que sempre foi ruim, vai ficando ainda pior com agressões físicas e verbais constantes. O ápice dessa crise se dá quando a mãe de Rute a promete em casamento a Lior e ela se nega em manter o casamento, motivo pelo qual a mãe a agride fisicamente. Apesar de a obra não precisar a idade de Rute, é dito que ela menstruou e que por isso já poderia ser dada em casamento. Não há uma explicação ou menção muito específica a respeito dessa conduta, e, não é possível identificar na narrativa da autora se se trata de um costume moabita ou um arranjo da época.

Nesse momento ela foge da sua casa e vai para a casa de Noemi passando a morar em sua companhia. Noemi avisa a mãe que Rute está sob sua responsabilidade. A família de Noemi é grande, numerosa e todos acolhem Rute que passa a ajudar no desenvolvimento de todas as tarefas da casa. A vivência de Rute com Noemi faz com que ela comece um envolvimento com um dos filhos de Noemi, um agricultor, Malom. Inicialmente Malom e Rute têm uma série de desentendimentos, mas com a vinda de Rute para residir em sua casa Malom começa a fazer mais visitas à sua casa durante o horário do trabalho. Nesse momento o vínculo entre ele e Rute vai crescendo até que começam a “namorar”. Não há indicativos sobre como foi o relacionamento, mas somente se relata que Malom havia pedido Rute em casamento. E, de fato, o relacionamento logo resulta em casamento, sendo o pedido de casamento assim descrito:

Malom havia me pedido em casamento passados dois meses da cerimônia do irmão quando afinal tomou coragem de se declarar. E eu, após empurrá-lo para cair sentado em um balde pelo descaramento de me fazer a proposta – e raiva por ter demorado tanto -, pulei no pescoço dele em seguida dizendo bem alto que sim (BARROS, 2020, p. 105-106)

E após o casamento são narrados momentos de relação sexual entre o casal, porém, a menção ao sexo está associada à angústia por não ter filhos desse relacionamento. Rute narra que estava casada há um ano, mas que ainda não havia engravidado. Apesar de dizer que está conformada com a situação, Rute manifesta a preocupação em ter filhos com o esposo. Nessa fase Rute já está totalmente

vinculada à religião de Noemi e havia abandonado totalmente os costumes moabitas (ibidem, p. 91-103). Também é destacado que Rute sabia ler e que cozinha muito bem, inclusive que havia aprendido com Noemi a fazer o bolo de figos com mel e também os pães ázimos (ibidem, p. 107-113).

No entanto, Elimileque, sogro de Rute e marido de Noemi, faleceu em decorrência de uma doença. Dias depois morreu Malom, devido ao fato de ter cuidado do pai contraindo a mesma doença. Outro irmão também faleceu e a casa de Rute permaneceu sem nenhum homem para comandá-la. Segundo a tradição do povo hebreu da época era permitido ao grupo de anciãos requisitar a casa e as propriedades da família, e foi o que aconteceu. Sem casa e sem posses Noemi decide voltar para Belém, sua terra de origem. Rute acompanha a sogra para morar com ela em tal local. As duas fazem uma longa viagem a pé, mas chegam ao destino de origem (BARROS, 2020, p. 161-177).

Quando chegam a Belém são recebidas por parentes de Noemi que ajustam um espaço para que elas possam viver e Rute logo arruma um trabalho nas terras de Boaz onde trabalha coletando espigas de milho. Boaz, importante fazendeiro logo sabe da chegada de Rute e por ter parentesco com Noemi chama Rute para uma conversa, dizendo que em qualquer dificuldade, podiam contar com ele. Nesse primeiro encontro Boaz diz já ter visto Rute em uma visita que fez aos parentes em Moabe.

As conversas entre os dois se intensificam e Boaz sempre convida Rute para que venha para a sua casa para jantar e sempre pergunta sobre a sogra dela, e, se precisam de algum apoio. Em uma dessas conversas, Boaz diz para que Rute não procure trabalho em outro campo, mas que se mantenha trabalhando em suas propriedades. Rute encontra na residência uma prima de Boaz, Naama, que chega até mesmo a propor-lhe outro emprego, mas Boaz sempre a procura para conversas pontuais. Rute, no entanto, já demonstra estar interessada em Boaz, mas acha impossível que ele tenha interesse por ela.

A sogra de Rute, no entanto, diz a ela que Boaz seria um de seus “remidores”. O remidor seria um parente e que poderia pedir Rute em casamento, segundo os costumes judeus, resgatando toda a herança da família e dando um tratamento devido à viúva do parente morto. Tempos depois dessa conversa Boaz explica essa situação a Rute e indica essa possibilidade que resultaria em um casamento, o primeiro de Boaz e o segundo de Rute. No entanto, Boaz a adverte

que haveria outro remidor, Baruque, que também poderia requisitar o casamento com Rute. Rute se mostra confusa, mas destaca que aceitaria a decisão de Boaz.

Boaz, continua mostrando-se interessado em Rute e fica observando-a à distância, durante o trabalho. O casal passa a conversar com mais frequência. Rute desmaia no campo enquanto trabalha o Boaz a leva para sua casa, e, nesse momento, Boaz verbaliza que “[...] Rute é muito mais do que uma serva para mim [...]” em uma discussão com sua prima e ainda salienta que “Rute é muito diferente de você, por isso jamais conseguiria enxergar sua beleza” (BARROS, 2020, p. 409) sendo que até o momento Boaz não tinha deixado explícito o interesse por Rute.

Também é nesse momento que Boaz retoma a questão da remissão e destaca que o outro remidor, Baruque, viria para indicar se iria se casar com Rute ou não. No dia da vinda de Baruque é organizada uma grande festa, e é agendado um dia para a vinda de Baruque e a definição do caso. No entanto, Noemi, sogra de Rute a aconselha a se arrumar para a festa, mas a evitar que Boaz a veja. Rute segue o combinado e ao fim da festa, Rute segue Boaz, seguindo a orientação da sogra que tinha dito “[entra] no recinto onde ele estiver e descubra os pés dele. Depois, deite-se ali. Esse ato de sujeição vai deixar claro para Boaz que você está querendo dele uma atitude em relação à lei do Levirato” (ibidem, p. 446-447). No caso vemos que Lycia apresenta essas informações sobre a lei do Levirato, mas não há detalhes sobre esse comportamento e não dá a entender se esse era um costume hebreu.

O casal passa então a sua primeira noite junto, mas dormindo um ao lado do outro uma vez que a autora deixa claro que Boaz requer que Rute permaneça a seu lado à noite, mas que nada aconteceria entre eles. Nessa noite, Boaz diz a Rute que iria falar com Baruque sobre o caso e iria pedir a desistência dele em relação a ela. Aliás, Baruque não compareceu à recepção pois foi impedido por sua primeira mulher de contrair matrimônio com Rute, mas isso não tiraria dele o direito de resgatar Rute. Após a conversa de Boaz com Baruque esse desiste de Rute (ibidem, p. 464-483) e Rute e Boaz se casam em uma suntuosa cerimônia (ibidem, p. 490-495). Nesse contexto Rute diz a Boaz que seu antigo pretendente era “atraente” (ibidem, p. 494) termo que a autora usa em outros trechos do livro.

Ao narrar a noite de núpcias do casal a autora relata que Boaz diz a Rute que não iria ter outra esposa uma vez que ela verbaliza ter medo de não ter filhos. Não há detalhes sobre a relação entre ambos e é dito apenas “[...] caímos juntos na

cama” (ibidem, p. 500). Não parece ser importante o fato de Rute ter tido um primeiro casamento antes, aliás, isso parece ser aceito como algo comum para a época.

No Epílogo é dito que Noemi morava com o casal e que todo o casamento e relacionamento de Rute com Boaz foi um plano de Deus. O casal vive muito bem e é dito que o casal tem um filho, um menino chamado Obede e que seria da descendência de Davi que futuramente daria vida ao Messias. O livro é concluído com uma passagem bíblica do livro de Rute: “E Salmon gerou a Boaz, e Boaz gerou Obede e Obede gerou a Jessé, e Jessé gerou a Davi. (Rute 4: 21,22)” (BARROS, 2020, p. 513).

E, ao que tudo indica Rute teve a sua recompensa, após os sofrimentos vividos na infância. Depois, quando encontrou o esposo, esse acabou falecendo. Quando vai para Belém com a sogra precisa trabalhar em campos, no serviço pesado, na colheita dos campos de Boaz. Rute sempre se mostrou com uma postura tida como ilibada, sempre recatada e se comportando como era esperado de uma mulher do período.

Como tal e também devido a sua escolha pelo Deus de Israel, foi recompensada com o casamento com um homem que a amava, que era justo com os empregados e com quem teve um filho. Boaz é retratado como possuidor de muitas terras e propriedades e como uma pessoa bem abastada financeiramente. Após o Epílogo é destacado que a próxima obra a ser lançada pela autora seria o romance de Ester, porém, até o momento, não há nas redes sociais da autora notícia sobre esse livro ou sobre qualquer outro da coleção destinada a retratar mulheres importantes e que são apresentadas na Bíblia.

Aproximações e reflexões aos romances estudados

Na análise dos romances em questão recorreremos ao pensamento de Bellotti (2005, p. 189) que realizou o estudo de vários dispositivos midiáticos usados pela igreja presbiteriana no Brasil, considerando uma ampla produção do período de 1976 à 2001. Dentre as fontes utilizadas temos a análise de 12 livros variados produzidos por autores ligados à referida denominação e que nos auxiliam na construção de categorias de análise desse tipo de fonte.

De acordo com a autora as obras estudadas apresentam certa linearidade quando abordam conceitos relacionados ao namoro. E, alguns deles observamos presentes e recorrentes na obra de Lycia. Nesse sentido vemos que o namoro deve acontecer entre pessoas que já se conhecem. O equívoco de Ivy, na última obra da trilogia adveio do fato de ter se relacionado com uma pessoa que ela não conhecia, algo que não esteve presente nas outras obras. Para tanto, no caso de Natasha essa questão é relativizada. A protagonista relata estar preocupada com a salvação do marido judeu, mas isso não impede que o relacionamento aconteça.

Ainda com base nos relacionamentos afetivos firmados, e que são, predominantemente heterossexuais, mesmo sem a ocorrência de sexo, é necessário que os mesmos sejam firmados com a intenção futura do casamento. Se essa não for a finalidade do casal se incorre em “fornicação emocional” e que é assim compreendida:

[...] “fornicação emocional”, ou seja, o envolvimento emocional precipitado entre duas pessoas, que não necessariamente envolve sexo, mas definitivamente envolve um relacionamento entre duas pessoas desconhecidas (BELLOTTI, 2005, p. 189).

É, possivelmente, por isso que Adam não teve um namoro tão difícil quanto o de Rafael e sobretudo quanto o casamento de Ivy. Ele e Amanda tiveram um tempo de namoro. Rafael e Alexia também. Ivy errou porque sendo cristã, assim como os irmãos, não esperou um tempo para conhecer um pouco mais do futuro marido. Já Natasha, sob essa ótica, também estaria errada. Há trechos como os que apresentamos na descrição da obra que indicam esse erro de escolha de Natasha, mas ela não foi “punida” como Ivy, por exemplo. Ivy sofreu muito em seu relacionamento com Leonardo, mas ela foi desobediente a Deus e não esperou para conhecer o namorado melhor e para avaliar se o mesmo seria mesmo uma opção para um casamento futuro.

Já Rute, nesse quesito teria sido a que mais se comportou segundo o que Deus esperava dela. Rute mudou a sua fé aderindo à fé dos hebreus e mesmo quando o marido morreu ainda confiou em Deus. Com o passar dos anos Rute foi trabalhar no campo e quando conheceu Boaz observou a lei em relação à remissão até que consumasse o seu interesse por ele. Até mesmo o fato de dormir ao lado do patrão e pedir que a resgatasse é algo considerado natural para o período. Por

consequinte, foi agraciada com uma boa vida financeira, com a possibilidade de não trabalhar mais em serviço pesado como a colheita nos campos, além de ser apontada como a antecessora do Rei Davi cuja descendência daria origem a Jesus, o Messias. Uma mulher forte, inteligente e fiel a Deus e que mesmo sendo considerada uma “estrangeira” conseguiu uma vida feliz.

Bellotti ainda apresenta em sua análise que os livros que estudou apresentavam “[...] limites rigorosos” (2005, p. 189) em relação ao namoro, chegando, inclusive a propor um namoro sem beijo. A autora deixa claro que o namoro sem o beijo seria algo a ser partilhado apenas por um casal que já se conhecia. Novamente retomando as histórias de Lycia vemos então que de fato a questão do beijo permanece ainda com essa abordagem, ou seja, beijo para Adam e Amanda assim como para Alexia e Rafael somente após certo tempo de conhecimento. Ivy novamente aparece como o exemplo do que não deve ser feito pois beijou Leonardo muito rapidamente. Na própria narrativa da autora vemos que Ivy sente que está pecando pelo fato de ter beijado um rapaz que ainda não conhecia plenamente.

Esse padrão muda substancialmente ao observarmos a história de Natasha. Ela não conhecia Zac. Sabia apenas que era judeu. Além de beijar o rapaz também mantém uma relação sexual com ele antes do casamento e essa relação é mantida por um longo tempo, resultando dela o nascimento de uma criança, Rebeca. O padrão de observação em relação a não haver contato físico foi mantido em Rute, mas, possivelmente pelo momento em que a história acontece e no qual podemos considerar que esse seria o padrão idealizado de comportamento entre os casais.

Na mesma esteira está a questão da relação sexual antes do casamento. Adam e Amanda não mantém relação sexual porque ambos já frequentavam a igreja, então, apesar de algumas cenas de maior intimidade entre ambos parece bem claro que os protagonistas desejam esperar a união para então vivenciarem tal intimidade. Já Rafael e Alexia possuem outra perspectiva sobre o sexo, mas, mesmo assim, as intercorrências inúmeras que aconteceram no namoro de ambos impediram que mantivessem relação sexual. Já Ivy optou por não ter relação sexual com Leonardo, devido a sua religião. Assim, a perspectiva conferida é que as pessoas que esperam, que fazem tudo segundo os mandamentos divinos serão recompensadas ao passo que aquelas que não agem de tal maneira poderão ser punidas. E também nesse caso Rute atende às prerrogativas postas pela religião ao

passo que Natasha, como indicamos acima, acaba se distanciando consideravelmente pelos fatores acima alegados.

Bellotti (2005, p. 189) também observou nas obras que analisou que há uma correspondência entre a felicidade alcançada pelo casal e a observação dos valores cristãos em relação ao sexo. Outrossim:

Uma coisa é dizer que sexo antes do casamento é proibido, não só porque Deus não quer, como o castigo será fatal; outra coisa é mostrar histórias de pessoas que sofreram perdas emocionais com essa prática, em oposição a história de pessoas que encontraram a felicidade dentro dos “designios de Deus”

No quesito de sofrimento é importante frisar que Lycia destaca a morte de Caio, ex-namorado que abandonou Alexia grávida em um desastre de avião. A autora ainda apontou que Olivia, que fora casada com Paulo, acabou se envolvendo com um rapaz quando deixou o marido. Esse novo casamento de Olivia a fez vivenciar várias situações de violência doméstica, chegando até a ser socorrida por Adam e Rafael em uma situação em que foi agredida. A agressão foi tão grave que a mulher chegou a ser hospitalizada. Ou seja, para as escolhas que se faz há um preço a ser pago. E, no caso desses personagens houve grande sofrimento pelo fato de que realizaram escolhas erradas. Mesmo Natasha sofreu pelo fato de descobrir a mentira de Zac e ficou por quase quatro anos afastada daquele que amava. Ao passo que as protagonistas Amanda, Alexia, Ivy e Rute foram beneficiadas pela preservação da relação sexual.

Também vemos presente nas obras de Lycia a necessidade de observar a preservação sexual. Observar a questão da castidade já integra o rol de mandamentos dos cristãos. Trata-se então de demonstrar como as pessoas serão felizes se o fizerem. E, no caso do namoro, se não tiver relação sexual será feliz como os casais que foram apresentados na narração e se não o fizer precisará lidar com o sofrimento e com a tristeza.

Ainda com relação à questão do sexo é importante destacar que Lycia se refere a ele em todas suas obras. Ela narra e apresenta vários eventos entre Adam e Amanda, entre Alexia e Rafael e também entre Ivy e Leonardo que destacam a questão da sexualidade. Bellotti (2005, p. 190) observou nos romances que analisou que a sexualidade não é negada, antes, é encarada como algo natural, mas que deve ser preservada. Deve então acontecer somente após o casamento. Nesse

sentido, Lycia descreve com mais ênfase as relações sexuais entre Ivy e Rafael, usando termos que remetem à relação sexual. Também narra de forma sutil a existência de sexualidade entre Rute e Malom, o primeiro marido e entre ela e Boaz. Mas, somente na descrição de Natasha é que Lycia apresenta novos detalhes como banhos do casal, relação sexual entre ambos em viagens, porém, há o julgamento de tais condutas como incorretas. Observamos que mesmo Alexia e Natasha que já tinham tido relações sexuais deveriam manter o celibato a partir de então.

Outro quesito importante apontado por Bellotti (ibidem, p. 190) em relação ao namoro é que ele deve acontecer entre pessoas que frequentam a mesma denominação religiosa. Isso facilitaria para ambos o controle dos desejos sexuais. Isso também está presente na trilogia de Lycia que também associa a adesão à religião à felicidade do casal. No caso de Adam e Amanda vemos que ambos frequentavam a igreja. Rafael e Alexia eram pessoas que foram educadas na fé cristã, porém, estavam afastados da igreja. Devido a isso, possivelmente, o namoro passou por vários problemas. Mas, no final da obra, Alexia já sinaliza a vontade de voltar para a igreja, e, com isso em andamento, o casal volta a frequentar a igreja. No caso de Ivy, criada no Cristianismo, o casamento aconteceu mesmo Leonardo não frequentando a igreja. Contudo, como pudemos observar na narrativa, o casal só consegue ser feliz quando Leonardo se converte ao Cristianismo. Rute por sua vez nos apresenta o casal vivenciando uma mesma fé, uma mesma crença e se unindo com base nessa fé. Mas, no caso de Natasha parece que isso não é um impeditivo para que o relacionamento aconteça.

A vinculação à religião é o que dá força para que o casal possa continuar junto. No caso de Lycia vemos que o divórcio não é sequer pensado no caso de Adam e Amanda ou de Alexia e Rafael pois tais casais viviam uma vida feliz. Já no caso de Ivy que teve um casamento conturbado com Leonardo vemos que é recorrente o discurso subentendido de que ela deveria permanecer com o marido. Além de narrar um abuso sexual e sobre o qual o casal fala poucas vezes e que é apresentado como um excesso por parte do protagonista da história, e não como uma violência, temos ainda toda a descrição dos motivadores de Leonardo em se envolver com Ivy.

Apesar de não escrever isso na descrição, a apresentação da protagonista, os abandonos que sofreu, o impedimento de estudar e trabalhar por parte do marido e tudo o que viveu acaba sendo desconsiderado e ela opta por lutar pelo casamento.

Em Rute não há menção sobre o divórcio. E no caso de Natasha, vemos que a narrativa indica que é melhor permanecer com o pai da criança, em um casamento com pessoas de fé diferente a permanecer solteira ou divorciada e com uma criança para cuidar. Em ambos os casos vemos que “[...] o casamento é uma instituição divina, e por isso, somente a morte separa os cônjuges. Para os evangélicos, o divórcio é uma solução fácil para quem não se esmera em investir no casamento. (ibidem, p. 201).

Essa perspectiva é fortalecida mesmo quando Ivy vai embora para a casa dos pais. Mesmo se separando de Leonardo os dois mantêm contato diário. O casamento ainda não acabou. Ivy identificou que Leonardo precisaria superar o passado e aguardou que estivesse pronto para que pudessem viver juntos. Ela conseguiu identificar os problemas presentes no seu relacionamento e a partir disso manteve-se lutando para a manutenção do casamento. E deu certo, Leonardo se converteu. Aliás, ao final da última obra quando a autora descreve como salientamos acima, que para aceitarmos o plano de Deus para nossa vida precisamos de “alegria” e “desgraça”, ou seja, para um casamento feliz precisamos superar as dificuldades da vida do casal.

Na literatura consultada por Bellotti (2005, p. 205) vemos que os livros por ela pesquisados indicam que nos casos de abuso há necessidade de o cônjuge ajudar o abusador a superar essa situação. Para que possa acontecer esse apoio é importante que um dos cônjuges se mantenha firme na fé cristã. Apesar das fontes consultadas pela autora não descartarem a necessidade de ajuda profissional, destacam-se nessas obras que quando há esse tipo de situação, uma das possibilidades seria a abordagem denominada como “amor severo” (ibidem, p. 205) e que é descrito como:

Confrontar o cônjuge problemático, lançando mão inclusive de uma separação temporária, a fim de confrontá-la com o mal que vem causando, fazendo-o decidir por uma mudança – como no caso de cônjuges emocional, física e/ou sexualmente abusivos.

E observando a obra de Lycia vemos que no caso de Ivy foi justamente esse subterfugio que ela usou. O casal teve várias brigas, discussões e ela ameaçou várias vezes se separar do marido. Além disso, Ivy também chegou a ir para a casa dos pais, mas aguardando Leonardo mudar, ou seja, não foi uma separação, de

fato. Afinal, “O que não se pode fazer é abandonar o cônjuge sem dar uma chance ao casamento” (BELLOTTI, 2005, p. 205). Nos demais romances observamos que não há menção ao caso de divórcio entre os protagonistas.

Um aspecto importante por nós observado nas narrativas de Lycia é que todas as famílias possuem uma situação financeira favorável. Nesse sentido a trilogia *Uma Herança de Amor* nos apresenta uma família com empreendimentos, como restaurante, floricultura, oficina mecânica. Vemos que no primeiro livro Adam, o protagonista, tem uma carreira em ascensão como pintor de quadros. No segundo livro da trilogia, Rafael, outro protagonista, torna-se apresentador de televisão e Leonardo o último protagonista do gênero masculino é herdeiro de uma grande fortuna. Já em *Nem Tão Tarde Assim* o protagonista, Zac, é um magnata do comércio de diamantes.

Na trilogia *Uma Herança de Amor* somente uma das protagonistas, Alexia, segue exercendo atividade remunerada após o casamento. No caso de Natasha, em *Nem Tão Tarde Assim*, não é dito se ela exerce atividade remunerada, mas fica nítido que não, uma vez que ela estava em férias após o luto e depois durante toda a narrativa vemos uma protagonista que se ocupa do cuidado da filha e que mora com os pais. E, em *Rute*, vemos que ela trabalha nos campos antes do casamento, mas após o casamento Rute passa e permanecer sob os cuidados do esposo e do filho. Dessa forma, observamos que a ideia conferida ainda é que o homem seja o maior provedor financeiro das famílias e as mulheres acabam se ocupando mais do cuidado da casa e dos filhos.

Concluindo, ainda vemos que nas obras *Nem Tão Tarde Assim* e *Rute* não há uma apresentação de uma pesquisa sobre a região em que as histórias acontecem. *Nem Tão Tarde Assim* narra várias idas e vindas para Tel Aviv, mas não traz informações sobre o local e sobre a cultura dos povos que lá residem, tampouco sobre a religião judaica. *Rute* também não traz indicações sobre a cultura dos hebreus ou dos outros povos como os moabitas. No caso de Rute há menção apenas às receitas, ao mapa inserido no início do livro, porém, não há uma caracterização ou uma explicação sobre a região ou sobre a culinária do local.

4.2 Gary Chapman e Catherine Palmer: o casamento e a busca pela felicidade conjugal

Gary Chapman nasceu na Carolina do Norte no ano de 1938. É graduado em Teologia e em Antropologia, tem Mestrado em Educação Religiosa e um PHD em Educação de Adultos. É pastor na Igreja Batista da Carolina do Norte, em Winston, Salem. Ficou conhecido mundialmente pela obra: *As Cinco Linguagens do Amor*: como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge, traduzida em mais de 130 países e considerada um *best-seller* dado o número elevado de vendas. Outro acrônimo pelo qual tem sido conhecido é “Dr. Casamento” sendo considerado nos meios religiosos uma grande referência no aconselhamento e orientação de casais.

O livro *As Cinco Linguagens do Amor*: como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge foi publicado pela Editora Mundo Cristão no ano de 1997 no Brasil. A editora responsável pela obra no Brasil não apresenta dados sobre a tiragem dos livros, mas retrata apenas o livro como *best-seller*. O site Amazon, também responsável pela comercialização dos livros apresenta dados que podem ser usados como exemplos da aceitação do livro na realidade contemporânea. Indicadores do ranking da Amazon, no ano de 2022²⁷, figuram que o livro estaria na 32ª posição de vendas.

O site não aponta a quantidade de livros vendidos, e, também não retorna os e-mails encaminhados visando obter dados sobre as vendas. O mesmo site²⁸ indica que o livro teve 10 milhões de exemplares vendidos no mundo, sendo que 1 milhão de cópias teriam sido vendidas no Brasil. No Amazon, no ano de 2021, o livro impresso apresentava um custo de R\$ 53,91.

É por esse livro que Chapman se torna mais conhecido no âmbito da orientação para as relações conjugais. O livro não é um romance, mas se constitui como uma espécie de manual de orientações. Nele, há uma série de conselhos e orientações para regular a relação com base em conversas e entrevistas que Chapman realizou durante a suas vivências como conselheiro de relacionamento. Cada história traz conselhos e indicações de Chapman para uma vida conjugal feliz e assentada nos princípios cristãos. Todos os exemplos da obra refletem

²⁷ Disponível em <https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books>. Acesso em 30 de abr. de 2021.

²⁸ Disponível em <https://www.amazon.com.br/linguagens-amor-para-homens-compromisso/dp/8543302897>. Acesso em 30 de maio de 2023.

relacionamentos firmados entre homens e mulheres e, em 80,0% dos casos representam famílias com filhos (CHAPMAN, 1997).

O livro é composto por quatorze capítulos. Os três capítulos iniciais discutem o amor com indicações sobre como mantê-lo após o casamento. A discussão proposta por Chapman indica que muitos casamentos não dão certo porque homens e mulheres (posto que a orientação sempre se refere a casais heterossexuais) falam linguagens diferentes, uma indicação clara da dificuldade de comunicação entre casais compreendida como uma dificuldade de gênero. Como os casais possuíam essa dificuldade de comunicação muitos casamentos chegavam ao fim. Para superar essa dicotomia e o fim das relações conjugais é necessário que homens e mulheres possam interpretar melhor a linguagem do outro.

Os capítulos quatro a nove apresentam então possíveis linguagens que precisam ser repensadas pelos casais. Assim, indica “Palavras de Afirmação” (CHAPMAN, 1997, p. 32) como palavras que os casais precisam dizer um ao outro visando o estímulo pessoal. Para ele, há casais em que a ausência dessas palavras compromete o relacionamento. Às vezes, o cônjuge espera essas palavras e, como não as tem, acaba se frustrando. Portanto, há que se interpretar o que dizer ao outro pois isso pode ser uma forma de comunicação que esteja comprometida. Da mesma forma a “Qualidade de tempo” (ibidem, p. 51) é uma outra linguagem que pode expressar (ou não) amor. Não é uma questão de quanto tempo o casal passa junto, mas sim da qualidade desse tempo. Há que se decifrar, portanto, como usar esse tempo em favor do outro, interpretando como atender ao quesito do tempo juntos.

Outra linguagem seria a concessão de presentes, descrito no capítulo sobre: “Receber presentes” (ibidem, p. 74). Seria um presente físico, algo que possuísse a potencialidade de comunicar afeto entre casais. O “Doutor Casamento” recomenda que os presentes sejam concedidos e adverte que, caso o cônjuge não faça isso poderá não suprir a necessidade do outro, se, esse outro possuir um entendimento de amor na concessão de presentes.

O que você realmente não faz é suprir as necessidades emocionais de seu cônjuge. Se porventura descobrir que a primeira linguagem do amor dele é realmente “Receber Presentes”, então talvez perceba que comprar presentes para ele, ou ela, é o melhor investimento que realizará! (CHAPMAN, 1997, p. 80).

Outra linguagem é evocada pelo conselheiro como “Formas de Servir” (ibidem, p. 91), então compreendidas como atos que os casais desenvolvem um em prol do outro. “[...] aquilo que você sabe que seu cônjuge gostaria que você fizesse. É procurar agraciar realizando coisas que ele (ela) aprecia, expressando amor através de diversas “Formas de Servir”” (CHAPMAN, 1997, p. 91). Cabe a cada casal identificar quais seriam as formas de servir que poderiam usar, um em prol do outro. E, por fim, ao abordar a linguagem do “Toque Físico” (ibidem, p. 110), a quinta linguagem de expressão do amor, o autor deixa para o contato físico a incumbência de comunicar amor, sendo então compreendido como: “O toque físico é também um poderoso veículo de comunicação para transmitir o amor conjugal. Andar de mãos dadas, beijar, abraçar e manter relações sexuais são formas de se comunicar o amor emocional para o cônjuge” (ibidem, p. 111).

Os capítulos seguintes, do nono ao décimo quarto, por sua vez retomam as orientações a respeito de como seria importante para os casais a compreensão de como usar essas linguagens, e, de como interpretar a linguagem que o outro deseja receber. O livro conta com um anexo, intitulado “Guia de Estudo para os Cônjuges e Discussão em Grupo” (ibidem, p. 188), proposto como uma atividade a ser realizada por casais individualmente ou então coletivamente. O Guia é composto por um rol amplo de perguntas, questões elaboradas com base no conteúdo dos capítulos. O Guia aparece como uma proposta para que os casais possam colocar em prática os ensinamentos contidos no livro.

Nos idos de 2006, Chapman publicou então “As quatro estações do casamento”, e, nesse livro faz a analogia do casamento às quatro estações do ano: primavera, verão, outono e inverno. Para ele cada fase representa especificidades, particularidades que as definem, com dias bons e ruins e que precisam ser superados para o casal continuar juntos. (CHAPMAN, 2006, p. 11- 14).

O livro é composto por três partes, assim distribuídas: “As quatro estações do casamento”; “Sete estratégias para melhorar as estações do casamento” e “Colocando o plano em ação”.

A primeira parte: “As quatro estações do casamento” apresenta informações sobre a natureza do casamento, descrito como união entre homem e mulher²⁹. Tal

²⁹ “[...] a instituição social do casamento é um relacionamento pactual em que um homem e uma mulher prometem um ao outro uma parceria vitalícia” [...] Deus não pretendeu que homens e

união deve ser uma vinculação assentada no comprometimento, na união, na intimidade, com propósitos comuns e um complementando o outro. Nesse interim, Chapman (ibidem, p. 20-23) faz uma analogia entre as fases do casamento e as estações do ano, indicando que estações como o inverno e o outono seriam aquelas em que os casais vivenciavam maior dificuldade. Já primavera e verão seriam períodos mais amenos e, por conseguinte, momentos em que o casamento estaria melhor. O importante, para Chapman (2006) é atravessar essas fases considerando que sempre haverá dias melhores e dias não tão bons.

Após a apresentação da natureza do casamento, o autor passa então às estações do ano, apresentando o inverno (CHAPMAN, 2006, p. 25) e exemplos de uma série de situações em que os casais apresentavam brigas ou outros problemas e que foram sendo superadas. Além disso, ele cita alguns comportamentos como representativos dessa fase. Na sequência, quando apresenta a primavera o autor tece o mesmo tipo de narrativa, apresentando um rol amplo de exemplos de casais felizes, em uma boa fase dos relacionamentos e os faz da mesma forma ao firmar a analogia com o verão e com o outono (ibidem, p. 38.53.71).

No entanto, nessa primeira parte, composta por exemplos que seriam casos reais vemos que Chapman narra uma grande variedade de situações e particularidades, mas não tece uma história linear com protagonistas e situações afins como é usual nos romances. São contos e trechos curtos e cada uma das partes tem em média quinze relatos pequenos, de diversas situações, totalizando então 62 casos apresentados. Devido a isso e também pelo fato de não se tratar de um romance não reproduziremos as narrativas no presente texto.

Na segunda parte do livro, Chapman (ibidem, p. 93-198) apresenta então as “Sete Estratégias para melhorar as estações de seu casamento” sendo essas: resolver as falhas do passado, escolher atitudes de sucesso, aprender a falar a linguagem de amor do cônjuge, ouvir com empatia, ajudar o cônjuge a ter sucesso, aproveitar as diferenças do cônjuge e desenvolver uma influência positiva sobre o cônjuge. Partindo das orientações e do rol amplo de exemplos citados, o autor caminha para a terceira parte do livro, “Colocando seu plano em ação” (ibidem, p. 199- 215) em que apresenta situações hipotéticas, em forma de perguntas seguidas

mulheres vivessem sós [...] No relacionamento conjugal, marido e esposa compartilham vida u m com o outro [...] (CHAPMAN, 2006, p. 18);

“Marido e esposa têm por objetivo se complementarem um ao outro” (CHAPMAN, 2006, p. 19).

de respostas. As situações retratam possíveis vivências acontecidas no casamento e as alternativas para superação, sobretudo, das dificuldades vividas por casais.

Tais livros são importantes pois são apontados como os possíveis motivadores para a discussão desenvolvida por Chapman nos livros que escreveu em torno do casamento, incluindo quatro romances em coautoria com Katherine Palmer. Catherine é apresentada como romancista cristã, graduada pela Universidade Batista do Sudoeste em Literatura e mestre em inglês pela Universidade de Baylor, uma instituição da Igreja Batista, e reside em Atlanta. Catherine Palmer cita no agradecimento do livro “Acontece a cada Primavera” ter participado de um congresso com Chapman, onde, teria nascido a ideia do livro. Nessa descrição Palmer ainda aponta que lhe foi sugerido contar parte de suas vivências em uma região do lago, algo que destaca ter incorporado nas obras (CHAPMAN, 2010).

Bem, a narrativa em questão é uma quadrilogia composta pelos livros: “Brisa de Verão”, “Acontece a cada Primavera”, “Incertezas do Outono” e “Do Inverno à Primavera”. São obras que possuem o mesmo núcleo central, e nelas temos uma narrativa diferenciada da realidade vivenciada por casais que possuem em comum o fato de residirem no mesmo bairro. A cidade, entretanto, é Tranquility, localizada no Estado do Missouri. O local é descrito como uma região que é cercada por lagos do bairro de Deepwater Cover onde moram todos os protagonistas dos livros.

No entanto, diferente da obra “As quatro estações do casamento” (CHAPMAN, 2006) em que temos uma analogia com situações específicas e casos de casais, na quadrilogia o que vemos são situações de casais que passam por situações que são comuns no cotidiano e que são associadas pelos autores às estações do ano. Por exemplo, na obra “Brisa de Verão” (CHAPMAN; PALMER, 2009) o casal passa por uma fase difícil até conseguir se recompor. Assim, nessa obra não vemos a característica do Verão propalada pelo autor no livro que apresenta as estações do casamento (CHAPMAN, 2006).

Brisa de Verão está em sua primeira edição conforme dados do Amazon e está na posição de número 133,499 do ranking de vendas do site. Já na categoria Literatura e Arte Religião e Espiritualidade consta que o livro estaria na posição de

número 48³⁰. Já Acontece a cada Primavera estaria na posição de 158, 989 em livros gerais e na categoria Literatura e Arte Religião e Espiritualidade aparece como na posição de número 209³¹. Incertezas de Outono está na posição de número 131.094 em livros gerais e na posição de número 19,035 em livros pois o site não o vinculou a categoria de Literatura e Arte Religião e Espiritualidade³². E o livro Do Inverno à Primavera é apresentado, também pelo site do Amazon como vinculado à posição de número 98,006 do número de vendas no site e na posição de número 176 no que diz respeito à venda de livros ligados à categoria Literatura e Arte Religião e Espiritualidade³³.

Esses são os únicos dados que conseguimos sobre a venda de livros, e os consideramos como uma amostra dessa circulação. Trata-se de um dado representativo, mas obviamente dada a sua natureza não pode ser universalizado. Para tanto nos indica que a nossa fonte de pesquisa tem sido comercializada, tem tido circulação e adesão de um público leitor. Isso fortalece também algo extremamente tradicional junto às denominações confessionais e que consiste no intercâmbio de autores dos Estados Unidos na difusão da fé. No contexto do surgimento e da consolidação do protestantismo no Brasil vimos que grande parte dos impressos vinham de outros países, sobretudo dos Estados Unidos algo que também se manifestou nos romances e outros símbolos de profusão da fé cristã.

Como o site Amazon é relevante no sentido de se constituir como um espaço representativo de venda de romances e de uma série de outros produtos podemos usá-lo como amostra da circulação tal como dissemos acima. No entanto, não temos

³⁰ Disponível em https://www.amazon.com.br/Brisa-ver%C3%A3o-Gary-Chapman/dp/8573257385/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Brisa+de+Ver%C3%A3o+Chapman&qid=1628179143&s=books&sr=1-1. Acesso em 30 de maio de 2023.

³¹ Disponível em https://www.amazon.com.br/Acontece-cada-primavera-Gary-Chapman/dp/8573256354/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Acontece+a+cada+Primavera+Chapman&qid=1628179474&s=books&sr=1-1&ufe=app_do%3Aamzn1.fos.6d798eae-cadf-45de-946a-f477d47705b9. Acesso em 30 de maio de 2023.

³² Disponível em https://www.amazon.com.br/Incertezas-outono-Gary-Chapman/dp/8573258608/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Incertezas+de+Outono+Chapman&qid=1628179655&s=books&sr=1-1. Acesso em 30 de maio de 2023.

³³ Disponível em https://www.amazon.com.br/Do-inverno-primavera-Gary-Chapman-ebook/dp/B071P6SQ2P/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Do+Inverno+%C3%A0+Primavera+Chapman&qid=1628180031&s=books&sr=1-1&ufe=app_do%3Aamzn1.fos.6d798eae-cadf-45de-946a-f477d47705b9. Acesso em 30 de maio de 2023.

possibilidades de identificar nem mesmo junto ao site ou por meio do acesso às editoras e demais sites que vendem as obras em questão informações sobre os leitores dos romances. Como afirmamos acima em vários trechos a delimitação do objeto, sempre que possível, deve ser também alicerçada em uma descrição de dados sobre o público leitor, contudo não conseguimos esses dados para tornar a apreensão de nosso objeto de pesquisa ainda mais ampla.

Seguindo a linearidade apontada por Chapman; Palmer (2009), o primeiro romance na narrativa seria o “Brisa de Verão”. Para compreender a perspectiva dos autores sobre sexualidade e casamento iniciamos com a narrativa do primeiro livro. Por meio dele também pudemos apreender a perspectiva de mulher difundida nas obras, que está ligada à discussão do casamento e também da sexualidade. No entanto, nas obras utilizadas não há menções ao namoro. Após o “Brisa de Verão” apresentaremos o romance “Acontece a cada Primavera” e os demais: “Do inverno à Primavera” e “Incertezas de Outono”.

Para melhor compreendermos o conteúdo dos livros, e, demais especificações, apresentamos a tabela abaixo:

Título da Obra	Protagonistas	Tradução	Cidade	Ano de Publicação	Editora
Brisa de Verão	Kim e Derek	Maria Emilia de Oliveira	São Paulo	2009	Mundo Cristão
Acontece a cada Primavera	Brenda e Steve	Maria Emilia de Oliveira	São Paulo	2010	Mundo Cristão
Incertezas de Outono	Esther e Charlie	Maria Emilia de Oliveira	São Paulo	2013	Mundo Cristão
Do Inverno à Primavera	Brad e Ashley	Maria Emilia de Oliveira	São Paulo	2014	Mundo Cristão

Tabela 2 – Sistematização de dados das fontes de Gary Chapman e Catherine Palmer.
Fonte: A AUTORA, 2023.

Cada livro custa em média de R\$ 30,00, apresentando um custo acessível para compra. Todos os livros também são oferecidos para aquisição no formato digital. Cada livro tem em média 300 páginas. Os livros são comercializados pelos

sites Amazon³⁴, Submarino³⁵, Magazine Luiza³⁶ e Saraiva³⁷, por exemplo. Para acesso a tal informação consultamos o nome do autor em cada um desses sites. Como sabemos são espaços de venda representativos, empresas de grande porte e que com certeza comercializam tais obras em seus estoques porque têm saída, porque são comercializáveis.

Outra informação importante é que as obras também são comercializadas em livrarias ou editoras ligadas à Igreja Católica como a Livraria Loyola³⁸ que dispõe de todos os livros para venda, porém, nela apenas é ofertado o livro físico. Infelizmente não há como mapear a venda e a circulação dessas obras visando caracterizar melhor o público comprador. Seria interessante a fim de identificar, dentre vários aspectos, a denominação a que os leitores estão vinculados. Apesar de encaminharmos vários e-mails às lojas vendedoras solicitando informações sobre tal questão não obtivemos resposta. Além das editoras observamos que os livros em questão também são vendidos em um dos sebos de maior visibilidade, o Estante Virtual³⁹, fortalecendo assim a noção de haver grande circulação das obras no Brasil.

Brisa de Verão está em sua primeira edição, assim como as demais obras, conforme dados do Amazon e está na posição de número 133,499 do ranking de vendas do site. Já na categoria Literatura e Arte Religião e Espiritualidade consta que o livro estaria na posição de número 48⁴⁰. Já o Acontece a cada Primavera estaria na posição de 158, 989 em livros gerais e na categoria Literatura e Arte

³⁴ Disponível em https://www.amazon.com.br/s?k=gary+chapman&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=2NUJFNBLFBXWN&sprefix=Gary+Ch%2Caps%2C283&ref=nb_sb_ss_ts-doa-p_1_7. Acesso em 30 de maio de 2023. .

³⁵ Disponível em <https://www.submarino.com.br/busca/chapman?rc=Chapman>. Acesso em 30 de maio de 2023.

³⁶ Disponível em <https://www.magazineluiza.com.br/busca/Gary%20Chapman/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

³⁷ Disponível em <https://busca.saraiva.com.br/busca?q=Gary%20Chapman>. Acesso em 30 de maio de 2023.

³⁸ Disponível em <https://www.livrarialoyola.com.br/busca/Gary+Chapman>. Acesso em 30 de maio de 2023.

³⁹ Disponível em <https://www.estantevirtual.com.br/busca?utf8=%E2%9C%93&q=Gary%20Chapman>. Acesso em 30 de maio de 2023.

⁴⁰ Disponível em https://www.amazon.com.br/Brisa-ver%C3%A3o-Gary-Chapman/dp/8573257385/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Brisa+de+Ver%C3%A3o+Chapman&qid=1628179143&s=books&sr=1-1. Acesso em 30 de maio de 2023.

Religião e Espiritualidade aparece como na posição de número 209⁴¹. Incertezas de Outono está na posição de número 131.094 em livros gerais e na posição de número 19,035 em livros pois o site não o vinculou a categoria de Literatura e Arte Religião e Espiritualidade⁴². E o livro Do Inverno à Primavera é apresentado, também pelo site do Amazon como vinculado à posição de número 98,006 do número de vendas no site e como na posição de número 176 no que diz respeito à venda de livros ligados à categoria Literatura e Arte Religião e Espiritualidade⁴³.

Esses são os únicos dados que conseguimos sobre a venda de livros, e que consideramos como uma amostra dessa circulação. Trata-se de um dado representativo, mas obviamente dada a sua natureza não pode ser universalizado. Para tanto nos indica que a nossa fonte de pesquisa tem sido comercializada, tem tido circulação e adesão de um público leitor. No contexto do surgimento e da consolidação do protestantismo no Brasil vimos que grande parte dos impressos vinham de outros países, sobretudo dos Estados Unidos algo que também se manifestou nos romances e outros símbolos de profusão da fé cristã.

Os livros apresentam personagens secundários. São eles: Patsy, Pete, Cody, Pastor Andrew. Quando Kim e Derek são protagonistas os demais casais se tornam secundários e em cada obra haverá um casal que será protagonista e os demais são alocados como personagens secundários.

Na construção do livro os autores apresentam uma descrição de uma situação vivenciada pelo casal protagonista com, em média, 06 a 07 páginas e depois leva o leitor nas páginas seguintes para um outro ambiente, também com 06 a 07 páginas. As páginas iniciais, de abertura de cada livro, porém, são mais numerosas, em média 16 páginas. Por exemplo, em “Acontece a cada Primavera” temos na abertura a apresentação do casal, da dinâmica da casa de Kim e Derek

⁴¹ Disponível em https://www.amazon.com.br/Acontece-cada-primavera-Gary-Chapman/dp/8573256354/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Acontece+a+cada+Primavera+Chapman&qid=1628179474&s=books&sr=1-1&ufe=app_do%3Aamzn1.fos.6d798eae-cadf-45de-946a-f477d47705b9. Acesso em 30 de maio de 2023.

⁴² Disponível em https://www.amazon.com.br/Incertezas-outono-Gary-Chapman/dp/8573258608/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Incertezas+de+Outono+Chapman&qid=1628179655&s=books&sr=1-1. Acesso em 30 de maio de 2023.

⁴³ Disponível em https://www.amazon.com.br/Do-inverno-primavera-Gary-Chapman-ebook/dp/B071P6SQ2P/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=Do+Inverno+%C3%A0+Primavera+Chapman&qid=1628180031&s=books&sr=1-1&ufe=app_do%3Aamzn1.fos.6d798eae-cadf-45de-946a-f477d47705b9. Acesso em 30 de maio de 2023.

das páginas 09 a 25 e, depois somos remetidos para o salão da Patsy, nas páginas de 26 à 35, onde vemos a descrição das situações do cotidiano do salão e de outros personagens. Todos os livros usam a mesma disposição de capítulos e, além das capas não há no interior das obras nenhuma imagem.

No que diz respeito às capas, todas são coloridas. Em *Brisa de Verão* temos um casal no píer, demonstrando ser um casal jovem, abraçado. Em *Acontece a cada Primavera*, a capa é ilustrada com uma pessoa, do gênero feminino, caminhando com rosas amarelas na mão. Em *Incertezas de Outono* temos um casal mais grisalho, caminhando à distância em uma paisagem que lembra o outono pelas inúmeras folhas dispersas no chão. E em *Do inverno à Primavera* temos uma pessoa sozinha, com uma xícara de porcelana à mão.

Passamos então ao estudo das obras. Nelas, por meio da recomposição da história, da restituição das narrativas poderemos compreender melhor as representações sociais, os sentidos e os significados que foram apresentados ao leitor.

Brisa de Verão

O livro “*Brisa de Verão*” tem como protagonistas Kim e Derek, casal que orienta a narrativa. Kim é mãe de gêmeos, Lídia e Luke, que resultam do primeiro casamento de Kim, união que chegou ao fim porque o ex-esposo era dependente químico, e, quando fazia uso de álcool agredia Kim fisicamente. Outro fator importante para o divórcio do casal foi porque o ex-marido (Joe) não partilhava da mesma fé que Kim, apresentada como cristã. Kim e Derek têm uma média de 35 anos.

Participam dessa história e das demais narrativas que integram essa quadrilogia personagens secundários como Cody, um rapaz que surge na cidade sendo abandonado pela família, Patsy a dona de um salão de beleza de nome *Assim como Estou* e Pete dono da conveniência local. Integra ainda o núcleo familiar de Kim e Derek, a mãe de Derek, Miranda. Cody perpassa todas as narrativas, assim como Patsy e ambos vão apresentando histórias secundárias. Nesse primeiro livro, Cody é apenas citado como um rapaz que faz pequenos serviços como limpeza, pintura, corte de grama nas residências. Patsy, por sua vez, já é

apresentada como a dona de um salão de beleza que é frequentado por toda aquela sociedade. Patsy não é casada, mas tem um relacionamento construído com Pete, vizinho do seu negócio. São citados ainda Brenda e Steve casal com idade entre 40 e 50 anos, Esther e Charlie um casal com idade média de 70 anos e Ashley e Brad, casal mais jovem na casa dos 25 anos.

No núcleo central da discussão do livro, Kim é apresentada como auxiliar de consultório dentário e Derek é patrulheiro aquático. A história aliás dá grande ênfase ao fato de Kim começar a história afastada do trabalho para se dedicar ao cuidado de Luke, diagnosticado com diabetes. Já Derek é patrulheiro, uma profissão de destaque já que a região é descrita como possuidora de lagos e até um canal represado onde aconteceriam um grande número de festas. As casas são descritas como residências espaçosas, bem conservadas e decoradas e algumas delas possuem uma espécie de ponte de madeira que liga as casas ao rio. Na residência de Kim e Derek, aliás, há um porto de madeira para ancoragem de barcos e é também onde a família realiza festas e almoços. A enseada é descrita como local próximo à residência de Kim e Derek onde aos finais de semana há ancoragem de barcos e lanchas para festividades locais. Caberia a Derek realizar a patrulha do lago garantindo a segurança de todos que por ali circulassem. O casal possuía ainda uma caminhonete, mas não há menção a carro de passeio.

Kim, como as demais mulheres citadas na obra mantém uma rotina de frequência ao salão de beleza de Patsy. Ali as mulheres se encontram e conversam com Patsy, apresentada como cristã e que entende o salão como um ministério de evangelização. Tanto é que o salão toca som gospel o dia todo, sendo citado como exemplo da melodia mais adorada pela dona do salão o grupo de música gospel composto por mulheres denominado Trio da Misericórdia. Partindo das mulheres que frequentam o salão é criado um grupo chamado Clube dos Amantes do Chá (CAC) e que realiza reuniões semanais no salão de Patsy. O Clube é composto inicialmente por mulheres e depois incorpora Pete e Cody. O Clube se ocupa de discutir aspectos da vida cotidiana do bairro como a necessidade de conserto de uma ponte, a organização de festas de comemoração envolvendo a comunidade local e outras ações afins.

A narrativa tem início apresentando Kim preocupada com o filho Luke, porém, também demandando voltar ao trabalho. As crianças com 11 anos requerem, no entendimento do casal, a vinda da mãe de Derek para auxiliar no cuidado de ambos

uma vez que Kim retoma o emprego. A maior preocupação está orientada para a diabetes recém descoberta de Luke e que exigiria de Kim, em especial, uma atenção redobrada. A perspectiva é que Miranda auxiliasse nesse sentido para que Kim pudesse retomar sua atividade laboral, mas sem as preocupações com os filhos dada a sua patologia.

No entanto, as diferenças e antagonismos entre Kim e a sogra Miranda vão ganhando proporções elevadas, enfatizando a animosidade existente entre nora e sogra. Miranda, que é viúva, se destaca como uma mulher não cristã, mas que acreditava em vários deuses e que sempre questionava os ensinamentos cristãos da nora. Miranda é também apresentada como uma mulher rica e vaidosa, bonita e bem cuidada, sendo que Kim é apresentada como uma mulher bonita, mas simples.

Os confrontos acontecem por vários motivos, e, dentre eles, temos discussões entre ambas por conta da decoração da casa de Kim, onde, Miranda se instala sob o pretexto de cuidar dos netos. Miranda chega até a convidar uma pessoa, Brenda, para redecorar a casa de Kim sem o seu consentimento. Além disso, Miranda busca inovações na forma de montar pizza de Kim, o que faz sempre criticando a forma de alimentar os filhos, destacando sempre que Kim é uma mãe ruim e que as crianças não a consideram como uma figura de respeito ou de autoridade. A discussão também acontece pelo fato de Miranda autorizar Lidia a utilizar maquiagem, algo vedado por Kim e Derek dada a idade da menina (11 anos).

O ponto alto dos atritos é a educação religiosa das crianças. Miranda critica a religiosidade de Kim e também o fato de os filhos serem condicionados a seguir a mãe nesse quesito. Kim também se manifestava incomodada com as posições de Miranda, dentre as quais acreditar que não existe um único Deus e que não temos que seguir nenhuma religião. “O pior para Kim era que Miranda não demonstrava nenhum interesse pela igreja ou por Deus e quase sempre começava a comer antes da oração” (CHAPMAN; PALMER, 2009, p. 84).

Os confrontos entre esposa e mãe são potencializados pela inércia de Derek que não escuta os apelos da esposa para que sua mãe retorne para sua casa. Somado a isso, a filha de Kim, Lúdia mostra-se extremamente agressiva com Derek, descumprindo regras constituídas como a proibição de usar maquiagem de qualquer espécie e a utilização de internet.

A ausência de manifestação de Derek nos confrontos entre sua esposa e sua mãe colocam o casal em conflitos cotidianos até que Kim pressiona o esposo a pedir

que a mãe retorne para sua residência. Nesse contexto, quando Derek se vê pressionado a tal ponto revela à Kim que é viciado em jogo desde a faculdade e que a mãe pagara uma dívida enorme para socorrê-lo, porém, devido a isso ainda pagava uma parcela cotidiana à mãe. Esse valor fora extraído de supostas economias do casal sem que Kim soubesse. A mãe o chantagearia por conta disso dizendo que executaria sua dívida caso não fosse aceita em sua residência.

As brigas do casal são ampliadas quando Kim descobre toda a verdade sobre as dívidas do esposo. Derek chega até a relatar que participava de um grupo de autoajuda para a superação do vício em jogo. As reuniões que aconteciam após o trabalho eram guardadas em segredo da esposa. Contudo, no final da narrativa o casal decide pela reconciliação e Kim define, por fim, aceitar a convivência com a sogra em sua residência, mesmo com tantas interferências. Também perdoa o esposo pelas mentiras em relação à dívida e ao seu hábito de jogar.

Partindo das categorias elegidas para discussão e análise observamos que a sexualidade é citada apenas de forma velada, e, em poucas passagens ou situações. Uma delas ocorre quando o casal se encontra em seu quarto e Kim o aguardava com uma camisola azul. A narrativa descreve a cena da seguinte maneira: “Ela usava uma das camisolas preferidas dele: de seda azul, pequena e provocante” (CHAPMAN; PALMER, 2009, p. 92). Kim passa a conversar com o marido, reclamando da sogra, mas ele tenta se aproximar dela dizendo: “Só sei que está linda nesta roupinha azul. Sinto vontade de devorá-la” (ibidem, p. 95). Porém, como a discussão não foi suavizada, antes, se agravou posto que Kim insistia em falar sobre a invasão da sogra na vida do casal, temos a menção: “Todas as chamas da paixão que Derek sentira estavam esfriando a cada minuto” (ibidem, p. 98). Não há em todas as 303 páginas escritas qualquer outra menção à sexualidade do casal.

Já em relação ao casamento, vemos que na obra temos a inserção do divórcio como uma possibilidade para os casamentos. O personagem de Kim vem de um primeiro relacionamento, um casamento que não deu certo por ter combinado álcool, agressão e ausência de religião por parte do ex-esposo. Sobre tal circunstância temos a menção: “Meu primeiro casamento foi um pesadelo. Quando Joe começou a me agredir entendida que precisava cair fora” (ibidem, p. 40). Isso é importante porque demonstra a aceitação do divórcio, desde que seja observada sua ocorrência nos casos de violência.

Para tanto, o divórcio aparece como uma alternativa somente em casos especiais e específicos. O casamento sempre deve ser preservado. Para isso, ponto pacífico das indicações, com base no casamento de Kim e Derek é a vinculação do casal a uma mesma fé. Os autores citam como exemplo a frequência da família na chamada Capela do Cordeiro, órgão presidido pelo pastor Andrew. Há, nesse sentido, várias passagens que retratam a diferença entre Kim e Derek por conta dela ser extremamente cristã e ele não ser vinculado à religião, sendo assim descrito em alguns trechos: “Kim era completamente diferente dele nesse quesito. À noitinha ou nos fins de semana livres não desgrudava os olhos de algum livro religioso (ibidem, p. 72)”, ao passo que o marido não adotava esse tipo de comportamento. Outros trechos como: “A única coisa que a fazia duvidar do bom senso de ter se casado com Derek Finley era o desinteresse dele pela igreja” (ibidem, p. 20), fortalecem a noção da importância da igreja para o casamento em tal perspectiva. Em outro trecho, numa discussão entre Kim e Derek, ela diz para ele: “Você está muito longe de ter a mesma fé em Deus que eu tenho” (ibidem, p. 256).

Por analogia, a aceitação da sogra e da condição de dependência do marido só é possível a partir do momento em que ele aceita a mesma fé. Nesse sentido, temos menções pontuais em relação ao fato de Derek realizar a oração antes da refeição da família. Isso teria sido motivo de grande satisfação para Kim, que “[...] sentiu uma gratidão imensa porque, pela primeira vez, o marido reconheceu a existência de um poder celestial [...]. Era o começo – um magnífico começo” (ibidem, p. 25). Porém, apesar de Kim desejar e convidar o marido várias vezes (ibidem, p. 25.122) é só no final da narrativa que ele acaba cedendo.

A descrição apresenta, ao final da obra, um momento no domingo em que Derek define que irá acompanhar Kim e os filhos à igreja. A família discute no trajeto e Derek acaba desistindo da ideia, porém, as mudanças nesse sentido acabam se consolidando e toda a família se firma como membro fiel da Capela do Cordeiro. No livro “Acontece a cada Primavera”, sequência de “Brisa de Verão”, Derek passa a ser responsável por um grupo de orações de homens que acontece na loja de Pete. Em tese, a conciliação do casal vem assentada na aceitação de situações que não podem ser mudadas, pelo bem do casal. Kim aceita a sogra vivendo em sua casa e Miranda também busca a reconciliação com a nora, mesmo sabendo das diferenças entre ambas. Importante frisar que não há menção a uma dada denominação religiosa, mas sim à denominação protestante como um todo. No caso, todas as

menções de frequência à igreja remetem a cultos e também ao aconselhamento e às intervenções por parte dos pastores.

Kim perdoa Derek por ter mentido sobre a dependência em jogo e por ter escondido toda a situação que envolvia o relacionamento com a mãe. Apesar de ter criticado muito a inércia do esposo em relação às imposições da mãe, parece acabar aceitando a situação em prol de uma convivência menos difícil com a sogra, dando a ideia que seria melhor aceitar essa situação e se ajustar à convivência ao invés de um rompimento fortalecendo assim a noção da busca pela manutenção do relacionamento. Derek é apresentado como dependente em jogo, mentiroso, mas traz também o protótipo de um bom homem: trabalhador que cumpria todos os seus deveres laborais, bom pai e bom marido. Nesse caso a separação não é apresentada como uma opção nesses casos. Para tanto, não aparece na obra a perspectiva de que o primeiro divórcio de Kim estaria errado ou tampouco isso emerge visando depreciá-la, o que é a nosso ver um ponto positivo para a narrativa ao fortalecer um protagonista que foge aos padrões postos em grande parte das obras confessionais.

Os atributos de Kim são enfatizados como referência para o bom relacionamento no casamento e estão ligados, predominantemente, a sua capacidade de cuidar da família e em especial do marido. Assim, nas narrativas em que temos a menção do papel de Kim na família a vemos associada aquela que desempenha o cuidado cotidiano das demandas da família, como nos trechos abaixo:

Kim era uma grande mulher. Cuidava bem dos filhos, preparava refeições deliciosas, mantinha a casa em ordem e satisfazia a todos os desejos do marido (CHAPMAN; PALMER, 2009, p. 72)

Só quero que saiba que faço o possível para demonstrar a você e às crianças que os amo [...] (ibidem, p. 94)

Não quero contratar Cody Gross para trabalhar para nós. Eu faço o serviço. Ato de serviço são minha maneira de demonstrar que amo você [...] (ibidem, p. 95)

Para Derek é reservado o papel de “ajudar” Kim quando não está trabalhando, mas a responsabilidade por todo cuidado é dela, e, a narrativa indica, em trechos como os supra citados, que a própria personagem chama para si essa atribuição. Alimentação da família, cuidado da casa e outras atribuições afins constituem responsabilidades desempenhadas pela mulher, para atender às necessidades da família e para que o casamento possa ser mantido. Outro romance

interessante e que devemos conhecer para maior apropriação do disposto por Chapman e Palmer em relação ao casamento e a sexualidade é Acontece a cada Primavera, sequência de Brisa de Verão.

Acontece a cada Primavera

Em Acontece a cada Primavera o núcleo central de discussão é deslocado para a família Hansen, acompanhando agora o casal Brenda e Steve. Brenda e Steve são pais de três filhos: Jhenifer, Jhessica e Justin, todos já grandes e que já moram fora para estudar. Brenda permanece em casa, ao passo que Steve trabalha como corretor de imobiliária e é aliás apresentado como um corretor de grande sucesso. Dada a sua profissão, trabalha fora do bairro, em cidades vizinhas o que faz com que permaneça grande tempo fora de casa. O núcleo secundário permanece o mesmo: Cody, Pete, Patsy, Esther, Charlie, Ashe, Brad e agora Kim e Derek também aparecem como personagens secundários.

Nesse livro é descrito o aparecimento de Cody, abandonado pelo pai e um rapaz com prováveis problemas não identificáveis, mas com certa dificuldade de se socializar, de se expressar. Cody, ao final dessa obra é apresentado como possível autista, mas não há muitas pistas sobre esse diagnóstico. Cody acompanha e auxilia Brenda em várias situações, mas aparece inicialmente como morador de rua e abandonado. Assim, apesar de o autor indicar que esse seria o segundo livro, na sequência, vemos que as histórias não seguem uma linearidade e isso se manifesta por meio do personagem de Cody.

Cody é apresentado no primeiro livro já como totalmente integrado à comunidade, realizando atividades remuneradas como a pintura e limpeza de casas. Já nesse livro que seria o segundo na sequência temos um Cody que começa a se integrar na comunidade e quem é responsável por esta inserção é o personagem de Brenda. Brenda o acolhe em sua residência e o alimenta, algo que é julgado negativamente pela comunidade pelo fato de não conhecerem a pessoa. Ao final da obra, entretanto, Cody é retratado como um personagem totalmente integrado à comunidade, participante do CAC e aceito mesmo com suas especificidades e particularidades.

Nessa narrativa Brenda e Steve são apresentados como um casal que apresenta uma crise conjugal potencializada pelo excesso de trabalho de Steve, corretor de imóveis de grande sucesso na região. O casal já convivia há muitos anos sendo que o namoro começou desde o tempo do colégio. Brenda, por sua vez, é uma mulher que se ocupa do cuidado da casa e de Steve. O entendimento conferido na descrição é que Brenda havia aguardado o momento em que os filhos saíssem de casa para que pudesse aproveitar a vida com viagens, jantares, passeios em cinemas e mesmo desfrutar um passeio de barco com o esposo. No entanto, o fato de os filhos irem estudar fora teria aumentado os custos e Steve se viu condicionado a procurar outra alternativa de trabalho. Inicialmente Steve trabalhava com vendas e quando se aposentou desse serviço passou a complementar a renda com a venda de casas. Esse ofício foi se tornando algo grande motivando a sua organização por meio de uma empresa de venda de imóveis (CHAPMAN; PALMER, 2010).

Apesar do local de residência do casal ser retratado como um espaço calmo e tranquilo, há indicação de que as casas no entorno do lago renderiam muito trabalho para Steve. Steve teria, no entanto, grande parte da sua demanda de trabalho em Tranquility, cidade que se localizava próxima a Deepwater Cover, onde residia o casal e os demais casais retratados nas obras que estudamos. A indicação que temos na descrição é de que Steve teria se sobrecarregado com tanto trabalho e teria também alcançado grande sucesso uma vez que passou a ser muito requisitado. A sua atuação como corretor exigia que permanecesse grandes períodos fora de casa, incluindo as noites em que se reunia com clientes no clube de campo do local. Toda essa dedicação ao trabalho fazia com que Brenda se sentisse sozinha e abandonada pelo esposo, eclodindo assim a crise entre o casal.

No momento em que o casal vivencia essa situação surge na história Nick, pedreiro que foi contratado para realizar uma reforma no porão da casa de Brenda. A casa, aliás, é apresentada como uma residência grande, espaçosa, bem conservada e decorada. Brenda é descrita como uma mulher que pintava as cadeiras, costurava almofadas novas para a sala de estar, que era hábil costureira e que fazia tudo o possível para reorganizar a casa. A reforma no porão foi idealizada para que Brenda pudesse realizar suas atividades de artesanato. Na história, o porão estava cheio de objetos dos filhos, como troféus, diplomas antigos, medalhas e itens que foram sendo acumulados ao longo da vida. A reforma permitiria a

organização desses itens e também ajustaria o porão para as novas necessidades de Brenda.

Chapman; Palmer (2010) nos indicam que o relacionamento entre Brenda e Nick começa a se consolidar a partir da reforma, e, os dois ficam muito próximos. O vínculo acaba se ampliando em meio a várias e várias brigas e atritos entre Brenda e Steve. No contexto retratado Brenda acaba se interessando e se envolvendo com Nick e os dois quase se beijam. Brenda apresenta viver um conflito interno intenso em que fica dividida entre o marido e Nick, porém, apresenta mais interesse em Nick já que o marido se mostra cada vez mais distante. Brenda acaba repensando a situação e conta para o esposo tudo que aconteceu. Steve deixa Brenda por alguns dias sozinha, mas os dois acabam se reconciliando e reatando o casamento.

Em relação ao casamento vemos que nesse livro há uma ênfase na saída dos filhos de casa e a necessidade do casal se adaptar a essa nova dinâmica. Steve não demonstra compreender porque Brenda está tão irritada com ele. Já Brenda é retratada como uma mulher triste, fria e distante. Steve compreende que não fez nada de errado pois, no seu entendimento, a única conduta adotada por ele foi trabalhar demais e esse trabalho foi desenvolvido única e exclusivamente em prol da família. O confronto é potencializado porque Steve começa a julgar Brenda pelo envolvimento com Nick. Brenda, por sua vez, não nega o interesse, mas justifica que isso só aconteceu devido à ausência do marido em sua vida. Brenda chega a entrar em depressão e permanece andando pela casa de pijama, sem fazer nada de interessante após a briga com Steve e o grupo de amigas composto por Patsy, Kim, Ashey e Esther vão até a sua casa e retiram ela da cama, cortam seus cabelos e a arrumam Brenda para que ela possa se recompor.

Apesar de não haver uma menção clara, implicitamente é destacado que Steve havia se afastado porque Brenda se tornara amarga demais. Alguns trechos reforçam que antes do desentendimento do casal Brenda era “doce” e isso havia mudado substancialmente. Trechos como: “Brenda calada e antes era doce. E era tão doce que se alguém a beijasse no rosto, sentiria gosto de açúcar” (CHAPMAN;PALMER, 2010, p. 30) e ainda: “[...] loira, doce e gentil, sempre amando os filhos e o marido enquanto cuidava da cozinha e do jardim” (ibidem, p. 199) e “[...] tão doce quanto uma fatia de torrada quente de nozes” (ibidem, p. 59) destacam a suposta “personalidade” de Brenda.

A mudança a tornaria “amarga” e “grosseira”, além de descuidada com a própria imagem e apresentação pessoal. Quando a descrição passa para a perspectiva de Steve vemos que ele percebe Brenda como extremamente agressiva, sendo isso retratado em trechos como: “[...] figura grosseira que lhe costumava chamar de esposa” (ibidem, p. 42). Outros trechos, já na perspectiva do narrador (e não de Steve) ressaltam então a questão da aparência de Brenda. Brenda é sempre retratada como uma mulher bonita, mas que havia deixado seus cuidados pessoais de lado. Por conseguinte: “Brenda se desligou de si [...] usava calça jeans desbotada e uma malha surrada. Não se preocupou com maquiagem, estava despenteada (ibidem, p. 30)” e “Bem-arrumada, bonita, animada, divertida [...] (ibidem, p. 59)”. De forma que, parte do fato do casamento estar em crise parece advir do fato de que Brenda deixa de se cuidar, de cuidar de sua apresentação pessoal e também provém das mudanças no comportamento e humor dela.

Outros aspectos são levantados pelos autores, agora partindo da perspectiva de Steve em relação a comportamentos que ele esperava da esposa. Um deles se refere a Steve partir da perspectiva de que Brenda deveria, todos os dias após chegar do trabalho, sentar-se em seu colo na sala e lhe perguntasse como foi o seu dia. Steve destaca em sua forma de analisar que trabalhava muito para que a esposa pudesse ficar em casa, o dia todo, sem fazer “nada” e que esperava, quando retornava para casa, que a esposa fosse mais acolhedora e que não reclamasse do fato dele trabalhar.

Outra passagem é apresentada no sentido acima em que vemos que o marido espera algo da esposa. A narrativa destaca que Steve havia passado uma tarde pescando e que trouxe para casa muitos peixes. Ele esperava que Brenda se sentisse feliz com isso e que preparasse os peixes para o casal como fizera por várias e várias vezes. Para ele o problema é que o relacionamento com Brenda estava estava acabando e para solucionar esse problema chega a apresentar, mais uma vez, a necessidade de que Brenda procurasse um médico ou mesmo um pastor, dizendo que possivelmente o comportamento dela fosse resultado da antecipação da menopausa. Steve ainda considerava que o comportamento de Brenda provinha da saudade que ela sentia dos filhos (CHAPMAN; PALMER, 2010, p. 42, p. 79, p. 179).

Steve parecia, no entanto, não perceber os cuidados da esposa com a casa. A narrativa evidencia a sua habilidade em deixar tudo limpo, em deixar o jardim todo

florido, em reformar alguns espaços e a decoração da casa, porém, em poucas circunstância o marido parecia elogiá-la por isso. Isso acabava magoando muito Brenda e resultava em muitas brigas do casal, comprometendo de forma negativa o relacionamento. Porém, apesar de isso não ser dito, a narrativa apresenta os atritos como se Brenda sempre reclamasse de Steve por coisas banais que não eram percebidas por ele devido ao fato de que ele trabalhava demais (ibidem, p. 41- 42, p. 79 -80, p. 179-p. 181). E, aliás, para ele Brenda tinha que se mostrar grata porque não precisava exercer uma atividade remunerada.

A discussão mais acalorada entre o casal, no entanto, se dá quando Brenda confessa a atração por Nick. Ele é apresentado como um operário de construção, acostumado ao uso de jeans e roupas simples. Há aliás uma ênfase no jeans, apontado como uma roupa simples. Na primeira menção vemos uma Brenda desarrumada usando um jeans surrado (ibidem, p. 30) e vemos também menções à Nick como uma pessoa simples, que não andava bem vestido e que sempre estava com jeans surrado. Nick fora casado duas vezes e vivia em um trailer, algo também descrito e apresentado como se ele pertencesse a uma classe social totalmente distinta de Brenda (ibidem, p. 209.121-22).

Quando o casal discute essa situação, que nunca foi negada por Brenda, o caso é apresentado como “adultério”, mesmo que Brenda e Nick nunca tivessem sequer se beijado. O adultério é apresentado e compreendido como “[...] pecar com o coração” (CHAPMAN; PALMER, 2010, p. 192), ou seja, independe de ter havido contato físico, mas só a vontade de ter se relacionado com outra pessoa já é compreendida como traição. Como Nick tocou em seu braço, lhe disse palavras de carinho, isso já é posto como traição (ibidem, p. 238). O fato de Brenda também ter considerado deixar o marido por outra pessoa é compreendido como traição (ibidem, p. 209, p. 257). Nas discussões se chega até a citar o divórcio como uma opção (ibidem, p. 185.240). Porém, nesse contexto, o divórcio é citado como algo que assusta o casal. Há até uma menção de que as pessoas na comunidade já teciam comentários maldosos sobre o relacionamento de Brenda e Nick.

Havia rumores – terríveis, maldosos, sussurrados pelos cantos – de que Brenda estaria envolvida com Nick LeClair, o pedreiro, o sujeito contratado para trabalhar no porão dos Hansens. Patsy nunca acreditou nisso. Brenda sempre foi uma boa mãe, esposa fiel e cristã fervorosa, e não cairia numa armadilha como essa (CHAPMAN; PALMER, 2010, p. 113)

Isso já indicava um pouco do julgamento social de Brenda caso consolidasse seu relacionamento com Nick.

Muitas discussões são apresentadas na descrição da obra e ao final da narrativa temos uma Brenda arrependida de ter se interessado por outro homem, porém, compreendendo que isso só aconteceu devido ao afastamento do marido e ao seu trabalho como corretor (ibidem, p. 239- 240). Não parece ser responsabilizada integralmente pela crise no casamento, mas, seu “erro” parece ser mais grave do que o do esposo. O arrependimento de Brenda vem acompanhado de sua consciência sobre seu afastamento da igreja, algo que não é falado em toda a obra, mas que aparece ao final da mesma. Assim, vemos uma clara analogia entre os problemas conjugais e o fato de ela não estar frequentando a igreja (ibidem, p. 258).

A partir de então Brenda retoma suas atividades na Igreja, sendo acompanhada pelo esposo, e a reconciliação acontece com o casal alinhando uma nova chance para o casamento. Brenda pede perdão para Steve, porém, ele não faz o mesmo. Steve destaca que não sabe se poderia perdoar a esposa, mas decidem tentar. Steve também compreende que errou em se afastar de Brenda e o casal segue junto, fortalecendo assim o casamento (ibidem, p. 293).

A questão da sexualidade do casal é tocada de forma bastante suave, mas de forma a deixar bem claro a ausência de sexo entre ambos. Brenda destaca que Steve era apenas a pessoa com quem dividia a cama (ibidem, p. 61) e Steve destaca em vários trechos que mal conseguia tocar na esposa sem que fosse repellido por ela (ibidem, p. 176.181). A reconciliação se consolida quando ambos decidem superar o que vivenciaram e se dão uma nova oportunidade.

É interessante nesse livro temos a menção à possibilidade de inauguração de um comércio de filmes pornôis no bairro. O espaço livre na região central do bairro, na verdade, seria locado para a constituição dessa loja. Os moradores começaram uma mobilização para que pudessem evitar que a locadora funcionasse sob o argumento de que uma loja desse tipo seria ofensiva às crianças e também para as famílias do local. Em uma discussão no Clube dos Amantes do Chá Kim chega a apontar que as mulheres retratadas nesses filmes não seriam mulheres reais e não poderiam, sob hipótese alguma, serem consideradas referências para as esposas que por ali circulavam (ibidem, p. 81). Junto à locadora haveria um sex shop e isso resultou na organização da comunidade que, por meio de um abaixo assinado,

conseguisse evitar que a loja fosse instalada. A narrativa indica que os proprietários acabaram desistindo da loja após o posicionamento dos moradores CHAPMAN; PALMER, 2010, p. 117). A compreensão dos autores é que lojas de tal natureza deveriam ser evitadas.

Brenda, diferente de Kim, a primeira protagonista da quadrilogia, não possuía uma atividade remunerada. Kim, para tanto tinha uma atividade subsidiária pois a maior parte da renda provinha de Derek. No caso de Brenda, Steve era o provedor e demonstrava gostar muito desse papel. Kim possuía dificuldades cotidianas no casamento ao passo que na história de Brenda essas dificuldades cotidianas acabaram estimulando que ela se interessasse por outro homem e até cogitasse o divórcio, termo que não aparece na narrativa de Kim e Derek. Em ambos temos o fortalecimento da perspectiva da luta pela manutenção do casamento, afinal, em nenhum deles temos violência que justificasse a separação. Nos dois casos temos também uma clara menção à importância da religião na manutenção do casamento, sendo importante que ambos partilhem uma mesma fé. E é comum ainda que em nenhum dos casos temos uma menção explícita sobre a sexualidade do casal, havendo apenas, como indicamos, apontamentos pontuais, com termos que abordam a relação sexual de forma fragmentária.

A terceira obra, *Incertezas de Outono*, desloca o olhar para outro relacionamento, retratando agora um casal com outras especificidades, como descreveremos no decurso desse texto.

Incertezas de Outono

Na terceira obra da quadrilogia, *Incertezas de Outono*, temos a atenção deslocada para o casal Charlie e Esther Moore que são apresentados nas outras obras como personagens secundários. O casal se conheceu na juventude. Namorou e atualmente conta com 50 anos de união. Os dois têm em média 70 anos de idade. É descrito que Charlie nasceu e cresceu em um lar evangélico, mas não é dito nada em relação à infância e criação religiosa de Esther. Charlie é aposentado e trabalhava como carteiro, já Esther é retratada como uma mulher que não exerceu atividade remunerada e dedicou sua vida ao marido e aos filhos, que eram dois:

Charlie Junior e Ellie. Charlie Junior morava na Califórnia, era casado e pai de dois filhos. Lá atuava como administrador de uma fábrica de processamento de cebolas. Ellie era solteira e era missionária na igreja e é retratada como uma mulher madura, mas que na adolescência foi dependente química (CHAPMAN;PALMER, 2013).

O começo da narrativa apresenta Esther se preparando para sair para ir até o Salão de Beleza. A narrativa indica que Esther esquece onde colocou as chaves do carro, e, depois liga o veículo com a bolsa alocada no teto do mesmo. Ao começar a dirigir a mulher tem um lapso e acaba colidindo na própria garagem. Disso advém uma hospitalização devido a um “mal súbito”, algo que poderia acontecer novamente se ela não se submetesse a uma angioplastia. Esther já se coloca extremamente contra o procedimento cirúrgico o que é causa de desavença entre o casal (ibidem, p. 13).

Nesse momento, há um recorte da narrativa, deslocando-se para Pete e Patsy. Nela, o relacionamento entre os dois prossegue e agora chegam a ir ao cinema juntos, onde acabam se beijando. Para tanto, Patsy se recusa a se relacionar com Pete por conta da religião. Pete frequenta a mesma igreja que Patsy, a Capela do Cordeiro, mas não parece ter a mesma “fé” fazendo com que ela refute o namoro até o final da obra.

Outro personagem secundário e que entra em evidência no momento é Brad. Brad é casado com Ashley. Ashley acaba se tornando amiga de Esther. Elas cozinham juntas, Esther separa contas de cerâmica para que Ashley possa confeccionar bijuterias. Por conta disso, Charlie passa a ajudar Brad com uma reforma, e, os dois se tornam muito amigos (ibidem, p. 196-197).

Chapman; Palmer (2013, p. 80-85) reorientam a descrição para o casal Esther e Charlie e relatam que o casal recorreu a um outro médico, em um cidade vizinha e que nesse contexto, na volta do casal para casa Esther chega a dormir no volante. Isso porque após o acidente em que Esther bateu na própria garagem, ela passa a apresentar comportamentos que demonstram perda de memória e certa confusão mental, além de sonolência. São relatados episódios como: esquecer da comida no fogão e acabar queimando-a (ibidem, p. 40), colocar alhos na carne confundindo-os com cebolinhas (ibidem, p. 174), jogar o abridor de latas elétrico no triturador de lixo e não se lembrar disso (ibidem, p. 48.179), esquecer do Halloween (ibidem, p. 188), esquecer da combinação feita com o marido e os filhos sobre as festividades de

Natal (ibidem, p. 230). Além disso, ela misturava as contas de argila de cores diferentes ao invés de separá-las como sempre tinha feito (ibidem, p. 215-216).

Na descrição da situação em que Esther substitui as cebolinhas por alhos na carne assada é feita uma descrição clara de que ela teria olhado para os alhos e visto cebolas. Por conta disso, o casal tem uma discussão super séria quando Charlie avisa Esther que eram alhos e não cebolas. Na discussão eles derrubam a carne no chão, sujando todo o espaço da cozinha. A briga é tão grande que Esther chega a chamar Charlie de “animal” (ibidem, p. 174) e ele, sem dar muita atenção ao que aconteceu segue realizando a limpeza da cozinha, sobretudo do chão.

Além da questão da memória e da confusão mental vemos ainda situações em que Esther é retratada como irritada, em que falava demais, e que estava recentemente mal-humorada. Além disso, Esther é apresentada como teimosa (ibidem, p. 68.115.231). As descrições ainda apontam para uma Esther brava e que sempre estava brigando e dando bronca no esposo (ibidem, p. 159.162-163). Trechos como o abaixo citado ilustram a concepção que se tem da personalidade de Esther nesse trecho da obra. Neles vemos menções do marido Charlie nas primeiras sentenças e de Esther sobre si mesma, na última sentença:

- O que você está papagueando, Esther? – Ele virou-se de repente e encarou-a.- Não vê que estou tentando descobrir onde guardar esta droga de roupa? [...]
 [...] - Preste atenção, Esther. Estou cansado de tantos gemidos e reclamações. Desde o acidente, você inventou uma coisa atrás da outra e vive choramingando [...] (ibidem, p. 68)
 “[...] Decidiu controlar seu mau comportamento e estava esforçando-se para concentrar-se nas qualidades do marido (ibidem, p. 231).

Charlie, por sua vez, é apresentado como uma pessoa calma, equilibrada e sensata, sempre. Mesmo em falas como as supra indicadas em que ele reclama de a mulher estar “papagueando” ou em que diz que ela estava incomodando-o com “gemidos” e “reclamações”, a informação é colocada de tal forma que dá a ideia de que Esther “mereceu” esse tipo de tratamento mais áspero. Na primeira passagem Charlie está guardando roupa e na segunda está separando a roupa suja que estava no guarda-roupa. O interessante é que Esther também acaba se compreendendo como mal humorada, assim como retrata o último trecho citado (ibidem, p. 231).

Na história de Esther e Charlie há, entretanto, a inserção de um elemento específico, assim como na de Brenda e Steve. Há indicação de que Esther, na

juventude teria tido um relacionamento extraconjugal. Charlie encontra entre os cartões da esposa um desenho de Esther, assinado por George Snyder. No desenho, ao lado da assinatura havia o texto escrito: “Esther, para sempre a amarei” (ibidem, p. 65-66), o que teria sido o principal inflamador da desconfiança de Charlie.

O casal tem várias conversas sobre o desenho e Esther explica ao marido que George era um vizinho deles no começo da vida de casal e que Ester conversava muito como o vizinho, tornando-se sua amiga haja vista que Charlie estava sempre fora de casa, trabalhando (ibidem, p. 66 - 68). Esther sempre descreve George como um amigo que era desenhista e sempre negara para Charlie qualquer relacionamento além da amizade, mas Charlie, por sua vez, sempre retomava essa questão insistindo, inclusive, que Esther era uma mulher casada quando conheceu George e que por isso não deveria jamais ter amizade com ele visto que George era solteiro (ibidem, p. 79.119).

Em uma dessas discussões entre o casal Charlie chega até a destacar que era totalmente errado que “um homem e uma mulher ficassem juntos horas à fio” em um apartamento, sendo a mulher casada. Para Charlie, devia ser por isso que a esposa, naquela época, não demonstrava interesse em seus “carinhos” (ibidem, p. 241) ou então que, por conta da relação sexual, se descrevia como “área interdita”, algo que é totalmente negado por Esther. Esther insiste e defende que possuía apenas uma amizade com George.

Por fim Esther passa a dizer que realmente a amizade com George foi inadequada. Passa então a reproduzir o discurso de Charlie. Vemos que Esther diz: “Uma mulher casada não deve ter nenhum tipo de amizade com outro homem” (ibidem, p. 250) e que pede desculpas ao marido por seu comportamento inadequado de ter amizade com outro homem. Por fim, Esther queima o desenho, guardado até então há mais de 30 anos, mesmo deixando claro uma vez mais que não houve nenhuma relação além de amizade com George.

A narrativa apresenta também que o casal convidou Cody para que ele ajudasse Esther e Charlie na limpeza da casa e algumas outras atividades domésticas. Cody esteve presente quando Esther colocou o abridor de latas elétrico no triturador de lixo e quando ela bateu o carro. Os lapsos de memória vão ficando cada vez mais presentes na narrativa e após muita insistência e discussão Esther acaba optando por fazer a angioplastia. Quando ela decide por isso, já no final do

livro, o casal participa do desfile do Dia de Ação de Graças, junto com Charlie, como rei a rainha da atividade (ibidem, p. 257).

Um dia depois da festa, Esther e Charlie procuravam uma receita para rechear um peru quando ela começa a se sentir mal, e, acaba caindo no chão. Charlie percebe que a esposa está sem pulsação e entra em contato com a emergência, que, rapidamente a transporta até o hospital. Charlie segue acompanhando a ambulância com os vizinhos Derek e Kim e, quando chega ao hospital permanece um tempo aguardando notícias da esposa. Quando os médicos o chamam para a conversa compreender que Esther havia falecido (ibidem, p. 279-286).

Ele não voltaria a Esther. Nunca mais veria sua esposa vibrante, feliz como um passarinho, com sorriso travesso e mãos atarefadas. Não haveria mais o som de pratos na cozinha. Nem calças compridas com cintura de elástico combinando com as blusas. Nem hora marcada no salão de beleza. Nem longos relatórios cheios de mexericos sobre o Clube dos Amantes de Chá. Nem doces beijos no rosto. Nem braços amorosos procurando por ele à noite.

Charlie olhou firme para o médico. Ele estava falando, e Charlie entendeu as palavras. Mas elas não faziam sentido. Nenhum sentido. (ibidem, p. 286).

Na descrição não há menção sobre o que veio a acontecer após a morte de Esther. Não há informação sobre o velório, sobre quem esteve presente ou qualquer circunstância específica. Apenas temos o apontamento de que Esther sofreu um derrame um dia antes de fazer a angioplastia, porém, se diz que não era uma morte que poderia ter sido evitada. Há também o apontamento de que os filhos vieram para se despedir da mãe e logo retomaram sua vida (ibidem, p. 287). Charlie segue sozinho em sua casa em Deepwater Cove, e passa a ser acompanhado pelos vizinhos e por amigos. A narrativa demonstra um Charlie extremamente triste, sentindo a falta da esposa, mas que com o tempo tenta dar andamento em suas atividades. O principal apoio para Charlie, nesse período, foi Brad que sempre permaneceu a seu lado.

A narrativa nos apresenta ainda alguns aspectos importantes para o estudo que propomos. A questão do cuidado com a casa é, aliás, um deles e é uma atividade que é atribuída a Esther. Esther, depois de bateu o carro havia ficado uns dias sem conseguir fazer as atividades rotineiras e o casal contou com o apoio de vizinhos e amigos. Quando ela começa a se reestabelecer e volta para a cozinhar, a

descrição nos apresenta: “Naquela noite, a esposa de Charlie voltara a assumir seu posto de rainha do lar. Esther retornara à cozinha” (ibidem, p. 59).

Há uma analogia clara entre a figura de Esther e a cozinha, no sentido de que ela era a maior responsável pelas refeições do casal. A narrativa apresenta Esther como uma boa cozinheira apesar de ter aprendido sozinha e de ter sempre sido desqualificada pela mãe que a julgava por não saber cozinhar (ibidem, p. 31.157.174). Em um trecho há, aliás, uma menção de que Esther havia feito “[...] muitas bobagens quando começou cozinhar”, mas com o tempo acabou aprendendo e sua habilidade na cozinha é também uma condição para que fosse considerada uma “boa dona de casa” (ibidem, p. 177.181).

Temos a indicação de que Charlie a “ajudava” lavando a roupa, colocando a roupa na secadora e mesmo tentando guardar as roupas (ibidem, p. 62.66.68), mas não há qualquer menção de que ele cozinhasse e é até por isso que os vizinhos, um tempo após a morte de Esther, se revezam para alimentá-lo. Isso é apresentado inicialmente após a morte dela, mas não há menção de quanto tempo isso continuou a ser feito pelos vizinhos de Charlie.

A relação entre cozinha e a figura feminina também aparece em um diálogo entre Charlie e Brad. Na ocasião em que Brad reclamava do seu casamento com Ashley ele coloca que era exigir demais idealizar “Uma esposa, três boas refeições, roupas limpas. Eu gostava de verdade do casamento. Ashley era muito divertida. Agora, esqueça” (ibidem, p. 169).

No que diz respeito ao casamento vemos que as menções sustentam a importância de ele acontecer entre pessoas que partilhem da mesma fé. Para tanto, além disso, é necessário que ambos estejam dispostos a lutar pelo relacionamento, superando as diversidades e aprendendo a conviver com as diferenças e com momentos difíceis. Essa seria uma responsabilidade dos cônjuges, “[...] perante Deus” (ibidem, p. 171).

O casamento é ainda comparado a uma entrega, uma doação que ambos fazem em prol de um bem comum. (ibidem, p. 16.69.79). Nesse sentido, o divórcio é algo a ser evitado uma vez que homem e mulher, após o casamento, devem permanecer juntos. O divórcio é descrito em uma conversa entre Charlie e Brad: “ - Grande D? – Charlie percorreu um dicionário mental, mas só pensou em palavras que se encaixavam em sua vida. Demência. Desespero. Dor. Destruição” (ibidem, p.

114). Aliás em uma conversa entre Brad e Charlie, podemos ver o conselho que Charlie confere ao amigo:

- Pode ser, mas não é assim que Deus deseja. Ele prefere que o homem e mulher permaneçam juntos e tentem fazer o possível para resolver os problemas. Às vezes não conseguem, mas penso que os casais desistem muito cedo. Estou casado há quase cinquenta anos. E como foram todos eles com Esther, tem valor muito mais que isso (ibidem, p. 117).

Casamento é ainda um dom, uma vontade e benção divina, “[...] é uma benção de Deus (ibidem, p. 143) e Deus permitiria que o casal conseguisse superar suas dificuldades para que pudessem continuar casados.

Em relação à questão da sexualidade, por outro lado, vemos que há menções que indicam que o casal (Esther e Charlie) mantinha relações sexuais. Esther, após ter vivenciado o acidente, quando retorna para a sua residência em um momento que se prepara para caminhar com o esposo ao se arrumar ouve dele a seguinte consideração: “ – Minha nossa! – Charlie disse quando Esther vestiu a blusa. Ele levantou as sobrancelhas. – Você é uma gata. Fez meu coração bater tão forte que me deixou um pouco fegoso” (ibidem, p. 46), mas ela recusa a investida do marido e a narrativa ainda coloca:

Lá estava ela quase morta, cheia de escoriações, recuperando-se da experiência mais angustiante, enquanto ele só pensava naquilo. Quantas vezes ele tinha visto o corpo dela, com roupa ou sem roupa? Ela não podia acreditar que aos sessenta e oito anos de idade e após quarenta e oito anos de vida conjugal, Charlie Moore ainda estivesse apenas uma coisa em mente (ibidem, p. 46)

No relato do casal Derek e Kim temos raras menções à sexualidade, e, o mesmo ocorre com o casal Brenda e Steve. Já Esther e Charlie trazem menções sobre a sexualidade do casal, como a que foi apresentada acima e outras mais. Em outra passagem, Esther pergunta para Charlie se ele ainda a acha bonita e atraente ao que o esposo responde que sim, e que, no passado fazia o possível para voltar para a casa mais cedo quando a esposa ia cortar a grama pois nesse dia ela colocava uma calça justa. Na sequência da conversa Esther chega até a perguntar se Charlie a achava atraente após todos os anos de casados, e, ele responde que sim.

No meio do livro há uma descrição de uma suposta relação entre o casal. Nesse contexto já temos uma Esther bastante debilitada pelas perdas de memória.

O casal está em seu quarto e Esther sai do banheiro do casal com um roupão de seda que, deixa cair, e começa a dançar em direção ao marido. A narrativa é assim descrita:

É claro que os anos haviam passado e que o corpo de Esther mudara ao longo do tempo. Mas no instante em que ela começou a dançar na porta do banheiro com todos aqueles trejeitos, o coração de Charlie começou a bater mais forte. [...] Esther jogou a cabeça para trás e riu. Com um belo rodopio, ela caiu nos braços dele e começou a beijá-lo. Quando passou as mãos nas costas sedosas e perfumadas da esposa, Charlie só conseguiu pensar em quanto a amava e como se sentia grato por Deus ter-lhe dado uma mulher linda, maravilhosa e deliciosa só para ele (ibidem, p. 186-187).

E em outro momento de intimidade do casal Charlie diz a Esther: “[...] linda, sinto vontade de beijá-la” (ibidem, p. 229). Em outro trecho, já citado algumas páginas acima, ao pensar sobre a relação sexual com Esther, Charlie dizia em dadas circunstâncias que a esposa demonstrava:

[...] não estar interessada em seus carinhos. “Área interdita”, ela dizia. Aquilo não acontecia sempre, mas o suficiente para deixá-lo extremamente frustrado. Além disso, Esther nunca havia sido muito impetuosa na cama. Aliás, aquela parte do casamento era um tanto decepcionante. Mesmo assim, Charlie amava profundamente esposa, e aprendera a ajustar-se aos seus diferentes níveis de desejo (ibidem, p. 241).

Também se apresenta uma ideia de que o sexo fosse mais um desejo do homem, no caso de Charlie, e, que Esther se recusava a ter relação algumas vezes. No entanto, a descrição indica que Charlie, mesmo contrariado, respeitou a vontade da esposa. E mais, ao que parece vemos que há uma distinção entre amor e relação sexual. Charlie amava a esposa mesmo que a relação sexual o decepcionasse, buscando se ajustar à necessidade da esposa. Porém, aqui o sexo aparece de forma mais explícita se comparado aos outros livros já estudados.

Outros aspectos interessantes são apresentados na obra, para além da discussão sobre casamento e sexualidade há uma contraposição a festas como o Halloween. Em uma discussão entre Jhenifer, filha dos Hansen e Miranda, mãe de Derek, há uma apresentação por parte de Jhenifer em que ela justifica que o Halloween não serve para glorificar a Deus. E que nós, seres humanos, tementes a Deus devemos desenvolver atividades que sirvam para glorificá-lo. Em uma apresentação de Jhenifer, ela justifica que o Halloween não tem esse propósito e, portanto, não deveria ser realizado (ibidem, p. 96-97).

Jhenifer é filha de Brenda e Steve, casal retratado no segundo livro da quadrilogia, e, nessa obra é apresentada como uma pessoa extremamente culta,

formada e que se prepara para cursar o mestrado. Jhenifer é tida desde o primeiro livro como uma pessoa que desejava ser missionária, mas que tinha formação universitária. A relação de Jhenifer com Cody se torna bem próxima, aliás, tão próxima a ponto de ele considerar um namoro. Nessa obra Jhenifer, graduada em Psicologia, demonstra que analisou Cody por um tempo e que de fato acredita que ele tenha autismo ou Asperger (CHAPMAN; PALMER, 2013, p. 98-101).

No caso observamos que além do romance dos protagonistas há histórias paralelas abordadas pelos autores. E há sempre a apresentação de personagens secundários que foram ou então que serão protagonistas das obras. No livro que segue teremos a história de um outro casal que, sempre esteve presente e nas demais narrativas.

Do Inverno à Primavera

Enfim, em “*Do Inverno à Primavera*”, temos então a apresentação da história do casal Ashley e Brad Hanes. O casal está na faixa etária dos 20 anos, em média. Ashley é garçoneiro e trabalha no Clube de Campo do bairro, espaço que é um local que recebe muitas pessoas da região do lago. Ashley também confecciona contas em argila com as quais faz e vende uma série de bijuterias. Já Brad trabalha com construção civil sendo empregado em uma construtora. Brad foi jogador de futebol, mas acabou não aproveitando a possibilidade de acesso a bolsas de estudos pois desejou se casar. O casal namorava desde o colégio e é descrito apenas que já mantinham relações sexuais antes do casamento (CHAPMAN; PALMER, 2014, p. 38).

No livro anterior, o casal já começa a ser apresentado ao público pelos autores. Charlie tornou-se amigo de Brad pelo fato de sua esposa, Esther, ser amiga de Ashley. E, na narrativa anterior, Brad e Charlie realizaram uma reforma em sua casa e foram inseridos em vários diálogos que demonstravam a proximidade de ambos. Nessas discussões vemos que Brad sempre comenta a respeito das dificuldades financeiras do casal, e das inúmeras brigas do casal por motivos variados. Um deles é o fato de Brad ir ao bar do Larry todas as noites após sair do trabalho. É dito na primeira narrativa que no bar uma cantora, Yvonne, tinha interesse em se relacionar com Brad. Ashley não gostava que Brad frequentasse o

local e também demonstrava não gostar, nem um pouco, do fato de o esposo beber (CHAPMAN; PALMER, 2013, p. 39, p. 45, p. 78).

A narrativa parte do ponto em que Brad vai ao bar do Larry acompanhado de um amigo de trabalho e nesse momento ele encontra um cão abandonado o que acaba por fazer com que Brad retorne para a casa. O casal, a princípio, se desentende por conta do cachorro, mas acaba acordando em ficar com o animal. Mesmo assim as brigas são constantes. O casal discute porque Ashley chorava com saudade de Esther, porque Brad chegou em casa e Ashley não tinha preparado nada para que ele pudesse comer, ou havia reclamações de Ashley sobre o fato de Brad beber e ir ao bar, sobre o fato de Brad não colaborar nas tarefas domésticas, porque Ashley não limpou a casa (CHAPMAN; PALMER, 2014, p. 28.32.57.61.67.82.83). É interessante indicar que em um trecho os autores contam que Brad havia limpado a casa para Ashley, como um “presente” para ela (ibidem, p. 96).

O fato de Brad ter investido o dinheiro do casal em um caminhão e tê-lo perdido em um acidente, por estar bêbado, é outro motivo de briga do casal. Na narrativa Ashley discute quando Brad pega uma cerveja da geladeira, enquanto conversam. A briga é enorme, e Ashley chega a falar que odeia o marido (ibidem, p. 93-94).

Depois disso, há uma discussão grande do casal em torno de com quem iriam passar o Natal e Brad chega a reclamar pelo fato de a esposa não ter decorado a casa para o período natalino. Um trecho da discussão é assim retratado:

- Então, por que você e sua camisola de flanela não desaparecem da minha vida ? – ele gritou, com o rosto a centímetros do dela. – Eu também não preciso de você.
- Eu odeio você! – ela berrou, com lágrimas descendo pelo rosto enquanto ele entrava no carro.
- Eu também odeio você – ele resmungou. Com os dentes cerrados, ele saiu a toda velocidade, com os pneus cantando no asfalto. (ibidem, p. 161).

Brad, após essa discussão, pega o cachorro e vai dormir no carro. A descrição indica que era uma noite fria, com neve que até impedia os carros de saírem de casa. A descrição indica que na briga Brad chegou a esmurrar a porta da casa e todos vizinhos teriam escutado a discussão. Depois dessa noite Brad procura um café na manhã subsequente e acaba na loja de Pete, onde, participa de um círculo bíblico.

O casal permanece em conflito à medida que a descrição indica que o Natal está se aproximando. Na véspera de Natal, Ashley volta do trabalho quando vê o carro do esposo parado no bar. Ao se aproximar do bar ela tem a informação de um garçom sobre onde estaria Brad e o encontra na casa de Yvonne, sendo tal episódio assim narrado:

- Sou Ashley Hanes – ela disse em voz baixa – Brad está aí?
A mulher limpou a boca com as costas da mão. Tirou a corrente da porta, escancarou-a e acendeu a lâmpada da sala.
- Não sei, meu bem. Ele me disse que se chamava Papai Noel.
[...] Havia roupas espalhadas no chão. Um suéter vermelho. A calça jeans dele (ibidem, p. 180).

Depois disso Ashley deixa Brad e fica um tempo escondida na casa de Patsy. Brad tenta encontrar a esposa, mas não consegue descobrir onde ela está hospedada. Por outro lado, os autores nos apresentam um Brad extremamente arrependido e querendo retomar o casamento. Angustiado, recorre a Charlie que lhe confere o seguinte conselho:

“[...] O jeito agora é descobrir o que fazer a partir daqui [...] Você cometeu adultério. Prometeu amar Ashley e cuidar dela para sempre, e você a enganou. Aos olhos de Deus, vocês se tornaram um só, mas você rompeu essa união. [...] o ponto principal foi que você descumpriu sua promessa (ibidem, p. 195).

A questão da bebida ainda é destacada por Charlie como um problema e que piorava a crise do casamento de Ashley e Brad. Para tanto, o conselho conferido é para que Brad tentasse recuperar a esposa sendo essa uma vontade divina. Por outra via, Patsy também estimula que Ashley se reconcilie com Brad, e até chega a comparar o casamento dela com uma xícara quebrada que deve ser consertada. Para Patsy, recompor um casamento é o mesmo que colar uma xícara que tenha se quebrado. Patsy ainda destaca que Brad estava frequentando o grupo de oração dos homens, além de ir ao culto na Capela do Cordeiro e de frequentar também os Alcoólatras Anônimos.

No mesmo período, Yvonne sai da cidade e vai morar com o filho. No entanto, é descrito que Brad, tempos depois consegue se lembrar do que aconteceu entre ele e Yvonne. Porém, na descrição Brad não chegou a se relacionar sexualmente com a cantora. Os dois discutem e ele a deixa em seu apartamento. Contudo, ele não chega a contar essa história para Ashley (ibidem, p. 221).

Por fim, o casal se encontra porque Ashley dá entrada na solicitação do divórcio e ela vai até a residência onde viviam para retirar alguns móveis e levar para o seu novo apartamento. No entanto, há uma nevasca associada à queda de energia e ela acaba ficando presa com Brad na casa. O casal passa então a conversar e Brad tenta uma reconciliação propondo que Ashley o acompanhe indo para a igreja. Brad ainda propõe à esposa que a partir de então não haveria mais segredos entre eles e que ela poderia ter livre acesso ao celular do esposo e a todas outras informações que desejasse.

Enquanto o casal discute a casa da vizinha de Miranda Finley pega fogo. Brad tenta ajudar. Enquanto o socorro não chega, Ashley permanece do lado externo da casa na companhia de alguns vizinhos, incluindo Kim. Nesse momento, as duas conversam e Ashley se coloca como também responsável pelo fim do casamento. A justificativa é que Ashley trabalhava em excesso e que por isso acabou descuidando do casamento. Não é dito mais nada sobre a traição de Brad.

A reconciliação do casal por fim acontece quando Brad sai da casa com Miranda e no mesmo momento a ambulância chega. Os dois resolvem tentar reatar novamente o casamento, agora com ajuda divina. A fala de Brad para Ashley indica: “- Ei, espere.- Ele puxou-a para perto de si. – Vamos entregar isso a Deus, Ash. Não quero viver o resto da vida sofrendo por causa do passado. Quero pensar no hoje. E no futuro” e ainda diz: “ – Beijar você é o mesmo que orar – ele murmurou”(ibidem, p. 300-301).

A última descrição mostra uma festa organizada pelos moradores do bairro em que todos os casais renovam seus votos de casamento na presença do pastor, incluindo Brad e Ashley. Nessa atividade temos o casamento de Patsy e Pete e a indicação de que Jhenifer faria um mestrado e seu objeto seria Cody, mas, não há informação se os dois estariam em um relacionamento afetivo ou não.

No que diz respeito ao casamento observamos que os autores seguem o padrão usado em outros livros, destacando que, o casamento precisa ser mantido por meio do esforço do casal. Nesse caso não temos nenhuma situação de violência entre o casal que justificasse o divórcio. Assim, o divórcio não seria, nesse caso, uma opção avistada. O casamento é um compromisso firmado entre o casal e entre este e Deus, devendo, portanto, ser mantido por meio de um esforço conjunto (ibidem, p. 61-62.72.155.300). Na fala de Charlie, o casamento só poderia ser mantido por meio de um compromisso.

Não temos, nesse caso, a atribuição dos problemas do casamento a somente um dos esposos, mas a ambos, e é também dos dois a responsabilidade em recuperar a relação. Para isso, o apoio da religião torna-se fundamental. Brad muda, passa a frequentar círculos de oração para homens, passa a frequentar o culto e também o A.A., mas isso só acontece porque resolve procurar apoio em Deus. A traição de Brad não é mais citada ou comentada na obra. Nem mesmo quando o casal opta por retomar o relacionamento não há sequer um comentário sobre a mesma.

A analogia entre casamento e religião também é clara no relato dessa história. No caso, os protagonistas são apresentados como pessoas que não foram educadas dentro de uma família religiosa, o que poderia até ser um motivo para a dificuldade vivenciada no casamento (ibidem, p. 177).

À medida que ambos decidem se esforçar em prol do casamento também é importante que ambos estejam interessados em inserir Deus na relação. A narrativa nos mostra que Ashley se coloca contrária, inicialmente, à proposta de Brad de aderir a uma vida religiosa, mas ao final da obra ela acaba acatando.

O coração de Ashley começara a amolecer a respeito da religião. Apesar de ser cautelosa, por ter presenciado atos desagradáveis cometidos por pretensos cristãos, seus olhos haviam sido abertos de uma nova maneira. Jesus, ela começou a entender, fazia uma diferença genuína na vida das pessoas. “[...] com Brad, ela vira explicitamente. Seu marido queria ser um novo homem, um homem melhor – e estava se transformando aos poucos na frente dela (ibidem, p. 306)

A incorporação da religião à vida do casal é tão frisada que nessa cena Brad e ela estão orando juntos e terminam, como dissemos acima, a obra por meio da renovação de votos com o pastor, assim como os demais casais que estavam presentes.

No que diz respeito à questão da sexualidade, a mesma praticamente inexistente em toda a obra. Não há qualquer descrição sobre a existência ou não de relação sexual entre o casal, antes, o relato é dirigido sempre para as inúmeras brigas que há entre o casal. A menção mais próxima que temos na obra, já em seu final, acontece em um diálogo entre Brad e Ashley, em que esse diz para sua esposa: “Estou fazendo o possível para ouvir o que você está dizendo, mas é difícil quando estou abraçando uma mulher tão apetitosa” (ibidem, p. 311).

Nesse livro temos ainda a inauguração da loja “Benção para o lar” de Brenda Hansen, sendo essa uma loja com artigos de decoração e itens como roupa de mesa, cama e banho. A loja de Brenda acabou ocupando o lugar que fora destinado ao sex shop e a locadora de filmes eróticos e que os moradores conseguiriam impedir (ibidem, p. 229).

Sistematizando assim os dados dos quatro livros podemos inferir que em dois deles temos protagonistas que exercem uma atividade remunerada, sendo essas: Kim e Ashley. Brenda e Esther, por sua vez não exercem atividade remunerada, porém, Brenda acaba abrindo sua loja de decoração com auxílio financeiro do esposo. Todas as famílias são apresentadas como possuidoras de casa própria, veículo próprio e uma condição financeira estável. Todos os casais são heterossexuais e neles o homem é o principal provedor financeiro. Nas atividades cotidianas (cuidado da casa, dos filhos, alimentação) vemos que o homem é um auxiliar, cabendo à mulher a maior responsabilidade pelo cuidado da casa e no caso de Kim, dos filhos. Todos os casais são apresentados como brancos.

Dos casais apresentados apenas Ashley e Brad não possuem filhos, mas teriam a intenção em tê-los no futuro. Dois casais (Esher e Charlie, Brenda e Steve) já têm filhos adultos e um casal (Kim e Derek) tem filhos pequenos. Não é perceptível que os filhos sejam apresentados na obra como uma obrigação das famílias. E no caso de Ashley e Brad e também do casal Patsy e Pete vemos que a questão de ter ou não ter filhos é apresentada como uma opção do casal.

O casamento, em todas as narrativas, é o foco central da discussão. Por ele e pela sua manutenção todos os esforços são válidos. O divórcio é apresentado como uma possibilidade existente, mas que deve ser evitada pelos casais. Divórcio é sempre associado à dor, ao sofrimento e à solidão. Os casais retratados em tese não teriam motivos suficientes para o divórcio, pois em nenhum deles houve agressão entre os cônjuges. A possibilidade de traição em dois casais partiu da mulher (Esther com George e Brenda com Nick), mas os esposos parecem ter superado essa possível suspeita. A traição comprovada, no entanto, veio do homem, no caso Brad e sua esposa o perdoou.

Todos os casais possuem discussões acaloradas. Brad e Ashley, no entanto, são os que possuem mais discussões. Brad chega até a esmurrar a porta, a dormir no carro, demonstrando ser o mais temperamental entre os protagonistas. Esse instinto inicial é alterado por meio da conversão. A volta para a igreja ou sua

inserção nela é que faz com que todos os protagonistas possam perdoar seus companheiros e possam reorganizar suas vidas em conjunto. É assim que Kim perdoa Derek, é assim que Steve perdoa Brenda e vê também seus erros, é assim que Charlie resolve seus conflitos com Esther por ciúmes de uma suposta traição vivida há mais de 30 anos atrás e é assim que Brad muda, reconquista Ashley que o perdoa por uma traição. Por outro lado, o casamento só se consolida com o apoio da religião.

A sexualidade é citada em poucos casos e situações muito pontuais. Não é possível perceber recriminação ao sexo, afinal, todos os protagonistas são casados. O sexo aparece em situações extremamente pontuais e sempre como algo que iria acontecer, mas sob os quais os autores não dão detalhes ou especificidades. A ausência de sexo, por sua vez, é retratada na relação de Steve e Brenda quando se diz que o casal não dorme mais junto. Assim, nada se sabe sobre qualquer relação sexual mantida entre os casais, chegando a ser algo pouco discutido pelos autores.

Análise e discussão dos romances: casamento, namoro e sexualidade e a perspectiva cristã

Partindo dos nossos estudos, vimos que os livros aqui estudados de Chapman e Palmer estão orientados à discussão de aspectos afetos ao casamento, diferindo-se da obra de Lycia que esteve mais orientada para a reflexão sobre o namoro. No entanto, algumas premissas presentes em Chapman também se mostraram nas obras de Lycia que estudamos, e dentre eles podemos citar a necessidade de o namoro acontecer entre pessoas de uma mesma denominação religiosa. Como vimos, Bellotti (2005, p. 190) destaca que nas obras que estudou há um padrão de orientação para que o namoro aconteça entre os cristãos. Assim, observamos que dois casais representados já possuem vivência no Cristianismo sendo eles Brenda e Steve e Esther e Charlie.

Já no caso de Kim e Derek somente ela é cristã e espera pela conversão do marido, algo que acontece no fim do livro. O único casal que não tem vivência cristã alguma é o composto por Ashley e Brad. E, nesse caso vemos que é o casal que tem mais conflitos e que até chega a se separar. É também esse casal que tem as piores brigas e uma traição comprovada. Mas, esse casal, assim como os outros,

consegue superar as dificuldades e manter o relacionamento quando ambos passam a conviver na mesma fé. No caso é importante que “[...] crentes que se casem com crentes, caso contrário, sua vida espiritual poderá ser guiada de forma errada ou mesmo poderá ser negligenciada (ibidem, p. 179), podendo causar, conforme a autora, um desgaste muito grande no relacionamento.

Isso nos leva a outra característica apresenta por Bellotti (idem, p. 201) e que também se manifesta nas obras de Chapman e Palmer e que se refere à necessidade de que o casal, sendo cristão, compreenda o casamento como algo que é indissolúvel. É um compromisso que foi contraído por ambos perante Deus e deve ser mantido com muitos esforços de ambos os cônjuges. O divórcio é citado como algo que deve ser evitado. Mesmo no caso da suposta traição de Brenda e Esther, o casal não contempla a possibilidade de divórcio. No caso de Ashley que acabou se separando de Brad por certo tempo, vemos que a separação é desencorajada por todos os personagens. E acontece, como também apontado por Bellotti (2005, p. 205), como uma punição temporária para que o cônjuge possa pensar em suas atitudes e recuperar o casamento.

A questão da traição também é algo que precisa ser discutido. Há uma traição por parte de Brenda mesmo que ela não tenha tido relação sexual com outra pessoa, pois o próprio interesse dela em outro homem já é tido como traição. Da mesma forma, há uma suposta traição de Esther pelo fato de ter tido amizade com outro homem enquanto era casada, no começo do casamento. E ambas são perdoadas, mesmo sem um beijo ou qualquer ato sexual com outro homem. Da mesma maneira, Brad também é perdoado pela traição. Ou seja, vale a pena lutar e desculpar o cônjuge, mesmo em caso de uma traição, para que o compromisso assumido com aval divino seja mantido.

Quanto à fidelidade, Bellotti (2005, p. 179) observou em sua análise que ela é apresentada como algo fundamental para a manutenção dos casamentos. A fidelidade é responsabilidade do casal, homem e mulher. As obras que a autora estudou ainda indicam que o adultério seria uma justificativa para o divórcio. “A única condição legítima para a separação é o adultério, pois assim como o corpo do marido pertence à esposa, e vice-versa, se um dos dois comete adultério, ele/ela oferece a outra pessoa o que não lhe pertence” (ibidem, p. 202). É um erro grave, porém, mesmo a traição pode ser perdoada e o casal pode seguir em frente com a vida (ibidem, p. 205). E, como apresentamos acima, a traição, apresentada nos

casos de Brenda, Esther e Brad foi perdoada. O perdão adveio em prol da manutenção do casamento.

E para que o perdão fosse alcançado, é importante que o casal tivesse a mesma perspectiva sobre os relacionamentos. Para isso, é necessário viver uma mesma fé. É a fé que faz com que o casal supere a traição e todas as outras dificuldades que a vida lhes apresentar. Enquanto os casais como Kim e Derek apresentaram a necessidade de superação do vício em jogo e que quase acabou com o casamento devido ao aumento de dívidas da família, Brad e Ashley nos apresentam também a necessidade de superação da bebida de Brad. A narrativa indica que Brad ia ao bar todas as noites e foi o ambiente do bar que potencializou as possibilidades da traição. Vemos assim que Chapman e Palmer também destacam um ponto em comum importante e que se refere ao jogo, totalmente combatido por Lycia. Vale lembrar que ela retratou em seu primeiro livro a questão do jogo de Rafael e como isso trouxe problemas financeiros a ele e à família. Isso também é evidente na obra de Chapman e Palmer em relação ao caso de Derek. É a mesma fé em Cristo que permite também a superação dessas dificuldades. “Em todos esses casos, em maior ou menor grau, o cultivo de uma vida espiritual é imprescindível para a cura” (ibidem, p. 206).

Quando o casamento vai mal cabe ao casal identificar o problema e buscar uma superação conjunta. O casal deve sempre insistir no relacionamento. O divórcio é resultado da falta de tentativa dos casais em investir no casamento. Assim, Bellotti (2005, p. 201) nos diz que “para os evangélicos, o divórcio é uma solução fácil para quem não se esmera em investir no casamento”. As obras de Chapman e Palmer nos mostram casais que lutam para manter os relacionamentos, superando as traições e todas as demais intercorrências. No entanto, os autores não narram nenhum episódio de violência entre os casais, como apresentado por Lycia no caso de Ivy e Leonardo. E, mesmo nesse caso, vemos que a alternativa ainda foi o perdão e a superação.

Além disso, temos também que enfatizar a questão do consumo de álcool, pois, além de ser um vício também significa custo para a família. Outro quesito importante é a questão da renda dos casais que é bem latente nas obras de Chapman e Palmer. Todos os casais possuem renda estável, casa nova ou recém reformada ou bem cuidada. Derek é apresentado inicialmente como problemático porque o vício o levou a dívidas e Brad também traz essa representação dado o

custo do consumo diário de álcool. São personagens que comprometem a renda de sua família e sua segurança financeira em virtude dos vícios que possuem. Mas, mesmo esses vícios podem ser superados para que o casal continue junto. A superação dessas e de outras situações só é possível pela fé (ibidem, p. 206). É somente com a conversão que Derek deixa o jogo e Brad abandona a bebida e os casais seguem juntos.

Com relação ao sexo observamos, são feitas menções a casais com idade mais idade, como Esther e Charlie. Os casais que são mais jovens não demonstram ter relação sexual. No caso de Kim e Derek há apenas uma menção de uma tentativa de relação sexual de Derek que foi interrompida, e, no caso de Steve e Brenda, assim como Ashley e Brad há menções que deixam claro que não há relações sexuais entre os casais.

Nesse sentido, os estudos de Belloti (2005, p. 196) apontam que na literatura por ela analisada o sexo é apresentado como uma responsabilidade do casamento. Para a autora, os evangélicos compreendem que “[...] o sexo é uma obrigação matrimonial – a incontinência permite que o Satanás aja contra a felicidade do casal”. No entanto, o sexo não é mais compreendido como algo que deve acontecer apenas para a procriação, mas sim como representativo da intimidade do casal. Por conseguinte, vemos que nas obras de Chapman e Palmer a relação sexual é praticamente inexistente, ou seja, não é citada.

Sobre a questão da sexualidade, vemos ainda que há menções sobre a importância de que o casal alcance a satisfação sexual. Há também uma literatura que apresenta o sexo como algo que deve acontecer somente quando o casal desejar e deve ser bom para o casal (ibidem, p. 197-198). Porém, não observamos tais aspectos presentes na obra de Chapman e Palmer. Já Lycia também aborda em suas obras o sexo, apresentado como algo natural, porém, que só deve acontecer após o casamento. E no caso de Lycia temos no último livro a narrativa de uma relação sexual entre Ivy e Leonardo que se constitui como um abuso sexual, contrariando então a perspectiva de que o sexo deve ser bom para o casal. E mais, praticamente suavizando, o abuso sexual é considerado um capítulo à parte na história do casal.

A obra de Chapman e Palmer nos mostra ainda que a mulher é apresentada nas quatro histórias como a responsável por exercer todos os cuidados relacionados à casa. Dentre as protagonistas, Kim e Ashley possuem emprego fixo remunerado

ao passo que Esther e Brenda se ocupam dos cuidados da casa. Contudo, as protagonistas que possuem emprego fixo também são as grandes responsáveis pelo cuidado da casa, sendo que os esposos são apresentados como auxiliares no desempenho das atividades ligadas ao cotidiano das residências. No entanto, isso é diluído na obra de uma maneira que aparece como uma valorização do perfil da mulher que consegue exercer uma atividade remunerada e também se ocupar da casa.

Bellotti (2005, p. 174-177) indica que seus estudos apontaram que a produção teórica protestante possui uma tendência em apontar a importância do trabalho remunerado feminino. Para ela isso acontece devido às mudanças no desenvolvimento econômico do país, passando-se também a requerer a renda da mulher para a manutenção das necessidades de uma família. Mas, também representa a mudança do discurso das igrejas para ser aceita pelos crentes. Para ela dados conceitos fortalecem a submissão feminina em relação ao homem, porém, o fazem como se a submissão fosse uma virtude, algo a ser tido como uma qualidade e não como algo que humilhasse a mulher.

Vemos que no trabalho de Chapman e Palmer também se valoriza o fato de Kim trabalhar em um consultório de dentista e cuidar da casa e também de Ashley trabalhar no clube de campo. No caso de Brenda e Esther que não exercem atividade remunerada também vemos que há uma valorização de ambas devido a isso. Brenda é apresentada ao final da narrativa como empreendedora com uma loja montada pelo esposo. Assim, os autores buscam, a nosso ver, falar com mulheres que trabalham em atividades remuneradas e com as que trabalham em suas residências. Segundo Bellotti (2005, p. 174) os escritos passam a apresentar vários perfis de mulheres e assim buscam o diálogo com esse público. Portanto, Chapman e Palmer apresentam várias protagonistas, mulheres, cada uma com suas especificidades fortalecendo assim um perfil idealizado de mulher que atende agora a vários públicos. Não há como adotar apenas um perfil dada a atual mudança da sociedade em relação ao trabalho feminino.

Já Lycia apresenta protagonistas com graduação, e, mulheres já exercendo atividade remunerada desde a juventude. Também nas obras de Lycia vemos que as mulheres são as maiores responsáveis pelo cuidado dos filhos e da casa. Vemos assim que Amanda, após ter filhos gêmeos, é a maior responsável pelos cuidados diários das crianças como banho e alimentação, por exemplo. E é dito ainda que ela

não conseguiu aprender cozinhar, contudo, isso não parece ser um problema na descrição da autora. Alexia, por sua vez, também exerce atividade remunerada e o responsável pela alimentação da família é o esposo, Rafael, que é chefe de cozinha. Já Ivy abandonou os estudos para se casar e ter o bebê, ou seja, também há protagonistas diferenciadas que buscam dialogar com os vários perfis de mulheres leitoras.

Nas obras estudadas vemos que Chapman e Palmer ainda abordam a questão do ninho vazio como uma justificativa para os problemas no casamento de Brenda e Steve. Também indicam que uma alternativa para a superação das dificuldades do casamento seria a procura de ajuda médica, pois Steve acreditava que suas crises no casamento estariam associadas à menopausa ou a qualquer outra questão hormonal pela qual Brenda estivesse passando. Porém, tal análise sempre coloca a responsabilidade no fim do casamento para a mulher. E, por fim, vemos que há na obra a inserção da morte da personagem de Esther, algo que aparece descrito de forma bastante resumida, mas que não é explorada na narrativa.

Forster (2005, p. 49) diz que o tratamento dado pelo escritor à morte de personagens geralmente aparece como um desleixo da obra. A morte pode ainda ser usada como uma forma de compreensão do personagem, destacando suas qualidades ou defeitos. A morte tem a função de comover ou então a de levar a refletir sobre os personagens, mas ela nunca é aleatória. A morte é uma maneira do autor adaptar a obra, aproximando-a à realidade concreta, ou seja, é algo que faz parte do cotidiano das pessoas. Sua apresentação em uma obra deixa o manuscrito próximo do leitor.

O autor (2005, p. 35-36) indica que um romance se caracteriza sempre por contar uma história, sendo ela a espinha dorsal da descrição realizada e que essa descrição está associada a uma linha temporal. Portanto, todos os romances são narrados sob uma linha temporal, seguindo uma determinada sequência. O romance é a “[...] narrativa de eventos dispostos conforme a sequência do tempo” (ibidem, p. 36) e que se dedica a contar a vida sob esse tempo. O bom romance é aquele que consegue seguir um fio condutor e descrever eventos diversos que levem o leitor ao entendimento de toda a descrição. “[...] ele deve se ater, mesmo que de maneira mais tênue, ao fio condutor da sua história, ele tem de pôr o dedo na solitária sem

fim; do contrário, torna-se ininteligível o que, no seu caso, é um grave deslize (ibidem, p. 37)".

Ricoeur (1994, p. 105-108) partilha de perspectiva similar à de Forster (2005, p. 35-36) ao consagrar aos aspectos temporais a potência de serem indutores da narrativas. Para ele, no entanto, os romances têm a potencialidade de contar com o tempo e, em consequência disso, organizar e calcular a história. "Cada experiência temporal fictícia cria seu mundo e cada um desses mundos é singular, único" (RICOEUR, 1997, p. 215). E no caso dos romances analisados observamos que os mesmos retratam romances contemporâneos. No caso de Chapman e Palmer escrevem sua narração dando a ideia de que os fatos aconteceram em meados dos anos 2000. As novas edições lançadas no Brasil não foram atualizadas. Já as obras de Lycia apresentam um cenário um pouco mais contemporâneo, chegando até a citar o Facebook no último livro. De toda maneira, ambas obras retratam realidades próximas de nosso tempo.

Quando pensamos nas obras analisadas vemos que os livros de Chapman e Palmer e Lycia são romances que buscam descrever e apresentar histórias seguindo uma linha temporal. Essa narrativa nos apresentou fatos, eventos, fenômenos em cada uma das histórias, de forma sequencial, fazendo com que a narrativa só pudesse ser conhecida de forma total quando se chega ao fim da descrição. Nessa descrição temos a apresentação de situações afins e que podem estar ligadas à realidade, ao cotidiano da vida das pessoas. Forster (2005, p. 46) indica que essa também seria uma característica do romance. Nesse caso, vemos que as fontes aqui consultadas além de apresentarem os fenômenos em uma sequência temporal também retratam situações do cotidiano das pessoas. Há uma representação de situações, emoções e subjetividades que estão vinculadas à natureza humana. Afinal de contas, se apaixonar, se relacionar com outras pessoas ainda é algo que caracteriza a vida dos seres humanos. Expressa e representa um lado, um aspecto da natureza humana.

A narrativa é apresentada em torno de um enredo, uma história que deve direcionar o autor. Forster (2005, p. 87) relata que "o enredo também é uma narrativa de eventos, na qual a ênfase recai sobre a causalidade" e sobre um tempo determinado. O enredo possui um padrão e corresponde a um elemento estético de um romance, que é definir como uma história será contada. Além do padrão os romances apresentam também um ritmo.

Ricoeur (1994, p. 115-116) compreende que o padrão das narrativas escritas em forma de romance são orientadas para a organização de episódios. Para ele, cada pequena descrição, cada episódio, ou cada “[...] série aberta de acontecimentos” (ibidem, p. 177) conduz o leitor à uma expectativa de encontrar um desfecho para a história, uma conclusão. E, tal conclusão está associada ao construto, à imagem final que a narrativa visa construir. “Entender a história é entender como e porque os sucessivos episódios conduziram a essa conclusão, que, longe de ser previsível, deve ser finalmente aceitável, como sendo congruente com episódios reunidos” (ibidem, p. 116).

Forster (2005, p. 51) coloca que há muitos livros que apresentam o amor como o desfecho final. Nesse caso o amor é a conclusão de que nos fala Ricoeur (1994, p. 115-116). Porém, nas obras que estudamos o amor não aparece como um desfecho final, mas ele perpassa todas as descrições, em todos os livros, tanto de Chapman e Palmer quanto de Lycia. Nesse caso o amor é apresentado como algo constante, sendo que a configuração de um casal, seu entendimento conjunto sob o viés da fé seria o desfecho final idealizado. O relacionamento, no entanto, não pode ser constante, pois, a constância pode se caracterizar como um hábito e não como expressão do amor e do romance. O amor, como constância, por outro lado, pode ser característica do romance a fim de garantir a adesão do público leitor. “Ele pode apresentá-lo como uma permanência, e os autores aquiescerão com facilidade, já que uma das ilusões associadas ao amor é que será permanente” (ibidem, p. 51).

Para esse público leitor, o amor pode ser o motriz que os faz ler esse tipo de livro. Afinal, o autor das obras precisa, essencialmente, mostrá-la de uma forma atrativa ao leitor. Além do amor, do romance, do embalo da narrativa, esse tipo de literatura possui uma natureza extremamente peculiar que é o aval do Cristianismo como embasamento para os conteúdos que apresenta. Para Forster (2005, p. 64), “[...] o romancista tem de mexer com o leitor; isso é imprescindível”. Além de carregar a descrição de um sentimento que é extremamente humano e presente junto às pessoas, os romances também usam os valores cristãos para estimular o público em sua leitura.

No caso das fontes estudadas vemos que o padrão é uma descrição da história do romance. Chapman e Palmer, no entanto, construíram capítulos em que apresentam cenas sobre os protagonistas de cada obra e depois remetem a algum acontecimento, como o salão de beleza de Patsy ou a loja de Pete. Já Lycia se

concentra nos protagonistas para dar ritmo à obra. Adorno (2003, p. 55) denomina essa disposição pelo termo “domínio artístico da existência” e que está associado à forma com que os autores tecem a narrativa nos romances, congregando realismo e ficção. Para ele essa disposição, nomeada como matéria comunicada e a forma com que é feita a comunicação é que faz com que o livro seja aceito (ou não) pelo leitor.

Isso é importante não apenas para compreender e caracterizar o romance, mas para também entender o porquê da adesão por parte de um público leitor. O fato de o romance narrar uma estória ao longo de um tempo atrai o leitor, faz com que ele permaneça lendo a obra. No caso das obras aqui estudadas e que apresentam uma sequência elaborada e distribuída em vários livros distintos, vemos que o fio condutor das histórias também é importante e é o que faz com que o leitor procure os próximos livros de uma sequência. O fio condutor no caso de Chapman e Palmer são as histórias de cada casal protagonista com ênfase no casamento dos personagens. Já no caso de Lycia vemos que o fio condutor dos romances são as histórias de namoro e casamento dos jovens de uma família.

Forster (2005, p. 47) ainda nos indica que os romances, para serem atrativos nos apresentam as pessoas de forma detalhadas. É a forma de enfatizar as características de cada personagem que faz com que o romance caia no gosto do leitor. Os personagens são apresentados como referências a serem consideradas, copiadas ou refutada. Na discussão de Chapman e Palmer vemos que em cada romance, cada história, temos a disposição de personagens a serem copiados. Charlie é o personagem que em todos os livros é apresentado como um senhor de mais idade, mas temente a Deus e sensato e que acaba sendo uma referência idealizada de um marido.

Por outro lado, Brad, antes da conversão é apresentado como jovem, viciado em álcool, grosseiro e irresponsável. Steve e Derek por sua vez transitam entre pessoas boas, mas que estão em momento difíceis. Mas, mesmo a mudança, a transição dos personagens têm certa finalidade educativa, demonstrando como eles podem ser exemplos a serem seguidos e também como seus comportamentos podem indicar atitudes que devem ser evitadas, sobretudo por pessoas que frequentam uma dada denominação religiosa. E essa mudança, no caso desses protagonistas, esteve associada à conversão a uma igreja ou a reaproximação do personagem à denominação religiosa que já frequentava.

Segundo Ricoeur (1995, p. 36), a conduta dos personagens pode, em dados contextos, vivenciar mudanças. As mudanças de conduta estão associadas a enfatizar, via de regra, a transformação moral do personagem. Essa transformação acontece subjetivamente no personagem e é representada em ações, pensamentos que a atestam. Essa mudança por vezes é representada como uma alteração de caráter, de configuração moral do personagem.

Pensando nas personagens associadas ao gênero feminino vemos que temos em Kim o maior exemplo de uma mulher forte, equilibrada e temente a Deus. A narrativa dos autores não nos indica Esther, mulher de mais idade, como a mais sensata, assim como no caso dos protagonistas masculinos. Aliás, Esther é apresentada como uma senhora mais implicante e chata em algumas circunstâncias. Brenda é a mulher de meia idade, com ninho vazio, e alocando suas insatisfações no casamento e Ashley a mais jovem e ainda inexperiente. Essas personagens foram estruturadas, construídas, para atender o tipo de apresentação que Forster (2005, p. 46) faz dos personagens. Essa apresentação, por vezes, é criada, preparada para que os personagens sejam representativos, significativos aos leitores. Esses personagens podem ser construídos, segundo o autor (2005, p. 57) com base em pessoas da vida real, mas também podem ser construídos como figuras imaginadas.

Da mesma forma, Lycia nos apresenta a grande referência do universo masculino que é Adam. Apesar de um pouco grosseiro, é trabalhador, bom pai, responsável com a esposa. Por outro lado, Rafael, no começo da obra, ocupa o lugar de exemplo a ser evitado pois não tem regras para a vida sexual, gosta de baladas, de jogo. A transição de Rafael faz com ele se aproxime do perfil idealizado para o irmão gêmeo. E, por fim, Leonardo passa a ser então o exemplo mais negativo de personagem, porém, sua mudança o converte em uma pessoa a ser seguida. Na esfera das personagens femininas também vemos que Amanda muda sua forma de ver a vida, influenciada pela religião, e se mostra também como uma boa referência. Alexia e Ivy, no entanto, são apresentadas como pessoas que mudaram, que, sofreram longe dos ensinamentos cristãos, mas que mudaram para alcançar a felicidade.

Outra questão importante que essa construção de personagens nos dá, usando a categoria de Forster (ibidem, p. 46), é que todos os relacionamentos acontecem entre casais heterossexuais. A homoafetividade não aparece em

nenhuma das obras, sendo sequer tocada ou abordada pelos autores aqui consultados.

À medida que as personagens representam o relacionamento heterossexual como referência, podemos dizer que se torna normativo como uma representação idealizada dos relacionamentos afetivos. Segundo Bellotti (2005, p. 207), para os evangélicos o “homossexualismo” não é considerado como doença, mas é um erro, um pecado. Como tal, pode ser perdoado desde que exista arrependimento sincero. Contudo, nos romances que analisamos não há qualquer menção aos relacionamentos homoafetivos tornando impossível a realização de uma análise sobre o tema com base nas fontes consultadas. Por outro lado, a apresentação de casais heterossexuais também confere ao leitor o entendimento de que esses casais serem os ideais.

Quando o romance se destina a apresentar como fio condutor uma história de amor, como no caso das fontes que consultamos, Forster (2005, p. 51) coloca que há necessidade de apresentar uma sensibilidade por parte dos personagens. Sensações físicas, brigas, felicidade, tristeza e outros sentimentos afins são apresentados pelos personagens para se configurar como um romance que narra uma história de amor. Para Foter, construto de sensibilidades que vinculado aos personagens estaria associado à sensibilidade do autor.

Para o autor, o romancista transfere aos personagens algo em que acredita. A descrição, no entanto, pode ser construída como um observador imparcial, onisciente ou parcial (ibidem, p. 63). A narrativa mostrará que o romancista apresenta os personagens sem envolvimento, ou, com envolvimento para com eles. Assim, atributos ou qualidades como o das mulheres, personagens das obras, e que cuidam da casa, da família e exercem uma atividade remunerada, mesmo que descritas por um observador imparcial denotam como tais mulheres são exemplos a serem seguidos e como retratam a fé cristã. O mesmo ocorre com os atribuídos conferidos aos personagens masculinos. Em dado momento da descrição essa asserção mostra-se mais contundente, tornando a descrição sobre os personagens mais parcial e em outros acontece de maneira subliminar, porém, mostra-se suficiente para estimular o leitor, integrando-o na obra lida, sendo isso fundamental para qualquer romance. “[...] O romancista tem de mexer com o leitor; isso é imprescindível” (ibidem, p. 64).

Nos casos analisados, vemos que há grande relação entre o romance e a fé dos escritores. Devido a isso temos uma indicação de o casamento ser algo que não pode ser rompido, algo que deve ser estruturado para toda a vida como ensina a doutrina cristã. E devido a isso temos o destaque da importância do namoro orientado ao casamento, com pessoas de uma mesma denominação religiosa. Os autores transmitem à narrativa valores, postulados em que acreditam, que integram sua subjetividade.

Quando há uma escolha pelo romance como descrição de uma obra, há também a necessidade de apresentar situações adversas, uma vez que um relacionamento amoroso firmado entre seres humanos não pode ser sempre constante (ibidem, p. 51). As brigas, reconciliações, início e fim dos relacionamentos são apresentados por Chapman e Palmer e também por Lycia. Contudo, Forster (ibidem, p. 51) destaca que nos romances a estabilidade pode ser apresentada nos casamentos, quando as pessoas já passaram pelo início do relacionamento. O autor, no entanto, adverte que sem as intercorrências da vida, incluindo a vida de casado, o romance não se torna atrativo, podendo se converter em uma descrição cansativa e monótona (ibidem, p. 50).

Quando a descrição é concluída com o casamento, padrão essencialmente presente na trilogia de Lycia, há, conforme Forster (2005, p. 51) uma tentativa do romancista em demonstrar que a odisséia do relacionamento atingiu seu ápice e por fim a estabilidade. Assim, no primeiro livro Lycia nos apresenta o casamento de Amanda e Adam como a conclusão da obra, e, no caso do segundo livro a conclusão está no nascimento do filho de Rafael e Alexia, já casados. Em sua última obra, contudo, Lycia apresenta também a espera do nascimento do filho de Ivy como desfecho final, já que o casal já havia firmado os laços do matrimônio. Porém, o casamento aqui é associado à estabilidade, buscada como final feliz dos casais, assim como o nascimento dos filhos.

Chapman e Palmer, por outro lado, partem do casamento, não como o final feliz apresentado por Lycia, mas como o momento em que vida a dois pode ser complexificada. Nesse caso a busca do casal é por se entender e manter o casamento que, passa, novamente, a ser o final feliz, o objetivo a ser alcançado. Ou melhor, a manutenção do casamento é o objeto de conclusão das obras. A estabilidade do casal, contudo, é apresentada por ambos romancistas como a meta

a ser alcançada. Afinal, “[...] a pessoa perfeita ainda vai aparecer ou, a pessoa que já conhecemos ainda há de se tornar perfeita” (ibidem, p. 51).

De qualquer forma, vemos que toda a narrativa, toda a construção, o ritmo, a descrição conferem uma forma de interpretar o namoro, o casamento e a sexualidade e que está ligada à perspectiva religiosa vinculada ao Cristianismo. Os romances são, por conseguinte, uma forma de apresentar tais ideais por meio da descrição de uma história. Teoricamente, conforme Adorno (2003, p. 56), toda apresentação, descrição ou narração é uma forma de transmissão de uma mensagem que vem carregada de conteúdo, de conceitos e valores ideológicos. “Antes de qualquer mensagem de conteúdo ideológico, já é ideologia, a própria pretensão do narrador”. A forma com que a narrativa do romance é estruturada prepara uma linguagem por meio da qual ela possa falar com o público leitor, assim, ela “[...] media o discurso para a massa” (ibidem, p. 62), tornando os exemplos apresentados na obra, objetos a serem contemplados, seguidos pelo leitor. “São testemunhos de uma condição na qual o indivíduo liquida a si mesmo, convergindo com a situação pré-individual no modo como este um dia pareceu endossar o mundo pleno de sentido” (ibidem, p. 62).

A narrativa é, para Ricoeur (1994, p. 93), uma experiência humana que integra a vida em sociedade. É, conforme o autor, uma condição de uma sociedade. A intriga, conforme o autor salienta, é uma realidade retratada em que temos a imitação de uma ação real, de fatos reais em que os aspectos estruturais presentes na sociedade podem ser reificados. (ibidem, p. 96). A imitação nada mais é do que a elaboração de uma significação de maneira articulada ao que fora narrado. A imitação, descrita na intriga ou na narrativa, é estruturada através de mediações simbólicas que movimentam o leitor em torno da apropriação de conceitos, podendo influenciar até mesmo a sua ação.

As intrigas são, por essência, mediações simbólicas da ação, mas que só se consolidam quando o autor tem uma capacidade de narrá-las. A capacidade de incorporar uma intriga à ação também está associada à necessidade que a sociedade tem desse tipo de narrativa nos mais variados momentos de sua existência. Toda a descrição, toda a intriga possuem objetivos, motivos, agentes que são condicionados pelas mais variadas circunstâncias afins. O desfecho adotado pelos autores é que nos dão a saber sobre a compreensão prática conferida ao leitor (RICOEUR, 1994, p. 98). Por conseguinte, os romances escritos por Chapman e

Palmer e Lycia não são, a nosso ver, descrições aleatórias, mas são, como Ricoeur (1994, p. 97) salienta, construções que possuem objetivos na construção de sentidos e significado pelo público leitor, ou então possuem, como diz Forster (2005, p. 62), uma função ideológica.

Ricoeur (1994, p. 104) indica que a intriga sempre aponta para ações que são estimadas conforme uma preferência moral. Há ações que são apresentadas como possuidoras de maior valor e outras que são apresentadas como possuidoras de menor valor. Ambas são dispositivos para constituir significância para a ação por meio de um sistema de símbolos estruturados em interação. As formas simbólicas são processos culturais que articulam a experiência humana e provêm de um contexto que lhes dá significado e que faz com que esse significado seja incorporado pelo leitor (ibidem, p. 101).

A aceitação das indicações presentes na narrativa dos romances de Chapman e Palmer e Lycia está, por conseguinte, associada ao fato de que os conteúdos ali apresentados sobre casamento, namoro e sexualidade são estruturadas, sim, visando que as pessoas incorporem tais propostas em seus atos, contudo, sua aceitação depende e provém da aceitação pelos leitores. Para o autor, o leitor recebe o significado de acordo com sua capacidade de acolhimento. O acolhimento e receptividade de uma obra se dá em um tempo delimitado e está intimamente associado ao horizonte de mundo adotado pelo público leitor. “O que é comunicado é em última instância para além do sentido de uma obra, o mundo que ela projeta é que constitui seu horizonte” (RICOEUR, 1995, p. 132).

Para apreender o impacto das intrigas junto aos seres humanos ou para identificar em que medida os romances poderiam influenciar na escolha de atos análogos aos narrados pelos autores seria necessário um aprofundamento por meio de pesquisa de campo em que pudéssemos identificar junto ao grupo de leitores se os mesmos adotam as condutas narradas nas obras. Podemos, entretanto, inferir que dada a tiragem de venda que apresentamos no início do capítulo tais romances têm tido adesão de um considerável público leitor. Não conseguimos, entretanto, mapear a religião a que está vinculado o público leitor das obras, mas, ousamos indicar que a aceitação dos romances não está restrita a leitores da igreja batista, mas busca atingir todos aqueles que se vinculam ao Cristianismo.

Podemos, entretanto, pensar sobre um dos quesitos apresentados nas obras que é o casamento. Como observamos, o casamento é apresentado por Chapman e

Palmer, e, também por Lycia como algo constituído por Deus. Como tal, o vínculo do matrimônio deve ser mantido pelos fiéis a todo custo. Porém, analisando a realidade do Brasil, em relação ao divórcio, vemos que nem toda a população brasileira tem buscado a manutenção desse tipo de relação.

A título de exemplo, vemos a sistematização realizada no ano de 2021 pelo Colégio Notarial do Brasil sobre os divórcios. O Colégio Notarial do Brasil é um órgão que sistematiza os dados de divórcio considerando a emissão de certidões em todo o território nacional.⁴⁴ A sistematização desses dados mostrou que no ano de 2021, nos cinco primeiros meses, tivemos 29.985 separações via cartórios do país. Em 2020, segundo o referido órgão, no mesmo período houve o registro de 23.621 separações via cartório. Assim, a pesquisa indica que houve uma ampliação de 26,9% das separações registradas em cartório, considerando os anos de 2020 e 2021⁴⁵.

Não dispomos, no entanto, de dados que nos permitam identificar com detalhes sobre a denominação religiosa do público que se divorciou. Porém, podemos supor que esse contingente populacional seja representativo para demonstrar que o divórcio cresceu no Brasil e pode envolver pessoas de várias religiões, incluindo as cristãs. Infelizmente não temos como mensurar, com dados empíricos, se há adesão aos postulados conferidos em relação ao namoro e ainda como o público leitor interpreta as questões afetas à sexualidade, incluindo a sexualidade do casal. Contudo, sabemos que os romances têm uma finalidade a alcançar, e, como dissemos acima, essa finalidade é orientar a ação do leitor. Um romance confessional, no entanto, busca que o leitor possa reproduzir, em atos, aquilo que foi narrado.

O caso do divórcio retrata uma dessas mudanças ou alterações que o Cristianismo realiza conforme indicado por Certeau (2021, p. 27, p. 41). O Cristianismo não deixa de defender o casamento como uma união que deve durar a vida toda, mas, começa a aceitar o divórcio em determinadas circunstâncias. Analisando as obras de Chapman e Palmer vemos que todos os casais lutam para evitar o divórcio, ou seja, há o fortalecimento de um conceito antigo da doutrina

⁴⁴ Disponível em <https://www.cnbsp.org.br/index.php>. Acesso em 30 de maio de 2023.

⁴⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/11/divorcios-extrajudiciais-sobem-269percent-entre-janeiro-a-maio-de-2021-e-disparam-na-pandemia-sp-lidera-ranking-nacional.ghtml>. Acesso em 30 de maio de 2023.

cristã em relação ao casamento. Por outro lado, temos a apresentação de Kim, que, já havia sido casada uma vez, fortalecendo assim um conceito diferenciado que é o divórcio do primeiro relacionamento. Para justificar esse divórcio, o casamento inicial de Kim traz um esposo dependente de álcool e agressivo. Na obra de Lycia vemos que a mãe de Amanda já tinha tido um primeiro casamento, mas também nesse caso o divórcio foi aceito porque o primeiro esposo a havia traído e também abusava do álcool.

Outro aspecto em que vemos essa recuperação e alternância de padrões de que nos fala Certeau (ibidem, p. 41) é no caso da gravidez de Alexia, presente no último livro de Lycia. Isso porque nos relacionamentos apresentados vemos uma ênfase para a questão da virgindade entre o casal antes do casamento. No caso de Alexia, no entanto, parece que a gravidez não é o grande “problema” do casal. A virgindade, conceito antigo, é parcialmente apresentada como algo de pouca importância. Mas ao mesmo tempo vemos que há a apresentação de um casal que mudou, abandonou os novos hábitos e se manteve sem relação sexual até o casamento.

A intriga é mediação. Ela media conhecimentos, acontecimentos por meio da história contada, esperando a resposta do leitor (RICOUER, 1994, p. 114, RICOUEUR, 1995, p. 17, RICOUEUR, 1996, p. 04). A leitura também é um momento de reflexão pois o leitor pensa sobre o que está lendo (RICOUEUR, 1996, p. 307). O estímulo ao pensamento do leitor e sua adesão à obra requer familiaridade entre narrador e leitor (RICOUEUR, 1994, p. 99). Chapman e Palmer, assim como Lycia, buscam fazer com que os leitores possam refletir sobre os conteúdos que apresentam, e, eles se dirigem aos pares, pessoas que, provavelmente, têm uma inclinação para o que pensam esses autores. E podem buscar, segundo Bellotti (2005, p. 114), o fortalecimento de valores como a virgindade, a manutenção do casamento a qualquer custo, o que vem sendo superados nas sociedades contemporâneas, mesmo que em dados momentos precisem relativizar a importância de certos conceitos.

Ricoeur (1994, p. 99) nos diz que para que possamos entender como uma narrativa gera discursos que podem ser configurados em ação é preciso conhecer e se aproximar da tradição cultural de onde surge a intriga. E nesse sentido vemos que toda a descrição, tanto em Chapman como em Palmer e em Lycia fortalecem o ideal cristão. Não há, no entanto, em nenhuma das obras a menção a um grupo

religioso em específico. A vinculação dos autores de todas as obras à denominação batista pode ser também compreendida como o fio condutor de que nos falou Forster (2005, p. 37), uma vez que ele aparece nos textos como o grande sustentáculo, a espinha dorsal das obras.

Outro aspecto importante para pensarmos a tradição cultural que embala os romances se refere ao fato de que em muitos episódios os autores citam passagens bíblicas para justificar suas argumentações. Essas passagens aparecem em trechos vinculados ao narrador ou então no discurso dos personagens. Chapman e Palmer fazem 27 citações dessa natureza, distribuídas entre os quatro livros da série. Em *Lycia* vemos que há 18 citações bíblicas, também distribuídas entre os três livros da série. Além disso, todos os autores citam a participação nos cultos, as atividades voluntárias nas igrejas, o aconselhamento com pastor para direcionamento da vida, a escolha de um namoro que esteja vinculado ao ideal cristão, a educação dos filhos na fé cristã, a busca pelo namoro sem sexo mesmo entre pessoas que já tiveram uma vivência sexual ou a oração antes das refeições. Todos estes são comportamentos que vinculam uma pessoa a uma dada denominação religiosa.

Bellotti (2004, p. 04) destaca que há comportamentos que precisam ser adotados quando nos identificamos com uma dada denominação religiosa. As obras aqui analisadas não só expressam esses comportamentos, mas os apresentam como os idealizados moralmente, apresentando, por analogia, outros que devem ser evitados caso o leitor deseje se vincular a uma determinada denominação religiosa. Certeau (2021, p. 27) nos indica que os conceitos religiosos são “[...] qualificativos de práticas: determinadas maneiras de praticar”, ou os “[...] modos de uso” e as “maneiras de fazer” (ibidem, p. 27) pois instauram uma representação do real em um grupo, em uma sociedade e orientam na adoção de condutas análogas pelos crentes.

Certeau (2021, p. 36) destaca que as práticas religiosas variam de acordo com a região, o território em que são veiculadas. Por conseguinte, as especificidades de um local influenciam substancialmente na apropriação dos conceitos religiosos ou não. No caso do Brasil vemos que dados de uma pesquisa realizada pelo DataFolha⁴⁶ em 2020 indica que 50,0% dos pesquisados se

⁴⁶ Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 30 de maio de 2023.

identificam como católicos, ao passo que 31,0% se vinculam à religião evangélica, 10% declaram não possuir nenhuma religião; 3,0% são espíritas; 2,0% ligados à umbanda, candomblé e outras religiões afro-brasileiras, 0,3% são judeus; 1,0% é ateus e 2,0% responderam como outra.

Ou seja, em nosso território temos a predominância do Cristianismo como referência religiosa para muitas famílias. E retornando ao que Bellotti (2004, p. 04) e Certeau (2021, p. 27) indicam, aqueles que se vinculam a uma dada denominação buscam agir de acordo com os parâmetros por ela conferidos.

Nesse sentido, é importante frisar ainda que o Cristianismo constituiu uma matriz religiosa no Brasil devido a um longo período histórico e que está associado às raízes na nossa colonização. Mas, também configura e retrata as mutações que marcaram o Cristianismo ao longo de seu desenvolvimento no Brasil. Os romances podem ser configurados como novas estratégias que passaram a ser adotadas pelos evangélicos no Brasil a partir de 1990 para ampliar o número de fiéis. Montes (2016, p. 17) nos indica que temos a ampliação do que ela chama de “mercado dos bens de salvação” visando à manutenção da hegemonia no campo religioso, chegando a apresentar a utilização de rádio e tv para a transmissão de cultos, clipes musicais e mensagens religiosas (ibidem, p. 29).

Apesar de Montes não citar os romances como dispositivos de fortalecimento das religiões, incluindo as evangélicas, vemos que os mesmos também servem a esse papel. Esses impressos falam na intimidade dos leitores e são destinados a um público peculiar e específico que está presente dentro da igreja evangélica fortalecendo ainda mais o vínculo entre leitor e religião. Certeau (2021, p. 44), por outro lado indica que temos a construção de uma “linguagem religiosa”, apresentada pelo autor como um meio pelo qual o Cristianismo fala aos seus fiéis na atualidade, pois para ele, as religiões de base cristã “[...] fabricam a linguagem religiosa de um tempo que é novo” (ibidem, p. 44).

A literatura pode ser apresentada como uma forma de linguagem destinada a um público específico, como dissemos acima. Certeau (ibidem, p. 46) também chama a nossa atenção para o fato de que muitos dispositivos são consolidados para falar a um público erudito. O livro é um dos meios usados, uma técnica que é consolidada para que o erudito também se vincule às denominações religiosas. O que o autor nos coloca é que sempre o culto, o intelectual e o saber foram compreendidos e tratados pelo Cristianismo como algo que deveria ser reformado.

Isso porque dados saberes desarticulavam os conceitos religiosos. Então, se temos uma gama de leitores devemos também preparar um material confessional para atingir esse público. Tais obras visam “[...]engendrar discursos que substituam o grande texto desmantelado da tradição, além de preencherem as suas lacunas e resistirem à erosão perpétua provocada pelos acontecimentos” (CERTEAU, 2021, p. 47). Para ele essas obras articulam discursos do cotidiano e discursos referenciais, ou seja, conferem aplicabilidade concreta ao dia a dia dos leitores através do aporte a discursos de referência para ação do fiel.

Outro aspecto interessante a ser considerado é que os romances, assim como outros dispositivos, acabam servindo ao protestantismo missionário, o que é, segundo Silva; Queiroz (2021, p. 491), uma característica presente nas abordagens do grupo batista. Os autores analisados, tanto Chapman e Palmer assim como Lycia acabam usando suas obras, os romances, como meios de angariar e doutrinar fiéis. Os romances são, por conseguinte, dispositivos que agregam certa modernidade ao formato de discurso, mas não perdem sua conotação evangelizadora, vinculando-se à denominação de origem dos autores, mesmo que ambos não citem, em nenhum dos livros a vinculação à denominação Batista, vemos que as obras representam, retratam postulados vinculados a essa denominação.

A questão do casamento, por exemplo, aparece na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira⁴⁷. A Convenção Batista Brasileira é um órgão que congrega as Igrejas Batistas no Brasil e está vinculada à Aliança Batista Mundial. São órgãos que conferem orientações para as Igrejas Batistas no Brasil. Leite (2014, p. 58) nos indica que a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira foi elaborada no Brasil pelo grupo batista, partindo de discussões e debates que foram iniciados em 1979 e concluídos somente em 1986. Em tese, cada Igreja Batista, de cada país, precisa elaborar sua declaração doutrinária. E, essa elaboração é orientada a disciplinar e orientar o corpo dos batistas, exercendo influência ainda na atualidade.

A Declaração em questão não é um documento sem importância, mas ainda figura como um documento de referência para os Batistas. Nele, lemos sobre a Família, conforme abaixo:

⁴⁷ Disponível em <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php>. Acesso em 30 de maio de 2023.

A família, criada por Deus para o bem do homem, é a primeira instituição da sociedade. Sua base é o casamento monogâmico e duradouro, por toda a vida, só podendo ser desfeito pela morte ou pela infidelidade conjugal.

1 - O propósito imediato da família é glorificar a Deus e prover a satisfação das necessidades humanas de comunhão, educação, companheirismo, segurança, preservação da espécie e bem assim o perfeito ajustamento da pessoa humana em todas as suas dimensões;
2 - Caída em virtude do pecado, Deus provê para ela, mediante a fé em Cristo, a bênção da salvação temporal e eterna, e quando salva poderá cumprir seus fins temporais e promover a glória de Deus⁴⁸.

E, no documento observamos que a família é apresentada como uma forma de glorificar a Deus, mas também como meio de manutenção da espécie. O casamento por sua vez é tido como algo que deve ser assentado na monogamia e que só pode ser desfeito em caso de morte ou traição. Nesse sentido vemos que há uma relação de modernização, dado que insere a possibilidade do divórcio, desde que exista traição, mas na mesma sentença congrega o casamento como algo que deve durar por toda a vida operando o que Certeau (2021, p. 44) define como a incorporação de parâmetros novos, modernos a uma doutrina já consolidada.

Abaixo da inserção acima há, no documento, menções a passagens bíblicas, citando os seguintes livros: Gênesis 1.7; Josué 25.15; Reis 2.1-3; Malaquias 2.10; Gênesis 1.28; Salmos 127.1-5; Eclesiastes e Atos 16.31-34. No entanto, somente os trechos abaixo fazem menção a questões afetas à família e ao relacionamento, como podemos ver:

Deus os abençoou e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra" (Gn 1.28)

Se não for o Senhor o construtor da casa, será inútil trabalhar na construção. Se não é o Senhor que vigia a cidade, será inútil a sentinela montar guarda. Será inútil levantar cedo e dormir tarde, trabalhando arduamente por alimento. O Senhor concede o sono àqueles a quem ama. Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem cuja aljava está cheia deles! Não será humilhado quando enfrentar seus inimigos no tribunal (Sl 127.1-5).

Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas aí do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante.

⁴⁸ Disponível em <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php>. Acesso em 30 de maio de 2023.

Também, se dois dormirem juntos, eles se aquecerão; mas um só, como se aquecerá? E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa. Melhor é a criança pobre e sábia do que o rei velho e insensato, que não se deixa mais admoestar ⁴⁹ (Ecl 4.9-13).

E vemos que os trechos narrados fortalecem a perspectiva de família difundida na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, ou seja, uma família constituída para a procriação e manutenção da espécie, consequentemente, com a presença de filhos. Além disso, há menção indicando que a vida seria melhor quando o casal partilha das mesmas situações. No aspecto das narrativas vemos que não há uma analogia tão forte entre casamento e filhos, possivelmente devido ao fato de atualmente a situação financeira para a manutenção de uma família mostrar-se extremamente distinta da vivida nos anos 80, contexto em que o documento foi elaborado. Se por um lado Chapman e Palmer nos apresentam casais com filhos, também nos indicam casais que não tinham filhos e nos quais isso não parecia ser um quesito importante. Já Lycia coroa os romances com a descrição da gravidez ou nascimento dos filhos, os quais encerram dois dos três livros que estudamos da autora.

No ano de 2010, a Convenção Batista Brasileira elaborou o documento: “Plano Diretor da Educação Religiosa Batista no Brasil”, que serve de orientação para a educação religiosa oferecida nas Igrejas Batistas do Brasil. O documento faz menção a um processo educativo que deve ser desenvolvido pela Igreja junto aos fiéis por meio de atividades educacionais, chegando a ser destacado no documento a necessidade de salas adequadas para cursos, bibliotecas, computadores e recursos audiovisuais. O documento aliás está associado ao item de Educação Religiosa no site da Convenção. Grande parte da abordagem é apresentada como algo que deve oferecer a formação por meio de células, e que são grupos organizados segundo temáticas a depender da realidade local de cada Igreja, atendendo ao grupo de pessoas da Igreja (CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 2010, p. 49-50).

No que diz respeito ao casamento, namoro ou sexualidade não há nenhuma menção na fonte indicada. Com relação aos temas de educação dos fiéis vemos que os mesmos devem ser abordados de acordo com um planejamento previamente

⁴⁹ Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

elaborado para cada Igreja e não há uma fórmula previamente delimitada. Há, no entanto, menções sobre família. Conforme o documento, há a necessidade de organização de material que possa servir de referência para a organização da vida familiar (ibidem p. 2.07.49.86) e de cursos de formação que podem ser oferecidos em áreas específicas, e também junto à família (ibidem, p. 55).

Em outro trecho há também uma pequena alusão à questão da família, onde observamos:

Mas também, multiplicam-se os traumas sofridos pela família. Há filhos com pais, mas órfãos; esposas com maridos, mas “viúvas”, e vice-versa. Precisamos: · buscar um estilo simples de vida, evitando os excessos; considerar o repouso e o lazer como um investimento na saúde; sensibilizar as pessoas ao convívio humano (ibidem, p. 41).

Mas não há no documento indicações sobre como deve ser um casamento, um namoro ou tampouco sobre a questão da sexualidade. Para tanto, o documento não tem um ar retrógrado, aliás, cita a necessidade de elaboração de um Projeto Pedagógico para direcionar a ação educativa da igreja (ibidem, p. 14-22), chegando a citar até mesmo orientações para a elaboração de objetivos educacionais, com uma visão do processo pedagógico em que há uma clara contraposição à educação conteudista e uma opção por um modelo educacional diferenciado buscando ganhar a adesão da comunidade cristã, citando autores de renome no espaço pedagógico⁵⁰ e outros que orientaram a ação educativa no cenário cristão (ibidem, p. 22-22). Para tanto, não indica aspectos mais específicos de como as ações educativas precisam ser organizadas.

Outro documento importante é a Confissão de Fé Batista⁵¹, documento de Londres de 1689 e que guarda correspondência com as obras apresentadas no que diz respeito ao casamento, em especial no capítulo 25, onde lemos:

O casamento é para ser entre um homem e uma mulher. Não é lícito ao homem ter mais de uma esposa, e nem à mulher ter mais de um marido ao mesmo tempo.

O casamento foi ordenado para o auxílio mútuo entre marido e mulher, para a propagação da humanidade por uma descendência legítima, para impedir a impureza

⁵⁰ Há indicações de autores como Cesar Cool, Jacques Delors, Celso Vasconcelos e uma série de outros autores na elaboração.

⁵¹ Disponível em http://www.teologia.org.br/estudos/confissao_batista.pdf. Acesso em 30 de maio de 2023.

O casamento é lícito para todos os tipos de pessoas, desde que possam dar o seu consentimento racional. Porém, o dever dos cristãos é casarem-se somente no Senhor. Por isso os que temem a Deus e professam a verdadeira religião não devem casar-se com incrédulos ou idólatras, para que, casando-se, não se punham em jugo desigual com uma pessoa iníqua, ou com quem defenda uma heresia condenável.

Não devem casar-se pessoas entre as quais exista grau de parentesco ou consanguinidade que sejam proibidos na palavra de Deus. As uniões incestuosas jamais poderão ser legitimadas por qualquer lei humana ou pelo consentimento das partes, pois não é correto pessoas viverem juntas, como marido e mulher ⁵².

Vemos então, séculos antes, a afirmação de que o casamento é de natureza heterossexual e monogâmico e também com finalidade de manutenção da espécie. O casamento deve advir do consentimento racional e deve ocorrer entre pessoas da mesma fé. Observamos ainda que são vedados os casamentos entre pessoas que possuam o mesmo grau de parentesco. E apesar do documento ser antigo vemos que há correspondência entre ele e a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Ambos destacam que o casamento é monogâmico, um chegando até a apresentar a traição como motivo de dissolução. Ambos destacam a importância dos filhos para a procriação. Para tanto, a Confissão de Fé Batista indica ainda que o casamento deve acontecer entre pessoas da mesma denominação.

Isso está presente, como asseveramos, em trechos das obras de Lycia e também de Chapman e Palmer. Lycia indica um rol de casais que só vivem felizes quando aceitam a mesma fé. Assim Amanda e Adam são felizes porque vivem a mesma fé, ao passo que Alexia e Rafael só conseguem ascender a esse grau de identificação quando ambos retomam o Cristianismo. No caso de Ivy, um dos maiores exemplos dessa representação, somente quando Leonardo se converte é que o casal volta a se relacionar e é essa conversão que faz com que todas as agressões de Leonardo sejam perdoadas. Em Chapman a mesma menção permanece em todos os livros. Derek e Kim vivem felizes quando ambos passam a frequentar a Igreja, ao passo que Steve e Brenda superam suas diferenças pela fé e Ashley e Brad também conseguem se conectar após a conversão de ambas, iniciada por ele. No caso de Esther e Charlie o casal já frequenta a mesma fé, mas é isso que faz com que superem todas as divergências do casal.

⁵² Disponível em http://www.teologia.org.br/estudos/confissao_batista.pdf. Acesso em 30 de maio de 2023.

Não há menção nas obras em relação ao casamento homoafetivo ou namoro. Na amostra que estudamos até o presente momento, o que observamos é que tais relacionamentos são tratados como se não existissem, apesar de serem livros recentes. Isso denota que ainda temos uma proximidade com os documentos batistas, mesmo os mais antigos, em relação ao casamento de natureza heterossexual. No entanto, não tem como saber, considerando a nossa amostra, qual é a perspectiva dos autores sobre esses relacionamentos, afinal, não falar sobre um fenômeno pode nos dar um rol de interpretações sobre como o mesmo é analisado e compreendido no cotidiano das práticas de religiosidade.

Esses romances nos vendem um tipo ideal de relacionamento, de conteúdo moralizante assentado no Cristianismo, nos apresentando um ideal de relacionamento a ser seguido. Os romances “[...] sugerem uma raça humana mais compreensível, e, portanto mais manejável, e nos oferecem uma ilusão de perspicácia e poder” (FORSTER, 2005, p. 56). Por conseguinte, temos aqui o fortalecimento de um ideal de vida em que o relacionamento heterossexual entre crentes é celebrado e apresentado como representativo de uma identidade protestante idealizada. No entanto, ao aceitar um tipo de identidade acabamos refutando outros, escolhendo posturas que correspondam a escolhas pessoais. O romance pode ser um dos dispositivos usados pelas religiões para fortalecer papéis imaginados de vida, estruturando o que Adorno (2003, p. 62) destaca como um “mundo pleno de sentido” para o leitor.

Analisando o site da Convenção Batista Brasileira, observamos que há ainda a inserção do Jornal Batista, com 04 números disponíveis para acesso *on-line* e os demais acessíveis para assinantes. Dentre esses, o de número 10, publicado em março de 2022, tem como tema: “Mulheres Virtuosas”, contudo não houve tempo hábil para analisar essa produção dado o período de lançamento da mesma. O site apresenta documentos orientados aos temas: Pacto e Comunhão; Culto e Adoração; Organização de Igrejas; Exame e Consagração ao Ministério Pastoral; Exame e Consagração ao Ministério Diaconal; O perfil do Vocacionado; O Projeto Pedagógico da Educação Teológica da CBB e Sucessão Pastoral⁵³.

No site temos ainda a Editora Convicção do grupo Batista onde é comercializado um amplo rol de documentos para trabalho educativo com crianças,

⁵³ Disponível em http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24. Acesso em 30 de maio de 2023.

com adolescentes e adultos. Há ainda um item para Seminários e para Mídia onde são divulgados artigos, vídeos, notícias e fotos. Porém, ali não há orientações específicas sobre casamento, namoro e sexualidade⁵⁴, de forma que não há como afirmar que em tais documentos há aproximações ou dissonâncias das formulações teóricas que estão presentes nas obras que analisamos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato que faz com que um livro seja comercializado independente do formato de sua circulação (*on-line* ou físico) em uma sociedade em que temos uma série de atividades a serem desenvolvidas pelo ser humano para além da leitura é a adesão do leitor à obra. Nesse sentido, as tiragens de venda, as várias edições de uma obra bem como a sua comercialização em pontos variados de venda só acontecem, a nosso ver, quando há um público consumidor, um público leitor, e que adere a tais dispositivos de leitura. Tanto as obras de Lycia Barros quanto às de Chapman são elementos que têm se colocado como extremamente representativos no sentido da circulação, sendo vendidos em sites para além dos confessionais, com várias edições e tiragens.

O trabalho de Chapman recupera uma tendência já presente no protestantismo, incluindo o grupo Batista e que consiste em incorporar produções e tendência dos Estados Unidos à realidade brasileira, enquanto que a produção de Lycia Barros nos apresenta a possibilidade de uma autora nacional e que em pouco tempo alcançou grande representatividade por meio de seus romances. Chapman, por sua vez, já está há mais tempo no mercado editorial, sendo que o seu famoso livro “Cinco Linguagens do Amor” é mundialmente conhecido, conferindo certa notoriedade ao autor e fazendo com que os demais romances produzidos com Catherine Palmer também se tornem conhecidos por parte do público leitor.

⁵⁴ Disponível em http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24. Acesso em 30 de maio de 2023.

Apesar de ambos autores não apresentarem em seus romances vinculação a uma dada denominação religiosa, trechos que apresentam os personagens frequentando cultos ou o aconselhamento com pastores nos indicam que os romances falam especificamente da religião evangélica. Tal abordagem é usada, como sabemos, visando à ampliação do público a ser alcançado pelas obras, uma vez que a vinculação explícita a uma dada igreja poderia repelir ou restringir o número de leitores. Por conseguinte, retomamos o que indicamos acima, ou seja, há o desejo de venda, de comercialização fazendo com que autores e editores usem todos os recursos possíveis voltadas para este objetivo. Nesse interim destaca-se a possibilidade de livros digitais visando à apropriação de novas tecnologias e facilitando o consumo. Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de as editoras de natureza confessional também viabilizarem as vendas por sites como Amazon, Americanas e outros afins, o que, a nosso ver, amplia as possibilidades de comércio dos romances.

A diversificação da forma de acesso, assim como o preço de comercialização dos romances indicam ainda a existência de um público leitor que nem sempre estará associado aos evangélicos, mas sim, que se identifica com os conceitos abordados nas obras. Há a possibilidade obviamente, de alguns leitores não se identificarem com os romances e de os terem adquirido pelo fato de a narrativa ter chamado sua atenção.

Os romances de Lycia possuem, no entanto, uma clara conotação de evangelização. Em seu site, ela ainda apresenta o slogan: “Levando o Reino através da arte⁵⁵” em uma clara menção ao entendimento de sua produção literária como um dispositivo de divulgação da fé crista. No mesmo site ainda temos outra frase de impacto: “Mais do que literatura, uma missão”⁵⁶, fortalecendo ainda mais o entendimento de que o romance deve ser usado na missão evangelizadora. Apesar de Chapman não apresentar as mesmas frases de efeito usadas por Lycia, é nítido que suas obras também servem ao mesmo propósito. Bellotti (2008, p. 56) nos indica que os dispositivos usados pelos evangélicos, como músicas, shows e outros meios sempre apresentarão uma finalidade a ser alcançada, mesmo que não sejam

⁵⁵ Disponível em <https://www.lyciabarros.pt/>. Acesso em 25 de junho de 2023.

⁵⁶ Disponível em <https://www.lyciabarros.pt/>. Acesso em 25 de junho de 2023.

organizados e desenvolvidos por pessoas que não tenham um cargo nas denominações. No caso de Lycia, vemos que a autora não ocupa um cargo, mas é uma pessoa representativa dentro da fé cristã. Já Chapman, é pastor, ou seja, fala em nome da Igreja Batista. Fato é que ambos têm um objetivo a alcançar na determinação de normas e condutas inerentes a um dado grupo de pessoas.

A análise das obras nos indica que Lycia escreve, ao menos com base no recorte que realizamos, para o público juvenil e para adultos solteiros, sendo que são eles uma grande preocupação das igrejas evangélicas. Esses segmentos são importantes, pois é de sua responsabilidade garantir a profusão da fé e, sobretudo, a sobrevivência das famílias e de nossa espécie. Para falar a esse público, o jovem e adulto solteiro cristão, a autora usa o romance, lhe apresentando exemplos positivos e também negativos sobre algo que é inerente ao ser humano: os relacionamentos afetivos. Como já indicamos em vários trechos desse trabalho, os relacionamentos afetivos fazem parte da vida do ser humano. Assim como também fazem parte as possibilidades de tristeza e de sofrimento quando tais vínculos são firmados. A alternativa da autora é a observação dos parâmetros cristãos para evitar o sofrimento e alcançar uma vida plena e feliz.

No caso Lycia, os romances narram a construção do namoro sendo o casamento apresentado como o final feliz dos casais que seguiram os passos básicos indicados aos solteiros que vivem ou pelo menos tentam viver na fé.

Por conseguinte, vemos que, em quase a totalidade dos casos, a moral sexual deve ser observada pelo casal. A virgindade é algo a ser buscado, sendo a sexualidade apresentada como algo normal a ser vivido após o casamento. Antes do casamento não é indicado o sexo e a moral sexual se aplica tanto ao homem quanto à mulher. Isso nos induz a destacar que os casais retratados são sempre de composição heterossexual, não sendo sequer citada a possibilidade de casais homoafetivos. A ideia que construímos é que a autora fala especificamente para esses casais, heteronormativos e que são apresentados como norma, algo que nos induz a pensar que não há outro tipo de relacionamento a ser considerado nessas obras. O namoro sem sexo, com o objetivo de casamento e constituir família e, em alguns casos mesmo o namoro sem beijos e carícias íntimas entre o casal demarcam a obra de autora.

O namoro deve acontecer ainda entre pessoas da mesma fé. Excluindo o caso de Natasha e Zac, todos os casais retratados na obra da autora só conseguiram alcançar a felicidade quando se uniram na mesma fé. E, no caso de Natasha é apresentado ao final da obra que a protagonista ainda aguarda e faz oração pela conversão do esposo ao Cristianismo e mais, que se sente feliz pelo fato de a filha mais velha do casal estar escolhendo a religião materna. Para aqueles que seguem a fé cristã a recompensa é uma vida feliz. Para os que não seguem, o prejuízo chega de forma rápida como o desastre de avião que vitimou Caio, ex-namorado de Alexia, ou a própria mãe de Leonardo, que enlouqueceu supostamente devido ao fato de ter tido um caso com um homem casado.

As obras da autora são construídas e estruturadas de forma a apresentar exemplos positivos associados à observação do Cristianismo nos relacionamentos, associando o afastamento da fé ao sofrimento dos personagens. Os exemplos são dispositivos usados pela autora para apresentar opções ao leitor: afinal, a depender do caminho por ele escolhido haverá uma consequência que, poderá ser positiva ou negativa. De maneira que no romance de Lycia e mesmo no de Chapman busca-se fortalecer uma perspectiva de relacionamento assentada na moralização de condutas, acentuando o combate às expressões de comportamento tidas como modernas. No entanto, não há em nenhuma das obras a indicação expressiva de que as pessoas não podem agir de uma forma específica, antes, a construção de sentidos e de conceitos acontece por meio da apresentação dos comportamentos dos personagens e das consequências dos seus atos para sua vida.

Chapman e Palmer por sua vez trazem obras que estão mais orientadas e voltadas para o casamento. Em sua obra não temos histórias que descrevem o processo do namoro, do relacionamento em si, mas nos são apresentados casais já constituídos e consolidados, e, com um certo tempo de relacionamento. Nesse sentido, os romances falam aos casais à medida que indicam como se portar em situações cotidianas e que são experimentadas na vida de qualquer casal. Ponto pacífico é que a vinculação à mesma fé ainda parece ser a fórmula indicada para que os casais permaneçam juntos. E mais, não basta apenas pertencer a uma determinada fé, mas agir como tal; casais que se afastam das práticas religiosas acabam se perdendo também no casamento e vivendo uma vida infeliz e cheia de mágoas.

A sexualidade citada em algumas obras também desponta como algo natural do casal, mas não parece ser algo com o qual os autores estariam preocupados. A questão de ter ou não filhos aparece também como um aspecto secundário. Dos quatro casais protagonistas, três têm filhos e um casal é jovem demais para tê-los. Para tanto, há casais secundários apresentados nas obras, sem filhos e que não parecem ser apresentados como exemplos negativos na descrição, antes, parece que em Chapman e Palmer não há preconceito ou discriminação em relação a eles.

Com relação à composição dos casais vemos que também nesses autores eles são heterossexuais, e que, sempre há uma pessoa que tem uma ligação dentro da igreja. Visita à igreja, aliás, é algo recorrente nas descrições, assim como a visita do pastor às famílias. Temos um casal jovem, dois casais de adultos e um casal de idosos, demonstrando situações que são específicas a cada um deles em diferentes contextos. O caso é que são apresentados exemplos de situações cotidianas como brigas por um jantar que não deu certo, roupas que não foram usadas adequadamente, amizades que causam ciúmes, ou seja, situações e vivências que podem estar presentes em qualquer relacionamento. Devido a isso, os romances falam com o leitor, ou seja, apresentam vivências que, de fato, são comuns na vida dos casais. Há uma identificação, a nosso ver, das situações narradas com experiências concretas que as pessoas normais e por consequência, os leitores, podem vivenciar.

Por conseguinte, há uma indicação clara e concisa em relação ao adultério. Nos casos dos personagens ele aparece como algo cometido por um homem, um personagem e como algo que quase aconteceu com uma mulher casada. Nos exemplos há o perdão dos atos cometidos ou mesmo da remota ideia de que pudessem vir a acontecer. Ou seja, vale mais a pena a manutenção do casamento, mesmo em supostos ou confirmados casos de adultério. Nesse sentido, não parece haver discrepância na possibilidade de haver relações extraconjugais envolvendo homens ou mulheres, sendo que ambos são compreendidos como responsáveis pelas escolhas.

No aspecto financeiro tanto Lycia quanto Chapman e Palmer descrevem casais com estabilidade financeira e, em na maioria dos casos, os homens são apresentados como a principal fonte de renda e de sustentação das necessidades

das famílias. As mulheres, protagonistas das descrições, em sua maioria possuem profissão e estudo, mas ao que parece é ao homem que cabe a maior responsabilização pelas necessidades e demandas financeiras apresentadas pelas famílias. E os filhos? Mesmo não demonstrando ser uma obrigação, aparecem como a representação dos relacionamentos tido como vitoriosos em ambos os autores. E, por fim, o amor? Bem sobre o amor pouco é destacado e representado, ou citado. Os relacionamentos são apresentados como uma expressão desse sentimento que une as pessoas. Para tanto, o amor apenas não basta. É preciso e necessário (e basal) que o denominador comum para os casais seja a religião cristã, e, nos casos em análise, a religião evangélica.

Mas, como podemos mensurar o impacto desse tipo de romance junto à subjetividade do leitor? Bem, isso depende, a nosso ver, da lupa usada na leitura. Se o leitor é influenciado pelo Cristianismo ou se possui uma perspectiva mais tradicional sobre os relacionamentos podemos inferir que sua construção de conceitos será fortemente condicionada pelos exemplos apresentados nos romances. Nesses casos, os exemplos em pauta, as vivências dos personagens podem ser consideradas exemplos a serem seguidos, observados e reproduzidos em seu cotidiano, conferindo assim um caráter fortemente moralizador, tradicional e cristão à forma com que o ser humano se relaciona e estabelece namoros e casamentos, além da vivência de sua sexualidade. O “The End” ou o “Viveram Felizes para Sempre” para esses casais depende, exclusivamente, da sua vivência religiosa.

REFERÊNCIAS

FONTES

BARROS, L. **Nem Tão Tarde Assim**. Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2017a.

_____. **Nem Tão Tarde Assim: Lembranças**. Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2017b.

_____. **Rute: a estrangeira**. Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2020.

_____. **Uma Herança de Amor – Armadilhas do Destino**. São Paulo: Novo Século, 2014.

_____. **Uma Herança de Amor – O Plano Perfeito**. São Paulo: Novo Século, 2015.

_____. **Uma Herança de Amor – Quando o fim pode ser o começo**. São Paulo: Novo Século, 2013.

CHAPMAN, G. **As quatro estações do casamento**. Trad. Valéria Delgado. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

_____. **Cinco Linguagens do Amor: como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge**. Trad. Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

CHAPMAN, G.; PALMER, C. **Acontece a cada Primavera**. Trad. Maria Emília de Oliveira. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

_____. **Brisa de Verão**. Trad. Maria Emília de Oliveira. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

_____. **Do inverno à Primavera**. Trad. Maria Emília de Oliveira. São Paulo: Mundo Cristão, 2014.

_____. **Incertezas de Outono**. Trad. Maria Emília de Oliveira. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Plano Diretor da Educação Religiosa Batista no Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?DOD_ID=5. Acesso: 07 de jan. de 2022.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. **Notas de Literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. M. de Almeida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2003.

AZEVEDO, C. C. de A formação e o desenvolvimento do romance. **Cadernos do IL**, n.º 47, dezembro de 2013.

BARROS, D.F.; BARSALINI, G. Pesquisas teóricas – Os diferentes olhares sobre o fenômeno religioso. In: SILVEIRA, E. S. (org.). **Como estudar as Religiões: Metodologias e Estratégias**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2018, p. 7-40.

BARTZ, A. Múltiplas pertencas, desinstitucionalização e desregulação da crença: refletindo a modernização religiosa no Brasil. **Protestantismo em Revista** (São Leopoldo, RS), vol. 25, maio ago. 2011. Disponível em file:///C:/Users/dasan/Downloads/139-792-1-PB%20(1).pdf. Acesso: 10 de set. de 2023.

BELLOTTI, K. K. A Batalha pelo ar: A construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a reconstrução dos valores familiares pela mídia (Anos 1920 a 1970). **Mandrágora** (São Bernardo do Campo), v. 14, p. 55-72, 2008. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/276341180_A_Batalha_Pelo_Ar_A_Construcao_do_Fundamentalismo_Cristao_Norte-Americano_e_a_Reconstrucao_dos_Valores_Familiares_pela_Midia_1920-1970. Acesso em 18 de jun. de 2023.

_____. **A Mídia Presbiteriana no Brasil: Luz para o Caminho e Editora Cultura Cristã**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2005.

_____. Mídia, Religião e História Cultural. **Revista Estudos da Religião: Rever**. São Paulo, v. 04, p. 1-11, 2004. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/t_bellotti.htm. Acesso em 23 de dez. de 2021.

_____. Ser cristão é muito louco?: os usos da mídia para e pela juventude evangélica no Brasil (anos 2000-2010). **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. V, p. 255-263, 2013. Disponível em http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdfespecial_2013/14.pdf. Acesso em 23 de dez. de 2021

------. Surfando nas ondas do Senhor: Juventude Evangélica e Mídia no Brasil. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 3, p. 100, 2014. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/37699>. Acesso em 15 de jun. de 2023.

------. Quanto mais santidade melhor: campanhas midiáticas de pureza sexual (1990-2010) | The more Sanctity you have, the better: mediatic campaigns for sexual purity (1990-2010). **Reflexão (PUCCAMP)**, v. 44, p. 1-17, 2019. Disponível em <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/4504>. Acesso em 15 de jun. de 2023.

BERKENBROCK, V. J. Mapas lexicais e semânticos – O uso da lexicalidade como metodologia de pesquisa sobre a experiência religiosa. In: SILVEIRA, E. S. (org.). **Como estudar as Religiões: Metodologias e Estratégias**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2018.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2002.

----- **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2004.

----- **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAVALCANTI, M. I. Do Romance Folhetinesco às Telenovelas. **OPIS - Revista do NIESC**, vol. 5, 2005.

CERTEAU, M. de **O lugar do outro: História religiosa e mística**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

----- **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

----- **O mundo como representação. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Abr. 1991. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 de marc. de 2019.

----- **O passado no presente. História Revista**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 29–53, 2021. DOI: 10.5216/hr.v26i2.68280. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/68280>. Acesso em: 20L set. 2023.

CORRÊA, T.S. A era das Revistas do Consumo. In MARTINS, A.L.; LUCA, T. R. de **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

DARNTON, R. **O Beijo do Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019.

----- **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

ECO, H. **Obra Aberta**. Trad. João Rodrigo Narciso Furtado. São Paulo: Difel, 1989.

ELEUTÉRIO, M. de L. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, A.L.; LUCA, T. R. de **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 83-102.

FERREIRA, A. C. A Fonte Fecunda In LUCA, T. R. de; PINSKY, C. B. (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

FORSTER, E.M. **Aspectos do Romance**. Trad. Sergio Alcides. São Paulo: Globo, 2005.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Trad. M. Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUADALUPE, J.L.P. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. In: GUADALUPE, J. L. P.; CARRANZA, B. (orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

HOBBSBAWM, E. **Sobre História**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KRAMER, L.S. Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, L.(org.). **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luis Camargo, São. Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-173.

LEITE, J. C. **A declaração doutrinária da Convenção Batista brasileira, sua histeria e intertextos**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Faculdade Unida de Vitória, 2014.

MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MILKOS, J. Ecologia da Comunicação e ambientes imaginários na religiosidade popular. In: RODRIGUES, A.F.; SÁ, C.N. **O Sagrado no Tempo: ensaios sobre história e práticas de religiosidade**. São Paulo: Humanitas, 2021, p. 517-528.

MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, A.L.; LUCA, T. R. de **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 24-43.

MONTES, M. L. **As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado na Religiosidade Brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

OLIVEIRA FILHO, S.W. de C. **“Cândida”: Missões e Relações de Gênero em um Romance Protestante no Alvorecer do século XX**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 231, 2018.

PEDRO, J.M. Corpo, Prazer e Trabalho. In PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

REIS, B.P. Da democracia participativa à pluralidade da representação: breves notas sobre a odisseia do PT na política e na ciência política brasileira. **Soc. Estado** vol. 29 (1), abr 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000100007>. Acesso: 15 de set. de 2023.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa -Tomo I**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1994.

_____. **Tempo e Narrativa -Tomo II**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1995.

_____. **Tempo e Narrativa -Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1997.

SANTOS, J.M.L. O protestantismo e a historiografia no Brasil: crise conceitual. In: RODRIGUES, A.F.; AGUIAR, J.O. **História, Religiões e Religiosidade: Da Antiguidade aos recortes contemporâneos, novas abordagens e debates sobre religiões**. São Paulo: Humanitas, 2016, p. 393 - 414.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, S. D. de Representações de gênero na literatura evangélica. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, p. 317-331, set.-dez. 2017.

SILVA, E. da S.; QUEIROZ, M.O. Evangélicos e política no Brasil: da constituinte ao *impeachment*. In: RODRIGUES, A.F.; SÁ, C.N. **O Sagrado no Tempo: ensaios sobre história e práticas de religiosidade**. São Paulo: Humanitas, 2021, p. 489-516.

STAROBINSKI, J. A Literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História: Novas Abordagens**. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, v. 02, p. 132-143.

WHITE, H. Teoria Literária e Escrita da História. **Revista Estudos Históricos**, vol. 07, nº. 03, 1994.

YAMABUCHI, A.K. **O Debate sobre a História das Origens do Trabalho Batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, p. 387, 2009.